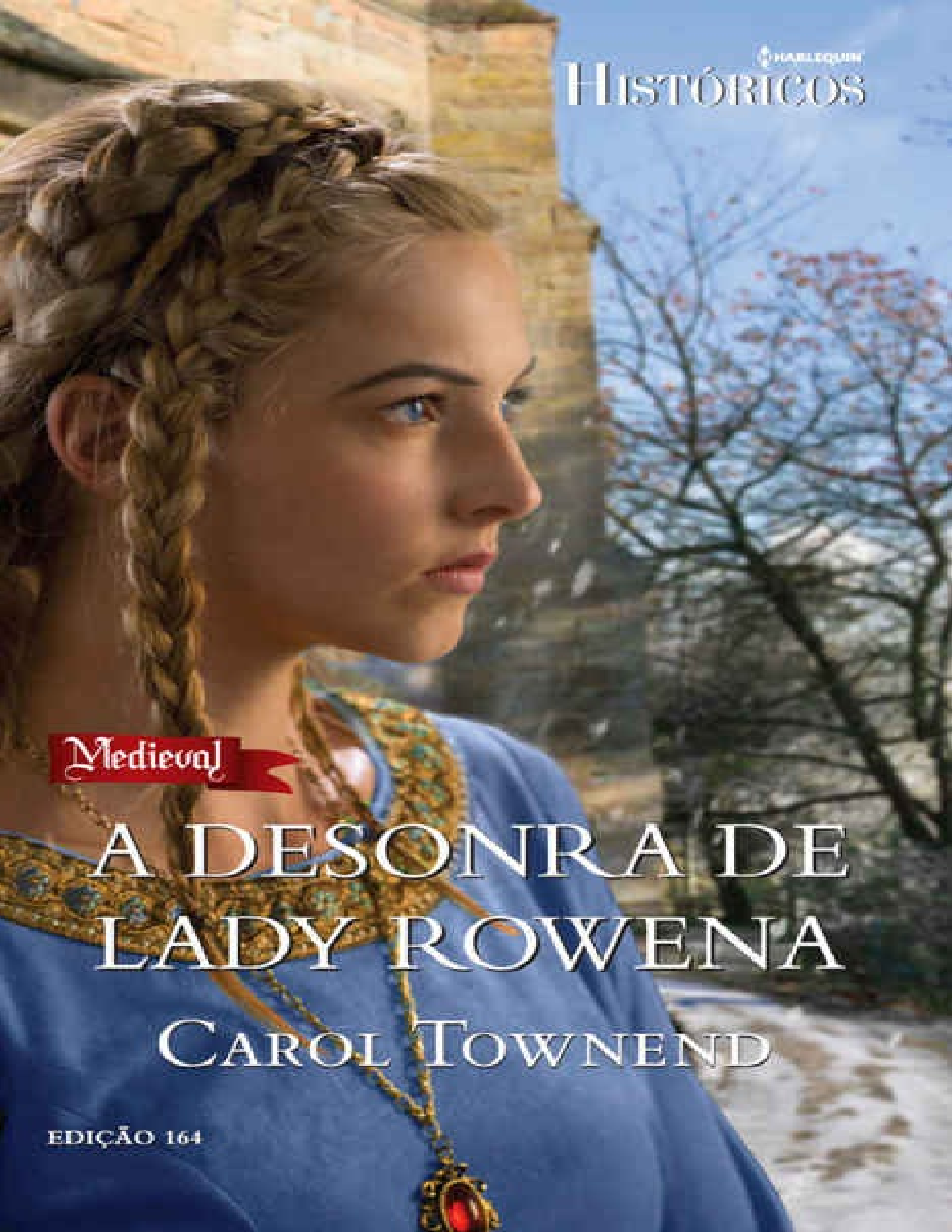


A woman with blonde hair in a thick braid, wearing a blue medieval-style dress with a gold and green patterned collar and a gold necklace with a red gemstone pendant. She is looking out a window at a snowy landscape with bare trees and a blue sky. The background shows a stone wall and a snowy path.

HARLEQUIN
HISTÓRICOS

Medieval

A DESONRA DE LADY ROWENA

CAROL TOWNEND

EDIÇÃO 164



Roubada no convento!

Sequestrada por um homem mascarado, lady Rowena desaparece. Ela sabia que sua vida reclusa no convento estava acabada e sua reputação, em ruínas. Até descobrir que o homem que a abduzira era o cavaleiro preferido de seu pai. Leal e honrado, sir Eric de Monfort fizera o que seu lorde ordenara. E, por mais que seu corpo deseje Rowena, ele não a deixará cair em desgraça. Contudo, o perigo está cada vez mais próximo. E o único jeito de protegê-la é tomá-la como sua... em todos os sentidos.

OS CAVALEIROS DE CHAMPAGNE

Dever, honra, verdade e valor!



– **Você se disporia a considerar a proposta do meu pai?**

– Se chegarmos a um acordo, teremos um casamento de verdade? – Perguntou Eric, com o olhar fixo nos lábios dela.

Rowena foi invadida por uma inexplicável onda de calor.

– Bem... acho que só no nome, pelo menos no começo.

Ele fez uma careta.

– Eric... faz muito tempo que não nos vemos. Nós nos tornamos dois estranhos.

Ele pigarreou e apertou os dedos de Rowena.

– Se decidirmos nos casar, será como sua vontade mandar, porém, aviso que a ideia de um casamento só de nome não é nada atrativa. Não se pode considerar válido um casamento sem consumação.

Rowena mordiscou o lábio.

– Não me sinto pronta para a consumação.

– Farei de tudo para que você mude de ideia a esse respeito, o mais rápido possível. Quero herdeiros.

Querida leitora,

O honrado cavaleiro sir Eric fica surpreso com o pedido de seu antigo mestre: sequestrar sua filha, lady Rowena, do convento onde vive. Depois, teria de casar-se com ela. Mesmo relutante, Eric decide cumprir as ordens. Caso contrário, Rowena seria entregue a um homem a quem odeia. Marcado por um passado sombrio, Eric não achava que poderia amar de verdade. Contudo, a doce Rowena consegue derrubar as barreiras de seu coração endurecido. E Eric está determinado a fazer o que for preciso para protegê-la, até mesmo torná-la sua por completo.

Boa leitura!
Equipe Editorial Harlequin Books

Carol Townend

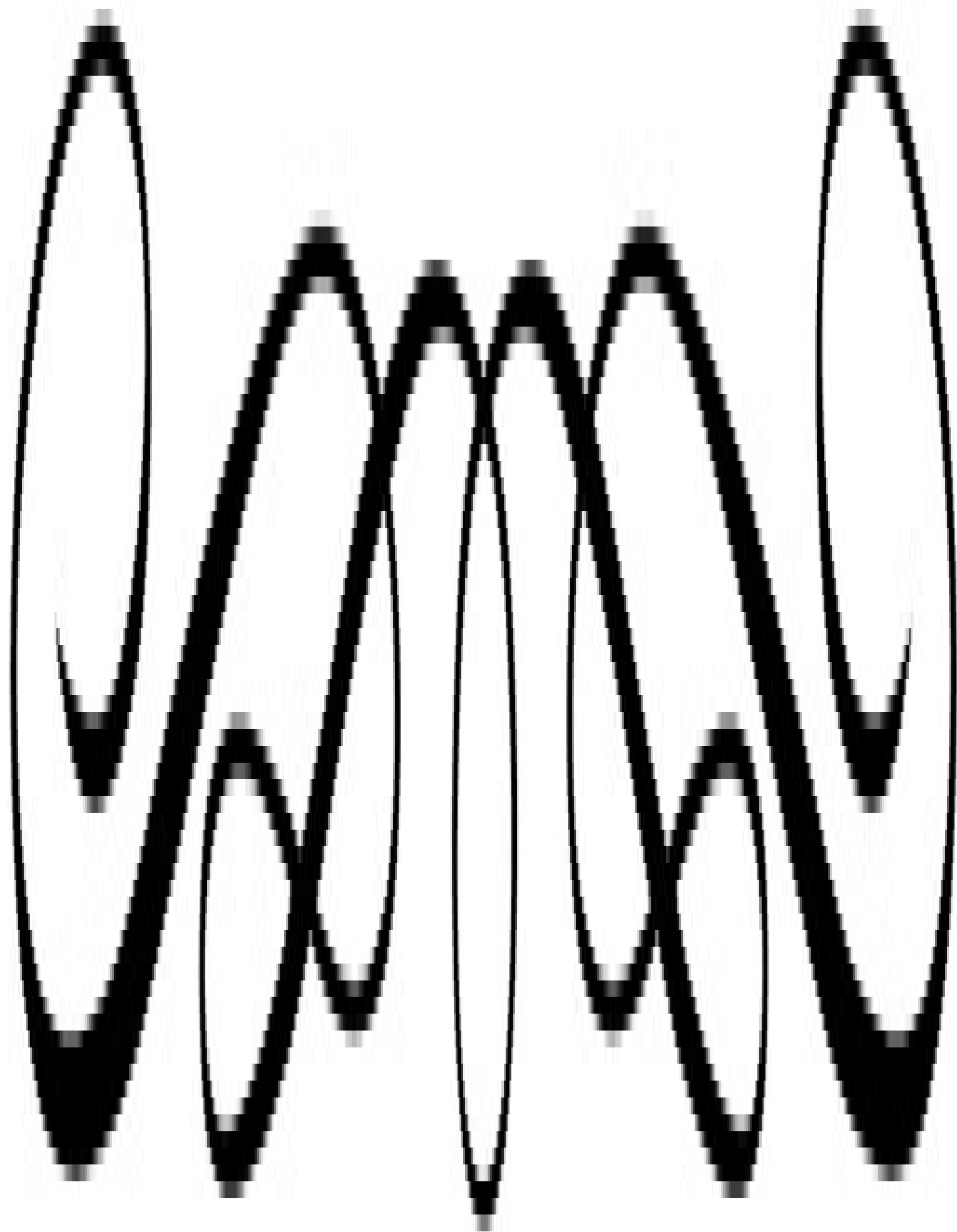
A DESONRA DE LADY ROWENA

Tradução
Silvia Moreira



2016

Capítulo 1



FAZIA TEMPO desde a última vez que Eric de Monfort visitara o Castelo Jutigny. Era estranho voltar. Ele havia passado a infância ali. Depois de deixar o cavalo nas mãos competentes de um cavaleiro, ele atravessou o pátio acompanhado pelo escudeiro, Alard, e seguiu para a escada que levava ao salão nobre.

Jutigny não havia mudado muito, o castelo se avultava sobre todos da mesma forma de antes. O brilho pálido da madeira nova das laterais do caminho que seguia até o alto da muralha era prova de que o lorde Faramus de Sainte-Colombe se preocupava com a defesa da propriedade. Ao redor da fortaleza principal havia uma sequência de edificações menores como a igreja, a cozinha...

Sir Macaire, o guardião do castelo e velho amigo de Eric, estava à porta do salão, conversando com o capitão de armas.

– Eric, graças a Deus que você está aqui! Lorde Faramus estava ficando impaciente, vá encontrá-lo logo – sir Macaire disse, recebendo-o com alegria.

– Antes preciso de uma caneca de cerveja – avisou Eric, seguindo até uma mesa lateral e pegando o jarro da bebida. – Passei a manhã toda na feira em Provins e estou com muita sede. Lorde Faramus não tinha dito que o assunto que tinha comigo era urgente. O que ele quer?

– Não tenho a liberdade de falar, rapaz, mas a cerveja terá de esperar. Lorde Faramus e lady Barbara estão esperando por você no solário há quase uma hora. Você sabe que o conde não é conhecido por sua paciência. – Sir Macaire fez uma careta e lançou o olhar na direção de um cavaleiro que estava estendido num banco perto da escada. – Além do mais, se você não for ao solário direto, tenho ordens de mandar sir Breon. Isso não teria cabimento. – Ele meneou a

cabeça e repetiu: – Ridículo...

– Ridículo? – Eric procurou alguma pista na expressão de sir Macaire que explicasse a escolha de palavras, mas decidiu deixar o assunto de lado e serviu-se de cerveja, virando-a toda num gole só.

Eric conhecia Breon desde quando viveu em Jutigny e nunca simpatizou muito com seu jeito intimidador e cruel, mas os cavaleiros eram assim. O mais estranho, porém, era que ele não se lembrava de sir Macaire ter tido problemas com Breon antes.

– Sir Macaire, que raios está acontecendo?

– Não cabe a mim responder. – Sir Macaire inclinou a cabeça na direção da escadaria. – Pelo amor de Deus, Eric, corra lá para cima.

– Você disse que eles estão no solário, não é? Ali não é o espaço reservado de lady Barbara receber as outras damas? – Eric estava cada vez mais intrigado.

Sir Macaire estava suando, praticamente em pânico.

– Qual é o problema?

– Vá até o solário, rapaz. Lá você terá as respostas a todas as suas perguntas.

LORDE FARAMUS parecia muito abalado enquanto acariciava a barba e andava de um lado a outro do solário diante do fogo baixo da lareira. A esposa, lady Barbara, estava sentada à janela, segurando um pergaminho com as mãos alvas.

Eric tinha boas memórias de lady Barbara, que sempre o tratara com muita delicadeza. Ela também tinha vincos de preocupação na testa e parecia muito aflita. Eric sentiu pena por ver aquele rosto delicado tão transtornado. Será que ela e lorde Faramus haviam brigado de novo?

– Bom dia, milady... milorde... – Eric os cumprimentou, inclinando-se numa reverência.

O lorde Faramus fez um gesto com a mão, dispensando as formalidades.

- Onde diabos você esteve? Estou esperando há horas.
- Eu estava na feira em Provins, milorde.
- Na feira? – A expressão do conde se abrandou. – Ah, sim, agora eu me lembro. Você estava procurando um alazão, não é? Encontrou algum?
- Ainda não, *mon seigneur*.

Na verdade, Eric queria uma égua para procriar, além de outro alazão, mas até o momento não tinha encontrado nenhum dos dois. Durante a feira em Provins, ele soube que talvez encontrasse os dois animais em Bar-sur-Aube. Como era quase impossível encontrar cavalos de uma boa linhagem, Eric queria se apressar e ir para lá direto, mas lembrou-se de que o conde o havia chamado. Ele devia toda sua lealdade ao antigo senhor feudal, por isso, achava que deveria passar em Jutigny, mas assim que o encontro terminasse, ele partiria para Bar-sur-Aube sem demora.

- Peço desculpas por ter feito o senhor esperar. Acredito que queira me perguntar alguma coisa, não? – Eric indagou e olhou para lady Barbara. Não era comum que ela presenciasse um encontro do marido com seus cavaleiros.

Ele se lembrou do tempo que passou no Castelo Jutigny, quando sempre recebia ordens no salão nobre ou na casa das armas, e não no solário. O que estaria acontecendo?

Lorde Faramus respirou fundo e Eric o viu trocar olhares com a esposa.

- Eric, sir Eric, antes de tratarmos do assunto principal, gostaria que me promettesse que o que for dito aqui é confidencial e deve permanecer entre estas quatro paredes, pelo menos por enquanto.

– Como quiser, milorde.

– Eric, o assunto é minha filha, lady Rowena. Você se lembra dela?

Eric tensionou todos os músculos do corpo.

A conversa era sobre lady Rowena?

Claro que ele se lembrava dela. Rowena era a única filha de lorde Faramus e lady Barbara. Como poderia esquecê-la? Ela era uma moça loura, tímida e alguns anos mais nova que ele. Até expressar vontade de ser freira, ela era herdeira de acres de terras em Sainte-Colombe. Todos os cavaleiros disponíveis em Champagne tinham pedido a mão dela em casamento, sem muito sucesso. Havia dias que parecia que o Castelo Jutigny estava sob ataque inimigo, tamanha a quantidade de pretendentes. Na época, lorde Faramus tinha feito um acordo com o conde Gawain de Meaux, mas houve um escândalo e o casamento não se concretizou. Eric não sabia dos detalhes.

– Eu soube que lady Rowena entrou para um convento fora de Provins, não é?

– Ela foi para o Convento St. Mary. – Lorde Faramus comprimiu os lábios em uma linha.

O lorde Faramus não escondeu o descontentamento com a decisão da filha. Mas Rowena era neta de um rei muito religioso, e como tinha sido ele mesmo a aprovar a ideia, não havia muito que o conde pudesse fazer em contrário.

Eric sentiu um arrepio na espinha que o deixou bastante desconfortável.

– Sir Eric, sei que não sou mais o seu senhor e não posso ordenar que faça alguma coisa, mas gostaria de pedir um favor. – O conde fechou as mãos em punhos. – Um grande favor do qual talvez você não goste.

– *Mon seigneur?*

– Sir... Eric... quero que você tire minha filha daquele convento e leve-a para sua propriedade em Monfort. Segure-a lá até que ela se decida a casar com você.

Eric balançou a cabeça como se não tivesse ouvido direito.

– Acho que não entendi, milorde.

– Quero que você desonre Rowena – disse lorde Faramus, exasperado. – Tire-a daquele convento e seduza-a. Faça qualquer coisa para que ela não tenha outra saída senão se casar com você...

– Não posso fazer isso, milorde!

Não era à toa que lady Barbara estava tão desconfortável.

– E por que raios não pode?

– Porque seria errado, milorde. – Eric se aproximou para falar. – Sua filha atendeu a um chamado divino, não posso ficar entre ela e sua vocação.

– Rowena *acredita* ter vocação religiosa – disse lorde Faramus. – Mas não é nada disso.

– Não posso ajudá-lo – afirmou Eric, balançando a cabeça.

– Pelo amor de Deus! – suplicou o conde, contraindo o maxilar. – Você precisa tirá-la de lá antes do Dia da Visitação de Nossa Senhora.

– Não vejo a ligação entre os dois fatos, milorde – disse Eric.

Lady Barbara se inclinou para a frente, ainda segurando o pergaminho.

– Eric, será o dia da consagração dos votos de Rowena.

Lorde Faramus deu uma tossidela antes de falar:

– De Monfort, Rowena está prestes a se tornar uma noviça. Você tem de tirá-la de lá antes disso.

Eric deu um passo atrás e fez uma reverência, sentindo um nó no peito.

– Sei que devo muito ao senhor e à lady Barbara, mas, pela minha honra, não posso ajudá-lo.

Lorde Faramus contraiu o cenho.

– De Monfort, acredito que você esteja esquecendo a sorte que teve em vir parar no nosso portão. – Ele gesticulou na direção da esposa antes de prosseguir: – Quem, além da minha Barbara, teria acolhido uma criança malnutrida? Quem, além de sir Macaire, teria recebido um completo estranho e sido seu treinador? Eu mesmo o tornei um cavaleiro. E você tem o desplante de se recusar a fazer um favor para mim?

– Eu jamais me esqueceria do carinho que encontrei em sua casa, milorde. Aprendi muito, mas nada que incluísse sedução de virgens! Não está certo raptar lady Rowena. Ela atendeu a um chamado.

– Não é nada disso! – Lorde Faramus fixou o olhar em Eric. – Você não quer mais terras? Case-se com Rowena e se transforme em conde um dia.

Eric arfou sem acreditar no que estava ouvindo. Lorde Faramus estava pedindo que ele desonrasse a própria filha e a forçasse a se casar. Uma atitude dessas só podia ser fruto do desespero. Além do mais, parecia que o conde havia se esquecido do fato de que o rei teria de concordar com o casamento.

Lorde Faramus não devia estar em seu juízo perfeito. Claro que Eric estava lisonjeado por ser aceito como genro do conde. Na verdade, casar-se com Rowena e se tornar um nobre estava além de seus sonhos mais delirantes! Mas, não... ele não podia concordar com aquilo.

Eric olhou para lady Barbara, que havia deixado o pergaminho sobre a mesa e concentrava-se

num bordado. Será que ela estava de acordo com aquela ideia insana?

– O rei aprovou a vontade de lady Rowena entrar para o convento – disse Eric, calmamente.

– Bem, eu sou o pai dela e não estou de acordo. Pare de se esquivar, De Monfort. Tire-a do Convento St. Mary e convença-a a se casar com você. Não me importo o que for preciso fazer. Lembre-se de que, no dia em que eu morrer, você será o conde de Sainte-Colombe.

– Lamento muito desapontá-lo, milorde, mas não farei isso simplesmente porque não seria uma atitude de um cavaleiro honrado.

– Eric, nós fizemos essa escolha porque lembramos que você era muito gentil com nossa filha quando mais novo.

Nós? Então, lady Barbara estava de acordo com aquele plano ridículo? Eric contraiu o maxilar.

– Eu me lembro de o senhor ter me avisado para não tomar liberdades demais. Na realidade, o senhor me proibiu até de falar com lady Rowena.

– Você está se referindo ao dia em que encontramos você e Rowena no alto de um pessegueiro – lady Barbara interveio pela primeira vez, soltando o bordado. – Desculpe meu marido pela proibição. Às vezes ele é protetor demais e julga mal as pessoas. Não se esqueça de que na época você era jovem e sem experiência.

– E agora que tenho uma mansão e alguns acres de terra posso ser considerado experiente?

– De Monfort, eu mesmo o treinei e sei que você é um homem honrado – disse lorde Faramus, encarando-o dentro dos olhos.

– Mas o que o senhor está me pedindo é indecoroso!

– Por favor, sir, ajude-nos – implorou lady Barbara.

– Sinto muito, *milady*, mas não posso.

– Muito bem, De Monfort, pode ir – o conde o dispensou, visivelmente abalado. – Peça a sir Breon para vir até aqui.

Lady Barbara olhou para Eric uma última vez e ele sentiu um nó no peito. O que aconteceria agora? Eric procurou se convencer de que aquilo não era problema seu, mas, antes de sair, lembrou-se de que sir Macaire havia comentado que não teria cabimento se sir Breon subisse ao solário no lugar dele. Sir Macaire devia saber que o conde estava muito determinado a tirar a filha do convento e não aprovava a ideia de ela se casar com sir Breon.

O rosto lindo e inocente de Rowena surgiu na mente de Eric como a tinha visto a última vez. Era simplesmente repugnante imaginar aquela criança doce sendo forçada a ficar com Breon para o resto da vida. Eric sempre tivera a impressão de que ela morria de medo de Breon. Aquela criança ao lado de um homem grosseiro não tinha cabimento de fato. Talvez Breon se recusasse a tirá-la do convento. Talvez...

Eric fechou os olhos por um breve momento, sabendo que se iludia ao pensar que Breon recusaria a chance de se casar com a herdeira das terras de Sainte-Colombe.

Rowena, aquela menina adorável, casada com Breon?

Melhor do que com ele.

– Você vai empurrar sua filha para sir Breon? – Eric parou no meio do caminho e perguntou ao seu antigo senhor.

– Já que você não é o homem que imaginei, é o que pretendo fazer, sim. Sir Breon sabe a quem deve lealdade. Estou confiante de que ele não me desapontará.

– Milorde não pode estar falando sério.

– Alguém tem de se casar com ela – disse lorde Faramus, exaltado. – Prefiro ir para o inferno a ver minhas terras caírem nas mãos de Armand.

– Armand?

– Sir Armand de Velay, um primo distante.

Eric finalmente entendeu a razão do desespero de lorde Faramus. Se sua única filha se tornasse uma noviça, o herdeiro mais próximo no condado de Sainte-Colombe seria um primo distante. A não ser que Rowena se casasse antes.

– Milorde, é natural que um senhor feudal queira deixar sua propriedade aos herdeiros, mas acho que não justifica usar a força para tanto – disse Eric, forçando-se a ficar calmo.

Lorde Faramus contraiu os lábios numa linha.

– Você acha que não tentamos persuadi-la? Rowena é a moça mais teimosa do reino cristão. Ela não está pensando de forma racional.

Eric não conhecia o lado teimoso de Rowena, mas, se ela estava batendo o pé, era porque tinha a quem puxar. Contudo, seria melhor não mencionar isto.

– Milorde, em minha opinião, lady Rowena não gosta de sir Breon.

– É mesmo? – Lorde Faramus perguntou, erguendo uma das sobancelhas. – Mas ela irá concordar com ele.

– É bem provável que sim. – Eric meneou a cabeça, franzindo o cenho. – Sir Breon não é muito gentil. Milorde já pensou nos meios que ele pode usar para persuadi-la?

– Sir Breon fará o que estou pedindo. Peça para ele vir até aqui.

– *Mon seigneur*, lady Rowena quer se tornar uma freira.

– *Tant pis*. Ela terá de se casar de um jeito ou de outro. – Lorde Faramus deu um tapinha nas costas de Eric. – Sem mágoas, De Monfort. Não guardarei rancor.

– Espere. – Eric levantou a mão. Imaginar Breon forçando Rowena a se casar era insuportável. Não que a ideia de se tornar conde de Sainte-Colombe não fosse tentadora, mas pensar em Rowena nas mãos de Breon foi o que o impulsionou a aceitar a proposta. – Eu vou.

Ele notou que lady Barbara esboçou um sorriso e se sentiu encorajado. Ficou claro que ele era o preferido para se casar com a filha do casal. Só Deus sabia que Eric jamais forçaria uma mulher a se casar com ele, ainda mais Rowena, mas, se ele não concordasse, sir Breon não teria escrúpulos nenhum em aceitar a oferta. Eric se sentiu no dever de poupá-la.

– Então, você aceita? – Os olhos do conde reluziram.

– *Aye*.

Eric pensou rápido no que aconteceria a seguir, concluindo que teria tempo para decidir o melhor a fazer. Na certa lorde Faramus havia sido pego de surpresa pela decisão de Rowena entrar para o convento, por isso, era mais provável que o acordo de casamento ainda não estivesse pronto. Não era de se estranhar, pois devia ter sido muito difícil de engolir o fato de que um primo distante herdaria suas terras no lugar da filha. Talvez com o tempo o conde voltasse a ter bom senso.

Eric ficou lisonjeado por ter sido o escolhido de lorde Faramus e lady Barbara para receber a proposta, o que indicava confiança. Lorde Faramus era um homem severo e determinado, mas devia amar a filha.

Lady Barbara continuava sentada, mas sorrindo discretamente, o que tocou o coração de Eric.

– Sua filha estará em segurança – Eric garantiu a ela, embora não tivesse ideia de se casar. Não podia. Seria um sacrilégio se impor entre Rowena e sua vocação.

– Eu sei – murmurou lady Barbara.

– Não sei se ela se lembra de mim.

– Ela lembrará – disse lady Barbara, voltando a atenção para o tricô.

Eric pensou que raptaria Rowena e a manteria em segurança. Depois, quando o conde recuperasse o bom senso, ele a devolveria ao convento. Não havia dúvida de que o lorde Faramus perceberia o erro que estava cometendo. Nem mesmo um homem na posição dele podia forçar a afilhada de um rei a se casar contra a vontade.

– Eu concordo, mas nos meus termos – disse Eric. – Não a machucarei e quero sua palavra de que não irá interferir.

Lorde Faramus acariciou a barba e demorou um pouco para responder.

– Sim, sim. Deixarei tudo nas suas mãos.

Eric fez uma reverência e saiu do solário.

– Eu disse que ele aceitaria – comentou lady Barbara assim que a porta se fechou.

– Eu não tinha tanta certeza, fiquei preocupado. Rowena é muito teimosa, mas Deus sabe que eu não queria que ela se casasse com Breon.

– Não desejo este destino a nenhuma mulher – comentou lady Barbara, seca. – Sei que sir Eric concorda comigo. Ele tem um bom coração.

– Não é uma questão de coração, os órfãos sempre são os melhores recrutas.

– Faramus!

– Não se iluda, Barbara, essa é a única chance de progredir que De Monfort terá na vida. Ora, ele era uma criança abandonada. Ele prestou bons serviços e ganhou aquela casa, mas ele deve almejar mais poder e mais terras.

– Ele quer Rowena.

Lorde Faramus olhou com pena para a esposa e balançou a cabeça.

– Barbara, você tem dado muita atenção às canções sentimentais. Aquele rapaz quer as terras e mais nada.

Lady Barbara olhou para o conde e não disse mais nenhuma palavra.

NA MANHÃ seguinte, no Convento St. Mary, lady Rowena de Sainte-Colombe se vestiu o mais rápido que pôde.

– Vamos logo, Berthe – disse ela.

O sol brilhava do lado de fora. Rowena não suportava mais ficar dentro do convento. Ansiava pela hora de poder sair para andar a cavalo. Na verdade, gostava mesmo de se sentir livre, iludindo-se que tinha o controle de sua vida. Ela olhou para a porta do pequeno quarto em que viviam, temendo que uma das freiras surgisse e a impedisse de sair para o exercício matinal.

– Muito bem, milady.

Berthe estava terminando de trançar o cabelo de Rowena, que procurou controlar a inquietação. Parecia que Berthe levava horas para fazer uma trança e prender o véu cinza, que as moças usavam pouco antes de consagrarem seus votos. Ela ajustou o véu e prendeu um cacho rebelde.

– *Madame*, fique quieta, por favor, quase a machuquei com um grampo.

– Desculpe, Berthe, não vejo a hora de sair.

Berthe terminou de ajeitar o véu e deu um passo atrás para examinar seu trabalho.

– Pronto. Milady está linda, pronta para enfrentar o mundo. – Berthe baixou o olhar antes de emendar. – Não fará diferença, já que logo você estará confinada entre esses muros. Terá de cortar esse lindo cabelo, o que eu acho um crime.

– Você não gosta daqui, não é? – Rowena se virou para fitar a criada.

Berthe deu uma olhada ao redor do quarto. O cômodo de Rowena era maior do que a maioria dos cubículos das outras freiras por causa de seu *status* social, mas tinha apenas duas camas, uma para ela e outra para a criada. As paredes eram mal-acabadas e caiadas. O único enfeite era um crucifixo de madeira pendurado na frente da cama de Rowena.

– Minha opinião não faz diferença, não é? – Berthe perguntou, encolhendo os ombros. – É você que vai ficar aqui e não eu.

– É verdade – Rowena respondeu.

Procurando ignorar o nó na garganta, ela pegou o chicotinho de cavalgar. Sua vontade era pedir para que Berthe ficasse no convento também. Mas o problema era que Berthe não tinha demonstrado gostar da vida no local, e nem do contrário. Era uma pena, pois Rowena gostava de Berthe e algumas damas podiam manter suas criadas, apesar de que seriam chamadas de outra maneira. Berthe não tinha vocação. Na realidade, a criada não gostava do convento mais do que ela própria...

Rowena respirou fundo. Não! O que estava pensando? Ela gostava dali. Era um lugar tranquilo e trazia paz. Era muito melhor viver em um convento do que em um castelo. Quem governava o Convento St. Mary era uma mulher, Madre Paulina. Os poucos homens que podiam atravessar o portão, alguns jardineiros e os cavalariaços, não ousariam cruzar o caminho dela. Dentro daqueles muros, eram as mulheres que mandavam.

Rowena tinha contado ao mundo todo que seria uma freira, que teria sido chamada para tanto. Seu pai era um homem muito mais prático do que religioso, e foi preciso travar uma batalha com ele para estar ali. Distraída em pensamentos, ela fitou o chicotinho. Logo consagraria seus votos. O bispo iria ao convento celebrar a missa na manhã da Festa da Visitação, e ela se vestiria como uma noviça dali em diante.

Ela fechou os olhos por um breve momento. Havia recebido um chamado, claro que sim. Entretanto, não seria humana se não duvidasse algumas vezes. Ela havia feito de tudo para ser aceita no convento, como faria para confessar que a vida ali não era exatamente o que havia imaginado? Tudo começou porque lorde Faramus queria que a filha se casasse. E ela não poderia se casar nunca, a ferida deixada pela morte de Mathieu ainda era muito recente. Pobre Mathieu. Ele era tão doce. Ela jamais se esqueceria das horas em que se sentaram juntos no meio das margaridas na campina que ladeava o rio, conversando e colhendo flores um para o outro.

– Está faltando alguma coisa, milady?

Rowena apertou o cabo do chicotinho e rezou para se convencer de que estava fazendo o melhor. Tinha de dar certo. Ela chegara ao convento resignada com a ideia de ser uma freira. Trancar-se ali era preferível a se casar com lorde Gawain, sem contar que ainda estava de luto por Mathieu. Foi preciso se rebelar contra o mundo, uma vez que era vista como um bem que o pai podia manipular de acordo com seus caprichos. No começo, a vida no convento tinha sido satisfatória. Mas agora...

Mesmo determinada a se tornar freira, ainda havia dúvidas. Deus do céu, os dias ali demoravam muito para passar. O lugar tranquilo e repleto de paz por vezes parecia tão silencioso quanto um túmulo.

– Milady? – Berthe a segurou pelo braço e a fitou nos olhos. – Graças a Deus, você finalmente percebeu que não deve se tornar uma freira.

– Não. *No.*

– Seus olhos me dizem o contrário. Sei que você mudou de ideia e desistiu de ser uma freira.

Rowena balançou a cabeça e levantou a trava da porta.

– Você está imaginando coisas.

– Acho que não. Um bom exemplo é o seu desespero para sair das muralhas do convento. – Berthe sorriu. – Isso não é vergonha, milady. Na verdade, é melhor descobrir que não quer se tornar uma freira antes da consagração. É por isso que “há um período de concentração no convento até que se faça votos. É uma espécie de teste. Mas nada a impede de voltar para casa e ser lady Rowena de novo. Seu pai não vai ficar bravo, ele não queria que você se enclausurasse aqui.

– Meu pai não quer que as terras dele passem para sir Armand.

E por isso serei forçada a me casar com quem não quero. Vou me tornar uma freira.

Rowena abriu a porta e saiu do quarto. Ela havia entendido que os meses que passara ali tinham sido um teste, mas Berthe se enganava ao imaginar que sua vontade era voltar para a vida que levava antes. Lady Rowena de Sainte-Colombe seria forçada a se casar pelo pai. E ela não queria se casar de jeito nenhum. Ainda sentia saudades de Mathieu.

– Você está enganada, Berthe, muito errada. Sei o quanto você odeia estar aqui, mas isso não significa que eu também não goste. A vida aqui é melhor do que no castelo, pode não ser muito emocionante, mas é calma. E tudo o que quero é paz. Quero descansar em um lugar onde são as mulheres que mandam.

Dito isso, Rowena saiu correndo pelo corredor com Berthe logo atrás.

– Você não poderá mais sair depois que fizer os votos, milady. Elas vão cortar seu cabelo.

UM DOS cavaleiros do convento já havia selado a égua cinza de Rowena, Lily, e a aguardava no celeiro.

– Obrigada, Aylmer – Rowena agradeceu, conduzindo Lily até um bloco de feno para subir e montar.

Aylmer montou no outro cavalo.

– Para onde vamos hoje, milady? Vamos passear na cidade?

– Hoje não. Pretendo cavalgar para o Norte.

– Como quiser, milady.

Rowena e Aylmer passaram trotando pelo portão e seguiram a trilha que levava ao pomar do convento. Rowena ficou frustrada por seu humor não ter melhorado como de costume. Olhou para a cabeça de Lily e franziu o cenho. Tanto as noviças quanto as freiras não podiam possuir nada além do hábito religioso, a cruz e o livro de salmos. Quando se consagrasse, Lily passaria a ser um animal do convento. Rowena engoliu em seco. Ela havia ganhado a égua quando potrinho ainda e estava feliz por não se separar de Lily totalmente. Mas sentiria falta das cavalgadas. As noviças não podiam passear pela propriedade do convento, como vinha fazendo nas últimas semanas.

– Lily, você faz parte do meu dote para o convento – disse ela, inclinando-se para acariciar o pescoço da égua. – Logo você pertencerá às freiras. Não montarei mais, mas posso ver você todo dia.

Lily movimentou as orelhas como se tivesse mesmo ouvindo.

A cidade e o convento tinham ficado para trás e a trilha transformara-se numa subida que atravessava as macieiras. Eles estavam a uma curta distância da estrada principal. No alto da montanha havia dois cavaleiros, observando o convento de longe.

Um cavaleiro e seu escudeiro? Rowena segurou as rédeas com mais força. Por instinto, ela tinha certeza de que se tratava de uma dupla assim, apesar de o cavaleiro não possuir nem um brasão visível. Ela estava um pouco longe para enxergar os rostos, mas vislumbrou as esporas de aço. Sim, definitivamente o homem mais corpulento era um cavaleiro, o que a deixou inquieta. Seria melhor que pudesse ver o rosto dele e não apenas o cabelo escuro.

O cavaleiro também montava um animal cinza, um alazão. Rowena fixou o olhar no cavalo. Ela conhecia bem os cavalos de Sainte-Colombe e tinha certeza de que havia visto aquele mesmo alazão cinza no estábulo de seu pai, razão suficiente para não se alarmar. Ainda estavam na propriedade do convento e se aquele cavaleiro fosse um dos homens de seu pai, não tinha com o que se preocupar. Sendo assim, ela esporeou Lily e subiu a montanha.

Quando ela chegou mais perto dos dois estranhos, o cavaleiro colocou o elmo imediatamente, e Rowena ficou apreensiva de novo. Ele não estava vestindo uma cota de malha, mas um jaquetão de couro. Pela rapidez com que havia colocado o elmo, ficou claro que ele não queria ser reconhecido. O alazão dele andou para o lado e Rowena enxergou melhor o escudeiro. Era um rapaz de não mais de 15 anos, cabelo castanho e sardas no nariz. Ele parecia um menino brincando de soldado. Depois de estudá-lo melhor, ela se convenceu de que aquele rosto lhe era familiar.

– Nós não nos conhecemos? – Ela perguntou, emparelhando Lily com o cavalo dele.

O rapaz corou até a raiz do cabelo e segurou com força o cabo da espada. A atitude independia de ela o conhecer ou não, mas deixou-a amedrontada.

O alazão do cavaleiro relinchou. Rowena mal teve tempo de olhar para o lado quando sentiu que uma forte mão a segurava pelo pulso. Chocada pelo desprazer, ela soltou as rédeas e tentou se libertar.

– Como ousa? Solte-me agora!

– Milady! – Aylmer gritou.

O cavaleiro apertou o pulso dela com mais força. Rowena se debateu com o outro braço, e Lily relinchou, dando um passo para o lado. Com o canto dos olhos, ela viu quando o escudeiro derrubou Aylmer do cavalo e apontou a espada para o pescoço dele. No instante seguinte, o cavaleiro capturou o outro braço dela, prendendo seus pulsos juntos. Ela sentiu o sangue congelar nas veias e a fúria dominar seus sentidos. Inutilmente ela continuou a se mexer, tentando identificar o cavaleiro, mas o visor do elmo refletia o sol e ela só conseguiu ver os olhos verdes.

– Solte-me! – Ela gritou pouco antes de o cavaleiro tapar sua boca com a mão.

O esforço para se libertar era tanto que o coração dela disparou. E quando ela achou que a situação não poderia piorar, ele a tirou da sela e a deitou a sua frente como se ela fosse um saco de trigo. Os arreios do alazão tilintaram quando ele começou a andar. Foi então que ela se deu conta de que estava sendo raptada!

Rowena sentiu o sangue pulsar na cabeça. Na posição em que estava, viu as calças cinza e justas do cavaleiro, a grama passando... uma margarida, flores amarelas...

– Quem é você? – Ela se esforçou para perguntar. Estava apavorada, mas certa de que aquele homem vinha de Jutigny. Mas quem seria?

De repente ela sentiu que ele colocou a mão nas costas dela e segurou-a pelo cinto do vestido.

– Não tenha medo, não vou machucá-la. Você está a salvo.

Rowena sabia que não conseguiria escapar e soluçou.

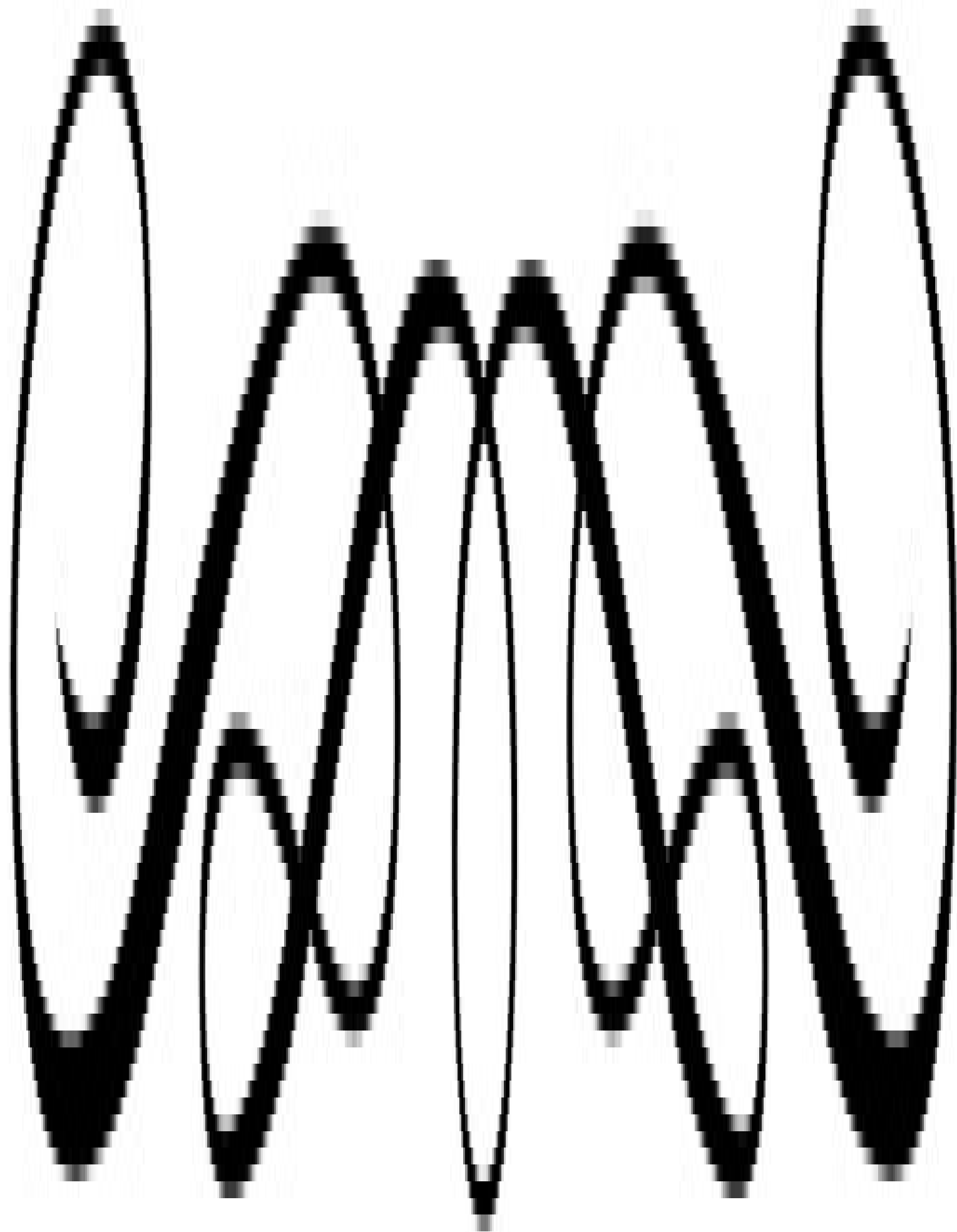
– Milady, não tema, você tem a minha palavra de que ficará em segurança.

Por mais incrível que pudesse parecer, a voz dele era reconfortante.

– Deixe-me descer!

– Eu a soltarei quando estivermos bem longe do convento. Fique quieta, milady.

Capítulo 2



ERIC MANTEVE a mão nas costas de Rowena para mantê-la firme sobre a sela. Mal a havia reconhecido quando ela se aproximou do pomar. Quanto tempo fazia que não a via? Dois ou três anos? Ela devia ter 18 anos.

Rowena de Sainte-Colombe tinha sido uma criança bonita e Eric ouvira que ela havia se tornado uma mulher linda. Mas nada o preparou para a visão de uma moça magra e elegante, mesmo usando um vestido simples e um véu, que só podia ser do convento. Nem a cor cinza das vestimentas tinha conseguido esconder a beleza dela. Ao contrário, o véu emoldurava um rosto de tirar o fôlego de qualquer um. Os olhos dela brilhavam e pareciam mais azuis do que quando ela era pequena. A pele clara era perfeita e os lábios... Nossa Senhora, Eric nunca tinha visto uma boca rosada tão bem desenhada e tão beijável. Mas ele se esforçou para não esquecer que aquela era a boca de uma moça que queria se tornar uma freira, enquanto a puxava para cima pelo cinto. Aqueles lábios só se moveriam para recitar os cânticos. Céus, como era possível que ela preferisse viver em um convento e não como a condessa de Meaux e, um dia, de Sainte-Colombe.

Quando se aproximava deles, ela mantinha a postura formal. Formal e distante, sem nenhum sinal da criança tranquila e feliz que ele havia conhecido.

Com o movimento, o vento bateu no véu de Rowena e o levou como se fosse uma pena. Eric sorriu, pensando que ela certamente havia perdido a pose. O véu acabou preso no casco do alazão e ele se abaixou para pegá-lo. Depois segurou a trança de cabelo por mais tempo que o necessário. Tentou prender o véu muito desajeitado, tanto que o laço que prendia a trança acabou se soltando e os fios louros esvoaçaram despenteados.

Segurando-a com firmeza, Eric olhou por cima do ombro e viu que Alard havia desmontado. O rapaz estava com as rédeas do cavalo enroladas no braço e a espada apontada para o cavaleiro de Rowena. Os cavalos de Rowena e de Aylmer pastavam tranquilamente à sombra de uma macieira.

Eric meneou a cabeça, sinal de que tinham resolvido a missão mais cedo que o esperado.

– Pode ir – Alard dispensou o pobre escudeiro.

– E quanto a lady Rowena? – perguntou Aylmer, passando a mão na cabeça como se estivesse com dor.

A espada de Alard reluziu quando ele a inclinou na direção de Aylmer.

– Vá embora. Volte depois para buscar sua espada.

Aylmer se levantou e foi tropeçando na direção dos cavalos.

– Pode levar seu cavalo, mas não toque na égua de lady Rowena – Eric ordenou, sabendo que o rapaz contaria o ocorrido assim que entrasse no convento. Aliás, era o esperado.

A notícia não demoraria a chegar em Jutigny e o lorde Faramus saberia que Eric estava com Rowena. Tudo estava acontecendo exatamente conforme ele previra. Tinha sido fácil demais até, pois Rowena não tinha perdido o antigo hábito de cavalgar todas as manhãs. Ele sabia que aquela seria a melhor hora para raptá-la. Entretanto não esperava que ela não tivesse tanto medo. Se bem que era normal, mas assim que estivessem bem longe do convento ele a convenceria de que estava em segurança.

De um ponto privilegiado da montanha, Eric observou o cavaleiro de Rowena passar pelos portões do convento e sorriu. Pena que ele tenha batido a cabeça ao cair no chão, mas ele não

parecia muito diferente do que o normal. Logo, o convento estaria em polvorosa com a notícia do rapto de Rowena.

Eric desviou o olhar para a moça deitada sob a sela. Rowena já havia se tornado uma mulher, mas ainda era bem pequena. *Petite*. Na certa ela não confiaria nele logo de início, mas era melhor assim do que se tivesse sido raptada por Breon. Ao perceber que estava olhando demais para as nádegas dela, Eric esporeou o cavalo e seguiu na direção das castanheiras, um pouco distante de onde estavam. A mata ali era mais fechada e ele poderia colocar Rowena no chão e se esforçar ao máximo para se explicar.

Na realidade ele não estava muito ansioso para tirar o elmo diante dela. Ele tinha sido um dos cavaleiros do pai dela durante anos, portanto, era quase certo de que ela o reconheceria. Na época, o lorde Faramus havia recusado o pedido de Eric para aprender a ler e a escrever. Lady Barbara, no entanto, enfrentou o marido e Eric e Rowena passaram a estudar juntos. Os dois passaram a se conhecer muito bem.

Eric estava disposto a convencer Rowena a ficar afastada do convento por um tempo e que depois a levaria para sua propriedade em Monfort. Lá aguardariam até que lorde Faramus voltasse a pensar com clareza. Se bem que a ideia de se casar com Rowena e tornar-se o conde de Sainte-Colombe um dia era muito atraente, mas não era justo forçá-la a se casar.

Rowena sentiu quando o infeliz que a tinha raptado segurou-a pelo cabelo. As esporas dele reluziam e o cavalo tentou sair a trote. Foi difícil para ela respirar naquela posição, com os pulmões comprimidos contra a sela. Ainda bem que ele usava uma sela de passeio, e não as de batalha, com mais relevos, que a deixaria numa posição bem mais desconfortável.

Isso não aconteceu por acaso. Ele tinha tudo planejado. O que fará comigo? Seria ele um cavaleiro de meu pai? Ele morreria por isto!

A falta da patilha pronunciada na sela não fez muita diferença quando eles começaram a subir de novo, pois era o medo que a impedia de respirar direito, e não a posição em que estava. Na verdade, a situação toda era uma grande ironia, já que minutos antes de os encontrar, ela desejava ter mais aventura.

Com muito esforço, ela conseguiu mexer a cabeça para enxergar melhor e viu que eles chegavam a um pequeno bosque. As sombras se fechavam mais a medida que eles passavam por entre as castanheiras.

– Fique quieta, milady. Não demoraremos muito – disse o cavaleiro.

Ele manteve a palavra. Depois de mais algumas passadas, o animal parou e ele desmontou.

– Com sua permissão, milady.

Assim dizendo, ele a segurou pela cintura e a levantou da sela, colocando-a ao lado de uma árvore. O véu caiu da cabeça dela de novo e o cabelo esvoaçou, cobrindo parte do seu rosto. O cavaleiro ainda estava com o elmo, por isso ela não conseguia vê-lo direito. Exceção feita às esporas e ao elmo, ele parecia um caçador com um jaquetão de couro sobre uma túnica e calça azul. Ela se sentiu intimidada pela altura dele, mas arriscou-se a olhar para cima.

– Meu pai vai matar você. Sei que você é um dos cavaleiros dele. Você poderia ter pelo menos a decência de tirar o elmo e mostrar o rosto.

– Muito bem... – Ele soltou a tira que prendia o elmo ao pescoço e tirou-o bem devagar.

Em seguida balançou a cabeça e entremeou os dedos pelo cabelo, comprido demais para ser de um cavaleiro. Ele tinha olhos ternos e inesquecíveis. Rowena lembrava bem daqueles olhos

verdes tracejados de amarelo que mudavam de cor conforme a luz. Ali na sombra estavam mais amarelados.

– Eric? Sir Eric? – perguntou ela, boquiaberta.

Eric de Monfort já não integrava a linhagem dos cavaleiros do pai dela havia alguns anos. Ele era o favorito de sir Macaire e tinha ganhado as esporas cedo. Ela sabia que ele havia ganhado uma propriedade num torneio. Sendo um homem de posses, ele não precisava mais responder a nenhum senhor. Rowena havia vibrado com o sucesso dele. Havia uma grande diferença entre um cavaleiro de posses e os outros. Um cavaleiro de posses tinha uma segurança maior, pois podia tirar sustento da terra e um lugar para chamar de lar. Para um órfão como Eric, ganhar alguns acres de terra devia ter significado muito. Se ele não tivesse vencido aquele torneio, sua vida seria bem diferente. Ele teria de contar com contratos de curto prazo com homens como seu pai. Resumindo, ele não seria muito melhor do que um mercenário. Cavaleiros sem terras ou velhos demais para lutar acabavam numa posição bem baixa. Ela jamais desejaria algo assim para Eric. Decepcionada, ela o fulminou com o olhar, pois costumava gostar dele. Na realidade, ela se sentia atraída por ele quando eram mais jovens. Antes de ele ganhar uma propriedade e partir, ela costumava suspirar ao vê-lo. Não seria possível que ele tivesse mudado tanto.

– Eu exijo que me desamarre.

– Promete que não vai gritar ou tentar voltar correndo para o convento?

– Prometo – respondeu ela, erguendo o queixo.

– Bem, não imediatamente.

Rowena se sentiu observada por um olhar matreiro e se lembrou de como ele conseguia ser bem charmoso quando queria. As criadas do castelo suspiravam por ele.

Ela suspirou e virou-se para que ele soltasse as amarras. Com o rosto colado à madeira, ela sentiu os dedos ágeis desamarrando seus punhos.

– Não me mexa, não quero cortar seu braço.

A corda caiu no chão e ela se virou, massageando os pulsos sem desviar o olhar de Eric.

– Por que está fazendo isso, sir? – perguntou ela, mas continuou tentando encontrar uma explicação possível. Ora, aquele era Eric, o menino com quem costumava brincar. Eles haviam aprendido a ler juntos. Era impossível que ele fosse tão ruim. – Existe alguma recompensa por mim, ou algo no estilo?

Eric contraiu o maxilar e apontou para uma pequena clareira, onde estendeu a capa sobre a relva.

– Sente-se, milady.

Em vez de obedecer, Rowena bateu o pé sem sair do lugar.

– E então?

– Não há nenhuma recompensa.

Eric prendeu o olhar ao dela. As folhas das árvores começaram a farfalhar com o vento. Os raios de sol, que atravessavam a folhagem, tornavam o cabelo dele mais brilhante.

– O que houve com Aylmer? – perguntou ela, desviando o olhar na direção do convento.

– Seu cavaliário?

Ela fez que sim, meneando a cabeça.

– Você o feriu?

- Aylmer já deve ter chegado ao convento são e salvo.
- Você sabe que ele mandará um recado para meu pai, não? – indagou ela, franzindo o cenho.
- Espero que ele faça isso mesmo.
- Você está louco? Meu pai vai matar você.

Eric balançou a cabeça e sorriu de lado.

- Duvido, milady. Eu a raptei a mando dele.

Rowena sentiu o sangue se esvaír do rosto.

- Meu pai?

– Por favor, milady. – Eric gesticulou na direção da capa. – Sente-se e farei o possível para me explicar.

Perplexa e em silêncio, ela finalmente se sentou. O pai dela havia pedido para Eric buscá-la? Seu próprio pai?

Eric se sentou ao lado dela e apoiou os braços sobre os joelhos.

Rowena se viu reparando mais detidamente nele, notando os pelos nos braços. Não conseguia se lembrar de quando tinha sido a última vez que o vira. Ele estava diferente em alguns aspectos, mas continuava o mesmo em outros. Ele parecia mais velho, mas ainda tinha alguns traços do menino que ela conhecera. As feições estavam mais pronunciadas, como a linha do maxilar, o nariz, os lábios... ao sentir um arrepio correr por sua espinha, ela desviou o olhar da boca dele. O cabelo continuava farto e castanho com algumas mechas douradas, evidentes quando ele se mexia. Os ombros estavam mais largos, deixando-o com uma aparência mais forte e máscula. Ela estava diante de um homem de verdade.

Rowena não gostava de muitos homens, e não ficava na companhia de alguém tão poderoso quanto Eric desde que havia entrado para o convento. Era estranho. Ela não estava mais tão alarmada quanto imaginava. Afinal, já o conhecia há muitos anos. O medo que sentiu inicialmente tinha desaparecido no momento que ela viu o rosto dele. De repente, ela percebeu que seu coração batia em descompasso, muito mais de animação do que de medo. Era a primeira vez em meses que se sentia tão viva. No entanto, a razão de ele a ter raptado era bem diferente. Aliás, só havia um motivo possível.

- Meu pai não quer que eu consagre meus votos, não é?

- Não.

– Ele pediu que você me levasse de volta a Jutigny? – Mesmo tentando disfarçar a surpresa, ela acabou desafinando. – Ele encontrou alguém para eu me casar?

Eric ficou sem jeito e disfarçou, arrancando um fio de grama e enrolando-o no dedo. Rowena queria uma resposta, mas sua atenção estava nas mãos dele. Eram largas, com dedos fortes. Mãos de um guerreiro de sucesso, que, até onde ela sabia, seriam incapazes de qualquer ato desonrado. Ela não acreditava que ele tivesse mudado tanto, mas raptá-la estava longe de ser uma atitude digna de um cavaleiro.

- Eric?

- *Aye?*

- Quero que me leve para casa. Por favor?

- Imagino que esteja se referindo ao convento e não ao castelo.

- Isso mesmo.

Ele balançou a cabeça sem fitá-la.

– Não posso. Odeio admitir, mas o lorde Faramus encontrou um futuro marido para você.

Rowena estremeceu e passou os braços ao redor do corpo.

– Você... você sabe de quem se trata?

– Sou eu. Lorde Faramus pediu-me que casasse com você – Eric a informou, encarando-a nos olhos.

– Você? – Rowena piscou algumas vezes, e seu coração acelerou novamente. – Eric, você sabe que quero ser freira.

Ele esboçou um sorriso e deixou-a corada. Depois, suspirou e desviou o olhar.

– *Aye*, todos em Champagne sabem que você decidiu entrar para o convento.

Rowena se inclinou para a frente e observou aquele rosto tão familiar, mas que ao mesmo tempo estava tão diferente. Será que o caráter dele também tinha mudado? Ele costumava ser seu companheiro de brincadeiras quando eram menores. Ela mordiscou o lábio. Eric a havia ensinado a jogar xadrez e ela gostava da companhia dele, apesar de ele ter se cansado logo dela. Desde que ele se tornou escudeiro, foi difícil até arrancar um sorriso dele.

– Meu pai não pode me forçar a casar. O rei concordou que eu entrasse no convento. Não sei se você se lembra, mas ele é meu avô.

– Infelizmente, seu pai não apoia essa decisão.

Rowena continuou mordiscando e torcendo os lábios, ciente de que quanto mais falavam, maior era sua empolgação. Não podia estar se sentindo daquele jeito. Enfrentar Eric com uma proposta para livrá-la da vida enclausurada talvez fosse uma provação de Deus para que ela tivesse certeza de sua vocação.

– Não posso voltar atrás na decisão de me tornar uma freira.

Rowena tinha acabado de falar isso quando pensou no que aconteceria se ela mudasse de ideia. O que o rei diria? Ela estaria fazendo a vontade do pai, e não podia se esquecer de que ele já tinha tentado convencê-la a se casar com conde Gawain quando ainda não estava preparada para enfrentar um casamento. Não tinha sido fácil brigar com o pai e deixar a mãe tão triste. O mais chocante, contudo, foi imaginar que não seria tão ruim se casar com Eric, contanto que ele não se tornasse um tirano como o pai dela. Quanto será que ele havia mudado desde que ela o conheceu?

– Santo Deus – disse ela, assombrada com a forma como seus pensamentos fugiam de seu controle com tanta facilidade –, eu tinha certeza de que, com o consentimento do rei, nem meu pai poderia fazer nada para me impedir de me tornar uma freira.

– É surpreendente, concordo com você. Infelizmente me pareceu que seu pai não vai mudar de ideia.

Em um gesto impensado, Rowena colocou a mão na manga da túnica de Eric e a retraiu logo em seguida. O sentimento que sentiu por ele na infância não tinha mudado, mas isso não significava que concordaria em se casar. O casamento era um passo grande e importante. Se ela se casasse com aquele cavaleiro, teria de obedecê-lo para o resto da vida. Não havia dúvida que aquilo era um teste e ela devia resistir.

– Preciso saber quais são os seus planos. O que você planeja?

Ela não poderia perguntar diretamente, mas queria mesmo era descobrir se Eric se espelhava em seu pai. O que ele pretendia fazer com ela? Será que ele não passaria por cima das necessidades dos outros para atingir seus objetivos?

– Confesso que não gostaria de ficar entre você e sua vocação – disse ele, sorrindo.

– Então, por que me raptou?

Rowena estudou o perfil de Eric e concluiu que ele não só estava escondendo alguma coisa, mas também mantinha-se determinado a não contar. Desde pequeno ele já era determinado. Sir Macaire havia dito a ela que Eric estava resolvido a ser um cavaleiro desde que chegara ao castelo. Ninguém sabia a idade dele ao certo, mas devia estar com 6 anos.

Rowena não era nascida quando ele chegou ao castelo e só sabia o que haviam lhe contado sobre ele. Todos em Jutigny conheciam a história do menino que a mãe dela havia achado tremendo na neve durante a época do Natal. Como os pais dele não foram encontrados, lady Barbara o acolheu. Eric tinha sido abandonado e foi criado para ser um cavaleiro, graças à bondade da mãe dela e dos incríveis talentos dele.

Eric frequentou a vida do castelo como se tivesse nascido ali. Rowena se lembrava de tê-lo visto treinando com espada de madeira, esquivando-se para montar cavalos que meninos maiores nem ousavam; ele a ensinou a subir nos pessegueiros do pomar porque ela adorava pêssegos maduros...

Eric era orgulhoso e provavelmente não gostaria de lembrar que havia sido abandonado. Ele nunca falou a respeito com Rowena. Relembrando de tudo aquilo, ela percebeu que seria bobagem perguntar por que ele havia concordado com o pai dela em raptá-la. Eric tinha uma espécie de dívida com a família. Lorde Faramus havia permitido que ele fosse treinado para ser cavaleiro e que ganhasse o primeiro par de esporas. Sem a ajuda do pai dela, Eric não teria se tornado o homem que era hoje.

Ela suspirou. Se ao menos seu pai não fosse tão intransigente... ele queria que ela se casasse, e devia ter lembrado que ela gostava de Eric quando criança. Lorde Faramus devia saber também que Eric almejava ter mais propriedades. Possuir propriedades significava segurança... todo cavaleiro que ela conhecia desejava aumentar seu patrimônio, e para Eric, ter mais segurança na vida era muito importante.

Será que a natureza tinha mudado com o passar dos anos? Será que o menino gentil permanecia igual?

Eric deixou a folha de lado e a encarou novamente.

– Sei que pode parecer estranho, mas não quero contar a história inteira. Saiba apenas que lorde Faramus me colocou numa posição em que não tive saída a não ser aceitar tirá-la do convento.

– Há sempre uma escolha.

– Dessa vez, não.

– Meu pai o ameaçou.

– Não exatamente.

– Mas ele quer que você se case comigo?

– É o que parece.

– Imagino o que minha mãe acharia se soubesse disso.

– Sua mãe estava presente quando lorde Faramus me fez a proposta – disse Eric, erguendo o queixo dela com a ponta do dedo frio. – Não precisa ter medo de mim. – Ele passeou com o olhar pelos lábios dela e abriu o mesmo sorriso encantador que dirigia às criadas do castelo. – Por mais que eu esteja tentado a aceitar a sugestão de seu pai, acredito que ele tenha se

precipitado. Acho que com o tempo ele mudará de ideia.

Rowena ficou ressentida inesperadamente.

– Você vai me levar de volta para o convento? – indagou Rowena com uma pontinha de um ressentimento inesperado.

– Infelizmente não posso fazer isso. – Eric passou a mão pelo cabelo. – Eu ainda não tinha dito, mas se você se recusar a vir comigo, seu pai mandará outro cavaleiro. Trata-se de uma pessoa que talvez não seja tão condescendente com sua recusa.

– Eu o conheço? – indagou ela, sentindo dificuldade em respirar.

– Sim, é sir Breon de Provins – disse ele, atento à reação dela. – Acredito que ele não hesitará em usar a força. Imagine o caos que seria se seu pai permitisse que ele entrasse no convento.

– Ah, sir Breon não. As irmãs ficariam aterrorizadas. – Rowena levou a mão ao pescoço ao sentir um nó se formar.

Se não se contivesse, era bem capaz de cair em prantos. Sir Breon era um cavaleiro eficiente, mas grosseiro e frio. Rowena sempre evitava cruzar o caminho dele, pois jamais conseguiria suportá-lo.

Ela se sentiu numa armadilha, da mesma forma quando seu pai exigiu que ela se cassasse com conde Gawain.

– Doce ilusão a minha que meu pai me deixaria em paz mesmo com o consentimento do rei – ela sussurrou. – Pensei que tivesse escapado. Imaginei que, ao sair do castelo, poderia reger minha vida, mas parece que a tirania do meu pai não vai acabar nunca.

Os raios de sol atravessavam as folhas, conferindo a elas diferentes tons de verde. Ela admirou a natureza com um olhar perdido. Devia ter imaginado que não escaparia dos desmandos do pai tão facilmente.

A não ser que se casasse com Eric.

Se isso acontecesse, ela estaria obedecendo ao pai ao mesmo tempo em que fugiria dele. Uma vozinha insistente martelava na cabeça dela: *Melhor se casar com Eric que entrar no convento. Melhor se casar com Eric do que com sir Breon.* Mas não poderia dizer aquilo em voz alta.

Rowena se lembrou do rosto de Mathieu e sentiu uma pontada no coração. Era óbvio que ela não poderia ficar de luto por ele em paz.

Mas será que poderia se casar com Eric? Ela arriscou olhar para ele de soslaio. Ele a dominaria facilmente com aqueles braços fortes. O amigo de infância havia se transformado num cavaleiro bem-sucedido e proprietário de terras. Ele devia estar acostumado a dar ordens, o que a levava a pensar se ele a dominaria da mesma forma como seu pai dominava a mãe.

– Sir Breon é uma vítima como qualquer outro – ela murmurou.

– Você gosta dele? – Eric perguntou, erguendo uma das sobrancelhas.

Rowena deu de ombros e balançou a cabeça ligeiramente. Não que gostasse de sir Breon, mas podia entendê-lo.

Com o passar dos anos, ela observou a ambição de Breon desvirtuar seu caráter. Ele tinha começado devagar. Alguns anos antes, durante o inverno, houve uma competição de arcos, os homens de Jutigny, sob o comando de Breon, contra a guarda de Provins. O time de Jutigny foi o vencedor, para delírio de lorde Faramus. Pouco tempo depois circularam boatos de que Breon

tinha conhecidos em Provins e que havia subornado dois ou três arqueiros para errarem o alvo a fim de dar a vitória ao time de Jutigny.

– Meu pai é astuto – disse ela.

Lorde Faramus tinha sido inteligente ao oferecer a Eric a mão dela, conferindo ainda propriedades que Eric sempre almejava. Caso eles se casassem, Eric não seria mais um pária.

– Mas ele também é muito cruel.

– Cruel?

– Ele está oferecendo terras que você sempre quis. Ele sabe que uma das suas maiores qualidades é a lealdade, e por isso força você a fazer o que ele quer.

– Nós não nos casaremos se você não quiser.

Rowena usava uma corrente com um crucifixo, que reluziu quando ela respirou fundo. Eric sentiu o coração se contrair. A pretendente à freira vestia algo bem simples. O cabelo caía pelas costas dela como se fosse um fio de seda. Provavelmente, ela não fazia ideia de como estava despenteada. Os olhos de cor inesquecível brilhavam com as lágrimas não derramadas.

– Meu pai é tão difícil. Às vezes, acho que ele me odeia.

Eric balançou a cabeça. Ela parecia tão pequena, indefesa e tão ferida que ele teve vontade de pegar a mão dela e oferecer conforto. *Ela quer ser freira, não a toque. É óbvio que ela não gosta de homens.* Era fácil descobrir a razão. Um homem tinha de ser forte para governar um condado e o pai dela não era diferente. Infelizmente, lorde Faramus era inflexível no que dizia respeito às suas mulheres. A situação era bem mais complicada do que parecia. Ele havia lutado para manter o condado e queria que a filha e seus filhos herdassem tudo.

– Você é uma herdeira. O Condado de Sainte-Colombe será seu um dia.

– Não quero ser herdeira.

– É, mas você já nasceu assim – comentou ele, sorrindo.

– O que vai acontecer comigo agora? – Ela indagou, erguendo o queixo.

– Vou levá-la para minha casa e vamos aguardar. Prometo que você não será forçada a fazer nada que não queira. Tenho certeza de que seu pai vai reconsiderar a decisão. Depois você poderá voltar em segurança para o convento.

– E se ele não mudar de ideia?

– Eu tomarei seu partido.

Rowena comprimiu os lábios.

– Não fará muita diferença.

– Como?

– O conde Gawain também ficou ao meu lado quando rompemos o noivado. Ele foi a Paris e convenceu o rei a permitir que eu entrasse para o convento. Então, se meu pai não respeitou nem a decisão do rei, duvido muito que veja você como um empecilho para concretizar seus planos. Ele está determinado que eu me case.

– Farei uma petição ao rei em seu benefício. – Eric ergueu uma das sobrancelhas. – Você não confia em mim?

– Confio, mas até certo ponto – disse ela, encarando-o com seus grandes olhos azuis.

– Vou relevar seu comentário. Você tem a minha palavra de que, se tudo der errado, farei uma petição junto ao rei.

– Obrigada. – Rowena afastou uma mecha de cabelo do rosto, colocando-a para trás do

ombro. – Tudo isso é por causa do meu primo, sir Armand.

– Lorde Faramus me falou sobre ele.

– Meu pai o odeia e fará de tudo para ele não herdar a propriedade. – Ela o fitou, séria. – Então você pretende me levar de volta a Monfort. E depois?

– Vamos esperar que seu pai recupere o bom senso.

Rowena balançou a cabeça e a mecha de cabelo voltou a lhe cobrir o rosto.

– Esse dia não chegará nunca. Meu pai acha que dar terras a você e deixar que sinta o gostinho de ser como ele é suficiente. Ele está tentando você, assim como vem fazendo com sir Breon há anos.

– Como assim?

Ela deu de ombros.

– Você deve ter percebido. Toda vez que meu pai precisa cumprir alguma tarefa desagradável, ele pede ajuda a sir Breon, oferecendo algum prêmio irresistível. Sir Breon nunca se incomoda com a natureza do pedido, contanto que receba muita prata. Sempre foi assim.

– Mas eu não sou sir Breon – protestou Eric, muito irritado por ter sido comparado ao outro. Apesar de que, depois do casamento com Rowena, ele teria a segurança com que sempre sonhara. Ele se tornaria um conde. Ele? Algo que parecia impossível, agora... – Terá de confiar em mim, milady.

Rowena esboçou um sorriso que o remeteu à lady Barbara.

– Não vejo outra saída a não ser ir com você.

Eric respirou aliviado. Ainda bem que ela havia confiado um pouco nele, seria um desgaste imenso para ele que ela esperneasse durante todo o trajeto até Monfort. Assim que lorde Faramus desistisse de forçar a filha a se casar, afinal ela era neta do rei, ele a levaria de volta ao convento.

Eles ouviram um cavalo relinchar ali perto. Alard os havia seguido e estava um pouco afastado, segurando os animais. Eric se levantou primeiro e estendeu a mão para Rowena, esquecendo-se de que ela não queria ser tocada. Mas, para sua alegria e surpresa, ela colocou a mão pequena sobre a dele e levantou-se com toda a graça. Depois empertigou-se, ajeitou o crucifixo, passou a mão no vestido e no cabelo para tirar as folhas.

– Nossa! – exclamou ela, corando como uma rosa ao perceber que o cabelo não estava mais trançado. – Você devia ter me avisado.

Mas Eric achava o cabelo dela muito bonito, com pequenos cachos emoldurando o rosto delicado e caindo em ondas suaves pelas costas. Por pouco ele não elogiou, mas reprimiu-se a tempo e ficou quieto. Uma mulher prestes a se tornar uma freira não devia gostar de elogios.

Ele deu uma tossidela para clarear a garganta. Depois de tanta expectativa, Rowena tinha aceitado acompanhá-lo mais rápido do que ele imaginava. Mas ele percebeu que ela estava tremendo ao trançar o cabelo, sinal de que devia estar nervosa. Será que ela estava com medo dele? Ah, esperava que não, embora não fosse de se estranhar. Ter sido raptada de um convento devia ser a experiência mais terrível que ela já havia passado na vida.

Eric a achava mimada quando criança, mas agora percebia o quanto estava errado. Como não teve pais, estava cego para a verdade. Mimada não definia a forma como o conde tratava a única filha. Reservada seria melhor. Quando ela era criança, lorde Faramus a vigiava como um falcão, mas assim que ela entrou na adolescência, passou a ficar a maior parte de seu tempo no

convento. As freiras provavelmente haviam sido instruídas para ensinar Rowena a ser esposa de um lorde.

Eric contraiu os lábios. Ao que tudo indicada, as freiras não tinham ensinado coisa alguma além de incutir em Rowena a vontade de se tornar uma delas. Rowena tinha desenvolvido um desamor pelo pai e uma antipatia por todos os homens. Ainda bem que ela havia concordado em acompanhá-lo a Monfort. Ele olhou de novo como as mãos hábeis e trêmulas dela trançavam aquele lindo cabelo louro com voltas bem apertadas. Ela devia achar que seu mundo tinha se desmoronado. Seria bom confortá-la de alguma forma.

– Eu tinha outros planos para hoje quando seu pai me chamou.

– Oh? – Ela suspirou e olhou para ele de relance.

Eric pegou a capa do chão e sacudiu-a. Depois a amarrou atrás da sela no cavalo e checkou os arreios.

– Eu tinha pensado em ir até Bar-sur-Aube comprar alguns cavalos.

Rowena se aproximou e Eric esqueceu o que ia dizer. Ela era mesmo muito pequena e o pai não precisava ter usado tanta força para exigir que ela se casasse.

– Milady, farei o possível para ajudá-la.

– Obrigada, sir Eric.

– Você montaria comigo?

Rowena olhou para sua égua.

– Não posso ir com Lily?

– Sinto muito, mas por enquanto, não.

– Você teme que eu volte ao convento a galope?

O sorriso matreiro surgiu antes que ele pudesse repreender-se.

– Algo assim... Alard cuidará de Lily.

Rowena assentiu com a cabeça e mordiscou o lábio. Eric segurou as rédeas e montou. Alard ajudou-a a subir na frente de Eric e partiram na direção de Monfort. Eric segurava as rédeas com uma das mãos, a outra cingia Rowena pela cintura. Ela estava sentada ereta e tensa, procurando manter distância entre os corpos. Eric respirou fundo. A viagem não seria das mais fáceis.

Quando chegaram à estrada principal, Rowena já havia apoiado as costas no tórax dele. Eric sentiu o perfume de flores que recendia do cabelo dela, remetendo-o a uma campina no verão. Ele procurou manter a mão firme na cintura dela. Quando ela percebeu a proximidade, enrijeceu o corpo novamente. Mas, com a cadência dos passos do cavalo, volta e meia ela voltava a apoiar-se nele, até dar-se conta, quando afastava-se de novo.

– A viagem será mais fácil para nós dois se você relaxar. Não vou machucá-la – disse Eric, contraindo o maxilar.

Rowena se desculpou num murmúrio tenso, mas permitiu que Eric a puxasse para trás.

– Obrigado, milady. Assim é mais seguro.

Ela permaneceu quieta durante o restante da viagem, mas Eric percebeu a tensão. Ela havia dito que confiava nele, então, por que permanecia tão contraída? Se continuasse assim, ela iria chegar esgotada na mansão dele. Mas sir Eric preferiu não dizer nada, com receio que ela se ressentisse. Pelo menos ela havia concordado com a viagem. Assim ele poderia mantê-la em sua propriedade em segurança até que lorde Faramus pensasse melhor sobre forçar a filha a se

casar.

Rowena havia ficado chocada ao saber que o pai estava por trás do rapto, chegando a detestá-lo e sentir medo. Esta seria a pena de Eric por levá-la a Monfort, pois talvez duraria muito tempo até o conde deixar de ser tão intransigente.

Para Eric, seria bem melhor se Rowena não fosse tão bonita. Antes a cintura dela não fosse tão fina, seu cabelo não tivesse o perfume das flores e ela não mexesse tanto o corpo, roçando no dele. Assim ele não teria pensamentos pecaminosos que chocariam aquela futura madre empertigada, levando-a talvez a nunca mais lhe dirigir a palavra. De vez em quando ele pensava em aceitar a proposta do conde e casar-se com ela de verdade. Não que ela o aceitasse, mas a ideia era tentadora. Depois de casados, ele teria o prazer de mostrar a ela que os homens não eram tão monstruosos assim. Seria um sonho descobrir os segredos do leito nupcial tendo Rowena de Sainte-Colombe como parceira. Eric sentiu o sangue fluir mais rápido só em imaginar.

Será que o lorde Faramus sabia a tentação que havia colocado diante dele? Claro que sim, Rowena mesmo já havia admitido que o pai era astuto como uma raposa. Se bem que ele achava que o verdadeiro prêmio de Eric com o casamento seriam as terras e não a própria filha.

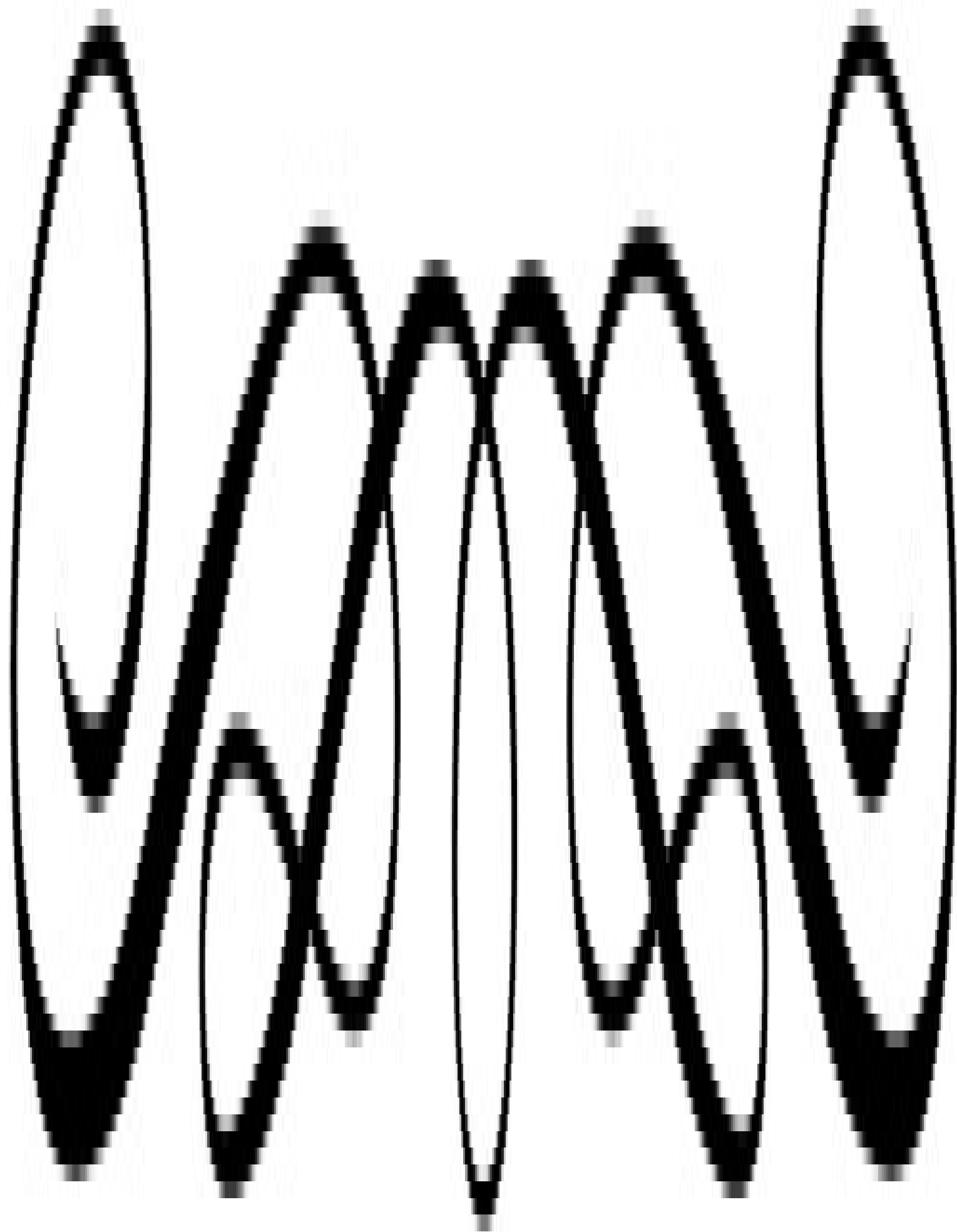
Eles passaram por uma mula carregada com um fardo de tecidos a caminho do mercado. Uma ave guinchou das árvores à esquerda da estrada. Eric focou a atenção num grande carvalho, procurando não pensar mais em como seria se casar com Rowena.

Dali em diante ele decidiu se imaginar como conde de Sainte-Colombe. Era uma honra com a qual ele nunca sequer sonhara. Mesmo depois de horas, ele ainda se lembrava do encontro do dia anterior no Castelo Jutigny. Ficou claro que o lorde estava desesperado. Desesperado e determinado. Rowena tinha ficado muito preocupada por saber as intenções do pai, por isso, Eric preferiu não contar a conversa inteira. O lorde estava decidido, talvez por isso levassem muito tempo para perceber o absurdo da proposta. Ele devia odiar mesmo o primo, sir Armand.

Rowena não precisava saber, por exemplo, que seu pai havia pedido a Eric que a desonrasse. Que espécie de pai pensaria numa coisa dessas? Alguém muito cruel, o que o fez lembrar de sir Armand novamente. Quando chegasse a Monfort, Eric iria investigar a respeito. Que tipo de homem seria sir Armand, a ponto de levar lorde Faramus mandar raptar a filha de um convento, que ela havia escolhido como lar?

Involuntariamente ele inclinou a cabeça para a frente e inalou o perfume de flores de verão. *Mon Dieu*, seu corpo inteiro reagia só em se imaginar casado com ela. Pobre lady Rowena. *Ela irá se tornar uma freira. Vai consagrar seus votos e eu não posso pensar nela desse jeito.*

Capítulo 3



NAQUELA PARTE da viagem, a estrada era ladeada por cercas vivas. De vez em quando pardais cruzavam os céus como pequenas flechas, indo de um lado a outro numa rapidez espantosa. Monfort ficava a apenas duas horas de Provins.

Quando eles passaram o marco que indicava a metade do caminho e viraram numa estrada secundária que cortava a pradaria, Eric notou que havia três cavaleiros um pouco atrás deles. Seria difícil afirmar, mas ele tinha a sensação de que estavam sendo seguidos desde as proximidades do convento. Ele se virou ligeiramente para trás, a fim de vê-los melhor. Aquela estrada ia apenas até a Mansão Manor e ao vilarejo do mesmo nome, que havia crescido ao redor. Por que aqueles homens estariam ali?

Eric blasfemou baixinho. Lorde Faramus havia prometido não interferir.

– Alard? – Ele chamou, virando-se para o lado.

– Sim, senhor.

– Você já tinha visto aqueles três? – indagou ele, inclinando a cabeça para trás.

– *Aye*, sir.

– Quanto tempo faz que estamos sendo seguidos?

– Acredito que eles estão nos acompanhando o caminho inteiro. Pensei que você tivesse visto.

Eric suspirou. Ele devia tê-los notado antes, mas o perfume de flores o havia distraído. Ele praguejou, certo de que lorde Faramus iria se intrometer, o que só pioraria as coisas. Até então Rowena confiava um pouco nele.

– Temos problemas? – Ela perguntou.

– Olhe para trás. Parece que seu pai mandou nos vigiar.

Rowena se apoiou no braço dele para se virar e focar o grupo de cavaleiros. Os cílios escuros, que emolduravam os olhos azuis, eram os maiores que Eric já tinha visto. Os lábios dela tinham a cor de cerejas maduras e eram tentadores.

– Meu pai não se contém. Ele é tão controlador. – Ela apertou o braço dele com mais força. – Eric, você não vai permitir que eles me levem, não é?

O coração de Eric deu um salto. Ela o havia chamado da mesma forma de quando eram crianças, como se o tempo não tivesse passado. A falta de formalidade parecia indicar que nunca tinham deixado de ser amigos. Eric desviou o olhar dela para focar os cavaleiros. Eram três contra dois, se houvesse uma briga. Ele sabia que podia defendê-la, contanto que ela não estivesse na sela quando os golpes comesçassem.

– Eles não vão levá-la. Fique tranquila, vamos para Monfort.

– Não quero ver meu pai, e muito menos que minha mão seja concedida a sir Breon.

Eric não gostou nada de saber que lorde Faramus o vigiava, mesmo tendo prometido o contrário, mas Rowena não tinha culpa. Ao mesmo tempo, a presença dos três homens era sinal de que o nobre queria garantir que sua filha ficaria bem.

– Você não irá com eles – garantiu ele, esforçando-se para abrir um sorriso confiante. – Tenho certeza de que seu pai mandou nos seguir apenas para garantir que você chegasse bem a minha casa.

De certa forma, era bom saber que Rowena preferia estar com ele, o que demonstrava a sinceridade de seus sentimentos. Mas era melhor não se iludir, pois fazia muito tempo que eles

não se encontravam. Rowena só estava feliz em acompanhá-lo porque seria muito pior se estivesse com Breon.

– Lorde Faramus preferiu que eu a buscasse no convento, ninguém mais.

Ela o fitou e começou a rir. Eric se surpreendeu com a reação.

– Como se isso fosse verdade. Meu pai só pede para fazer o trabalho sujo a cavaleiros em quem confia.

Eric não gostou que ela considerasse daquela maneira.

– Milady, pensei que tivesse entendido, só estou cumprindo o que seu pai me pediu. Tenho certeza de que ele mudará de opinião. Você voltará ao convento quando menos esperar.

Rowena o encarou, deu de ombros e soltou o braço dele.

– Isso é o que você pensa.

Eric estranhou o tom de voz dela. Se não acreditava nele, por que estava ali? Por que o chamara diretamente de Eric, sem qualquer cerimônia?

Rowena endireitou o corpo e olhou para a frente, e Eric colocou a mão na cintura dela. Ela já não fazia mais cerimônia para recostar-se nele. Eric não saberia dizer o que ela pensava a seu respeito, mas ela gostava dele quando eram crianças. Será que ela havia mudado de opinião tão drasticamente? Por quê? Seria apenas por que haviam se tornado adultos?

Ela não gosta dos homens. Será que tinha sido sempre assim? O relacionamento de Rowena com o pai sempre foi difícil. Antes ele achava que era um sinal de personalidade forte, duas pessoas iguais costumavam se bater de frente de vez em quando. Mas será que havia algum outro motivo? Ele chegou a pensar que talvez tivesse acontecido alguma coisa, durante o tempo em que não tinham se visto, para que ela passasse a desconfiar dos homens.

Os pensamentos de Eric a respeito da mulher com quem dividia a sela começaram a ficar confusos. Levá-la para Monfort e mantê-la ali até o pai mudar de ideia era para ter sido fácil. Entretanto, ele não tinha cogitado o efeito que ela causaria sobre ele. Lady Rowena deixara de ser uma criança bonitinha para se transformar em uma mulher de rara beleza. Até ali não havia confusão nenhuma. O grande problema era que ele tinha encarado a indiferença dela como um desafio. Na sua inocência, Rowena usava um escudo para se proteger que só ataçava em Eric a vontade de tirá-lo da frente para descobri-la. Seria ela tão empertigada quanto parecia?

Apesar da tensão, ele percebeu que o corpo dela tinha o tamanho exato para se encaixar perfeitamente ao dele. Os fios do cabelo louro esvoaçavam para trás, acariciando o rosto dele vez por outra. O perfume de flores completava a sedução sem que ela percebesse. Tudo nela contribuía para perturbar a paz de espírito de Eric. Aquela aventura toda seria mais complicada do que ele imaginava.

Ele percebeu que não parava de olhar para a cabeça dela, como se quisesse ler os pensamentos ali contidos. Por mais que ela já tivesse explicado as razões, ele continuava a achar que não tinha cabimento uma moça tão atraente se tornar uma freira. Será que ela queria mesmo entrar para o convento? Ou será que sua intenção era apenas provocar o pai?

Quando criança no Castelo Jutigny, Rowena era amiga de toda a vizinhança. Ela não era esnobe. Toda noite, as crianças se reuniam ao redor dela, querendo ouvir histórias antes de irem dormir. Ela gostava de contar uma após a outra. As histórias, claro, vinham da Bíblia, mas de vez em quando ela repetia parábolas de fadas e cavaleiros. Ela seria uma ótima mãe, caso não consagrasse seus votos religiosos.

Mon Dieu, um arrepio correu a espinha de Eric ao imaginá-la mofando no claustro para o resto da vida.

Eric esporeou o cavalo. Vez por outra ele olhava para trás de relance. Os cavaleiros mantinham sempre a mesma distância, nem muito perto, nem muito longe, como se quisessem manter a precisão.

Eric avisou os guardas, que estavam no portão do vilarejo de Manor, sobre os cavaleiros que os seguiam. Mas, quando olhou na direção do pequeno grupo, viu que eles haviam parado; os cavalos balançavam o rabo de um lado para o outro.

Rowena sentiu a preocupação dele e franziu o cenho.

– Meu pai é o homem mais teimoso do mundo – murmurou. – Fico imaginando que ele nos mandou seguir, mas é estranho que não estou reconhecendo os cavalos.

Eric deu de ombros e conduziu o animal até o pátio diante de sua propriedade. Rowena olhou ao redor, mostrando interesse por tudo. O que ela teria achado? Ela já havia viajado a Paris, estava acostumada a visitar Provins, conhecia muito bem o vasto mercado e a praça principal. Em comparação, o vilarejo de Monfort era bem simples, pois não continha mais do que uma via principal e uma fileira de choupanas dos dois lados, além da igreja, da ferraria e da cervejaria. A mansão de Eric tampouco podia ser comparada ao Castelo Jutigny e nem com as outras edificações em Sainte-Colombe. Aos olhos dela, como filha de um conde, Monfort devia parecer um lugar pobre e desprezível.

Ao chegar ali, Eric tinha mandado reformar os estábulos, a torre principal tinha sido escovada de cima a embaixo e dois toaletes extras haviam sido construídos do lado norte da muralha. Mesmo assim, ele estava consciente de que ainda faltavam muitos confortos de que ela dispunha em Jutigny ou em Sainte-Colombe. A mansão era relativamente pequena. A cozinha também não era muito grande e a comida era boa e honesta, mas não passava do básico.

– Bem-vinda a Monfort, milady – disse ele, preparando-se para uma reação negativa.

– Obrigada.

Ele a ajudou a descer do cavalo, enquanto ela continuava olhando tudo com interesse, mas sem demonstrar qualquer emoção.

– Eric, se você acha que meu pai vai mudar de ideia enquanto eu ficar hospedada aqui, pode esquecer. O que ele pretende é que você se case comigo – disse ela com um olhar cândido.

Eric colocou a mão sobre o coração.

– Milady, saiba que eu nem sonharia em atrapalhar sua vontade em continuar se portando e se vestindo como uma noiva. Juro que ficará em segurança aqui.

– Você pretende vigiar a propriedade? – indagou ela, esboçando um sorriso tímido.

– Sim, claro.

– Onde vou dormir?

– Há um bom quarto acima do balcão do mezanino. Dei ordens para que fosse arrumado para recebê-la. – Eric apontou para a torre.

– Obrigada. Você destacou uma criada para mim?

Eric ficou sem jeito. *Bon sang*. Meu Deus, e agora? Ora, é claro que ela precisaria de uma criada pelo menos para ajudá-la a se vestir. Ele correu os olhos pelo vestido dela, que era fechado na parte traseira por laçarotes apertados. Mal sabia ela como a roupa apertada delineava bem suas curvas. Lindas.

Rowena virou de lado e a cruz no peito dela reluziu. Eric teve a impressão de que ela havia percebido que era observada com tanta minúcia.

– Sou capaz de me vestir sozinha. Mas, se pretende colocar a propriedade em vigilância, é melhor arrumar uma criada para dormir no mesmo quarto que eu. Minhas coisas ficaram no convento. Preciso de mais roupas.

– Vou providenciar tudo – disse ele, oferecendo o braço a ela. – Quer ver o quarto?

O SALÃO nobre de Monfort não fazia nem sombra ao salão do pai de Rowena em Jutigny, mas era bem proporcional e havia grandes vigas de madeira em cruz de suporte para o teto. Rowena preparou uma mesa de carvalho perto da lareira. Ali havia uma criada abaixada recolhendo as cinzas e colocando-as num balde de couro. A mesa estava limpa, mas ela podia jurar que nunca tinha sido encerada, a julgar pelos riscos de machadinha na madeira. Havia outras mesas ao redor da principal, e algumas cadeiras estofadas diante da lareira. As paredes eram caiadas e pareciam limpas, também. Contudo, não havia nenhuma tapeçaria pendurada na parede. Não haviam almofadas sobre os bancos. A falta de cortinas e outros enfeites denunciavam que Monfort era quase que totalmente governado por homens.

Quando eles se aproximaram da porta, a criada que cuidava da lareira levantou a cabeça.

– Helvise?

A moça bateu as mãos para tirar as cinzas e se levantou. Rowena reparou que elas eram da mesma idade. A criada mostrava um estado avançado de gravidez.

– Sim, senhor.

– Helvise, esta é lady Rowena de Sainte-Colombe. Ela vai ficar em Monfort por um tempo.

– Sim, o senhor me falou na noite passada.

– O quarto dela está pronto?

– Sim, sir.

Eric agradeceu, meneando a cabeça.

– Obrigado, Helvise. Vou levar lady Rowena até lá em cima e gostaria que nos acompanhasse de acordo com a formalidade.

Helvise alternava o olhar entre Eric e Rowena, observando-a com atenção. Rowena sentiu o rosto corar, embora não soubesse a razão.

– Mera formalidade – Helvise murmurou. – Claro, sir.

Os três subiram a escada, iluminada por pequenos archotes na parede, e chegaram ao mezanino. Rowena olhou para baixo e viu o salão nobre. Havia duas portas próximas de onde estavam. Eric passou por ela e levantou a trava da segunda porta.

Seguidos de perto por Helvise, Eric e Rowena entraram num quarto escuro. Era um espaço bem restrito, cujo espaço comportava apenas duas pessoas. Rowena se encostou à parede, enquanto Eric abria as janelas. A luz invadiu o quarto, e o vento levantou o cabelo de Eric.

Dali Rowena viu um bosque e um riacho que corria por entre as árvores. Havia uma estrada estreita, onde um rapaz puxava um burrico. Depois de alguma movimentação das folhas do arbusto, um dos cavaleiros que os havia seguido saiu das sombras das árvores, iluminado pelo sol, e conversou com o rapaz do burrico.

Rowena suspirou. Claro que se tratava dos homens de seu pai, vigiando-os. Quando ela viu que o rapaz apontava para a torre, ela instintivamente se afastou da janela.

– E então? – Eric aguardava a reação dela ao quarto. – Você acha que está bom aqui?

Num dos cantos do cômodo havia uma pequena lareira, do outro lado, ganchos pendurados na parede. Além da cama, não havia mais nada no quarto, que se assemelhava ao cubículo do convento.

– Está ótimo. Obrigada.

– Sei que é simples e a lareira é pequena – disse ele, passando a mão na cabeça. – Você poderia ficar no meu quarto, que é maior, porém, não acho que ficaria muito confortável.

– Não se preocupe. Meu pai já o incomodou bastante, pedindo que me trouxesse para cá.

A cama ocupava a maior parte do quarto. A colcha parecia ser de linho e os lençóis estavam dobrados ao pé da cama. – Este quarto me parece ótimo.

Eric meneou a cabeça e abriu para Helvise o mesmo sorriso de que Rowena se lembrava dos tempos em Jutigny. Era um sorriso cheio de charme e confiança de alguém que sabia do poder que exercia sobre as mulheres.

– Helvise, você conhece alguém que esteja preparada para ser uma dama de companhia? Alguém que possa cuidar de tarefas mais leves por um tempo?

– Está se referindo a mim, sir?

– Se quiser.

– Obrigada, sir, seria ótimo – Helvise respondeu num tom de voz indiferente.

– Isso significa que terá de dormir com lady Rowena aqui.

– Enquanto ela ficar aqui, não é?

– *Aye*.

– Eric, o marido de Helvise não vai gostar disto – Rowena interferiu. – Ele vai querer ficar com ela, principalmente porque ela está prestes a dar à luz.

Pelo silêncio repentino que se seguiu, Rowena entendeu que havia dito algo inadequado. Eric

estava imóvel, o que comprovou a suspeita dela. Ele deu uma tossidela e chegou a abrir a boca para dizer alguma coisa, mas Helvise o antecedeu:

– Não se preocupe com isso, milady.

Helvise ergueu o queixo, orgulhosa, e foi o suficiente para que Rowena entendesse que ela não era casada.

– Ficarei feliz em poder servi-la. Já mudei bastante de quartos.

Rowena sentiu o rosto enrubescer e meneou a cabeça. Não era muito comum que uma moça estivesse grávida sem ser casada. Chegava a ser chocante, até. Quem seria o pai daquela criança? Rowena estremeceu ao pensar na possibilidade que talvez fosse Eric. Não era um assunto no qual ela queria se intrometer, mas seu pai a havia forçado a estar ali e havia uma grande chance de ela ter de se casar com ele. Portanto, era necessário descobrir que tipo de marido ele seria. Eric era conhecido como um grande galanteador; será que levaria as promessas do casamento a sério? A ideia que ele pudesse escapulir de vez em quando não a agradava. Seria Helvise a amante de Eric? A pergunta começou a martelar na cabeça de Rowena.

Eric tocou o braço dela, tirando-a do devaneio.

– Se quiser, posso mostrar o restante da propriedade.

– Obrigada.

Rowena saiu do quarto logo atrás dele, indo na direção do mezanino. Eric tinha ombros largos e era bem alto. Ela prendeu o olhar no cabelo escuro, enquanto ele apontava para as portas do outro lado do mezanino. Ele dizia alguma coisa sobre construir novos armários, mas ela estava distraída demais para prestar atenção, ainda pensando sobre Helvise e no quanto a ideia de ele ter uma amante a incomodava.

Ora, se não pretendia se casar com ele, por que estava tão preocupada? Estranho.

No ano anterior, quando estava noiva do conde Gawain, ela havia descoberto que ele tinha amante de longa data. Sabendo que ele amava a outra, Rowena havia dito que não se importaria se ele procurasse prazer com outra mulher depois do casamento. E ela não tomou uma atitude assim porque não gostava dele, longe disso. Apesar de não estar muito feliz com a união, ela gostava bastante do conde. Ele parecia um homem justo e razoável. Não obstante, ela não teria se importado se ele mantivesse a amante. Sendo assim, por que só em pensar que ele podia ter outra mulher depois de casados a repugnava tanto?

Na verdade, ela adorava Eric quando pequena, talvez por isso se sentisse tão possessiva agora. Toda vez que o via provocar uma criada em Jutigny, sentia um aperto no coração. Ela foi muito ciumenta no passado e continuava a ter os mesmos sentimentos infantis.

Os pais de Rowena tentaram proteger sua inocência. Mas não conseguiram impedir que ela descobrisse que muitos homens casados tinham amantes. Tanto que havia dito ao conde Gawain que não se importava se ele mantivesse a dele. Ela, de fato, não teria ligado a mínima. Será que ela reagira de tal forma por ainda estar inconformada com a morte prematura de Mathieu? Talvez sim. Na época, ela estava em luto profundo. Parecia cedo demais pensar em se casar com outro homem. Nem imaginar conde Gawain beijando outra pessoa a afetava.

Rowena ouviu Helvise se despedir e agradecer. Ainda não havia se conformado por voltar a ter por Eric os mesmos sentimentos de quando era criança. A ideia de ele ser infiel não lhe era nada agradável. De certa forma, não era tão ruim, pois significava que ela finalmente havia

superado a morte de Mathieu.

Eric estava apontando para uma porta do lado oposto ao mezanino, dizendo que ali ficavam os aposentos dele. Rowena meneou a cabeça e debruçou-se no peitoril, olhando para o salão lá embaixo. Ouviu uma porta batendo e, logo em seguida, viu Helvise atravessar o salão.

– Ela está indo para a cozinha – murmurou Eric, seguindo o olhar dela.

– Helvise é a governanta do castelo?

– Desde que tomei posse dessa propriedade, Helvise é a responsável por todos os assuntos domésticos. – Eric franziu o cenho e emendou: – Ela é muito capaz e muito teimosa.

– Sir?

– Até que ela trabalha bastante para quem está prestes a dar à luz. – Ele cobriu a mão dela com a dele. – Ela se recusa a descansar mais e eu estava procurando uma maneira de tirar a carga de cima dela. – Eric abriu um de seus sorrisos costumeiros e apertou os dedos dela. O coração de Rowena deu um salto. – Eu nunca podia imaginar que seu pai me pedisse para raptá-la. Mas, já que precisei fazer isso, estou feliz que tenha aceitado Helvise como sua criada. Ela precisa ser obrigada a trabalhar menos.

– Fico feliz em ajudar – Rowena murmurou.

– Sei que ela não é uma dama de companhia ideal e precisa ser treinada.

Rowena estudou o rosto de Eric à procura de algum traço que revelasse os sentimentos dele por Helvise. Eles estavam perto o suficiente para que ela notasse que os olhos dele estavam mais amarelados com a pouca luz dali. Será que ele e Helvise eram mesmo amantes? O filho que ela carregava seria dele? Não havia indício de nenhuma resposta na expressão do rosto dele. Bem, o tempo traria a resposta, bastava ela ser paciente.

– Quem vai tomar conta do castelo se Helvise for minha criada?

Eric demorou um pouco a responder.

– Talvez a mulher do ferreiro, Maude. Vou perguntar a ela.

Sem nenhuma explicação lógica, Rowena balançou a cabeça.

– Aprendi a lidar com uma casa, gostaria muito de ajudar enquanto estiver aqui.

– Você gerenciaria esta propriedade? – perguntou ele, encarando-a.

– Por que não? Acha que não sou capaz? – indagou ela, retraindo o corpo, não gostando da dúvida. – Saiba que fui treinada para cuidar de lugares bem maiores do que este.

Se ela fosse a governanta, saberia de detalhes valiosos sobre Eric. Os criados falavam de seus senhores, muito mais do que eles podiam imaginar. Ela conheceria muito mais a natureza dele se pusesse a mão na massa do que se ficasse sem fazer nada. Para começar, ela achou que seria melhor pensar que iria se casar com Eric de verdade. Será que poderia mesmo?

– Rowena... milady... você entendeu mal. Eu só quis dizer que não a trouxe aqui para trabalhar. Eu a trouxe porque...

– ... precisava me salvar de sir Breon. – Ela ergueu uma das sobrancelhas. – Foi por isso mesmo?

– Você sabe que sim.

– Você acha que meu pai vai mudar de ideia? Acha mesmo que poderei voltar ao convento?

– Se eu tivesse uma filha, jamais a forçaria a se casar – disse ele, lançando um olhar sério.

– Talvez forçasse, se as terras do meu pai fossem suas. – Rowena o fitou nos olhos. – Eric, você se esqueceu sobre sir Armand. Meu pai o odeia, por isso não vai mudar de ideia. – Ela

engoliu em seco e acabou por perguntar o que estava preso em seu coração. – Você quer se casar comigo?

– Você se esqueceu do convento? Você está prestes a consagrar seus votos. – Ele estudou os traços delicados do rosto dela e abaixou a voz para prosseguir: – Fiquei chocado quando soube da sua decisão de se tornar uma freira.

– Chocado?

– Não me pareceu ser uma opção da menina que conheci. Você... uma freira? A única razão que me passou pela cabeça foi de que você quis provocar seu pai.

– Em parte, sim.

Rowena achou que não deveria contar a Eric sobre Mathieu. O namoro tinha sido secreto. Ninguém sabia que ela havia se apaixonado por ele e que tinha esperanças de se casarem. Entretanto, não havia acontecido nada entre ela e Mathieu além de alguns beijos roubados.

No entanto, havia algo que precisava contar a Eric. Ele precisava saber que, se quisesse, ela pensaria em se casar. Ele já havia atendido seu primeiro pedido arrumando uma criada. Além do mais, havia dito que enquanto ela estivesse ali, a mansão seria vigiada. E confiava nele. Talvez fosse uma boa ideia aproveitar os próximos dias para se conhecerem melhor e quem sabe poderia dar certo.

Decidida a falar, ela respirou fundo.

– Eric, gostaria de fazer uma pergunta importante.

– *Aye*.

– Se.... se eu quisesse, você se casaria comigo?

– Você está falando sério? – indagou ele, encarando-a no fundo dos olhos.

– Eric, eu jamais poderia me casar com sir Breon. Acredito que meu pai também saiba disso, razão pela qual pediu a você para me tirar do convento. Ele estava contando com seu cavalheirismo nato.

– Cavalheirismo nato? – Eric perguntou, torcendo a boca e discordando.

– Está claro que ele o respeita. Caso contrário, ele jamais pediria que você se casasse comigo.

Rowena segurou na balaustrada como se procurasse forças para continuar, mas, já que havia começado, tinha de ir até o final. Depois que entrara para o convento, ela havia começado a entender o mundo de outra forma, tanto que enxergava seu lugar. O desejo de ser uma freira era verdadeiro, e pensar na possibilidade devia deixá-la feliz. Mas não era isso que tinha acontecido. Ela não queria voltar para o convento nunca mais.

Por que não? Ela sentiu o coração disparar e respirou fundo mais uma vez.

– Eric, eu não estava muito à vontade no convento nos últimos dias, embora não soubesse a razão. Comecei a ter medo de fazer meus votos.

– Continue.

– Pensei que Deus estava me testando.

– Mas existe a possibilidade de que seu destino não seja o convento.

– Não sei, Eric. O fato é que eu estava me sentindo meio morta nas últimas semanas. Se você concordar, gostaria de considerar a hipótese de nos casarmos.

Eric ficou confuso.

– Você acha que vai recuperar sua vida casando-se?

Com grande dificuldade, ela o encarou antes de responder:

– Não sei, mas gostaria de pensar a respeito. Nós éramos amigos quando crianças, gostávamos um do outro.

– É verdade.

– Há pessoas que se casam por muito menos. Acho que deveríamos aproveitar os próximos dias para descobrir se nos daríamos bem.

– Você seria feliz como minha esposa?

– Fico contente em considerar a possibilidade, mas só se você quiser o mesmo que eu. Não quero me casar com você se não me quiser.

Eric correu o olhar por ela dos pés à cabeça. Ela ficou sem graça ao notar o brilho nos olhos dele enquanto a observava criteriosamente.

– Qualquer homem ficaria feliz em se casar com você. – O rosto dele se iluminou de repente e ele tomou a mão dela, levando-a ao coração. – Você continuaria uma mulher desejável mesmo se não possuísse nenhuma moeda. – Com um sorriso, ele ergueu a mão dela e beijou-a delicadamente. – Lady Rowena, nenhuma mulher se compara a você.

Ela sentiu a pele do corpo inteiro se levantar em doces arrepios. Mas seria natural que Eric a quisesse, por causa das terras. Assim como qualquer outro homem. Rowena sempre soube seu valor como herdeira do condado de Sainte-Colombe. Nenhum homem de bom senso a valorizaria mais do que as terras. Ignorando os arrepios, pois poderiam trazer tristezas, ela o encarou com expectativa, esperando que ele concordasse. Ela precisava ouvi-lo verbalizar sua vontade.

– Você se disporia a considerar a proposta do meu pai?

– Se chegarmos a um acordo, teremos um casamento de verdade? – Ele perguntou, com o olhar fixo nos lábios dela.

Rowena foi invadida por uma inexplicável onda de calor.

– Bem... acho que só no nome, pelo menos no começo.

Ele fez uma careta.

– Eric... faz muito tempo que não nos vemos. Nós nos tornamos dois estranhos.

Ele deu uma tossidela e apertou os dedos dela.

– Se decidirmos nos casar, será como sua vontade mandar, porém, aviso que a ideia de um casamento só de nome não é nem um pouco atrativa. Não se pode considerar válido um casamento sem a sua consumação.

Rowena mordiscou o lábio.

– Não me sinto pronta para a consumação.

– Farei o possível para que você mude de ideia a esse respeito o mais rápido possível. Quero herdeiros.

– Um dia, claro – disse ela, corando. – Eu sei das obrigações de uma esposa.

– Precisamos voltar – murmurou ele, acompanhando-a para as sombras distante da balaustrada e tomando-a pela outra mão.

O coração de Rowena deu um salto e ela se preparou para sair dali quando Eric se colocou à frente dela. Com a proximidade dos corpos, ela se deixou embriagar pelo perfume másculo, uma mistura de couro, madeira e homem.

– Relaxe, Rowena – disse ele num sussurro. – Posso chamá-la assim de agora em diante?

– Por favor – ela respondeu, soltando uma das mãos e espalmado-a no jaquetão dele com uma intenção longínqua de afastá-lo. Quando isso não aconteceu, ela se surpreendeu por não estar com medo. – O que... o que você está fazendo?

– Vou selar nosso acordo de noivado com um beijo.

Rowena prendeu o olhar naquela boca bem desenhada que se curvava num sorriso muito sedutor. Estranho que ela não estivesse amedrontada, mas ansiosa pelo beijo.

– Não estamos noivos de verdade, Eric – disse ela, procurando manter a voz firme. – Estamos apenas considerando um compromisso. Ainda precisamos conviver um pouco para ter certeza de que temos uma boa sintonia.

O sorriso dele aumentou e os olhos reluziam com um brilho especial.

– Se é assim... – Sem deixar de sorrir, ele baixou a cabeça ao mesmo tempo em que Rowena apertou os dedos sobre o jaquetão dele.

Em vez de cobrir os lábios dela de imediato, ele roçou os lábios úmidos em sua testa. O coração dela disparou. Em seguida, ele desceu para beijá-la dos dois lados do corpo. Rowena percebeu que o desejo brincava com todos os seus sentidos. O perfume único e másculo era familiar e, ao mesmo tempo em que a envolvia numa aura de segurança, apresentava a ela o céu de um mundo desconhecido até então.

Quando os lábios finalmente se encontraram, Rowena perdeu a capacidade de pensar, relaxando com o calor do corpo dele. Uma nesga de consciência a fez perceber que estava com a respiração difícil, como se lhe faltasse ar. A essa altura o coração dela batia tão forte que chegava a desafiar um instrumento de percussão. Deixando-se levar pelo beijo e pelo prazer provocado, ela entremeou os dedos no cabelo dele, puxando-o para mais perto.

Eric a enlaçou pela cintura e colocou o corpo ao dela. Rowena ouviu-o murmurar de satisfação e percebeu que estava na pontinha dos pés para alcançá-lo melhor. O carinho com que ele a segurava e a provocava com a língua fez com que ela desejasse galgá-lo. Ao perceber o que estava fazendo, ela se sentiu envergonhada e procurou esconder o rosto contra o couro da roupa dele. Ora, o que havia acontecido? Ela havia beirado a loucura com aquele beijo, totalmente perdida. Em nenhum momento pensou na consagração dos votos para ser freira, e Mathieu havia sumido de seus pensamentos.

– Rowena... – O tom de humor na voz dele era uma mistura de timidez e vergonha e a levou a abrir os olhos. – ... acredito que nosso casamento se consumará em breve.

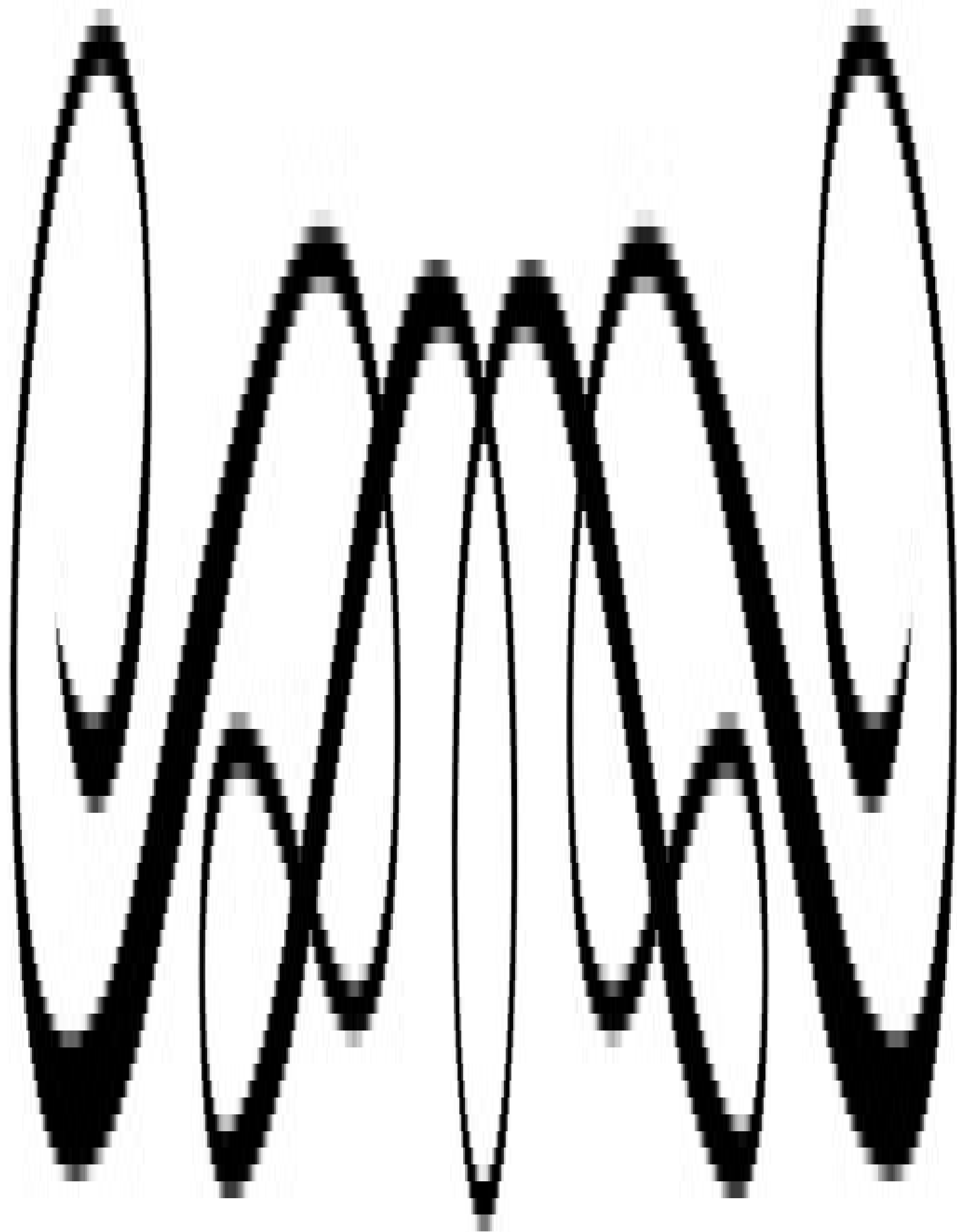
Como se tivesse despertado para a realidade, ela se afastou num repente.

– Um beijo não significa que me casarei com você. Ainda não decidimos. E se descobrirmos que nos odiamos?

Eric ergueu uma das sobrancelhas e recolocou um cacho rebelde do cabelo dela sob o véu. Em seguida, ofereceu o braço dobrado a ela.

– Você é quem sabe. Vamos voltar ao salão para checar o que Helvise preparou para nós?

Capítulo 4



NAQUELA NOITE, deitado em seu quarto na outra extremidade do mezanino, Eric não conseguia parar de pensar em Rowena. Lady Rowena de Sainte-Colombe estava ali em Monfort, e ele... tinha a bênção do pai dela para desposá-la.

Será que deveria cortejá-la? Desde que Rowena havia confessado que estava preparada para considerá-lo como marido, seria loucura pelo menos não tentar conquistá-la e fazê-la gostar dele. Se a cortejasse, se desse a ela mais motivos para querer se casar com ele... bem, isso só poderia contar a seu favor. Ele sempre pensou em se casar um dia. Por que não com Rowena?

Rowena não seria, necessariamente, uma esposa dócil. Sua criação privilegiada garantia isso, sem falar no orgulho, característica que havia herdado do pai. Tampouco Eric tinha a ilusão de que ela o amava, o que tornava ainda mais crucial conquistar o apreço dela. Precisava assegurar essa certeza, eliminar a possibilidade de ela rejeitá-lo. Uma oportunidade como aquela jamais cruzaria seu caminho de novo.

Pelo menos, o casamento com Rowena daria a ele a sensação de aceitação pela qual ele ansiava desde que se viu tremendo de frio do lado de fora do portão de Jutigny. Ele teria uma família, uma família que ele conhecia e compreendia. E ainda era possível... talvez... que ele tivesse alguém para apoiá-lo quando o insultassem por conta de sua origem humilde. Ele aprendeu a enfrentar a situação, claro, e isso o fortaleceu, mas era bom saber que não estava mais sozinho. Além do quê, ele teria a propriedade de uma terra tanto em Champagne, quanto em Sainte-Colombe. Isso seria um presente de valor incalculável.

Eric era o primeiro a admitir que os eventos dos últimos dias o haviam deixado relutante. O pedido de lorde Faramus foi inesperado. E não só isso: Eric tinha sentimentos conflitantes a respeito da própria Rowena. Ele a desejava do modo mais primitivo possível. Com seu corpo delicado, olhos cor de miosótis e cabelo dourado esvoaçante, ela era a personificação do feminino pleno. Em sua mente, ele invocou a imagem de Rowena e sorriu no escuro. Ela era uma criatura tão frágil... no entanto, ele não ignorava a natureza daquela moça... a aparente fragilidade encobria uma personalidade forte. Rowena foi capaz de enfrentar o pai; recusou-se a se casar com conde Gawain; usou o convento como refúgio. Era também inteligente e sabia o momento de recuar. Aquela mulher tinha orgulho, mas também era esperta demais para permitir que este orgulho a aprisionasse num convento até o fim de seus dias.

Dieu merci, graças a Deus, parecia que ela estava preparada para mudar de ideia quanto a tornar-se freira. Ele mal podia esperar para vê-la perder um pouco daquela arrogância e indiferença.

Dieu merci, ela estava preparada para considerá-lo como marido. Ele queria ser o homem que iria desemaranhar aquela trança dourada; queria ter o direito de passar os dedos por aqueles cachos macios que tinham o perfume de uma campina na primavera.

Eric mexeu-se na cama e colocou as mãos atrás da cabeça. *Dieu merci*, ela ficava tão bonita... o problema é que a simples visão dela o perturbava. Ele queria Rowena e queria ser aceito, dois desejos que estavam tão interligados que era impossível separá-los. E o casamento com Rowena lhe concederia ambos os desejos.

Eric suspirou. Não amava Rowena, nem ela o amava. Mas isso não importava, o que importava era que ele precisava fazê-la gostar dele. Se eles se casassem e o casamento não fosse abençoado com o amor, que fosse; poucos casamentos eram. Mas ele faria o possível para

garantir que fosse uma união harmoniosa. Seria um casamento bem-sucedido.

Ele já havia ultrapassado o primeiro obstáculo, Rowena concordara em aceitá-lo como marido. Ele tinha quase certeza de que ela gostava dele, e ele alimentaria esse bem-querer. Valeria a pena deixar tudo de lado nos próximos dias para cortejá-la. Adequadamente.

Eric franziu a testa ao se lembrar do nervosismo de Rowena com relação à consumação. Esperava que essa relutância fosse contornável. Certamente aprendera isso com as freiras. Precisava mostrar a ela que não havia nada do que ter medo. Ele gostaria de explorar os aspectos carnis do casamento com Rowena de Sainte-Colombe. Se aquele beijo servisse como algum sinal, ela estava mais do que pronta para começar.

Mon Dieu, se ele fizesse tudo certo, poderia em breve ter uma esposa muito receptiva em sua cama!

NO QUARTO do outro lado do primeiro andar, a chama de uma única vela tremulava sobre um suporte na parede. Rowena também estava sem sono, se bem que por motivos diferentes. Helvise não estava mostrando ser uma criada das mais dóceis. Na verdade, ela era tão difícil que Rowena só podia concluir que a moça nutria uma forte antipatia por ela. Naquele momento, Helvise estava deitada num colchão fino e estreito ao lado de sua cama, apesar das tentativas de Rowena para que trocassem de lugar. Apoiando-se em um cotovelo, Rowena olhou para a moça com uma ruga na testa.

– Helvise?

O colchão de Helvise farfalhou. Ao contrário do colchão de Rowena, que era recheado de penas, o da governanta era de palha, e Rowena sentia-se culpada. O cômodo era tão apertado que parte do colchão de Helvise ficava embaixo da cama de Rowena. O resultado era que a pobre moça estava encolhida em um canto, e com a barriga enorme da gravidez avançada. Ela

deveria estar deitada numa cama decente.

– Sim, milady?

– Não consigo dormir.

– Eu lamento saber disso, milady.

– A culpa é sua.

– Por que, milady?

– Você não deveria estar dormindo nesse colchão todo encaroçado.

– É o meu colchão, estou acostumada.

– Mesmo assim, eu insisto que troquemos de lugar.

– Milady, isso não seria correto. Sir Eric ficaria aborrecido.

– Pelo amor de Deus, Helvise, sir Eric não precisa saber. Eu não vou contar. – Rowena soltou um suspiro exasperado e afastou as cobertas. – Você está esperando um bebê e precisa de uma boa noite de sono. Eu insisto que troque de lugar comigo.

Houve mais um som farfalhante quando Helvise se sentou.

– Por favor, milady, a senhorita deve dormir na cama.

– Não. – Rowena levantou-se, pegou a mão de Helvise e puxou-a, ajudando-a a se deitar na cama. – Fique aí e durma. Se não fizer isso serei obrigada a dizer a sir Eric que você não me serve como criada.

Helvise mordeu o lábio e Rowena sentiu uma ponta de culpa, a qual logo tratou de suprimir. Seu último comentário foi apelativo. Verdade que os modos de Helvise haviam sido distantes a noite inteira, e era óbvio que ela se ressentia de ser sua criada, mas também estava evidente, não importava o que a moça pensasse sobre sua nova função, que ela estava ansiosa para agradar a Eric.

Rowena não queria pensar nas implicações disso.

Helvise pelejou com as cobertas, até remover o lençol de cima e oferecê-lo a Rowena.

– Está bem, mas milady precisa usar esta roupa de cama. Ontem sir Eric mandou comprar em Provins especialmente para a senhorita.

Satisfeita pelo fim da discussão, Rowena aceitou o lençol e socou os grumos do colchão.

– Boa noite, Helvise.

– Boa noite, milady.

A voz de Helvise soou tão pesarosa que Rowena refletiu: talvez estivesse sendo injusta com a moça. Concluiu precipitadamente que Helvise não gostava dela, mas podia estar enganada. Era óbvio que aquela moça estava profundamente infeliz.

Rowena fechou os olhos e respirou fundo, com a resolução de que trataria de descobrir o porquê na manhã seguinte. Rolou para o lado e deu-se conta de que suas mãos estavam cerradas em punhos. Flexionou os dedos para relaxar. Poderia não gostar da resposta, mas precisava saber. Quem era o pai do bebê de Helvise? Se não era Eric, quem era? E o que aconteceu com ele? Por que Helvise estava sozinha?

ROWENA TINHA o hábito de levantar cedo, e ela e Helvise desceram para o salão para tomar o desjejum assim que o sol nasceu. Vários criados e soldados já estavam de pé. Rowena já conhecia alguns pelo nome.

– Bom dia, sargento Yder.

– Bom dia, milady.

Trocando sorrisos e cumprimentos com os moradores da casa de Eric, Rowena sentou-se no mesmo lugar que havia ocupado na noite anterior. O lugar de Eric estava vazio; nem ele nem seu escudeiro se encontravam no salão.

– Onde está sir Eric? – perguntou ela.

Uma criada, a qual Rowena se lembrava chamar-se Pascale, aproximou-se com uma cesta de pães.

– Sir Eric está nos estábulos. Gostaria de um pedaço de pão, milady? – A moça estendeu a cesta para ela, com um sorriso.

– Obrigada, Pascale.

Em vez de se afastar depois que Rowena se serviu de pão, Pascale enfiou a mão dentro da cesta e tirou de lá um ramalhete de violetas amarradas com uma fita verde.

– Para a senhorita, milady, de sir Eric.

Consciente do olhar melancólico de Helvise e do sorriso zombeteiro do Sargento Yder, Rowena sentiu que enrubescia enquanto segurava as violetas.

– Obrigada, são lindas.

As flores tremularam quando ela as colocou sobre a mesa, ao lado do pão. Nunca alguém lhe havia dado flores antes. Mesmo sabendo que Eric fizera isso para conquistá-la, sentiu-se estranhamente comovida.

– Sir Eric disse que, se a senhorita estiver disposta para uma cavalgada matinal, ele ficará encantado em acompanhá-la – acrescentou Pascale. – Depois que tomar seu desjejum, a senhorita deve encontrá-lo nos estábulos.

ERIC E Alard estavam conversando no pátio quando Rowena chegou. Duas montarias estavam seladas, as rédeas enroladas numa argola presa à parede. Rowena ficou contente ao ver que uma delas era Lily.

– As violetas são lindas – disse, erguendo a barra da saia para pisar na palha esparramada no chão. – Obrigada.

Eric fez uma medida.

– O prazer é meu. Gostaria de cavalgar agora de manhã?

– Eu adoraria.

Eric percorreu o olhar por ela, com uma ruga na testa.

– Alard, vá pedir a Helvise para pegar a capa de Rowena, sim? Está ventando.

Enquanto Alard corria para o casarão, Rowena se aproximou para acariciar o focinho de Lily, que moveu o pescoço para demonstrar seu contentamento.

– Que bom que você trouxe Lily – murmurou ela. – Eu sentiria falta dela.

– Eu sei. Você ama seus cavalos.

Eric se aproximou, e mais uma vez Rowena reparou na estatura dele; sentiu-se um pouco intimidada, até. Quando mais jovem, ele já era alto, mas magro. Desde então, porém, tornara-se forte e musculoso. Será que iria querer dominá-la como seu pai dominava sua mãe? Mas então ele sorriu com doçura, ela vislumbrou o amigo que ele havia sido e seu medo se desfez.

– Você deveria ter me deixado vir até aqui montando Lily – disse ela. – Teria sido mais confortável para você.

Eric meneou a cabeça firmemente.

– Você poderia ter fugido a galope. – Os olhos de Eric brilharam quando ele segurou a mão de Rowena e levou-a aos lábios. – Nunca imaginei que seria incumbido de proteger uma joia tão preciosa quanto você. Não podia correr o risco de perdê-la.

Lentamente, sem desviar o olhar do rosto de Rowena, ele virou a mão dela e beijou a palma. Rowena sentiu a boca seca.

– Sir, por favor... – Envergonhada, ela retirou a mão. Por todos os santos, o que havia de errado com ela? Bastava que aquele homem se encostasse e ela sentia como se estivesse derretendo...? Nunca se sentira assim com Mathieu.

O olhar de Eric fixou-se nos lábios dela.

– Além do mais, eu gostei de cavalgar com você nos meus braços. – Ele se aproximou ainda mais e acrescentou, baixinho: – Podíamos repetir a experiência hoje, o que acha?

Rowena viu um dos cavaleiros sorrindo para ela e deu um passo atrás.

– Acho que não.

– É uma pena.

Rowena voltou-se para Lily. O flerte despudorado de Eric estava tornando difícil até respirar.

– Assim você me constrange. Ainda não está decidido se iremos mesmo nos casar. Precisamos nos reaproximar primeiro, para nos conhecermos melhor.

Eric recuou, subitamente sério.

– Mil perdões. – Ele virou-se para verificar a cilha do cavalo, e Rowena conseguiu voltar a respirar normalmente. – Eu espero que você concorde, Rowena. Prometo que, se você me aceitar, farei o máximo possível para ser um bom marido.

Rowena apertou a rédea de Lily entre os dedos. Não conseguia deixar de pensar em Helvise e teve de se conter para não perguntar se na concepção dele a fidelidade era requisito para ser um bom marido. Era uma pergunta que tinha implicações, e a reaproximação deles ainda era recente demais para ser posta em risco. Mas bem que ela gostaria de saber o que Eric pensava a respeito, porque realmente considerava a possibilidade de casar-se com ele. Não queria se unir a um homem que já tivesse uma amante. Fez isso no passado e, embora seu coração não estivesse comprometido, o transtorno havia sido grande.

Desconsolada, ela olhou para Eric. Não conseguiria se casar com ele e ter de dividi-lo com outra mulher.

Seu coração acelerou. Desconsiderando a tendência dele de flertar com toda mulher que encontrava, a ideia de casar-se com Eric se tornava cada vez mais cativante.

Alard apareceu no topo da escada, com a capa de Rowena no braço.

– Aqui está, milady – disse ele. – Trouxe suas luvas, também.

Eric adiantou-se para pegar a capa.

– Obrigado, Alard. Por favor, abra o portão.

– Sim, sir.

Colocando a capa sobre os ombros de Rowena, Eric beijou-a rapidamente na testa antes que ela tivesse tempo de se esquivar. Os lábios dele se retorceram num sorriso.

– Permita-me ajudá-la a montar, milady.

O tom de voz dele era um tanto sugestivo. Sentindo uma contração na altura do estômago e as faces quentes, ela forçou-se a não sorrir. Céus, aquele homem era incorrigível...

Enquanto calçava as luvas, ela bateu com o pé no chão num gesto deliberadamente exagerado.

– Pare, Eric! Se não parar imediatamente com isso, eu não vou cavalgar com você!

Os olhos verdes brilharam, e ele arqueou uma sobrancelha.

– Parar o quê?

– Você sabe exatamente do que eu estou falando. Essa atitude dúbia... o flerte disfarçado. Pode ter resultado com as moçoilas de Jutigny, mas não comigo.

– *Dommage* – murmurou ele. – Que pena. – Enlaçando-a pela cintura, ele a ergueu e acomodou-a na sela, mas continuou segurando-a.

– Eric, por favor!

Ele sorriu. Alard içou o portão, que subiu com um rangido. Os cavalos trotaram para a frente, lado a lado, para fora da herdade. Eric tinha razão a respeito do vento, estava forte para o mês de maio. Acima deles, as nuvens pareciam flocos de algodão no céu azul. Nos galhos mais altos de um freixo verdejante, um pássaro crocitou.

– Vamos parar no ferreiro, primeiro – avisou Eric.

Rowena lançou a ele um olhar agudo e penetrante.

– Se está pensando em propor que a esposa dele seja sua criada, eu sinceramente gostaria de ajudar com o serviço de casa.

– Rowena, você é minha hóspede.

Ela balançou a cabeça com firmeza.

– Se queremos testar as capacidades e habilidades um do outro antes de tomar uma decisão, temos de fazê-lo de maneira adequada. Como você vai saber se serei uma boa esposa?

Um dos cantos da boca de Eric se curvou para cima.

– Rowena, você não precisa me provar nada. Eu *quero* me casar com você. – Com a mão enluvada, ele apertou levemente a dela. Quando ela franziu a testa, ele balançou a cabeça. – Não precisa me olhar como se quisesse me fulminar. Estou dizendo a verdade.

– Você quer a minha herança.

Ele encolheu os ombros largos.

– Só um tolo não iria querer. – Eric enfrentou o olhar dela, e sua expressão se suavizou. Soltou a mão dela, percorreu o dedo enluvado pelo rosto delicado e deu uma tossidela discreta.

– Pode ter certeza de que eu quero você como esposa, Rowena. Você se tornou uma mulher muito bonita.

A visão de Rowena ficou turva e ela olhou sem enxergar para uma choupana na beira do caminho.

– Eric, por favor...

Ele voltou a segurar a mão dela.

– O que foi? Por Deus, Rowena, você está chorando?

– Claro que não!

– O que foi que eu disse? Eu fiz alguma coisa? Por todos os santos, eu pensei em lhe fazer a corte esta manhã... queria fazê-la sorrir, não chorar. – Ele se inclinou para perto dela e fitou-a nos olhos com uma expressão séria.

Ela retribuiu o olhar.

– Não é nada, Eric... e eu não preciso ser cortejada.

Ele arqueou as sobrancelhas, surpreso.

– Não precisa? Você está enganada, precisa sim, mais do que qualquer outra moça.

– Por quê?

– Você foi protegida demais, Rowena. Não estou criticando seus pais, eles a criaram da maneira que acreditavam ser a melhor possível. Você é filha única e é muito preciosa para eles. Mas precisa aprender seu próprio valor como mulher, também.

Rowena segurou a respiração enquanto ele falava. Eric estava enganado nas suposições sobre seus pais. Ela não tinha certeza de ser tão preciosa assim para eles. Para a mãe talvez, mas para o pai... pela sua experiência, lorde Faramus a tratava mais como uma mercadoria do que como filha... para ele, ela era algo a ser negociado a fim de garantir que os acres da família passassem para mãos competentes. Ela rejeitara a primeira escolha dele, o conde Gawain, e agora tinha a sua frente uma segunda opção, um homem que o próprio pai havia treinado.

Rowena lançou um olhar de soslaio para Eric. Não podia negar que a segunda escolha do pai combinava muito melhor com ela do que a primeira. Claro que podia ser porque agora estava amadurecida o suficiente para pensar em casamento. No ano anterior, com a morte de Mathieu ainda doendo no fundo de seu coração, ela certamente não estava em condições sequer de pensar a respeito.

O rosto bonito de Eric voltou-se para Rowena, dando todos os sinais de que ele só tinha olhos e pensamentos para ela. Rowena, porém, era realista e sabia que ele estava pensando na herança; uma herança que alguém como ele, um menino abandonado, jamais poderia almejar, a menos que se casasse com alguém como lady Rowena de Sainte-Colombe.

Ela suspirou. Devia ser errado que ela, uma mulher que entrara para o convento com a intenção de tornar-se freira, quisesse que ele a desejasse pelo que ela era. Mas a verdade era

que isso era exatamente o que ela queria. Eric havia dito que sempre gostara dela, e a recíproca era verdadeira. Quando criança, ela gostava muito dele. Chegava até a sonhar com ele! Conhecia-o, confiava nele e sentia-se à vontade com ele. E isso era importante. Não deixava de ser afortunada por poder se casar com sir Eric de Monfort. A única questão... era que não conseguia parar de pensar em quem era o pai do filho de Helvise. Eric era tão mulherengo... será que seria sempre assim? Ele conseguiria ser fiel?

– Por que negar-se o prazer de ser cortejada? – perguntou ele, baixinho.

– Ser cortejada é um prazer?

– Deveria ser...

Rowena pensou nas moças de Jutigny; pensou em Helvise.

– Você é um homem experiente e sedutor. Não estou convencida de que posso levar sua corte a sério.

Eric arregalou os olhos e levou uma das mãos ao peito.

– Milady, o que quer dizer com isso?

– Sua reputação é bem conhecida. Você gosta de mulheres.

Ele arqueou uma sobrancelha.

– E isso é ruim? Você parece achar que é...

– Se você vai me cortejar, tem algo que eu preciso saber antes.

– Claro, diga...

– Sua opinião sobre fidelidade. – Rowena desviou o olhar para a fumaça que subia da fornalha da ferraria e retorceu a rédea entre os dedos. – Se nos casarmos, você será um marido fiel?

– Você gostaria que eu fosse?

Ela assentiu e a capa esvoaçou à volta dela.

– Acha que consegue?

Eric piscou e contemplou o perfil de Rowena. A resposta lampejou quase no mesmo instante na mente dele.

Sim, eu seria completamente fiel.

Ele sentiu um ligeiro desconforto. A convicção por trás desse pensamento era inquietante. Ele gostava de mulheres, e sempre pensou em se casar um dia, mas nunca deu muita importância ao significado do voto de fidelidade.

Eric afastou as apreensões. Afinal, sua felicidade não estava inteiramente nas mãos de Rowena. Não existia no mundo uma mulher em quem ele confiasse e de quem dependesse a esse ponto. Sem dúvida, a ideia de fidelidade o inquietava porque ele nunca tinha considerado seriamente a possibilidade de casar-se, até então.

Adentrar um território desconhecido era sempre um pouco assustador.

Rowena continuou olhando fixamente para a fornalha, evitando fitá-lo. Quando sua capa esvoaçou com o vento, ele vislumbrou um longo cacho de cabelo, dourado como o sol.

Deu uma tossidela. A ideia do casamento o enervava. Suas observações mostravam que a maioria dos homens considerava uma penitência permanecer fiel à esposa quando o mundo estava repleto de lindas mulheres. Mas, ainda assim, era lisonjeiro saber que Rowena queria que ele fosse fiel. Ele seria fiel.

O pensamento se arraigou em sua mente. Seria fiel a Rowena. Ele tinha capacidade para isso,

sabia que tinha. Era perturbador. Inquietante. E no entanto...

Pertenceremos um ao outro.

Eric sentiu uma espécie de tensão, mas não conseguiu identificar a causa. Por ter crescido em Jutigny, ele nunca se sentiu verdadeiramente aceito, não teve a sensação de pertencer a alguém ou a algum lugar. Mesmo ali em Monfort, na propriedade que ele havia conquistado pela força das armas, sentia-se como apenas um inquilino, alguém que estava cuidando do lugar para o próximo proprietário.

– Milady tem meu juramento, se aceitar se casar comigo, eu lhe serei fiel.

Rowena virou-se para ele, e seus lábios se curvaram de leve.

– Imagino que vá valer a pena, pelas terras que virão comigo.

– Essa foi uma observação um tanto cínica, mas não faz mal. – Ele sorriu. – Vejo que terei de lhe provar que valorizo muito mais a sua pessoa do que a sua herança.

Os olhos azuis o fitaram, e ele estendeu a mão.

– Rowena, eu quero me casar com você e vou fazer o máximo possível para provar que sou digno de sua confiança.

Quando ela imitou seu gesto e ofereceu a mão enluvada, Eric sentiu-se aliviado. Apertou os dedos dela antes de gesticular na direção da estradinha.

– Gostaria de conhecer a aldeia?

– Sim, obrigada.

– Preciso avisá-la que não se compara com Provins.

Eric e Rowena atravessaram Monfort, e tudo começou bem. Os moradores da aldeia deviam ter ouvido falar da chegada de lady Rowena de Sainte-Colombe e estavam curiosos para vê-la. Nos campos de plantações, os lavradores interrompiam o trabalho e se apoiavam em suas pás e enxadas para observar os dois passarem; rostos espiavam por entre as venezianas das choupanas; portas abriam-se; mulheres carregando água do ribeirão paravam para olhar. Rowena acenava com a cabeça e sorria para elas, e o coração de Eric se enterneceu.

– Você não mudou. Continua tão cordial e amável quanto era na infância – observou ele.

Rowena deu de ombros.

– No geral, eu gosto de conviver com as pessoas.

Ouvir aquilo de uma mulher que um dia pretendeu trancafiar-se em um convento era um pouco estranho.

Eles passaram pela ferraria, em direção à trilha que levava para dentro do bosque. Miosótis da cor exata dos olhos dela floresciam na margem. Em algum lugar ali perto um pica-pau tamborilava no tronco de uma árvore, demarcando território.

Eric sorriu; não poderia ter escolhido um dia melhor para mostrar a ela suas terras. Rowena observava tudo ao redor enquanto os cavalos trotavam devagar sob a copa das árvores. Carvalhos, freixos, faias...

– Que estranho... – murmurou ela perplexa, puxando a rédea.

– Hum?

– Tem alguém se movendo ali, olhe!

Eric não via nada fora do normal, apenas um arbusto ondulando ao vento.

– Provavelmente é um cervo. Há muitos por aqui, e javalis também.

– E caçadores ilegais? – Ela franziu a testa. – Eric, não creio que fosse um cervo.

A pele de Eric arrepiou-se. Como advertência, era um tanto insignificante, mas tarde demais também. Alguma coisa passou zunindo por ele e foi enterrar-se no tronco de um castanheiro ali perto.

Uma flecha!

Passara a poucos centímetros de Rowena... um calafrio percorreu Eric por dentro e por fora. O tempo pareceu parar. Por pouco a flecha não a atingiu! Ele olhou para as penas brancas tremulando na haste fincada no tronco da árvore; tão brancas quanto o rosto de Rowena naquele momento.

Ele só tinha um único pensamento... protegê-la. Fazendo o alazão dar meia-volta, ele segurou as rédeas de Rowena e galopou na direção de onde tinham vindo. Quando chegaram à primeira choupana da aldeia e ele concluiu que já estavam a uma distância razoável de quem quer que tivesse atirado a flecha, ele reduziu o passo dos cavalos para um trote manso.

– Eu consigo cavalgar, Eric – disse ela com voz trêmula, tirando as rédeas das mãos dele. Suas mãos também tremiam, e ela virou-se para trás com os olhos arregalados, o rosto muito pálido. Tinha sido por pouco.

Invadido por uma ira furiosa e por algo mais que ele não tinha tempo para analisar naquele instante, Eric olhou para a floresta além da aldeia. Precisava descobrir quem havia atirado aquela flecha.

– *Mon Dieu*, você poderia ter morrido! Alguém precisa ser disciplinado. – Ele gesticulou na direção dos portões da propriedade. – Vou levar você para dentro de casa e organizar uma equipe de busca. Vou encontrar esse arqueiro.

Eric ouviu-a engolir em seco; ela estava se esforçando para manter a compostura, mas seu olhar estava assustado.

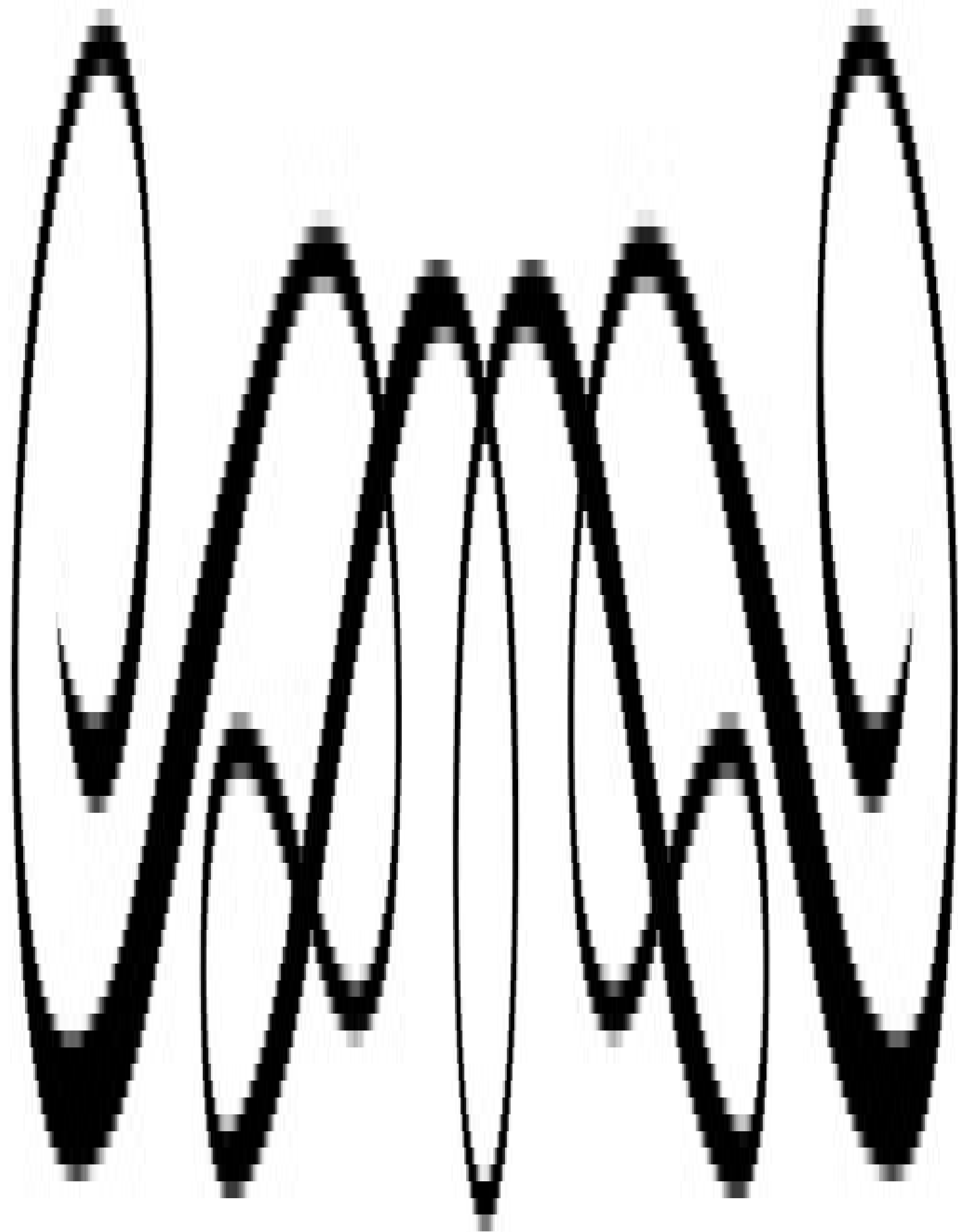
– Eric, deve ter sido algum caçador ilegal. Ele já deve ter percebido o erro, não creio que vá perambular por aí esperando ser encontrado.

– Eu não posso deixar isto passar.

Lorde Faramus lhe havia confiado Rowena, e ele não admitiria que ela corresse perigo enquanto estivesse aos seus cuidados. Assim que ela estivesse segura dentro de casa, ele vasculharia a floresta para encontrar quem havia atirado aquela flecha.

– Infelizmente, nossa cavalgada acabou – avisou, contraindo os músculos do maxilar. – Vou acompanhá-la de volta aos estábulos e em seguida vou lhe pedir licença para me ausentar por algum tempo.

Capítulo 5



DEPOIS DE entregar Lily a um cavaleiro, Rowena atravessou o pátio na direção do salão. Eric estava determinado a encontrar quem havia disparado aquela flecha e dava ordens a seus homens. Mas, para ela, ele estava fazendo alarde demais. Ela parou no último degrau da escadaria e olhou para trás. Os cascos dos cavalos se chocavam ruidosamente contra os pedregulhos conforme os homens passavam. Meia dúzia de soldados desmontados estava perto dos portões, inclusive vários arqueiros. Bem, ela duvidava que encontrariam alguma coisa. Qualquer caçador furtivo já devia estar longe.

Ela entrou no salão e se lembrou de que a janela de seu quarto tinha vista para o pátio e além dos portões. Claro que ela não veria toda a movimentação, mas conseguiria enxergar o caminho que seguia até o rio, além da propriedade e do vilarejo...

Chegando ao andar de cima, Rowena abriu as janelas e debruçou-se para fora.

SOMENTE DEPOIS do meio-dia foi que Rowena voltou a ver Eric. Ela estava sentada num banco sob a sombra de uma árvore no jardim da mansão, costurando. Costurar sempre a acalmava, especialmente depois do susto de quase ter sido atingida por uma flecha... a ponta tinha passado bem rente ao cabelo dela... era preciso se ocupar com alguma coisa. Ela havia encontrado um pedaço de tecido e estava costurando a barra lateral quando ouviu o clique no portão do jardim. Depois de prender a agulha no tecido e dobrá-lo a fim de esconder o que estava fazendo, ela sorriu.

– Algum sinal do arqueiro?

Eric respondeu que não balançando a cabeça, atravessou o jardim e sentou-se ao lado dela.

– Suas suspeitas foram confirmadas: ele fugiu faz tempo. Pedi aos aldeões que avisassem aos guardas da propriedade se vissem algum estranho caçando.

– Estou quase certa de que foi algum caçador ilegal.
– É bem provável que você tenha razão. – Curioso, Eric olhou para o tecido dobrado no colo dela. – O que você está fazendo?
– Costurando. – Rowena continuou com as mãos sobre o tecido com esperanças de não ter corado.

Ela pretendia fazer uma camisa de baixo para ele, mas não queria que ele soubesse antes de terminar. Na ausência de Eric, ela havia insistido para que Helvise permitisse que ela examinasse os tecidos disponíveis.

– Espero que não se importe, mas Helvise me disse que os cortes de tecidos eram mantidos num armário no fundo do mezanino. Nós estávamos limpando ali. Pensei em fazer uma toalha para a mesa, mas não havia tecido suficiente.

Eric esboçou um sorriso.

– Achei que não tivesse nada. O antigo dono de Monfort levou a maior parte dos tecidos. – Ele relanceou o tecido sobre o colo dela e cobriu a mão dela com a sua. – Se você gosta de costurar, podemos ir a Provins comprar mais tecidos. Você havia comentado que precisava de mais roupas. Devo recompensá-la, já que fui o responsável por trazê-la para cá apenas com a roupa do corpo.

– A culpa maior é do meu pai, que forçou você a me raptar.

Eric resmungou alguma coisa, movendo o dedão gentilmente sobre a mão dela. A leve carícia gerou uma sensação estranha e inexplicável que ela nunca havia sentido antes. À medida que o dedo dele deslizava sobre sua pele, ela foi ficando mais ofegante, tanto que a cruz em seu peito começou a tremer. Para disfarçar o tremor, ela umedeceu os lábios com a ponta da língua e, quando notou que era observada, enrubescou. Nossa Senhora, agora ele poderia achar que ela implorava por um beijo...

Por sorte, a brisa levantou o véu da cabeça dela, que se desprende de um dos lados, soltando seu cabelo. Foi uma boa desculpa para puxar a mão e arrumar o cabelo. No entanto, Eric segurou a mão dela com mais força, impedindo-a de movê-la.

– Deixe assim – pediu ele, lançando um olhar firme, que contribuiu para fazê-la corar ainda mais.

– Não gosto de ficar desarrumada.

A fim de não o encarar, ela se distraiu com uma borboleta que passou por eles e foi pousar numa folha da macieira, ao mesmo tempo em que continuava a puxar a mão.

– Na minha opinião, você não está desarrumada. Na verdade, gosto de você do jeito que for, mas sei que vou apreciar muito mais se você se permitir ficar mais desarrumada.

Ora, mas que galanteador. Será que ele sabia o que estava fazendo? Ela se corrigiu ao pensar. Mas é claro que ele sabia. Eric havia dito que iria cortejá-la e, pelo visto, já tinha começado. Mas ele a queria para conseguir as terras delas. Eric devia se lembrar da afeição dela por ele quando eram pequenos, e obviamente tinha chegado à conclusão que ela o desejava, agora que tinha se tornado uma mulher. E o pior é que ela não podia negar a atração. Qualquer mulher com sangue nas veias o acharia bonito. A beleza de sir Eric de Monfort era de fazer o coração de qualquer donzela disparar. Ele era tão masculino e a olhava de uma maneira tão ardente que a fazia sentir como se fosse a única mulher no mundo. Definitivamente Eric era encantador. Seria bom se ele não tivesse essa consciência. Ela gostaria também que ele não tivesse metade das

mulheres de Champagne a seus pés. Será que uma dessas estaria morando sob o mesmo teto que ele? Helvise?

Eric soltou a mão dela e puxou o véu para baixo. O olhar dele aprofundou-se de tal maneira que ela sentiu um friozinho de antecipação até a ponta dos pés. Ele olhou para o portão, na certa certificando-se de que ninguém se aproximava, e acariciou-a no rosto. No mesmo instante ela sentiu a boca seca e as pernas trêmulas. A combinação daquele cabelo brilhante e escuro, os olhos verdes e o charme natural tornavam-no irresistível. Cada vez que ele a fitava no fundo dos olhos, ela voltava a ter a sensação de ser o centro do mundo. Teria ele noção do quanto era convincente?

– Eric, por favor. – O protesto dela soou fraco até para seus ouvidos.

Ela passou os braços ao redor do corpo para se proteger do que ainda viria. *Preciso me armar contra ele. Tenho de resistir. Ele está usando todo o charme que possui na esperança de que eu me curve à vontade dele. Contudo, se formos nos casar de fato, preciso estar consciente de que ele não mudará os métodos.* Deixar o convento para sempre tinha sido um grande passo, agora restava saber se havia tomado a decisão certa. Ela usaria de toda a sua força para não se sentir ameaçada.

Por enquanto havia sido o suficiente. Seria bom se ela pudesse sonhar em encontrar o amor de novo, porém, Eric não era Mathieu. Eric nunca havia demonstrado um elo profundo com nenhuma mulher. Mathieu, por sua vez, tinha sido gentil, educado e até preocupado com ela. Rowena reparou nos ombros largos e nos braços fortes de Eric. Mathieu pareceria um menino se comparado a ele, mas havia ensinado uma lição muito importante a ela. Nem todos os homens conquistavam uma mulher por causa da força de seus músculos. Eric, como ela bem sabia, usava o charme. Como seria se alguém o enfrentasse?

Eric inclinou a cabeça para o lado, colocou a mão por baixo do véu e alcançou a trança dela. Ele a puxou para a frente do ombro dela. Foi um gesto inócuo, mas o efeito foi devastador. O ar parecia carregado de uma energia forte que a impulsionava para mais perto dele. Com Mathieu nunca aconteceu algo nem semelhante. Rowena sentiu-se como se estivesse no quarto à sós com ele, sendo desnudada por aquele olhar matreiro e sorriso sedutor. Parecia não haver ar suficiente para respirar.

– É isso mesmo – ele murmurou, sorrindo. – Talvez fosse melhor que você estivesse um pouco mais desalinhada.

Ele tirou o véu inteiro da cabeça dela e começou a desfazer a trança bem devagar, como se a estivesse convidando a se entregar àquele marmelo de novas sensações. Rowena se sentiu acariciada não só pela mão de Eric, mas também pelo calor do corpo dele. Ao percebê-la tão lânguida, ele aproximou a boca dos lábios dela sem tocá-los.

– Você é um bruxo – Rowena disse num quase sussurro.

Um bando de gaivotas passou grasnando pelo ar. Ela teve a impressão de ouvir o som do martelo do forjador batendo no ferro. Não, só podia estar enganada, pois estavam bem longe do vilarejo.

– Eu poderia fazer muitas outras magias se você permitisse – ele sussurrou e a beijou.

Rowena permaneceu imóvel. Depois do dia anterior, quando ela sentiu-se como se estivesse se derretendo, amalgamando-se ao corpo dele, seu instinto protetor a ajudou a não sucumbir. Eric era muito cheio de si, ciente do seu poder de sedução, e ela não podia se entregar tão

facilmente. Não depois do que havia acontecido antes.

Sendo assim, ela continuou como uma estátua, permitindo apenas que seus lábios se movimentassem bem pouco contra os dele. Mas, como se tivesse vontade própria, a boca de Rowena se abriu quando a língua dele a penetrou. Despindo-se das convicções de segundos antes, ela o enlaçou pelo pescoço. Sentiu como se estivesse levitando de prazer, embora não tivesse certeza se podia demonstrar o mesmo que sentia. Mas as preocupações logo sumiram e ela se deixou conduzir pelos movimentos suaves daquela língua e embriagar-se com o perfume másculo.

O vento bateu mais forte e Rowena viu que seu véu tinha voado para longe. A brisa agora também brincava com o cabelo dela, mas nada mais importante, queria apenas que aquele beijo durasse uma eternidade. A costura caiu no gramado quando ela se virou para colar o tórax ao dele. Por um instante ela se viu dominada por ideias pecaminosas, mas não as repeliu, ao contrário, sua vontade de pressionar os seios contra o peito dele era suprema. Sonhos ainda mais devassos a possuíram a ponto de levá-la a imaginar como seria estar na cama e nua com ele. O beijo prosseguiu como se o mundo tivesse parado ao redor deles.

Rowena já tinha sido beijada com paixão outras vezes, mas somente agora se sentia tão feminina e completa. Mathieu tinha tentado beijá-la com mais ousadia, mas ela o empurrou, chocada e com medo de ser descoberta. Mas, com Eric, não havia espaço para o medo, ou dúvidas, apenas o desejo latente.

Eis o motivo pelo qual Eric era tão conhecido pelas criadas do castelo. Ao se lembrar disto, Rowena viu que a realidade se interpunha entre eles e se soltou, embora seu corpo ainda estivesse queimando de paixão.

– Está vendo? Você fica muito mais linda desarrumada, conforme eu tinha imaginado. Adorável – disse ele, acariciando as longas mechas de cabelo de Rowena.

– Nossa, Eric, você é pior do que um furacão.

Rowena se ajeitou no banco e pegou a camisa de baixo do chão, com cuidado para que ele não visse. Sua intenção era surpreendê-lo no final. As roupas de Eric eram de boa qualidade, mas simples como se tivessem sido feitas por mãos masculinas, e iguais às de todos os outros homens. Ela queria costurar algo especialmente para sir Eric de Monfort. Voltando plenamente à realidade, ela começou a se ajeitar.

– Onde estão meus grampos? O que você fez com eles?

– Não faço ideia. – Eric pegou o véu dela no chão, enrolou no pulso e recostou-se no banco com um sorriso. – Mesmo se eu soubesse, não diria. Você precisava se desalinhar um pouco. Do jeito que você estava, eu não conseguia me aproximar. Cheguei a pensar que nem conseguiria.

– Como assim?

Eric devolveu o véu a ela.

– Obrigada.

Rowena estava toda atrapalhada. Ótimo. As bochechas estavam tão rosadas quanto os lábios, e, com o cabelo solto, ela estava ainda mais bonita. E adorável. Exatamente como Eric queria. Ela fingia estar brava com ele. Tomara que estivesse apenas fingindo. Eric não queria nem imaginar que a raiva fosse verdadeira. Afinal, ela havia correspondido ao beijo. A pretensa noiva empertigada começava a aceitá-lo, mas esforçava-se para esconder-se de novo. Foi como se ela tivesse emergido da clausura por um breve momento e voltasse o mais rápido possível.

Ela estava se escondendo de novo. Por quê?

– Rowena?

– Humm?

– O que houve com você?

Ela o encarou com aqueles olhos azuis ao amarrar o véu na cabeça.

– Como assim?

– Foi muito difícil me aproximar. Você não era assim quando pequena. O que aconteceu?

– Nada. – Ela franziu o cenho. – Acho que cresci.

Eric continuou observando-a, pensativo. Ela era tão aberta quando criança. A diferença entre aquela menina feliz e a mulher retraída de hoje não poderia ser mais marcante.

– Você ficou assim por causa de tantas desavenças com seu pai? Foi isso?

Rowena mordiscou o lábio e não disse nada, deixando claro que não queria responder. Mas Eric estava determinado a continuar com o assunto. Havia muitas perguntas a serem feitas. Muitas inconsistências a serem desfeitas. Como a jovem Rowena havia se transformado na mulher sentada naquele banco? Uma mulher que se protegia e se distanciava a qualquer sinal de uma brincadeira. E ainda assim, *mon Dieu*, ela o havia beijado com paixão. Quando as línguas se encontraram durante o beijo, ele teve vontade de deitá-la na grama e possuí-la ali mesmo. Era uma tarefa muito árdua conciliar a criança e a mulher ali ao lado dele.

De repente, ocorreu a Eric uma possibilidade. E se ela tivesse tido um amante e não fosse mais inocente? Talvez ela tivesse perdido a virgindade e tinha pavor de ser descoberta. Será que era verdade? Ao observá-la, ele notou que ela já estava empertigada de novo, tensa até. O cabelo havia sido trançado novamente e escondido sob o véu bem preso à cabeça dela. Não era muito comum que uma moça bem-nascida, uma dama, se entregasse a um homem sem estar casada, mas acontecia. Será que este tinha sido o motivo de ela ter recusado o conde Gawain? Na certa ela tinha medo da reação dele quando descobrisse.

– Rowena?

Ele a fitou dentro dos olhos e viu ali o brilho da inocência e da timidez. Mas o beijo que haviam trocado há instantes não teve nada de inocente. Ao contrário, ele sentiu-se abalado até a alma.

– Por que você não quis se casar com o conde Gawain? Ele é um homem de bem e rico, herdeiro de Meaux.

– Nós conversamos e concordamos que não combinávamos.

Eric ergueu uma das sobrancelhas.

– Teria sido uma combinação perfeita.

A menos que Rowena estivesse apaixonada por outro homem. Sendo uma pessoa tão honesta, ela não poderia se casar com o conde Gawain. Ele era um partido perfeito.

– Seu pai sempre quis que você se casasse por conveniência – insistiu Eric. – Você já devia esperar por isto. O conde Gawain é um homem razoável e jamais a destrataria. Imagine seu *status* como condessa de Meaux e, um dia, de Sainte-Colombe.

– Eu sei. – Rowena ajeitou o tecido no colo. – Eric, eu não podia ter me casado com ele. O conde Gawain tinha uma amante e estava apaixonado. Ele a amava tanto que me pediu para livrá-lo do compromisso que tínhamos. – Ela deu de ombros. – Eu simplesmente concordei.

– E enclausurar-se num convento foi a solução?

– Na época, sim.

Rowena continuou a torcer o tecido com as mãos. Eric não acreditou que o conde Gawain tivesse pedido para ser liberado do noivado. No entanto, ele era um cavaleiro e, como tal, se tivesse desconfiado de que Rowena não queria se casar, teria assumido a culpa para parecer que ele havia terminado o noivado. Na certa, o conde Gawain havia previsto que Rowena sofreria a repressão do pai por ter se recusado a se casar e quis protegê-la.

Eric meneou a cabeça. Rowena tinha o poder de fazer com que os homens a protegessem. Era assim que ele se sentia também. Com isso, ele achou que tivesse desvendado o enigma. Ela havia perdido a virgindade e tinha pavor de ser descoberta. Quem teria sido o amante? Bem, era cedo demais para uma pergunta tão pessoal. Ela não estava pronta para responder.

Ele suspirou. Devia estar agradecido que ela havia se cansado de brincar de freira e que parecia considerá-lo como marido. Só em pensar que ela poderia ter sido forçada a se casar com Breon o deixou com náuseas.

Eric observou um pica-pau bicando um galho da macieira, mas sem deixar de prestar atenção na mulher a seu lado. Infelizmente, a conclusão de que Rowena havia perdido a inocência suscitou mais dúvidas.

Quem seria o amante de Rowena? Será que ele a teria abandonado? Ela ainda estava apaixonada? Talvez fosse por isso que ela estava tão arisca. Puxa, só um louco a deixaria. Ocorreu a ele que o lorde Faramus o teria convocado a Jutigny por já saber que a filha não era mais virgem. Noivas virgens eram muito valorizadas pelos nobres que queriam manter a linhagem de família pura. Um nobre de estirpe exigia uma noiva nessa condição.

Eric sentiu um frio na espinha e o coração dar um salto. Lorde Faramus devia ter descoberto que Rowena tinha perdido a virgindade. *Não sou bem-nascido. Lorde Faramus deve ter me escolhido não por me valorizar como um homem de honra, mas porque não preciso manter uma linhagem familiar. Não sou um nobre. Na verdade, não sou ninguém. O lorde sabe que não reclamarei se descobrir que minha noiva não é mais tão inocente quanto seria de se esperar. Ele me ofereceu a mão de Rowena porque acha que ela está arruinada.*

Uma memória antiga veio à mente dele.

Eric visitava os estábulos de Jutigny pouco depois de ser adotado por lady Barbara. Certa vez, Philip, o chefe dos cavaleiros, escovava os flancos enlameados do alazão preto do lorde e Eric observava, fascinado. Ele estava descobrindo o amor pelos cavalos e sempre que podia ficava perto deles. Naquele dia, ele devia ter feito algum barulho que chamou a atenção de Philip.

– O que está fazendo? – Philip o fulminou com o olhar.

– Só estou olhando, sir.

Eric tinha acabado de chegar ao castelo e ainda não conhecia direito a hierarquia. Para não errar, ele preferiu se dirigir ao cavaleiro como trataria um cavaleiro. Teve medo só em pensar em ofender um cavaleiro sem querer.

Philip deu as costas e continuou escovando o alazão.

– Gosta de ver os animais, né, seu rato.

O tom de voz de Philip foi tão frio que Eric hesitou para responder. Uma das primeiras lições que tinha aprendido desde que havia chegado ao castelo era que nem todos ali eram tão gentis quanto lady Barbara.

– Sim, sir – ele respondeu com sinceridade.

Philip colocou a escova de lado e se virou. A raiva havia modificado as feições dele. Eric se encolheu num canto e acabou batendo a cabeça num balde pendurado num gancho.

– Bem, um rato imundo como você só poderá olhar para os animais. – Philip parou diante de Eric, agigantando-se. – Pense duas vezes antes de me pedir para trabalhar no meu estábulo. A cozinha precisa de ajudantes. – Ele abriu um sorriso malévolo e emendou: – E se não der certo, você pode ir limpar o lixo.

Eric afastou a lembrança. Ele já havia sido chamado de nomes piores do que rato imundo, mas aquele primeiro encontro com o preconceito de um infeliz ainda o afetava. Por sorte, nem todos em Jutigny tinham agido como o chefe dos cavaleiros. Eric fez outros amigos, como sir Macaire, que foi seu maior protetor. Eric costumava se vangloriar que, mesmo sendo órfão, havia sido merecedor do respeito do lorde Faramus.

Entretanto, ele nunca escapou do fato de não ter berço. Este foi o motivo pelo qual lorde Faramus o havia chamado a Jutigny. Ele engoliu em seco. Nada mais frustrante do que descobrir que era mais valorizado por não ser um nobre do que pelos seus feitos.

Eric olhou para os inesquecíveis olhos azuis de Rowena e foi contemplado com um sorriso tímido, mas adorável, que o levou a sorrir também.

Sendo bem sincero, ele não dava importância se Rowena não era tão pura quanto imaginava. Mesmo que tivessem convivido apenas quando criança, ele a conhecia bem e sabia que ela possuía um coração generoso. Além de ser bem bonita. Não, justiça seja feita, ela era exuberante. Uma bela herdeira que o honrava só em considerá-lo como marido.

Não tinha a menor importância Eric ser um órfão, tampouco se lorde Faramus acreditasse que, por sua condição inferior, ele não faria nenhum alarde depois de descobrir que Rowena não era mais virgem. Enquanto pensava, ele corria o olhar pelo corpo dela, detendo-se nos seios, até se dar conta do que fazia e desviar a atenção. Era praticamente impossível não se imaginar deitando-se com ela. Quanto mais tempo passassem juntos, pior seria. Na realidade, ele ansiava por levá-la logo para a cama.

Antes, porém, ele queria ganhá-la e é o que faria mesmo que ela não fosse mais virgem.

Deixando o assunto de lado por ora, ele se levantou e estendeu a mão.

– Se você quiser, podemos visitar o mercado de Provins essa tarde.

– Obrigada, Eric. Eu adoraria – disse ela, colocando a mão sobre a dele.

A TARDE passou num repente para Rowena. Entre uma atividade e outra, ela logo descobriu que Eric podia entender muito bem de cavalos e de soldados, mas não tinha a menor ideia sobre tecidos. Na parte baixa da cidade, eles compraram vários metros de linho creme. Eric havia insistido para que fossem escoltados ao mercado, e não demorou muito para que os dois ficassem abarrotados de rolos de tecidos.

– Este aqui é lindo para uma toalha de mesa – disse Rowena, segurando uma ponta de tecido de um dos rolos.

– E aquele? – Eric apontou para um rolo vermelho.

Rowena balançou a cabeça e surpreendeu-se ao prestar mais atenção no desenho da boca dele do que no tecido. A mesma sensação perturbadora voltou a consumi-la. Era muito estranho. Enquanto parte de sua mente apontava as peças de tecido melhores ou piores, a outra parte divagava por um terreno perigoso. Parecia muito mais fácil e prazeroso observar a maneira de os lábios dele se movimentarem do que escolher um tecido ou outro.

– Esse tecido vermelho é difícil de lavar. Veja como a trama é aberta – disse ela, voltando a atenção para a compra e segurando outro tecido. – A trama deste aqui é mais fechada, por isso a qualidade é melhor. Ou até mesmo este aqui.

Mesmo sem querer, a boca de Eric chamou a atenção dela de novo, remetendo-a ao que sentira ao ser beijada. Bem que ela gostaria de experimentar novamente aquela sensação, mas claro que não poderia ser no meio da praça do mercado.

O vendedor a fitou com malícia. Percebendo-se corar, Rowena tocou a mão de Eric. Os dois estavam tão perto que ela conseguiu ver os traços amarelados do olho dele. Indiferente ao que ela sentia, Eric pegou a mão dela e a colocou sobre seu braço dobrado.

– Sim?

Ela o puxou de lado e cochichou:

– Será que o mundo inteiro sabe que estou hospedada em Monfort?

– Bem, seus pais certamente sim. Acredito que sir Macaire e as freiras do convento também sabem. Acredito que a maioria das pessoas está ciente.

Rowena mordiscou o lábio e meneou a cabeça.

– Algum problema?

– Aquele mercador me olhou de um jeito estranho. Será que ele sabe quem sou?

Eric ficou paralisado e ela o sentiu gelar.

– Você não quer ser vista na minha companhia.

– Não! Eric, não pense isso, por favor. Eu só me preocupei com o jeito que aquele homem me olhou. Acho que ele pensa que sou sua *belle-amie*.

– Antes fosse – ele murmurou.

– Eric!

– Você é minha hóspede por sugestão de seu pai. Ontem à noite vistoriamos a propriedade. Se alguém nos questionar, Helvise nos defenderá, assim como todos em Monfort. Sua reputação não corre perigo.

Os dois voltaram à barraca. Eric aceitou o conselho de Rowena e compraram vários rolos de tecidos para roupas de cama, mesa e roupas de baixo. Apesar dos protestos dela, ele comprou um corte lindo de lã verde para fazer um vestido.

– Eric, acho que não devia comprar nada para mim. Já que viemos até Provins, podíamos

passar no convento na volta a Monfort para pegar minhas coisas.

– Não – respondeu ele, contraindo os lábios.

A veemência da negativa a pegou de sobreaviso.

– E por que não?

– As freiras não me permitirão que eu a acompanhe.

– Pelo menos não na ala dos quartos.

– Então, você não vai voltar lá.

Rowena franziu o cenho. Eric estava preocupado demais, talvez com as terras do pai dela, temendo perder o prêmio. Preocupada, ela se apressou em confortá-lo.

– Eric, prometo que vou sair do convento com você de novo.

– Você não voltará àquele convento.

Ao perceber o quanto ele estava determinado, Rowena deu de ombros sem nenhuma intenção de começar a discutir no meio da praça.

– Está bem.

– Você vai me deixar comprar o tecido verde? – perguntou ele, num tom de voz mais leve.

– Se você quiser...

Eric comprou linhas e agulhas novas.

– Acho que devemos comprar aquele tecido também – disse Eric, apontando para um corte de seda com brocados. – Azul combina com as cores do seu pai. – Ele se abaixou e completou baixinho: – Combina com seus olhos também.

– Você deve saber que azul combina com as suas cores também – comentou ela, seca. – Parece seda do Leste.

– Você não gosta de seda?

– Você não pode me comprar algo tão caro. Eu ainda não dei meu consentimento formal para o seu pedido de casamento.

– Isso quer dizer que você não vestirá azul?

– Ainda não. Permiti que me comprasse o tecido verde porque preciso vestir alguma coisa, já que você não quer voltar comigo ao convento.

Eric estalou a língua e mudou o assunto.

– Quando nos casarmos vou comprar esse corte de seda azul. – E depois de uma breve reverência, ele completou: – Rowena, preciso do seu consentimento o quanto antes. – Os traços amarelados dos olhos dele ficaram mais evidentes. – Acho que vou morrer se você demorar muito.

Rowena esboçou um sorriso. Eric não se cansava de flertar.

– Eric, você não precisa me cortejar a todo instante. Estamos aqui apenas para comprar tecidos.

– Qual o problema? Isto quer dizer que devemos ficar entediados enquanto o tempo passa? Gosto de lisonjear você.

O coração de Rowena disparou. Na verdade, ela também gostava, e muito mais do que imaginava. Apreciou o beijo, também. Pensando nisso, ela olhou de soslaio para a boca dele, certa de que aquele beijo não seria o único. Bastava apenas uma palavra sua para que Eric a beijasse, determinado que estava em conquistá-la.

Bem, havia muito o que aprender ainda. Eric tomara a iniciativa de beijá-la nas vezes

anteriores. Como faria para mostrar que queria ser beijada?

Ele gosta de me ver desarrumada. Humm...

Os sinos da Capela de St. Ayol tocaram anunciando a hora. Rowena prendeu a respiração por um instante ao se lembrar que tinha ouvido aqueles sinos havia apenas um dia. Ela estava prestes a consagrar seus votos, e agora não parava de pensar em como roubar outro beijo de Eric.

Quando havia se apaixonado por Mathieu, ela não tinha passado tanto tempo pensando nos beijos trocados. Mathieu e ela tinham de ser discretos. E pensar que a discricão sempre foi tão importante, e agora não fazia a menor diferença. Seria possível mudar tanto em tão pouco tempo? Devia estar chocada com os próprios pensamentos, mas não estava. Afinal, tratava-se de Eric e não de um completo estranho.

Ela olhou de lado para o cabelo dele e para o perfil de linhas fortes. Precisava se conter e parar de pensar em beijá-lo.

– Pode ser decepcionante na próxima vez – ela murmurou.

– Do que você está falando?

Rowena arregalou os olhos ao se dar conta que tinha dado voz aos pensamentos. Eric parou de andar e a segurou pelo braço.

– Você se decepcionará com o quê? Você está falando da seda?

– Nada disso, deixe para lá.

– Você já se cansou de ficar aqui?

– Ah, sim, obrigada.

Parte dos homens que os acompanharam seguiram na frente carregados de rolos de tecidos e outra parte os seguiu na retaguarda. O cortejo subiu a montanha na direção da parte alta da cidade.

No final da rua, erguiam-se as muralhas do Castelo de Provins. Rowena lembrou-se da última vez em que esteve ali, quando, por engano, surpreendeu o noivo acompanhado pela mulher por quem estava apaixonado.

Conde Gawain estava sem camisa e Elise Chantier, hoje condessa dele, estava deitada na cama numa posição que não deixou dúvidas do que eles faziam. Na época, Rowena ficou mortificada.

Ela subiu a montanha com a mão apoiada no braço de Eric. A sensação de estar ao lado dele, sentindo o calor do corpo másculo, era simplesmente indescritível. Sem dúvida, os músculos de Eric eram bem mais impressionantes do que os do conde Gawain. Ela sentiu o rosto corar com a direção de seus pensamentos.

Os sinos de outra igreja tocaram, enquanto eles seguiam pela Rua St. Thibault, ouvindo a conversa daqueles que se dirigiam à missa. Rowena se sentiu mais leve ao se conscientizar de que entrar para o convento não tinha passado de uma ilusão. O desejo de se tornar freira tinha ficado no passado. Berthe e os pais dela já sabiam disso, mas foi preciso que Eric a raptasse e lhe mostrasse que havia um futuro diferente e bem mais emocionante pela frente. Mesmo assim, ainda era muito cedo para se comprometer com ele. Fazia pouco tempo que tinha acordado para a possibilidade de se casar com Eric.

– Eric?

– *Aye?*

– Ainda não tenho certeza sobre nós dois, mas quero que saiba que nunca me tornarei uma freira – disse ela, recostando a cabeça no braço dele.

Rowena sentiu-se bem por ter compartilhado com ele sua decisão.

O dia tinha sido longo, eles estavam no meio de Provins e as terras não podiam ficar desprotegidas, mas Eric não parecia se importar e fez exatamente o que ela esperava, levantou-a no colo e a beijou. Os transeuntes e os homens de Eric olharam e acharam graça, mas Rowena não se importou nem um pouco. Foi um beijo bom e tão apaixonante quanto aquele que haviam trocado nos jardins de Monfort.

O GRUPO de homens que acompanhava Rowena e Eric saiu da estrada principal para tomar o caminho para Monfort. O sol estava se pondo e os raios fracos já não davam conta de iluminar a vasta paisagem de montanhas e campo, formando sombras eventuais.

Eric fez questão de que Rowena cavalgasse entre dois soldados na viagem de volta. Dois dos homens seguiam mais atrás, carregados de rolos de tecidos. Eric havia tomado um cuidado maior depois do incidente com a flecha. A segurança de Rowena era sua prioridade.

Rowena franziu o cenho ao notar que nuvens cinzentas se assomavam sobre a floresta.

– Vai chover. Sorte nossa termos escapado.

– *Aye*.

Quando os cavalos se aproximaram, Eric estudou o rosto delicado de Rowena, tão diferente de quando ela era menina. Quando a criança linda de outrora havia se transformado naquela linda mulher? As diferenças eram pequenas, quase impossíveis de serem identificadas. Ela sempre foi miúda e não havia engordado muito. O nariz e o contorno do rosto permaneciam iguais; ela sempre teve longos cílios emoldurando os olhos azuis. Mas estava muito mais adorável agora do que quando era criança.

Eric sentiu uma emoção nova dominar seu coração, mas que, assim como as diferenças percebidas em Rowena, ele não soube determinar. Será que estava orgulhoso por um órfão como ele ser considerado um pretendente? Mas isto não o deixaria tão ansioso quanto estava naquele momento, pois ele tinha certeza de que conseguiria conquistá-la. Rowena seria esposa dele. Entretanto, lady Rowena de Sainte-Colombe ainda não havia concordado com o casamento, porém, tinha aceitado um beijo ardente no meio da rua em Provins. Era um bom sinal, mesmo que ela tivesse se apressado para se arrumar depois, tornando-se a Rowena empertigada que cavalgava ao lado dele naquele momento. O cabelo dela estava preso sob o véu, impossibilitando que ele visse a trança dourada.

Ele sorriu ao pensar que logo desfaria a pose dela, talvez naquela noite ainda depois do jantar. A possibilidade voltou a deixá-lo ansioso a ponto de precisar se ajeitar melhor na sela. Deus do céu, quanto antes ela concordasse em se casar, melhor. Havia a possibilidade de Rowena não ser mais virgem, mas ele a trataria com o mesmo respeito. Eles só se deitariam juntos depois de trocarem os votos matrimoniais. Tomara que o casamento não demorasse muito. O coração dele deu um salto, reagindo a um novo sentimento não identificável. Não era sempre que ele ficava tão inseguro assim. Rowena tinha de aceitar o casamento o quanto antes, pois não era comum também que ficasse tão nervoso. Como era possível que, mesmo depois de tanto tempo distante, ele a desejasse com tamanha intensidade? Não fazia sentido algum.

Depois de passarem pelo vilarejo, eles se aproximaram da mansão e Alard se aproximou com pressa.

– Sir, os cavaleiros que nos seguiram ontem estão lá atrás.

Eric se virou na sela e viu o mesmo grupo que lorde Faramus havia enviado para vigiar a filha. Ele segurou as rédeas com força, irritado com a perseguição. O nobre deveria saber que ele não machucaria Rowena de jeito nenhum. Eric podia não descender de família nobre, mas lorde Faramus o conhecia desde criança. Durante anos ele acreditou na ilusão de que o nobre confiava nele. Mas, aparentemente, não era isso. Ele blasfemou baixinho.

– Eric? – Os arreios do cavalo de Rowena tilintaram ao se aproximar.

Ele olhou para trás mais uma vez. O grupo tinha aumentado para meia dúzia.

– Os cães de guarda do seu pai estão de volta.

– O que estão fazendo? – Ela indagou, franzindo a testa.

– Seu pai não confia em mim.

– Bobagem, Eric. Claro que ele confia.

– Então, por que os cães de guarda?

A pequena prega entre as sobrancelhas dela se aprofundou.

– Alguma coisa não está certa. Eric, eu desconheço aqueles cavalos.

– Esqueça os cavalos, o importante é que seu pai acha que não tenho honra.

– Isso não é verdade. – Rowena tocou o braço dele, tentando acalmá-lo. – Meu pai me falou várias vezes do quanto se orgulhava por ter treinado você.

– Por que raios ele mandou nos vigiar? – Eric apontou para os cavaleiros, balançando a cabeça, e com muita raiva porque o lorde não achou que ele honraria o acordo que tinham feito.

– Isto é ridículo. O lorde Faramus jurou me ajudar. Ou ele confia em mim, ou não.

Diferente do dia anterior, os cavaleiros não mantiveram distância, mas trotavam na direção deles.

– Talvez eles estejam trazendo um recado. – Rowena sorriu.

– Pode ser. – Eric suspirou e permaneceu inabalável.

O líder do grupo que se aproximava usava cota de malha e os outros tinham uma aljava carregada de flechas presa nos ombros. Eric apertou os olhos e reparou nas penas brancas nas pontas das flechas. Penas brancas? No mesmo instante ele sentiu o estômago se contrair. A mensagem que aqueles homens traziam não vinha do pai de Rowena e ele não pretendia recebê-la.

– Alard!

– Sim, sir?

– Leve lady Rowena para dentro dos portões. *Mexa-se!*

Eric levantou o escudo e desembainhou a espada. Seus pensamentos estavam em turbilhão ao perceber que um dos arqueiros se aproximava por trás, preparando uma flecha para atirar.

Ainda bem que Alard tinha sido treinado para obedecer suas ordens imediatamente. O couro da sela estalou e as esporas tilintaram. Eric ouviu barulho de cascos de cavalo e Alard gritando para que os guardas abrissem os portões. Alard levava Rowena para dentro da casa. Ela estaria segura atrás da muralha.

– Sargento?

– Sir?

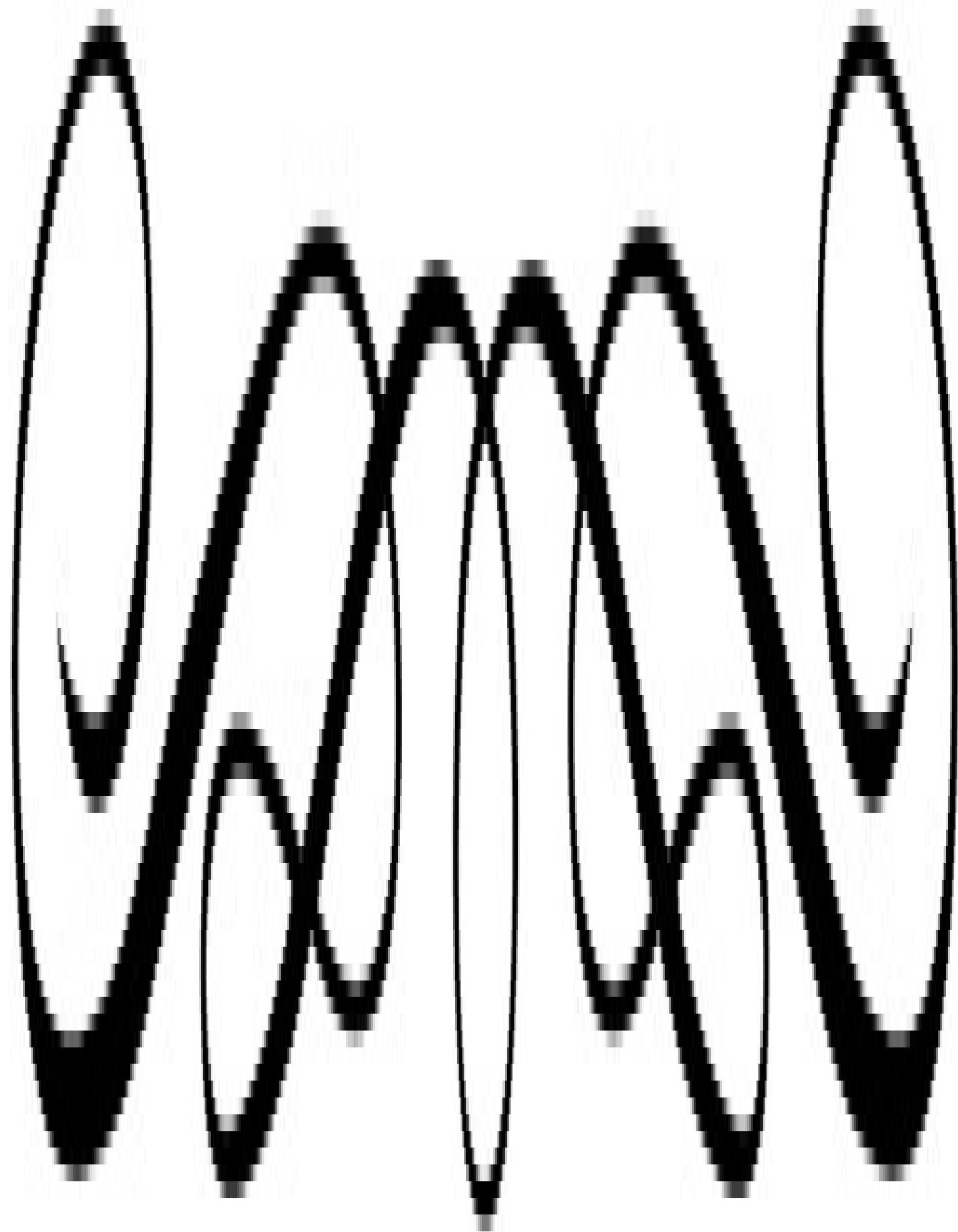
– Forme uma fileira. Os escudos estão preparados?

– *Aye*, sir.

– Não vamos deixar aqueles cavaleiros passarem.

– *Aye*, sir.

Capítulo 6



EM SEGURANÇA no salão nobre, Rowena andava de um lado para outro diante da lareira com a saia farfalhando a cada passo. Seu coração parecia estar pulsando na garganta sem ela saber a razão. Se os cavaleiros misteriosos trabalhavam para o pai dela, por que Eric mandou que ela se escondesse depressa? O que estaria acontecendo lá fora? Quem eram aqueles cavaleiros? Será que Eric estava em perigo?

– Alard?

O escudeiro de Eric a olhou de sobreaviso. Rowena deixou claro que não havia gostado da maneira desrespeitosa como ele a havia tratado.

– Sim, milady.

– Vou subir ao solário.

– Preciso acompanhá-la.

– Não vejo razão para tanto – ela respondeu, batendo a ponta do pé no chão. – Estarei em segurança lá.

Rowena sabia que a janela do solário dava para ver o pátio e a muralha, de onde ela podia ver claramente o que acontecia do lado de fora.

– Milady está pensando em olhar pela janela? – perguntou Alard, apertando os olhos.

– E se eu estiver? O que você tem com isto? Preciso saber o que está acontecendo.

– Há um arqueiro naquele grupo de cavaleiros.

Rowena sentiu um frio na espinha.

– As flechas têm penas brancas nas pontas – continuou Alard. – Milady, a janela do solário fica bem na mira de um arqueiro experiente. Sir Eric me mataria se alguma coisa acontecesse com a senhora. É melhor continuarmos aqui no salão.

– Você tem certeza de que as penas das flechas são brancas?

– Sim, milady.

– Sir Eric contou a você o que aconteceu durante o passeio?

– Contou, sim, milady.

Ela mordiscou o lábio inferior.

– As penas brancas podem ser coincidência, muitas flechas são assim.

– Mesmo que seja, sir Eric não quer se arriscar. Milady tem de ficar aqui.

Rowena olhou para o fogo da lareira e meneou a cabeça.

– Se aqueles cavaleiros não trabalham para meu pai, quem são?

– Não sei. Não se preocupe, milady. Sir Eric cuidará deles.

Ela sentiu a garganta seca. Era preciso esconder a ansiedade para não minar a confiança de Alard em Eric, porém, estava muito difícil se manter calma quando, a cada instante, uma nova preocupação lhe ocorria. Ainda bem que Eric e seus homens estavam em maior número, mas, se fossem alvejados, alguém poderia se machucar. Uma flecha bem lançada podia matar ou ferir gravemente até um homem de armadura. Eric não tinha viajado a Provins apenas com um jaquetão de couro, sem cota de malha. De repente, ela visualizou Eric sendo atingido por uma flecha... *não!*

Ela respirou fundo e voltou a andar de um lado para o outro. Nada fazia muito sentido. Por que um caçador clandestino chamaria a atenção para si mesmo?

– Se Eric não andar rápido, eu o matarei – ela murmurou.

Alard esboçou um sorriso.

– Como quiser, milady.

Alard mal terminou de falar quando as portas se abriram e o tilintar das esporas invadiu o salão. Eric. Rowena respirou aliviada. Não havia nenhum ferimento aparente, mas ele estava ofegante e a testa reluzia de suor. Ele prendeu as luvas no cinto e andou na direção da lareira.

– Eric, aqueles estranhos já foram embora?

– *Aye*, eles fugiram depois que você entrou. Nós os seguimos até os arredores de Provins, mas eles desapareceram.

– Eles são caçadores clandestinos?

– Você só precisa saber que não eram homens do seu pai – disse Eric, fitando-a.

– Eu já sabia disso. Tentei avisar que aqueles cavalos não vinham dos estábulos do meu pai, mas você não me ouviu.

– Desculpe, eu devia ter prestado mais atenção.

– Eu sempre me interessei por cavalos. Conheço todos os cavalos do meu pai e aqueles definitivamente não eram dele. Num primeiro momento, pensei que talvez meu pai tivesse comprado animais novos, mas quando Alard me disse que havia um arqueiro e que as flechas tinham penas brancas na ponta, eu me lembrei de ontem, claro.

Eric tentou sorrir.

– Aqueles homens não eram caçadores.

– Então, quem...

– Trate de esquecer o assunto, temos assuntos mais importantes para resolver. – Eric a segurou pelo braço e conduziu-a para as escadarias. – Venha, vamos aguardar no solário. Alard, peça a sir Guy para nos encontrar lá em cima. Depois busque Helvise e suba com ela.

– *Aye*, sir.

Rowena parou num dos degraus mais sombreados da escadaria.

– Eric, quem estamos esperando? O que está acontecendo?

– Mande chamar o sacerdote do vilarejo, Frei Peter. – Eric soltou o braço dela. – Rowena, sinto muito pela pressa, mas estou preocupado com sua segurança. Vamos nos casar ainda hoje.

– Casar? *Hoje*? – perguntou ela, piscando várias vezes. – Mas eu ainda não aceitei seu pedido.

– Você precisar concordar. – Ele a fitou no fundo dos olhos. – Eu imploro, Rowena, não podemos esperar mais. Case-se comigo. Hoje. Se estivermos casados, será mais fácil para eu cuidar da sua segurança.

Rowena segurou a respiração por alguns segundos. Pela seriedade do rosto dele, entendeu que iria se casar em poucas horas. Ela precisou conter a alegria repentina que brotou em seu coração. Afinal, havia acabado de sair do convento e não tivera tempo suficiente para concordar com o casamento. Era cedo demais. Ela achou que teria alguns dias, semanas talvez, para se decidir.

– Mas hoje? Você quer se casar comigo hoje?

Eric esboçou um sorriso carinhoso e colocou a palma da mão no rosto dela.

– *Aye*.

– É muito cedo, Eric. – Ela sorriu também, pois confiava nele o suficiente para não julgá-lo um tirano. – Creio que você não me forçará a consentir...

– Infelizmente, Rowena, é preciso. Nós vamos nos casar hoje.

– Não.

Eric recuou como se ela tivesse batido em seu rosto.

– Sei que você gosta de mim. Rowena, vou cuidar de você.

– Mas meus pais... pensei que meus pais testemunhariam nosso casamento. Eu esperava que...

– Não podemos adiar mais. – Eric segurou a mão dela e a puxou escada acima. – Não precisa ter medo. O casamento será legal e executado com todo o respeito. Frei Peter ficará honrado em nos casar. Teremos testemunhas também.

– Sir Guy, Helvise e Alard?

– Exatamente. Vamos nos casar no solário. Venha.

A mente de Rowena estava em turbilhão com a quantidade de informações que tinha de assimilar. Há poucos minutos, estava superpreocupada que Eric pudesse ter se ferido numa batalha; agora, via-se prestes a se casar com ele. Ao entrarem no solário, ele a soltou e a fitou com os lábios contraídos.

– Eric, por que não podemos esperar meus pais para nos casarmos?

Eric entremeou os dedos no cabelo, afastando-o da testa.

– Por causa da sua segurança. – Eric a segurou pelos dois braços e, com ar sério, continuou:

– Rowena, eu não quis assustá-la, mas acredito que o arqueiro do passeio seja o mesmo que estava com os cavaleiros que perseguimos hoje. Acredito que você seja o alvo dele.

– Eu? Por que alguém quer me matar? Por qual motivo? – indagou ela, boquiaberta. E logo em seguida, adivinhou a resposta: – Você teme que seja meu primo.

– Quem mais poderia ser? – Eric cruzou os braços sobre o tórax.

– Não nego que sir Armand almeja as terras do meu pai, mas ele não me mataria por isso.

– Como você pode ter tanta certeza? Lorde Faramus deixou claro o ódio que tem por sir Armand. – Eric estreitou a distância que os separava a ponto de ela precisar olhar para cima para ver o rosto dele. – A culpa é minha. Eu queria investigar sir Armand, mas uma mulher que conheço tomou meu tempo, querendo atenção e implorando por meus beijos. – Ele correu os dedos pelo rosto dela.

– Eu não implorei nada!

– Você sabe que sim – disse ele com um sorriso maroto. – Notei o brilho dos seus olhos essa tarde. Sei o que você queria.

Rowena olhou para a boca de Eric sem perceber que ele tentava distraí-la do assunto principal. E ele foi bem convincente, pois o coração dela disparou no mesmo instante. Ainda bem que ele não queria que ela se preocupasse. Mesmo assim, ela se afastou para poder pensar melhor.

– Sir Armand... acho que ele quer me matar, mesmo. – A possibilidade era bem plausível, mas era horrível pensar a respeito. Arrepiante.

– Há grandes chances de você ser o alvo dele. Na certa, ele quer evitar nosso casamento. Mas não vai conseguir. Assim que nos casarmos, serei o responsável por sua segurança. Rowena, seus pais já abençoaram nossa união. Vamos nos casar hoje.

O barulho de um grupo subindo apressado as escadas os interrompeu. Helvise foi a primeira a chegar, seguida por Guy e Alard. Rowena se assustou com a rapidez com que tudo estava

acontecendo.

– Frei Peter está a caminho, sir – Alard avisou.

– Bem, Rowena, você me aceita como marido? – Eric perguntou num voz casual e relaxada, segurando a mão dela.

O calor da mão dele subiu pelo braço dela e a invadiu por completo. Pelas linhas de expressão do rosto de Eric, ficou claro que, apesar de ele parecer relaxado, estava ansioso também. Era de se esperar de um homem ambicioso. Ele queria se casar por causa das terras dela. E ela queria por que... porque sim. Eric oferecia a ela um destino melhor do que entrar para um convento, o que aliás, ela já havia esquecido. Agora, ela só pensava em Eric e no quanto queria ficar ao lado dele para sempre. A atração já existia desde que eram pequenos e só aumentou depois que ela viu o homem irresistível em que ele havia se tornado.

– Sim, Eric, eu aceito – disse ela, abrindo um sorriso.

O rosto dele se iluminou com o consentimento, mas Rowena ainda sentia uma dor profunda. Será que um dia Eric a valorizaria como mulher e não como uma herdeira? Será que nesse dia eles compartilhariam o mesmo amor puro que ela esperou encontrar em Mathieu?

– VENHA POR aqui, milady. – Helvise a conduziu atravessando o mezanino na direção do quarto de Eric. – Sir Eric disse que vocês dormirão no mesmo quarto de hoje em diante. Eu já providenciei tudo.

Rowena meneou a cabeça, olhando para o salão dali de cima na esperança de externar a calma que sentia. O casamento tinha acabado de acontecer. Ela sorriu ao imaginar a reação de sua mãe e o que diria quando soubesse. A cerimônia não tinha nem chegado aos pés daquela que lady Barbara, condessa de Sainte-Colombe, esperava para a filha. Não houve fanfarra e nem diversão. O mezanino, que costumava reunir os menestrels, estava vazio e silencioso. Os noivos

não tinham se banhado com água de pétalas de rosa e não haveria fartura de comida para os convidados. A refeição servida no jantar tinha sido simples: meia dúzia de patos assados acompanhados por uma torta de maçã, nada similar ao banquete que lady Barbara tinha prometido a Rowena quando se casasse com conde Gawain. O importante é que, mesmo assim, Rowena tinha gostado muito de tudo. O casamento tinha sido às pressas, mas até aquele momento, ela estava feliz.

A noite tinha sido bem informal, e com o passar das horas Rowena já não estava mais tão chocada com a pressa do matrimônio. A atmosfera em Monfort era acolhedora e amigável. Os habitantes do lugar gostavam, respeitavam e confiavam em Eric. Qualquer um perceberia como eles gostavam de servi-lo.

Ali todos jantavam juntos, sentados a uma mesa comprida. Em honra ao casamento daquela noite, a mesa havia sido forrada com a toalha de linho branco que Rowena e Eric haviam trazido de Provins, mesmo sem a barra ter sido feita. Isto não teve a menor importância, pois estavam todos encantados com o matrimônio às pressas.

No centro da mesa, havia vasos de campânulas azuis, que pareciam pequenos sinos, alternando com candelabros repletos de velas, uma demonstração de carinho dos empregados com sir Eric.

– Gosto dessa florzinha – comentou Rowena.

– Espero que sim. – Helvise sorriu. – Sir Eric não tem pratos de prata, e as flores combinam com as cores dele. Achei que os arranjos dariam um ar de festa.

Rowena meneou a cabeça e apoiou a mão na balaustrada para olhar para o salão lá embaixo. O contraste com os salões nobres em Jutigny e Sainte-Colombe era enorme. Nas vigas do salão de seu pai estavam pendurados os brasões de armas com as cores do cavaleiros, fileiras e fileiras deles. Ali só havia dois conjuntos de cores, azul para Eric e roxo para sir Guy. Em Jutigny e Sainte-Colombe, as paredes brancas ostentavam uma exposição de armas antigas ao lado de tapeçarias bordadas por lady Barbara e por sua mãe. Não havia história em Monfort, ali era tudo mais simples, mesmo porque Eric não tinha ancestrais que pudessem ter deixado um arsenal de armas enferrujadas para serem expostas. Era pouco provável que a família dele, qualquer que fosse, tivesse um brasão. A mãe dele também não havia bordado nenhum tapete para ser pendurado na parede.

O riso dos presentes no salão reverberava até onde ela estava. Eric podia não ter família, mas tinha grande facilidade de fazer amigos. Sir Guy, sentado do lado direito dele, servia-o de mais vinho. O líquido vermelho reluzia como rubi à luz das velas. Do lado direito, Alard ria de um comentário de uma das criadas. As portas estavam totalmente abertas, e por ali criados entravam trazendo mais assados e tortas de maçã, as maiores que Rowena já tinha visto. As chamas das velas se inclinaram com a ovação dos presentes diante de mais comida. Rowena sentiu o cheiro de madeira, misturado com carne assada e frutas, que perfumava o ambiente e chegava até onde ela estava.

Parecia uma reunião de família. Eric tinha construído uma família. Rowena estava prestes a comentar com Helvise, quando percebeu o olhar de adoração que a moça dirigia a Eric.

– Helvise? – chamou ela com o coração apertado.

– Sim, milady.

– Você o ama, não é? – Rowena perguntou, mas como Helvise não pareceu entender, ela

repetiu: – Você ama sir Eric.

– Ele é muito bom para mim. – De repente, Helvise entendeu o que Rowena perguntava e ficou horrorizada. – Oh, não, milady, não é nada disso que está pensando. Sir Eric e eu... não, não, não é nada disso.

Rowena não conseguiu disfarçar o olhar direto para o ventre inchado de Helvise, que reagiu, cobrindo-o com as duas mãos.

– Imagino o que esteja pensando, milady, mas não é verdade. Não deixe que preocupações assim estraguem sua noite de núpcias. O maior sentimento que tenho por sir Eric é a lealdade. Agora, por favor, venha por aqui. – Helvise se afastou da balaustrada e se dirigiu para o quarto de Eric.

Rowena a seguiu, esforçando-se para acreditar no que a criada tinha dito. A ideia de Eric e Helvise terem sido amantes não a agradava nem um pouco. Se bem que não devia ficar perturbada, já que seu casamento era de conveniência e não por amor. Saiu do convento para se casar com alguém que gostava, menos mal. Mas, no final, tinha seguido a vontade de seus pais. Ambos gostavam de Eric tanto quanto ela. Olhando para ele dali de cima, querido e dono da lealdade de seus criados, ela entendeu porque seu pai o promoveu tanto. Quando chegasse a hora, Eric de Monfort seria o melhor dos guardiões e Sainte-Colombe estaria em segurança sob o comando dele.

Rowena sentiu o coração acelerar ao entrar no quarto de Eric, maior do que o que ela dividia com Helvise. As janelas já estavam fechadas, havia velas nos candelabros de parede e a lenha crepitava na lareira. Rowena olhou para a cama enorme e sentiu a boca seca. Será que Eric iria exigir seus direitos de marido? Pensar na possibilidade a deixou muito nervosa, por mais que gostasse dele não estava preparada para se deitar ali. A bem da verdade, eles só tinham se conhecido direito havia dois dias, pois o tempo de criança não contava.

A cabeceira de madeira da cama parecia nova e recendia masculinidade. O colchão era bem grosso. A colcha estava dobrada nas duas pontas logo abaixo de dois grandes travesseiros. Havia uma bandeja com café e bolo sobre um pesado móvel de madeira, provavelmente Helvise a tivesse colocado ali.

– Espero que não se importe – disse Helvise. – Tomei a liberdade de cortar alguns dos tecidos que milady trouxe de Provins para confeccionar os lençóis, mas não tive tempo de fazer a bainha.

– Obrigada, Helvise. – Rowena sorriu, fingindo que não estava tão nervosa. – Teremos muitas barras para fazer nos próximos dias.

– Quilômetros, eu diria – disse Helvise, franzindo o cenho. Ao se adiantar para tirar os grampos que prendiam o véu de Rowena, ela encostou a barriga na mão da noiva. – Não se preocupe, milady, sir Eric não vai machucá-la.

Rowena respirou fundo. Não estava disposta a ouvir conselhos sobre a noite de núpcias, que uma mãe teria dado à filha, vindos de Helvise.

– Acho que não mesmo. Conforme você mesma disse, sir Eric, é um homem bondoso. – *E ele não iria se indispor com a esposa que viera com um dote de terras e prestígio.*

Ao terminar de tirar o véu de Rowena, Helvise o dobrou e colocou sobre um baú, encostado à parede.

– Fico feliz que tenha se tornado a esposa dele. Desde que sir Eric se apossou de Monfort,

ele fala da época em que morou em Jutigny. Ele tem sua família na mais alta estima.

– É bom ouvir isso.

– Milady, sua mãe explicou que...?

As chamas das velas tremeluziram com a entrada de Eric. Helvise parou o que dizia e corou.

– Obrigado por sua ajuda hoje, Helvise – disse ele. – Não sei o que teríamos feito sem você.

– O prazer foi meu, sir – ela respondeu, e baixou numa vênha. – Posso servi-los em mais alguma coisa?

– Não, obrigado. Boa noite, Helvise.

– Boa noite, sir. – Helvise saiu, fechando a porta atrás de si.

– Achei que você não gostaria de passar pela cerimônia da consagração do casamento – disse Eric, erguendo uma das sobrancelhas.

Rowena fez uma careta.

– Ah, graças a Deus, eu estava com medo. Obrigada por ter chegado logo. Helvise estava prestes a me dizer o que esperar num leito nupcial.

– Lady Rowena de Sainte-Colombe, você está se divertindo à custa dela? – Eric perguntou, achando graça da situação.

– O que quer dizer? – Rowena retesou o corpo.

Antes de responder, Eric se aproximou e, ao segurar a trança dela, tirou o laço com um carinho incomum.

– Acredito que você, minha querida, seja muito mais experiente do que quer parecer.

– Não tenho muita experiência de um jeito ou de outro. – Rowena tocou a mão dele.

– Não? – Eric sorriu, correndo os dedos pelo cabelo dela.

– Como você soube de Mathieu? – perguntou ela, encarando-o.

Eric deu de ombros e continuou desfazendo as tranças. As mãos dele eram surpreendentemente gentis.

– Eu não sabia o nome dele. Imaginei que sua aversão ao conde Gawain não tenha sido a única razão pela qual você entrou para o convento. Imagino que existam outras.

– Não muitas – Rowena respondeu com a verdade.

Alguns beijos roubados não contavam muito.

– O que aconteceu?

– Ele foi morto – disse ela, com o olhar fixo no pescoço dele.

Eric levantou o rosto dela, segurando-o pelo queixo.

– Lembro que um escudeiro com este mesmo nome foi morto em uma briga numa taverna de Provins há um ano.

– Sim, foi Mathieu.

– Sinto muito. Você o amava? – Eric soltou o queixo dela. – Não precisa responder. Eu não tinha o direito de ter perguntado. Claro que você o amava. O amor devia ser grande o suficiente para você não suportar a ideia de se casar com conde Gawain.

O olhar de Eric tocou o coração dela.

– Sim, eu o amava. Fiquei arrasada com a morte dele. Mas, no fundo, acho que não nos conhecíamos muito bem. – Os olhares de Rowena e Eric se prenderam. – Ele tinha a mesma idade que eu.

– Ele devia ter 17 anos quando morreu.

– *Aye*.

– Pobre rapaz, morreu muito cedo. – Eric suspirou. – Foi por isso que você recusou o pedido do conde de Meaux.

Rowena percebeu que ele parecia muito vulnerável, tanto que entrelaçou os dedos da mão com os dele.

– Meu pai ficou furioso, mas não me arrependo.

– Folgo em saber.

A expressão do rosto de Eric mudou no mesmo instante e ele a virou de costas. Depois de beijá-la carinhosamente no pescoço, ele começou a desatar os laços do vestido.

– Não se pode confiar no amor – continuou ele num tom de voz que disfarçava sentimentos indesejados.

Ela sorriu e olhou para ele por cima do ombro.

– Tenho certeza que, diferente de mim, você é muito experiente.

– Como chegou a essa conclusão?

– Eric, você viveu em Jutigny durante anos – disse ela, rindo. – Todas as criadas do castelo olhavam para você. Pelo que me lembro, você correspondia a todos os flertes. Você tinha uma reputação e tanto.

– É mesmo?

– Você sabe que sim.

Eric afastou o decote do vestido dela, expondo os ombros, e beijou-a de um lado e de outro. Mais um puxão e o vestido escorregou pelo corpo dela, deixando-a apenas com a camisola do convento. Para sorte dela, o tecido era grosso e escondia as curvas de seu corpo do olhar especulador. Percebendo o corpo inteiro em chamas, ela pisou para fora do vestido e se abaixou para pegá-lo.

– Deixe... – disse ele com voz rouca, oferecendo a mão para ajudá-la a se levantar. – Deus do céu, Rowena, seu cabelo... *você...* você é maravilhosa.

Sentindo o coração pulsar na garganta, ela entrelaçou os dedos nos dele e abriu um sorriso tímido. Eric a estudava da cabeça aos pés.

– Eric, não sei se posso...

Ele a olhou, confuso.

– Claro que pode. Você é uma mulher experiente...

Rowena franziu o cenho. O que ele quis dizer? Na certa estava brincando.

– Estou muito nervosa.

Eric segurou-a pela cintura e puxou-a mais para perto.

– Não se preocupe, nós nos sairemos muito bem. – Ele afundou o rosto no cabelo dela e em seguida afastou-o para trás dos ombros.

A mesma sensação gostosa que a invadia sempre que se beijavam a dominou a tal ponto que suas pernas fraquejaram e ela precisar enlaçá-lo pelo pescoço para se apoiar.

– Assim é bem melhor – disse ele, mordiscando o lóbulo da orelha dela. – *Muito* melhor.

A voz dele a entorpecia, mas não amenizava seus temores.

– Eric?

– Humm.

– Acho que não sei o suficiente para...

Eric levantou a cabeça e seus olhos refletiram a chama da vela.

– Nós nos conhecemos há anos.

– Você sabe do que estou falando. Faz só dois dias.

– *Mon Dieu*, já passou tanto tempo assim? – Ele fingiu uma careta de espanto. – Tive a impressão de que foram dez anos.

– Obrigada. Você é um galanteador. – Rowena deslizou a mão sobre a túnica dele. – Por favor, Eric, não podemos esperar mais um pouco para nos conhecermos melhor?

– Rowena, devemos consumir nosso casamento esta noite – disse ele, sorrindo e meneando a cabeça.

O coração de Rowena bateu mais forte. Ela o fitou e rezou para que um dia o casamento deles significasse mais do que um acordo de conveniência para ambos.

Eric segurou o rosto dela com as duas mãos e beijou-a na ponta do nariz.

– Não quero perder você. Não deve haver dúvidas que estamos casados de fato. Se por acaso você for questionada, quero que possa jurar que nos conhecemos profundamente e no sentido bíblico.

Quando ele pressionou o corpo ao dela, Rowena percebeu o quanto era desejada.

– Eu a desejo, Rowena. E vou possuí-la esta noite.

Rowena respirou fundo e procurou afastar todas as dúvidas. Afinal, Eric era seu marido e seu futuro seria ao lado dele. Ao tentar derrubar as barreiras remanescentes, sua pele se levantou em doces arrepios, aquecendo sua feminilidade. Era uma sensação desconhecida, mas deliciosa. Sem dúvida era o desejo que começava a consumi-la. De repente, parecia que seus seios ganhavam vida e imploravam para serem tocados. Não só eles, mas também cada centímetro de seu corpo ansiava para ser explorado sem demora. A razão ainda impunha limites, mas a emoção a julgava pronta.

Na realidade, lady Barbara a havia instruído sobre a noite de núpcias quando ela estava prestes a se casar com conde Gawain. Rowena sabia que sentiria dor no início, mas estava ciente de que não demoraria muito para passar. Contudo, nada que tivesse ouvido podia tê-la prevenido que o desejo a faria levar de prazer antes mesmo de ser consumida. Era como se uma febre alucinante a tivesse dominado sem que ela desconfiasse dos efeitos que surtiria em seu corpo e alma.

Toque-me, Eric. Toque-me no corpo inteiro.

– Muito bem.

Eric segurou a cabeça dela mais uma vez e a beijou demoradamente com a intenção de provar que não mudaria de ideia e que naquela noite se tornariam amantes. Mesmo sendo mais experiente, ele também sentia uma quentura inusitada na pele, uma indomável euforia ao fazê-la perceber o tamanho do desejo que o consumia. Quando ela entreabriu a boca para recuperar a respiração, ele aproveitou para morder seus lábios macios e sentir o gosto adocicado. De repente, as línguas dançavam num ritmo de puro sabor. Eric se sentiu embriagado pelo perfume e pelo gosto dela a ponto de quase chegar à loucura, e ainda estavam apenas se beijando. Com passos curtos, eles foram se aproximando da cama sem se separar. Eric abriu os olhos ligeiramente e viu o quanto ela estava corada; por mais que quisesse possuí-la sem demora, tinha medo de se apressar e assustá-la, por isso, tinha de ir bem devagar. *Temos o resto da vida juntos.* Era a primeira vez que pensava assim, mas era o que parecia certo. Seria uma pena se

deixasse a pressa arruinar a beleza daquele momento.

– Tire minha roupa, por favor – ele pediu, colocando a mão dela sobre a fivela do cinto. Oh, Deus, seria difícil se conter, mas o desejo latente impossibilitava até que ele falasse direito.

– Como quiser, meu marido – disse ela, corando ainda mais, mesmo que parecesse impossível.

Meu marido. Eric sentiu que aquelas palavras ficariam tatuadas em seu coração. Ele jamais imaginou que seria marido de uma mulher tão divina quanto lady Rowena de Sainte-Colombe. Entretanto, algo ainda o intrigava. Como Rowena conseguia parecer tão inocente? Chegava a ser excitante, embora ele tivesse certeza de que Mathieu havia sido amante dela. Bem, Eric não sabia muito como satisfazer uma mulher, mas faria o possível para que ela sussurrasse o nome dele naquela noite, e não o de Mathieu.

Os dedos pequenos de Rowena soltaram o cinto dele, que caiu ruidosamente no chão. Insegura, ela olhou para ele esperando instruções.

– A túnica?

– Sim, por favor. – Eric gemeu baixinho. A falsa timidez de Rowena seria sua ruína.

Ela puxou a túnica dele pela bainha e tentou tirá-la sem sucesso.

– Você é muito alto, precisa me ajudar.

Impaciente, Eric tirou a túnica e a blusa de baixo de uma só vez, deixando-as cair sobre o cinto. Rowena mordiscou os lábios e movimentou as mãos como se tocasse os músculos bem-definidos do tórax dele. Eric chegou a sentir o calor das mãos dela na pele mesmo que não estivesse sendo tocado. Ele suspirou profundamente antes de ela finalmente espalmar as mãos no peito dele. Um *frisson* correu o corpo dele de cima a baixo.

– Eric...

Eric estava agonizando com a impressão de que sua masculinidade romperia o tecido da calça. Rowena inclinou-se para a frente e beijou-lhe o tórax, deslizando a ponta do dedo pelos sulcos entre os músculos bem-definidos, deixando uma trilha em brasa por onde passava.

Afastando-a um pouco, Eric soprou algumas velas, apagando-as. Depois a enlaçou pela cintura e sentaram-se juntos na beirada da cama. Sob a luz tremeluzente das velas restantes, os olhos de Rowena pareciam maiores e brilhavam com a paixão que conduziu seus movimentos para se livrar da camisola, para deleite de Eric.

Ele precisou respirar fundo para melhor admirar as curvas perfeitas daquele corpo tão feminino. Se comparada à maioria das mulheres, Rowena estava longe de ser voluptuosa. Mas sua altura de menina não influenciava a maturidade perfeita de seu corpo de proporções perfeitas.

Com o cuidado de quem toca um objeto frágil, Eric passou a mão pelas coxas dela, subiu pelos quadris arredondados. A pele dela era suave como a seda.

– Rowena... – murmurou ele. – ... sou o homem mais feliz do mundo por ter uma mulher tão perfeita.

O rosto dela estava tão vermelho quanto uma papoula, mas ela estava relaxada, encorajando-o a prosseguir com a exploração de seu corpo. Gemeu baixinho quando ele escorregou uma das mãos por entre suas pernas, enquanto a outra chegava aos seios miúdos.

A paixão chegou a escurecer os olhos dela. Foi este o incentivo que ele encontrou para se livrar da calça. Em seguida, beijou-a com volúpia enquanto a empurrava suavemente para os

travesseiros. Imaginou se não a estaria machucando ao cobrir aquele corpo frágil com o seu, mas suas carícias eram correspondidas em toda sua plenitude. E ele se esqueceu de tudo até que a calma, que o regia até então, converteu-se numa pressa incontrolável. Rowena afastou as pernas num convite, mostrando-se pronta para recebê-lo. Eric se posicionou entre as coxas roliças e beijou Rowena brevemente nos lábios, para depois sugar seu pescoço, ao mesmo tempo em que começava a penetrá-la. Puro êxtase. Mas quando movimentou os quadris, ela gemeu de dor, quebrando a sensualidade do momento.

– O que houve, Rowena? – perguntou ele, estranhando o tanto que ela se contraía.

– Pare um pouco, por favor. Deixe-me acostumar – ela pediu, cravando as unhas nos ombros dele.

– Eu a machuquei?

– Não... sei que essa dor vai passar logo...

O riso encabulado fez com que ele percebesse que havia se enganado e tentasse sair de dentro dela. Rowena balançou a cabeça e decidida, segurou-o nas duas nádegas.

– Não, Eric. Fique.

Dominado pela paixão, ele não hesitou em continuar movimentando os quadris em vaivém, mas sem deixar de pensar que ela era virgem. Como tinha errado tanto em seu julgamento? Rowena era inocente e ele a machucara. Oh, Deus, o que tinha feito?

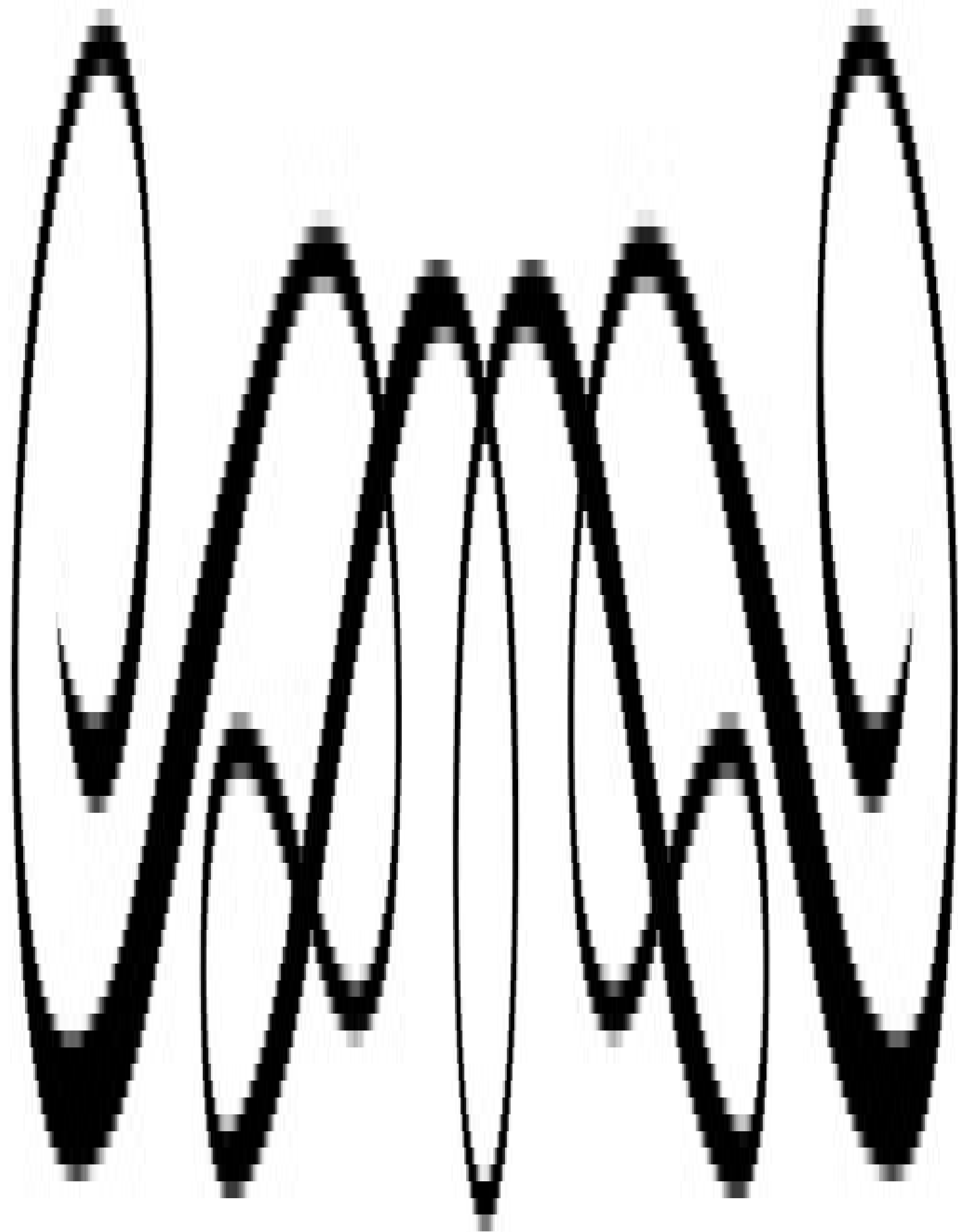
– *Mon Dieu*, Rowena, perdoe-me. Sou um idiota ignorante.

Ela entremeou os dedos no cabelo dele, puxando-o para beijá-lo na boca.

– Não há o que perdoar – disse ela, afastando os lábios em milímetros. – Era esperado.

Prendendo o olhar no dela, certificando-se que a dor tinha sido substituída pelo prazer, Eric galgou-a até atingir o ápice da paixão.

Capítulo 7



— POR QUE você não me contou que era virgem? — Eric exigiu, ao puxar as cobertas para cobri-los.

Rowena estava aninhada ao lado dele, abraçando-o pela cintura. Eric estava aborrecido por não tê-la levado ao prazer, também. Assim que soube que ela era inocente, ele tratou de apressar a relação para não machucá-la mais. Era a primeira vez que ficava nervoso depois de fazer amor com uma mulher. Se bem que era a primeira vez também que consumava um casamento. Mesmo assim, ele se sentiu estranho. Ainda bem que ela havia se aconchegado ao corpo dele depois, sinal que não o odiava, pelo menos esperava que não.

Ela levantou a cabeça e o perfume de flores de verão o envolveu. *Rowena*.

— Da maneira como você falou, pensei que tivesse um amante.

— Não foi nada disso — disse ela, confusa.

Eric procurou se lembrar exatamente do que ela havia dito.

— Tinha me dito que você e seu escudeiro...

— O nome dele era Mathieu de Lyon e ele não era meu escudeiro. Eu o amava, mas nunca fomos amantes. — Rowena desenhou pequenos círculos com o dedo sobre o peito dele. — Sempre fomos muito discretos. Mathieu me respeitava bastante.

— Eu devia ter entendido direito. Fui muito apressado em julgar você.

— Você achou que eu tinha me entregado a Mathieu?

— *Aye*. — Eric ergueu a mão dela e beijou cada um dos nós dos dedos. — Você me perdoa?

— Claro que sim. — Ela abriu o mais encantador dos sorrisos, que enterneceu Eric. — Você sabe que se entregar a um homem sem que os dois estejam unidos pelos laços do casamento não é uma decisão muito inteligente.

— Sei disso naturalmente. Mas acontece...

— Não foi o meu caso. Imagine a reação do meu pai se eu engravidasse sem estar casada. — Ela deu de ombros. — Eu sabia que iria me casar um dia e me guardei para a noite de núpcias.

Eric entrelaçou uma mecha de cabelo de Rowena nos dedos. Rowena pertencia a ele e não havia se entregado a Mathieu de Lyon. A descoberta o deixou orgulhoso e com um aguçado sentimento de posse.

— Eu agradeço, mas me arrependo de ter machucado você.

— Não foi nada. Eu sabia que sentiria dor na primeira vez. A segunda vez será mais fácil.

Eric resmungou, embora estivesse aliviado, e a abraçou. O casamento tinha sido muito apressado. Foi uma pena ele não ter se preparado melhor para o papel de marido. Contudo, Rowena não parecia eximi-lo de culpa por ter se deixado consumir pelo desejo. Deitado de costas e com o olhar preso no teto, ele procurou entender por que a havia julgado tão mal. Talvez estivesse cego de paixão por sua linda e frágil esposa.

Rowena afastou um pouco a cabeça e recomeçou a desenhar pequenos círculos sobre o tórax dele, detendo-se nos pequenos tufo de pelos. Eric cerrou os dentes ao perceber que o desejo se renovava. Apesar de ela ter perdido a virgindade, continuava inexperiente. Ela provavelmente não imaginava o efeito daquelas carícias. Se soubesse, nem teria começado.

Eric suspirou e se lembrou de algo que o intrigava. Por que lorde Faramus decidira presentear um humilde cavaleiro com sua herdeira? Certamente ele gostaria de ter conseguido uma aliança mais promissora. E pensar que ele havia concedido a mão da filha para conde

Gawain de Meoux! Por impulso, ele segurou a mão dela, impedindo-a a continuar com aquela doce e inocente tortura.

– Rowena?

– Humm?

– Seu pai sabia do seu namorico com De Lyon?

– Claro que não. Mathieu morria de medo do meu pai, por isso fomos bem discretos. Até onde sei, você é a única pessoa que sabe.

Eric sentiu o coração inflar com a confiança que ela lhe depositara, mesmo que o motivo não o deixasse muito à vontade. Ele não tinha sido escolhido para encobrir uma indiscrição. Afinal, o pai dela o queria como genro. Segurando o queixo dela, ele a forçou a fitá-lo.

– Quer dizer que seu pai queria mesmo me escolher como seu marido.

– Ora, ele não exigiu sua presença em Jutigny? Ele pediu para você me raptar?

– *Aye*.

– Eric, não tenha dúvida. Meu pai escolheu você. Ele sempre confiou em você. – Rowena beijou a palma da mão dele. – Ele acredita que você cuidará das terras dele um dia. Confesso que fiquei feliz com a escolha.

Eric se sentiu tomado por emoções conflitantes que não saberia distinguir. Ele sorriu para Rowena, sua esposa, e tentou reprimir o desejo que corria com o sangue em suas veias. Não poderia possuí-la novamente depois de ter sido tão rude na primeira vez. Ela precisava de tempo para se acostumar. Pensando assim, ele se contentou em contemplar o cabelo louro e brilhante, a curva do maxilar e do nariz e a cor daquela boca tão bem desenhada. Ela era tão linda. Mais uma vez ele se sentiu envolto numa bruma com perfume de flores do campo tão inebriante quanto o vinho.

Quanto tempo precisaria esperar para procurá-la de novo? Uma semana? Oh, Deus, precisaria aguardar por uma eternidade. Quem sabe alguns dias, apenas? Eric sentiu o coração latejar. Rowena passou a mão sobre o tórax dele murmurando alguma coisa com a voz embargada pelo sono. Resolvido. Esperaria que até o dia seguinte ela tivesse se recuperado.

Rowena estava fascinada pelo tórax largo de Eric. Ela já havia imaginado como seriam os músculos sob a túnica. A sensação de sentir a pele firme com a palma da mão era indescritível, sem contar o quanto era bom brincar com os tufo de pelos que desciam numa trilha erótica até abaixo da cintura. Embora não tivesse coragem de verificar com as próprias mãos, ela desconfiou que a protuberância sob o lençol fosse um sinal de que ele queria repetir a experiência. Sorrindo, ela decidiu continuar a explorar aquele corpo másculo, começando pelos ombros largos, os braços, a largura do pulso, as mãos de um guerreiro, as palmas calejadas pela espada... a exploração a levou a concluir que tocar Eric era tão prazeroso quanto olhar para ele. Uma onda de prazer percorreu seu corpo, deixando-a com os mamilos intumescidos.

Ela decidiu se mexer para provocá-lo e o ouviu prender a respiração. De todos os cavaleiros de seu pai, Eric era o melhor. E agora era seu marido. Ao entrelaçar os dedos com os dele, ela tornou a olhar para baixo da cintura masculina. A primeira vez não tinha sido tão dolorosa quanto esperava, e parecia que ainda faltava alguma coisa mais plena, era como se seu corpo exigisse mais. Devia haver uma magia maior no ato do amor do que o que acabara de acontecer. Bastava pensar na maneira como as criadas de Jutigny seguiam Eric com o olhar... ah, sim, tinha de haver algo mais...

– Eric?

– *Aye*? Você está bem? Quer um pouco de vinho?

A voz dele estava carregada de sensualidade. Ótimo. Para provocá-lo um pouco mais, ela beijou-o nos dedos e percebeu que ele respirou fundo.

– Nada de vinho, obrigada. Mas há uma coisa que você pode fazer por mim...

– *Aye*?

– Acho que devemos consumir nosso casamento de novo.

Eric se surpreendeu.

– Acho que fui rude demais. Você é uma dama e precisa se recuperar.

– Ora, não sou feita de cristal veneziano. Temos de ter certeza.

Eric começou a rir.

– Não há dúvidas, Rowena. Você não é mais virgem.

Ela contraiu o rosto e ele a encarou.

– Rowena?

– Confesso que estou curiosa. Ouvi dizer que a segunda vez não dói tanto.

– Não sei como explicar. Nunca fiz amor com uma virgem antes.

– Bem, foi o que me disseram. – Ela ergueu uma das sobrancelhas e o beijou no rosto. – Estou ansiosa para comprovar.

Eric abriu um sorriso terno.

– Ansiosa? – Ele a abraçou e a segurou pelas nádegas, pressionando-as contra sua masculinidade túrgida. – Acho que podemos resolver isto.

Ela o beijou no rosto e ele permeou os dedos no cabelo dela. Quando as bocas se encontraram num beijo apaixonante, ela entendeu que Eric compartilhava de sua ansiedade. Os dois gemeram juntos.

Rowena sentiu como se cada célula de seu corpo ganhasse vida com o toque gentil das mãos dele. Estranho como um homem tão forte quanto Eric fosse capaz de acariciá-la com tamanha gentileza. Com vagar, ele a virou e cobriu de beijos os seios dela, detendo-se nos mamilos. Com a mesma ternura, afastou as pernas dela e passou a explorar a feminilidade com os dedos ágeis. Como se todos os pudores tivessem caído por terra, Rowena começou a se contorcer à medida que um feixe de sensações extasiantes dominava seu corpo. O desejo passou a reger seus movimentos.

– Eric...

Sem que ela precisasse falar, ele se posicionou entre as coxas dela e a penetrou. Os corpos se fundiram e se movimentavam em perfeita sintonia. Rowena percebeu que logo sua fome recorrente seria saciada.

– Mais...

Eric mordiscou o lóbulo da orelha dela, enquanto a penetrava sem deixar de acariciar o ponto mais sensível dela com os dedos. De repente ela sentiu que aquela viagem alucinante alcançava seu destino. Ela gritou o nome dele e cravou as unhas nos ombros largos como se estivesse se agarrando à própria vida. Eric mergulhou no cabelo dela e, com as últimas estocadas, alcançou o prazer supremo também.

Ofegantes e saciados, os dois deitaram-se lado a lado.

– Foi melhor? – Ele perguntou com um sorriso cheio de malícia.

– Sem dúvida.

– Nenhuma dor?

– Nenhuma. – Com um dos cantos da boca curvado para cima, ela se aproximou e pousou a cabeça no peito dele. Era incrível como se sentia segura ao lado daquele homem. – Obrigada, Eric. Eu sabia que faltava alguma coisa.

– O prazer foi meu.

Rowena suspirou e se aconchegou mais. Eric sorriu ao se dar conta que tinha entendido como fazer com que uma mulher compartilhasse de seu prazer.

Sorte dela, pois nem todos os homens compreendiam uma mulher tão bem. E pelo que ela havia observado em Champagne, assim como em Sainte-Colombe, a maioria dos homens nem se importava com isso.

– Por que você está suspirando? – indagou ele, correndo o dedo pelo rosto dela. – O que houve?

– Nada. – Rowena puxou o cabelo para a frente e viu o quanto estava emaranhado. – Você desarrumou todo meu cabelo, parece um ninho de passarinho.

Eric colocou a mão na cabeça dela e de propósito bagunçou o cabelo ainda mais. E abriu aquele sorriso sensual que a deixava arrepiada.

– Você está perfeita para mim.

NO FINAL da manhã do dia seguinte, Rowena estava no casarão quando ouviu o tilintar de armaduras, parecia haver um exército no pátio.

Eric havia partido para Jutigny ao raiar do sol. Pelo barulho, ele teria trazido a tropa inteira de volta. Rowena atravessou o salão correndo e postou-se no alto das escadas.

O pátio havia ganhado vida com a presença de inúmeros cavaleiros de armadura. Os

estandartes ostentavam as cores do pai dela. Alguns dos cavaleiros menearam a cabeça, cumprimentando-a. Ela procurou por Eric e viu quando ele desmontou e passou as rédeas do cavalo para Alard. Subindo os degraus de dois em dois, ele se aproximou e beijou a mão dela.

– Bom dia, minha adorada.

Quando os lábios úmidos tocaram a pele dela, Rowena sentiu um arrepio de prazer.

– Eric, por favor, não estamos sozinhos. – Corada até a raiz do cabelo, ela puxou a mão e escondeu-a entre as pregas do vestido. – Pelo visto você falou com meus pais. Contou que estamos casados?

Eric endireitou o corpo e assentiu com a cabeça. Com toda a habilidade, ele puxou a mão dela de novo e, balançando as mãos, ambos entraram no salão.

– Claro que sim.

– Eles ficaram surpresos?

– Um pouco. – Eric baixou o tom de voz e continuou: – Mas quando contei o que tinha acontecido durante o passeio e depois, eles entenderam a pressa. Eles estão preocupados com o seu bem-estar e sugeriram que você voltasse a Jutigny sem demora. – Ele abriu o braço, mostrando o batalhão no pátio. – Essa escolta garantirá uma viagem segura.

– Você não acha que estou em segurança aqui? – indagou ela, mordiscando o lábio.

Eric se encostou à porta.

– A segurança de Monfort nem se compara com a de Jutigny. Seu pai tem uma fortaleza e pelo menos dez vezes mais homens do que eu.

Um pensamento tenebroso passou pela mente de Rowena, que apertou a mão dele.

– Eric, você não está me mandando embora, não é? Você vai me acompanhar?

Ele ergueu uma das sobrancelhas com os olhos brilhantes.

– Tente me impedir. – Eric se curvou para beijá-la na boca e disse baixinho: – Senti saudades.

Rowena ouviu alguns risos sufocados dos soldados e corou. Eric gostava de brincar, mas ela não estava acostumada.

– Comporte-se, Eric.

– Estou deixando você sem graça?

– Você sabe que sim.

– É uma pena – disse ele, sorrindo e apertando a mão dela. – Você bem que gosta.

Rowena chegou a abrir a boca para contestar, mas mudou de ideia. Seria difícil mentir, pois gostava de ser o centro das atenções dele. Pensar que ele havia sentido saudades acalentava seu coração. Ela havia sentido falta dele, a cama tinha ficado fria depois que ele se levantara.

– Você é um galanteador incurável.

– De Lyon nunca a cortejou?

– Nunca.

Hoje ela sabia que Mathieu era jovem e inexperiente demais, bem diferente de seu marido.

– Que tolo!

Rowena encarou aquele homem lindo e sedutor, que também era seu marido, e concluiu que Mathieu e ele não podiam ter sido mais diferentes. Mathieu era sério, ajuizado e inocente. Já Eric era divertido, charmoso, um homem do mundo, e muito mais bonito.

De repente ela já não se lembrava mais de como Mathieu era e se sentiu culpada. Como pôde

amá-lo tanto e agora sequer se lembrava de seu rosto? Que estranho. Sorriu ao pensar que se tivesse se casado com Mathieu estaria morrendo de tédio.

Por outro lado, o casamento com Eric jamais seria entediante. Havia sempre muito que fazer. Ela decidiu que uma das primeiras providências seria reforçar o laço que os unia. Eric gostava dela e era correspondido, mas nenhum dos dois estava muito comprometido.

Rowena não encarava a falta de amor como uma desvantagem, pois vários casamentos de sucesso tinham sido realizados sem amor. Além do mais, ela nunca tinha visto Eric se apaixonar. Ele não se permitiria. Era charmoso e lisonjeiro, mas nunca tinha amado ninguém, o que significava que ela precisava encontrar um meio de consolidar o sentimento que existia entre eles. Se conseguisse, Eric não precisaria procurar outras pessoas para se aconselhar ou mesmo para lhe fazerem companhia. Pensar que ele podia procurar outras mulheres a deixou furiosa. Bem, quando chegassem a Jutigny, ela pediria conselhos para a mãe. De um jeito ou de outro, ela estava determinada a fazer com que Eric só sentisse a falta dela e de ninguém mais. Enquanto isso não acontecesse, não havia como ter certeza de que o casamento deles daria certo.

SIR GUY seria o guardião de Monfort enquanto Eric e Rowena estivessem em Jutigny.

Meia hora mais tarde, Rowena já estava montada em seu cavalo ao lado de um escudeiro, enquanto sir Guy ouvia as últimas recomendações de Eric.

– Você pode confiar no ferreiro – dizia Eric. – Os aldeões confiam nele. Guy, eu o instruí para que o procure, caso aqueles forasteiros voltem. Ele jurou que vai alertá-lo caso perceba alguma movimentação estranha. Acho que não preciso dizer que quero saber de tudo, por mais trivial que possa parecer.

– Não se preocupe, se um galho quebrar durante um passeio, mandarei um recado a Jutigny.

– Muito obrigado.

Sir Guy olhou de soslaio para a porta do salão e viu Helvise parada com as mãos entrelaçadas sobre o ventre.

– Oh, Deus, eu ia me esquecendo. Helvise quer falar com você.

O couro da sela de Eric estalou quando ele se virou para chamar Helvise. Rowena observou com extremo interesse a atitude dele. Mesmo com a pouca convivência, ela já sabia analisá-lo bem, tanto que logo percebeu que sua preocupação em relação a ele e Helvise era injustificável. O afeto entre Helvise e Eric era unilateral. Helvise era encantada por Eric, enquanto ele sentia apenas carinho. Rowena relaxou como se tivesse tirado um fardo das costas.

– Algum problema, Helvise? – Eric perguntou sorrindo.

– Um pequeno problema, sir – ela respondeu, apertando as mãos. – Sobre os tecidos.

– Os tecidos?

– Enquanto estiverem fora, posso começar a fazer a barra dos tecidos que o senhor e milady trouxeram de Provins?

Eric se divertiu com a dúvida e Rowena disfarçou o riso. Ficou claro que Helvise tinha arrumado um pretexto para falar com Eric antes que eles partissem. Mas ele não tinha percebido.

– Deus do céu, Helvise, minha esposa é quem cuida dos assuntos domésticos. Pergunte a lady Rowena o que fazer.

– Sim, sir. – Helvise baixou o olhar encabulada, mas logo ergueu a cabeça e se dirigiu a Rowena: – Milady, quer que eu comece a fazer a barra dos tecidos?

– Faça isso, Helvise. Aliás, deixo todos os assuntos domésticos nas suas mãos. Mas se for muita responsabilidade, não se preocupe muito. – Rowena relanceou o ventre da criada e baixou o tom de voz para completar: – Espero voltar logo a Monfort, mas se eu não voltar, procure sir Guy quando chegar a hora.

Sir Guy deu uma tossidela.

– Claro, ficarei feliz em ajudar.

Rowena meneou a cabeça.

– Vou perguntar a minha mãe qual é a melhor parteira da região e pedirei que visite você.

– Obrigada, milady. – Helvise baixou a cabeça.

– FOI MUITO gentil da sua parte – Eric comentou ao cavalgarem a passo ligeiro na direção da estrada. – Eu devia ter pensado nisso. É o primeiro filho de Helvise e é natural que se preocupe. Não tenho muita experiência no assunto, mas, julgando pelo tamanho que ela está, imagino que a hora do parto esteja chegando.

– Concordo, vou falar com minha mãe assim que chegarmos. E se o bebê vier antes da hora, estou certa de que as mulheres do vilarejo poderão ajudá-la. – Rowena se inclinou para a frente e acariciou o pescoço de Lily. Eles estavam escoltados pelos homens dos pais dela e os de Eric. Por certo poderiam ouvir tudo o que diziam, por isso ela abaixou a voz para emendar: – Eric, você sabia que Helvise é apaixonada por você?

– Que bobagem – disse ele, impaciente.

– Eu não acho. Tenho certeza de que Helvise o ama.

– Bem, se for esse o caso, ela está cometendo um grande erro.

– Eric, ela está sofrendo.

– Não queira me culpar por isso. Eu não a encorajei. – Um casal de cisnes passou voando perto deles na direção do rio, chamando a atenção dele. – Quanto antes Helvise descobrir que o amor é irrelevante, mais feliz ela será.

– O amor é irrelevante? Como você pode dizer uma coisa dessas? – Rowena piscou várias vezes.

– O amor não vai ajudar Helvise. Rowena, você tem ouvido muitas canções mentirosas. O amor enfraquece as pessoas. Qual é sua serventia? – Ele riu como se estivesse se divertindo. – A vida é difícil e os melhores casamentos são aqueles baseados na frieza da lógica.

Rowena se mexeu na sela. Ora, o amor que sentiu por Mathieu enriqueceu sua vida. Claro que havia sofrido, mas ela estava certa de que a vida sem amor era fria e sem sentido. Ela estava determinada em amar novamente e esperava compartilhar esse desejo com Eric.

– Você está se referindo ao nosso casamento?

O fato de ele desprezar o amor tão decisivamente a havia magoado. Quando o reencontrou, ela soube que sempre gostou dele. Seria muito bom se seu carinho fosse recíproco. Eric gostava dela, sabia disso. Afinal ele havia sido tão gentil no leito nupcial. Talvez ele fosse tímido demais para admitir. Mas, para confirmar que o casamento deles era uma parceria verdadeira, ela precisava ser sincera e dizer a ele seus sentimentos. Ela respirou fundo.

– Eric, saiba que nosso casamento significa muito mais do que um acordo. Tenho você na mais alta estima. Sempre tive.

Ele lançou um olhar penetrante.

– Eu sinto o mesmo, Rowena, gosto muito de você. – A expressão do rosto dele se enterneceu. – Nossa compatibilidade na cama é um prêmio extra com o qual eu não contava. Mas não espere muito mais de mim. Eu não posso e não amarei você.

– Não pode? – indagou ela, franzindo o cenho.

Eric estava se iludindo, claro. Ele sempre foi um enigma, mas não era possível que não pudesse amar. Rowena já tinha visto provas da lealdade e do afeto que ele provocava nas pessoas. Bastava remeter-se ao casamento deles. Os criados e latifundiários de Monfort sentiam grande apreço por seu amo. Ela se lembrou de sua mãe, que se empenhou durante anos para encontrar em Sainte-Colombe um lugar para aquele menino perdido que havia conquistado seu coração. Havia também as criadas, cujos rostos se iluminavam quando ele passava. Ninguém o

idolatraria se não sentisse alguma receptividade. Como um homem que inspirava tanta lealdade e devoção quanto Eric podia ser incapaz de amar?

Quero que ele me ame de verdade. O pensamento surpreendeu Rowena, mas ajudou-a a compreender que desejava o amor de Eric tanto quanto precisava do ar que respirava. Mesmo tendo esta ciência, era difícil entender. Como esposa, devia estar feliz que ele a tivesse na mais alta estima e que gostasse de dividir a cama com ela.

Não havia mesmo uma explicação lógica. Mas gostar apenas não era o suficiente. Ela queria amor, paixão...

– O amor é um fardo, Rowena, que causa problemas sem fim e muita dor.

Rowena o fitou com o canto dos olhos. Seu instinto dizia que estavam se aproximando da raiz dos problemas.

– Dor?

– Você já sabia disso, não preciso dizer nada. Pense um pouco. O amor levou você a entrar para um convento quando você pertence ao mundo aqui fora. O último lugar que alguém como você podia passar o resto da vida é num convento. E você queria ser freira porque se apaixonou por Mathieu de Lyon.

– Eric, eu me senti enriquecida pelo amor por Mathieu.

– Enriquecida? – Ele olhou desconfiado para o lado. – Como pode dizer uma coisa dessas? O amor a mandou entrar num convento. Lá não era o seu lugar. Rowena, você teria morrido se tivesse ficado um dia mais ali. Seus pais já sabiam disso e aposto que no fundo do coração, você também sabia.

– Estou feliz por ter saído de lá, confesso. – Ela fez uma pausa.

Se Eric associava o amor à dor, então fazia sentido ele querer fugir; isso explicaria porque sempre se esquivava de laços emocionais. Ele costumava flertar e jogar charme, mas não se interessava em aprofundar um relacionamento. Será que ele tinha medo da dor que porventura sentisse? Esse temor vinha desde criança. O pequeno menino rejeitado não se conformava com o que a vida o fez passar. O mais surpreendente, contudo, era que ele era um homem de sucesso apesar do passado. E mesmo assim... e se aquele menininho assustado ainda residisse no fundo de seu coração? E se esta criança ainda sentisse falta do pai e da mãe verdadeiros? Será que a dor era tão profunda que Eric não conseguia superá-la, mesmo adulto? Santa Maria, será que ele não percebia que se não contasse com o amor para sobreviver, ele seria sempre aquele menininho olhando para dentro do castelo do lado de fora do portão?

Rowena sentiu uma pontada no coração, certa de que havia descoberto a verdade sobre Eric. Era essa a razão de ele ser um galanteador. Explicava também porque ele mantinha distância emocional das mulheres.

– Bem, não importa se você acredita ou não no amor – disse ela num tom firme. – Helvise o ama. Isto é óbvio.

Eric manobrou o alazão, aproximando-se e tocando a mão dela.

– Rowena, se você estiver imaginando que Helvise e eu...

– Não estou. Admito que cheguei a cogitar a possibilidade, mas agora sei que você não está envolvido com ela.

– *Dieu merci.*

Rowena sorriu e se inclinou na direção dele.

– Quando cheguei a Monfort e percebi o quanto ela gostava de você, cheguei a pensar que o bebê fosse seu.

Eric arregalou os olhos.

– Por que você não me disse antes?

– Não sei. – Ela deu de ombros. – Fiquei desconfiada por causa da sua reputação.

– Minha reputação... Rowena, que eu saiba, não tenho filhos.

– Sei que você reconheceria a criança – disse ela, pensando que Eric jamais deixaria uma criança sofrer se pudesse evitar.

Eric piscou. Pela expressão do rosto dele ficou claro que ele se impressionara com o comentário.

– Fico feliz que entenda isso. – Ele deu uma tossidela para clarear a garganta. – Quando ganhei Monfort, o antigo proprietário, sir Ralph de Honnecourt, saiu sem se despedir de ninguém. Acho que ele se esquivou das obrigações. Helvise ficou desesperada, magoada e assustada.

– Sir Ralph é pai da criança que ela está esperando?

– Ela nunca admitiu, mas acredito que seja, sim. Na minha primeira noite no lugar, Helvise veio ao meu quarto. – Eric fixou o olhar numa nuvem escura que se assomava no horizonte e seus olhos perderam o brilho.

– Ela se ofereceu a você.

– Como você sabe?

– Ela devia estar com medo de ser rejeitada e pensou que se dormisse com você não precisaria partir.

– Foi exatamente isso que aconteceu. Eu jurei que não precisaríamos nos deitar para garantir a presença dela em Monfort. Ela sempre terá um lugar na propriedade. – Ele encarou Rowena com olhos verdes marcantes. – Rowena, pretendo cumprir a promessa.

– Tenho pena de Helvise. Deve ser horrível ser abandonada num estado tão vulnerável. Acho que sir Ralph de Honnecourt não tem nada de cavaleiro.

Eric concordou, meneando a cabeça.

Não demorou muito para que o grupo chegasse à estrada principal. Eric esporeou o cavalo, sinalizando para que o grupo seguisse a galope. Rowena não se opôs, imaginando que Eric, preocupado com a segurança dela, pretendia chegar a Jutigny o quanto antes. Ela usaria o tempo de viagem restante para pensar.

Ela relanceou o olhar algumas vezes para Eric durante o percurso. Não tinha sido surpresa o fato de ele ter ajudado Helvise. Rowena ainda não era nascida quando Eric chegara a Jutigny, mas havia ouvido a história dele tantas vezes que já a havia decorado.

Em uma fria noite de Natal, um guarda havia encontrado um menininho tremendo no portão do castelo. O guarda chamou lady Barbara, que o acolheu imediatamente dentro do castelo, alimentando-o e vestindo nele roupas novas. Lady Barbara tinha insistido para que Eric fosse aceito pela família e a comunidade.

Rowena mordiscou o lábio imaginando quantas vezes ele não se lembrava daquela noite fria em que foi encontrado no portão. Ele tinha 6 anos, portanto, devia se lembrar bem do que tinha acontecido. Havia nevado bastante e ele devia ter passado muito frio e se sentido desamparado e confuso. Na certa não compreendia porque os pais o haviam abandonado.

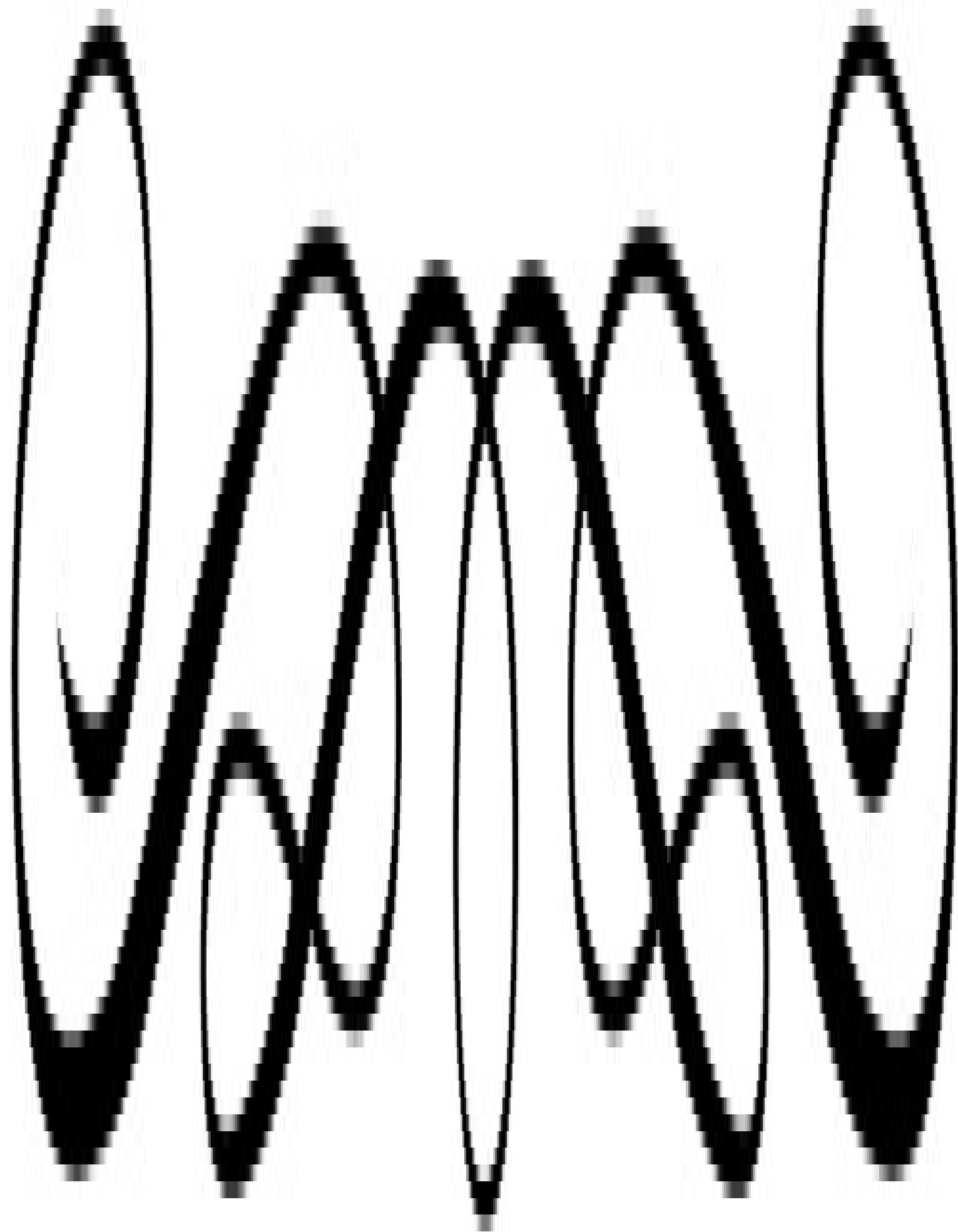
Logo depois de tê-lo acolhido, lady Barbara enviou alguns homens em busca daqueles que haviam deixado o menino no seu portão. A patrulha vasculhou Jutigny e Provins, mas não encontrou ninguém. Foi como se Eric tivesse se materializado ali num passe de mágica.

– Você é um bom homem, Eric – disse ela, procurando ser ouvida através do barulho dos cascos dos cavalos.

– O que disse? – indagou Eric.

Rowena sorriu, balançou a cabeça, e eles continuaram a galopar rumo a Jutigny.

Capítulo 8



QUANDO o portão de grade do Castelo Jutigny foi içado, Eric e Rowena começaram a atravessar a ponte levadiça. Eric olhou para cima durante o percurso. Havia alguns homens trabalhando no alto do portão. Ele os tinha visto naquela manhã, mas a movimentação era menor.

O tilintar de cinzéis e marteladas cortava o ar. Uma rede de proteção caía sobre o andaime de madeira em frente ao portão principal, e um guindaste rangeu conforme suspendia uma larga e espessa tira de couro, transportando um grande bloco de pedra para o topo. O próprio andaime também rangia à medida que os homens se moviam sobre ele, passando de um lado para outro com a agilidade de dançarinos, carregando latões de argamassa nos ombros.

Rowena seguiu o olhar de Eric.

– Parece que finalmente meu pai resolveu fixar nosso brasão de armas na parte da frente.

Nosso brasão. Eric mal podia acreditar que não era mais um forasteiro ali. Agora ele era finalmente um membro da família Sainte-Colombe depois de ter se casado com Rowena.

Pensando nas ramificações de seu casamento, Eric atravessou a ponte levadiça cumprimentando distraidamente os guardas. Um dia teria filhos conforme sempre imaginou, mas jamais pensou que se casaria com alguém tão nobre. Nunca considerou também a possibilidade de ter um sogro e uma sogra. Ainda bem que lorde e lady Sainte-Colombe não eram estranhos. Eles o conheciam melhor do que ninguém, o que facilitou bastante para que o aceitassem como genro.

Um dos trabalhadores blasfemou alto, chamando a atenção de Eric.

Rowena retorceu a boca e ergueu uma das sobrancelhas ao olhar para ele.

Alguém mais gritou de cima do andaime.

– Jesus! Cuidado!

– *Preste atenção!*

O cabo do guindaste estava balançando perigosamente. Eric olhou rápido para cima e percebeu que uma das cordas havia se soltado e o bloco de pedra estava escorregando. Sem pensar duas vezes, ele agiu como se estivesse numa batalha e pegou as rédeas do cavalo de Rowena com força, puxando-o a galope até o pátio.

No instante seguinte, a pedra caiu sobre a ponte levadiça, exatamente onde eles tinham passado. A tira de couro se soltou do cabo do guindaste e a pedra se espatifou dentro do fosso.

Ninguém disse mais nada. Eric sentiu um arrepio de pavor, e com a respiração ofegante olhou para o andaime quebrado e em seguida para o fosso.

Rowena estava branca como um fantasma. Eric a viu engolir em seco. Ele também estava assustado, mas procurou falar com calma:

– *Mon Dieu*, que descuido. – Não havia sentido nenhum em assustar Rowena mais do que ela já estava, mas o acidente era preocupante. Uma ideia obscura começou a se formar na mente dele, transformando o arrepio de segundos antes num riacho de gelo. Não... impossível. Afastando o pensamento, ele completou: – Preciso conversar com o mestre dos pedreiros. Você podia ter morrido. Venha, vamos até o solário, sua mãe deve estar esperando você.

DURANTE A meia hora seguinte Eric e Rowena trocaram sorrisos, abraços e cumprimentos com aqueles que lhes davam as boas-vindas. Sir Macaire os cumprimentou à porta do salão nobre com os olhos brilhando como um farol. Berthe, a criada pessoal de Rowena, correu para cumprimentá-la com lágrimas nos olhos. Os criados estavam espalhados por todo o caminho, conversando como um bando de pombos sobre o casamento.

Eric não percebeu nada, pois estava preocupado com uma suspeita, que agora se enraizava em sua mente. Depois do que havia acontecido em Monfort, ele desconfiava que o guindaste quebrado não era apenas uma coincidência. Será que Armand de Velay tinha ajuda *de dentro* do Castelo Jutigny?

Depois de muitas escalas, eles finalmente chegaram ao solário e se encontraram sozinhos com lorde e lady Faramus. Eric se aproximou da lareira, onde estava lorde Faramus, e aceitou um cálice de vinho, mas sem tirar os olhos de Rowena, que estava sentada com a mãe num banco diante da janela. Ele ouviu quando ela perguntou a lady Barbara qual seria a melhor parteira para Helvise, mas não ouviu a resposta por não conseguir pensar em nada além da possibilidade de Armand de Velay ter alguém infiltrado no castelo. Rowena podia não estar em segurança nem ali. O que ele faria a respeito?

– Falei com o mestre dos pedreiros, Daniel – disse lorde Faramus, enquanto Eric não desviava o olhar de Rowena. – Ele não tem ideia de como a corda do guindaste se soltou, sendo que tinha checado o equipamento inteiro pela manhã.

– Será que ele está dizendo a verdade?

Lorde Faramus tomou um gole de vinho antes de responder:

– Sem dúvidas. Daniel é muito responsável. Não imagino o que pode ter acontecido. Dei ordens para que ele providenciasse cordas e polias novas. – Ele olhou para a filha e emendou: – Graças a Deus que Rowena não se machucou.

– Se milorde não se importar, gostaria de falar com Daniel – Eric pediu.

– Claro que não, mas não acho que você descobrirá alguma novidade.

– Mesmo assim, gostaria de falar com ele.

– O que tem em mente, De Monfort? – indagou o conde, apertando os olhos para fitar Eric.

Eric gesticulou e forçou um sorriso.

– Como disse, *mon seigneur*, não deve ter sido nada além de um acidente. – Eric não queria que Rowena ouvisse sua suspeita, mas a queda daquela pedra o tinha deixado muito desconfiado. Teria sir Armand um aliado em Jutigny? Alguém que estaria preparado para matar a fim de que sir Armand herdasse os bens da família? Ele se virou de costas para Rowena e baixou a voz: – Rowena já sofreu algum tipo de acidente?

Lorde Faramus franziu o cenho e cutucou a lenha da lareira com a ponta da bota.

– Deus, não, nada parecido com o que houve.

– Milorde tem certeza de que não aconteceu nada antes de ela entrar para o convento?

– Nada. E antes que me pergunte, as freiras teriam me avisado se alguma coisa acontecesse a ela durante sua estada. Os acidentes se resumiram àqueles que aconteceram em Monfort e o de hoje. É uma pena não termos provas para acusar ninguém.

– Não temos certeza também de que lady Rowena era o alvo, mas não podemos dispensar a possibilidade – observou Eric, com o olhar preso nas chamas da lareira. – Nós fomos seguidos por alguns cavaleiros no dia em que levei sua filha para minha casa. Eu pensei que milorde

tivesse mandado nos vigiar, mas estava errado. Se eu soubesse antes que aqueles estranhos não eram seus homens, eu teria sido mais cuidadoso e lady Rowena talvez não tivesse sofrido o atentado durante o passeio.

Lorde Faramus suspirou.

– Por que eu mandaria meus homens vigiá-lo? Confio em você, De Monfort. Sempre confiei.
– O conde olhou com carinho para Eric. – Pensei que você tivesse entendido isso. Quando você se tornou um cavaleiro, permiti que escolhesse cores que combinassem com as minhas. Pensei que você soubesse que não faço essa concessão a qualquer cavaleiro.

Eric ficou sem graça.

– Obrigado, *mon seigneur*. – Eric ficou lisonjeado pela confiança do conde de Sainte-Colombe, mas não se tranquilizou. Alguém em Jutigny estava tentando matar Rowena. – Milorde, preciso falar a sós sobre um assunto de urgência.

– Trata-se de minha filha?

– Sim, milorde.

Lorde Faramus colocou o cálice sobre uma mesa lateral e sinalizou na direção de uma porta.

– Podemos conversar na capela.

– Obrigado, milorde. Eu ficaria mais tranquilo se sir Macaire ficassem com as senhoras enquanto estivermos ausentes.

Eric focou o olhar no nobre, que respondeu meneando a cabeça.

– Está certo, De Monfort, se você acha necessário.

Assim que Eric e lorde Faramus saíram e a porta se fechou, lady Barbara mudou o assunto rapidamente:

– Você ficou feliz com o marido que escolhemos para você?

– Sim, mamãe.

– Ele é gentil com você assim como era quando criança?

– Sim, mamãe.

– Espero que vocês tenham se entendido bem no quarto.

– *Mama!*

– Ora vamos, Rowena, não precisa ficar envergonhada comigo.

Rowena revirou os olhos.

– Sim, mamãe, está tudo bem.

Lady Barbara se recostou nas almofadas, suspirando.

– Graças a Deus. Eu sabia que estava certa sobre esse menino. Eu tinha certeza de que Eric seria o único a persuadir você a se casar. – Ela sorriu. – Eu sempre quis que você se casasse por amor.

– Não se iluda, mamãe, Eric e eu não estamos apaixonados.

– Ainda não – lady Barbara falou com brandura. – Mas você vai se apaixonar.

Rowena não tinha tanta certeza, tanto que retorceu a boca.

– Mamãe, sei que papai nos manipulou para que eu me casasse. – Lady Barbara ameaçou falar, mas Rowena prosseguiu: – Papai confiou no cavalheirismo de Eric para forçar o casamento comigo.

– Isso é verdade. – Lady Barbara esboçou um sorriso sem jeito.

– Não foi justo com Eric.

Lady Barbara encolheu os ombros.

– Eu ainda não o ouvi reclamar. Deus do céu, Eric será o futuro conde de Sainte-Colombe. E não vejo problema algum, já que vocês dois se dão bem.

Rowena começou a brincar com a franja de uma das almofadas, tentando não demonstrar seu desconforto.

– Eu me casei para salvar meu orgulho. Ele me apressou, sim.

– Rowena, alguém precisava desempenhar essa função, você estava presa no Convento de St. Mary. Eric ajudou você a escapar.

– Mamãe, antes de mais nada, admito que fui uma tola em ir para lá. Na época, me pareceu a única alternativa. – Ela enrolou a franja da almofada no dedo. – Eu sabia que o rei me apoiaria e aproveitei a oportunidade. Você me perdoa?

– Não há o que perdoar. – Lady Barbara deu uns tapinhas na mão da filha. – Está tudo bem e você pode ser feliz com Eric.

– Mamãe, *não* nos casamos por amor. – Rowena ficou impaciente por não conseguir convencer a mãe. Eric tinha se casado apenas por ser um cavalheiro. E como a própria mãe tinha dito anteriormente, ele também se casara por uma questão dinástica... almejava as terras de Sainte-Colombe. – Bem, eu não esperava um casamento por amor principalmente depois do meu noivado infeliz com conde Gawain.

Rowena respirou fundo e ignorou uma pontada no coração por causa... do quê? Melancolia? Bem, mesmo que não soubesse identificar, não era uma sensação agradável.

– Não importa mais, estamos casados e eu vou me acostumar.

– Imagino que vocês precisarão se ajustar depois do tempo que você passou no convento.

– É verdade. Mamãe, você ficou brava quando entrei para o convento?

– Longe disso. Eu fiquei muito aliviada.

– Como assim, mamãe?

– Rowena, foi seu pai que arranjou seu noivado com conde Gawain, não eu. Minha preferência sempre foi por Eric.

– Verdade?

– Eric é o filho que nunca tive. Claro que seu pai nunca irá admitir, mas tenho certeza de que ele sente o mesmo. Infelizmente ele tinha um acordo de longa data com a família de um de seus aliados e por isso precisou favorecer o conde Gawain. Eu não tinha argumentos para contestar com seu pai de que seria uma aliança excelente se uníssemos nossas terras com as do conde em Meaux.

– Mas a senhora não estava totalmente de acordo.

– Não. E quando você e conde Gawain se separaram, percebi que seu pai precisaria de um tempo para se ajustar. – Ela sorriu. – Eu também sabia que você precisaria superar o rompimento, por isso achei que foi bom você ter ido para o convento.

– Então, seu preferido sempre foi Eric?

– Sim, sempre. Mas seu pai precisava de tempo para concordar comigo. Ele sempre admirou Eric por ter progredido tanto. – Com delicadeza, lady Barbara levantou a mão de Rowena da almofada. – Não faça isso, querida, você está desfazendo um trabalho do qual me orgulho e que levou um bom tempo para costurar.

Rowena franziu a testa e cruzou as mãos no colo.

– Desculpe, mamãe.

Rowena ficou surpresa ao saber que sua mãe sempre quis que ela se casasse com Eric. Foi mais espantoso ainda saber que havia sido ela a convencer seu pai a aceitar a ideia. Rowena sempre achou que era a opinião do pai que no final prevalecia. Mas, nesse caso pelo menos, parece que estava errada.

Ela fechou a mão em punhos ao se lembrar que com a pressa do casamento não tinha se lembrado de seu padrinho, o rei. Ele havia aprovado o noivado com conde Gawain e, depois que ambos romperam, concordou que ela fosse para o convento. O que diria quando soubesse que ela havia saído do convento e se casado sem sua permissão? Tudo tinha acontecido muito rápido e ela nem teve tempo de pensar no padrinho.

– Mamãe, qual será a reação do rei quando souber que me casei?

Lady Barbara olhou para a filha com carinho.

– Sua Graça não ficará muito feliz. Ele havia pedido para ser informado de como você estava indo no convento. Acredito que ele fosse participar do seu Dia de Iniciação. Precisamos contar a ele sobre seu casamento, principalmente porque seu pai deve lealdade a ele pelas terras francesas. Normalmente o rei deve consentir com todos os casamentos de seus herdeiros vassalos, aprovando apenas as alianças convenientes aos futuros interesses da França. Estou certa de que Sua Graça concordará conosco que seu casamento com Eric é melhor do que a vida como freira. Além disso, ele ficará feliz em saber que seu pai escolheu alguém de caráter para sucedê-lo.

– Eric terá de jurar lealdade ao rei por nossas terras na França – disse Rowena.

– É verdade.

Um ruído do lado de fora do solário chamou a atenção das duas.

– O que foi isso? – perguntou lady Barbara.

– Talvez seja um dos criados – Rowena respondeu, levantando-se e dirigindo-se para a porta.

Sir Macaire estava ali de costas e se virou ao ouvir a porta se abrir.

– Está tudo bem, milady?

– Sim, obrigada. – Rowena franziu o cenho e perguntou: – Sir Macaire, o que está fazendo aqui?

Macaire deu uma tossidela para disfarçar o nervosismo.

– Seu marido pediu que eu ficasse aqui caso... caso precise de alguma coisa.

– Ele pediu para você me vigiar.

Lady Barbara se aproximou da porta.

– Foi muito atencioso da parte dele. Sir Macaire, não é preciso ficar aí como sentinela. Entre.

– Lady Barbara sinalizou a mesinha lateral. – Aceita uma bebida?

Sir Macaire olhou de canto de olho para Rowena e entrou no solário.

– Obrigado, condessa, eu gostaria de uma caneca de cerveja.

Lady Barbara o serviu e voltou para se sentar à janela.

– Mamãe, isso é necessário? – perguntou Rowena, relanceando sir Macaire.

– Precisamos tomar cuidado.

Rowena sentiu um frio correr por sua espinha. Será que Armand pretendia mesmo matá-la? Seria ele tão ambicioso a ponto de cometer um assassinato?

– Você acha que meu primo pode ser culpado pelo incidente no portão?

– É difícil acreditar. Apesar de eu nunca ter gostado de sir Armand, ele é um homem temente a Deus. Alguns dizem que ele é perigoso.

– O que quer dizer com isso?

– Ele cobra muito dos arrendatários e a maior parte de seus ganhos acabam nos cofres da igreja. As terras dele estão empobrecendo. Rowena, seu pai não quer que Sainte-Colombe seja tratada da mesma forma.

– Entendo.

Lady Barbara deu uns tapinhas na mão da filha.

– Considerando a devoção dele pela igreja, é difícil imaginar que ele quisesse matar você. Mesmo assim, acho que Eric está certo em desconfiar dele. Não devemos nos arriscar.

– Será que não estou em segurança aqui em Jutigny?

– Espero que sim. Mas não culpo Eric por tomar cuidados extras.

Rowena olhou para o chão. Tantas coisas haviam acontecido tão rapidamente que ela não teve tempo de pensar. O incidente durante o passeio havia sido descartado, pois eles acharam que se tratava de caçadores ilegais. O segundo a fez pensar, mas não por muito tempo, porque logo em seguida se casaram. E ela certamente se esqueceu de tudo com a festa do casamento e a noite de núpcias.

– Logo depois viemos para cá.

– O que disse, querida?

– Sinto como se tivesse sido arrastada por uma onda gigantesca. – Rowena passou a mão na testa.

Uma onda que se chamava Eric de Monfort. Ele a havia seduzido de tal forma que foi difícil pensar em qualquer outra coisa, incluindo a temeridade de o primo querer matá-la. Rowena endireitou o corpo no assento. Estaria mesmo em segurança naquele solário?

– Mamãe, o que aconteceria se Armand conseguisse me matar? Ele não seria o suspeito mais provável?

– Nem pense nisso, minha querida – disse lady Barbara, chocada com a possibilidade.

– Precisamos encarar o fato. O que você acha que aconteceria?

– Seu pai ficaria desolado – lady Barbara sussurrou. – Desolado...

– A culpa teria de ser comprovada – comentou Rowena, e ficou em silêncio em seguida, absorta em pensamentos obscuros. Se não estivesse a salvo em Jutigny, onde estaria?

ERIC SEGUROU a mão de Rowena e juntos subiram a escada em caracol da torre sul. Por questão de segurança, ele concordou com o sogro em ficar com o aposento superior. Havia guardas postados nos andares mais baixos. Os homens de lorde Faramus eram leais e incorruptíveis; mesmo assim, Eric insistiu que o Sargento Yder ficasse no comando.

A mente de Eric trabalhava de forma tão ágil quanto se ele estivesse em combate. Ele ficou mais tranquilo quando sir Macaire se ofereceu para dormir no aposento logo abaixo do deles até que Rowena não corresse mais perigo. Alard também havia concordado em dormir no pátio em frente à porta da torre. Todas as precauções tinham sido tomadas, mas, mesmo assim, Eric estava muito preocupado. Era melhor que eles permanecessem em Jutigny por enquanto, fugir não adiantaria nada. O fato era que alguém queria Rowena morta e Eric tinha de evitar a qualquer custo. Se Armand de Velay fosse o culpado, Eric o deteria.

Não tinha sido fácil para ele decidir ficar em Jutigny e esperava que estivesse certo, pois não se perdoaria jamais que alguma coisa acontecesse a Rowena. Mas lorde Faramus queria provas de que Armand de Velay era o culpado, em vez de contar apenas com uma coincidência. Ele tinha sugerido que Rowena fosse uma isca, isso se ela concordasse, claro.

Eric tencionou o maxilar. Lorde Faramus estava sendo muito cruel ao pensar em usar a filha para encontrar o criminoso. Eric não estava acostumado a ter de cuidar de uma esposa, e arriscar a vida de Rowena era insuportável. Mas ele tinha feito o possível para garantir que ela ficasse em segurança.

Os aposentos no alto da torre já haviam sido usados como esconderijo de segurança. A porta de carvalho tinha vários centímetros de espessura. Havia também os guardas, sir Macaire, Alard...

Rowena notou os guardas ao chegar na torre. Preocupou-se quando reparou que havia guardas nos andares inferiores, também. O véu dela esvoaçava conforme ela subia as escadas sem saber o que esperar. Eric estava relutante, mas teria de dizer que ela estava prestes a se tornar uma prisioneira no castelo de seu pai.

A pesada porta do quarto rangeu quando Eric a empurrou. Os criados tinham cumprido suas ordens com rapidez, colocando uma cama grande ali e trazendo os pertences de Rowena do quarto dela até ali. Havia também dois armários pintados de azul e branco e, sobre uma mesinha lateral, um espelho de mão e um pente de marfim. Um manto alaranjado com forro de pele estava dobrado sobre a cama. O baú de viagem de Eric também estava ali. Alard providenciou para que sua armadura fosse levada até o quarto... o escudo estava apoiado num canto e a cota de malha pendurada num gancho. Ele teve uma sensação estranha ao notar que as coisas de Rowena e as dele estavam arrumadas tão perto. Ele também percebeu que não havia lareira ali. Teria de providenciar alguns braseiros, pois não queria que ela sentisse frio.

– É este o quarto que você escolheu? – perguntou ela, depois de um suspiro.

A porta rangeu de novo quando Eric a fechou, lembrando-o que precisava pedir para que alguém pusesse óleo nas dobradiças.

– Aye.

– Não consigo nem ver o céu com essa janela tão alta. O que há de errado com meu quarto?

– Nada, mas por enquanto vamos ficar aqui por segurança.

– Você quer dizer que este quarto é mais fácil de ser vigiado, não é? – Rowena soltou a mão dele e pegou o espelho sobre a mesinha. – Achei que nunca mais veria um desses. Os espelhos

são proibidos no convento.

Eric observou em silêncio quando ela viu a cota de malha e o baú de viagem e desejou poder ler seus pensamentos.

– Sou uma prisioneira? – indagou ela com um ar sombrio.

– Não exatamente – ele respondeu com uma careta.

– Pior?

Eric pegou a mão fria de Rowena e esfregou o dedão para aquecê-la.

– Se você consentir, Rowena, deverá forçar o assassino a aparecer. Se sir Armand estiver por trás desses incidentes, temos de fazer com que ele se incrimine. Precisamos descobrir também se ele tem algum aliado no castelo.

Ela não respondeu de imediato, reparando que o cabelo dele esvoaçava com a brisa que entrava pela janela. Uma mecha de cabelo dourado repousava sob o colo dela.

– Devo concordar em passar por isca.

– É a melhor maneira de pegá-lo. Você estará em segurança aqui em cima. Nesse momento, apenas alguns homens terão acesso a torre. Seu pai e eu escolhemos os guardas a dedo e ninguém deve deixar o posto. Sir Macaire está no quarto debaixo desse. Alard...

– E eu que achei que teria mais liberdade me casando com você. – O suspiro de Rowena soou alto no silêncio do quarto. – E aqui estou eu. Parece que troquei uma prisão pela outra.

Eric sentiu o coração pesado como chumbo. Ele pegou a mecha de cabelo que estava no colo dela e enrolou no dedo.

– Rowena, você não é prisioneira de verdade. Não quero confinar você e nem sonharia em forçá-la a aceitar esse plano. Quero apenas que pense que essa talvez seja nossa única chance.

– Será? – Ela esboçou um sorriso. – Podemos deixar tudo isso para trás.

Rowena abriu os braços para enfatizar o que dizia e Eric achou que ela estivesse se referindo a todas as terras que seu pai possuía.

– Tudo?

– Tudo. – Ela respirou fundo antes de continuar. – Podíamos fugir pelo mundo e nos esconder. Quem sabe termos uma nova vida e nos tornarmos outras pessoas. Deve existir um lugar onde estaremos em segurança.

Transformarem-se em outras pessoas? A ideia era absurda, mas Eric chegou a considerar por um breve momento. Ele balançou a cabeça negativamente. Ele havia lutado muito para ganhar as esporas e casar-se com Rowena o tinha tornado parte da família. Um dia ele seria o guardião de Sainte-Colombe e não queria desprezar isso. Sua intenção era provar que era digno da honra que ganhara... *duas* honras... pois cuidar de Rowena como sua esposa tinha a mesma importância de gerenciar as terras do pai dela.

– Não podemos fugir às nossas responsabilidades aqui. Não daria certo. Como iríamos viver? O que faríamos? E seus pais? Eles morreriam de tristeza.

Ela suspirou.

– Você tem razão, claro. Não daria certo.

– Então, você concorda em ficar? – perguntou ele, apreensivo.

– Sim, Eric. Vou ficar e ser uma isca. – A expressão do rosto dela se modificou ao espalmar as mãos sobre a túnica dele. – Mas, por favor, diga-me que não preciso ficar nesta torre o tempo todo.

– Não, não... você pode andar livremente pelo castelo, contanto que diga ao Sargento Yder onde pretende ir. Ele providenciará para que você seja sempre acompanhada por dois guardas.

– Prometo.

– Sempre, Rowena, sem exceções.

– E quando eu precisar ir à sala de banho?

– Os guardas verificarão se não há ninguém e a esperarão à porta. Rowena, quero que me dê sua palavra.

– Você a tem.

– Ótimo. Sua mãe pode vir visitá-la sempre que quiser, e você terá uma criada.

– Posso andar a cavalo?

– Só comigo. – Eric segurou o rosto de Rowena com as duas mãos e disse algo que jamais sonhara dizer a uma mulher: – Rowena, não vou perder você. Protegerei sua vida com a minha. Você é muito importante para mim.

Eric ergueu o canto da boca num sorriso maroto como se estivesse surpreso por ter feito tal confissão. Mas não deixava de ser verdade, Rowena era de fato muito importante para ele. Ela era o presente mais precioso que ele havia ganhado e pretendia cuidar dele muito bem.

– Obrigada, Eric. – Rowena retribuiu o sorriso e acariciou-o no rosto.

Quando ela inclinou a cabeça para trás e o encarou cheia de carinho de um jeito irresistível. Eric a enlaçou pela cintura, aproximando-se. Se a beijasse, a preocupação com a segurança dela certamente se esvairia, mas jamais deixaria de pensar que sofreria muito caso ela se machucasse.

Indiferente ao turbilhão de pensamentos que povoava a mente de Eric, ela entremeou os dedos no cabelo dele, afastando uma mecha do olho para interpretá-lo melhor.

– Sempre gostei da cor do seu cabelo – murmurou ela. – As mechas castanhas brilham, e no verão devem ficar mais bonitas.

– Você gosta do meu cabelo? – Ele perguntou, erguendo uma das sobrancelhas, e em seguida roçando o nariz naquele rosto delicado até pousar um beijo no lóbulo da orelha dela. – Fico feliz em ter sua aprovação.

Rowena continuou correndo a mão pelo cabelo dele, feliz por desfrutar um momento tão prazeroso na quietude da torre. Era uma sensação estranha, mas boa de estar acompanhada. Certo que estavam ali porque Rowena corria risco de morte, mas, mesmo assim, eles estavam casados há pouco mais de um dia e ela se sentia perfeitamente à vontade ao lado dele. A cada minuto passado ficava mais claro que eles pertenciam um ao outro. Será que Eric sentia o mesmo? Ela sorriu, sabendo que não devia fazer uma pergunta tão séria.

Afinal, tratava-se de sir Eric de Monfort, o campeão de armas mais forte e livre existente na face da Terra. Ele era capaz de seduzir o coração mais relutante e sair ileso. Ele havia dito o quanto Rowena era preciosa, mas provavelmente outras mulheres tinham ouvido o mesmo. Talvez o coração de Eric não estivesse disponível para ninguém. O jeito galanteador e superficial podia ser uma maneira de manter as mulheres afastadas. Seria esta uma maneira para não se envolver profundamente? Bem, o cenário era diferente agora. Eric estava casado e seria muito difícil manter-se a uma distância segura dela. Pensando nisso, ela reprimiu a vontade de abraçá-lo por medo de revelar o forte sentimento que tinha por ele. Assim, contentou-se em acariciar o cabelo dele. Eric parecia estar gostando, e ela decidiu que faria o possível para

estreitar os laços que os uniam.

Do lado de fora do quarto, ouvia-se o som dos passos pesados das botas dos soldados e o distante burburinho de vozes. Ela suspirou, concentrando-se naquele cabelo brilhoso e macio como a seda, uma das características mais marcantes dele. Enquanto admirava as mechas de diferentes tons de castanho, ela pensava no paradoxo que era seu marido. Certamente ela não tinha sido a primeira a admirar o cabelo dele. Será que ele havia deixado crescer de propósito? Será que ele o usava como parte de sua armadura para conquistar corações de todos durante uma guerra? Talvez fosse isso mesmo. Eric queria que todos gostassem dele, e era o que acontecia, embora num nível superficial. Ele não encantava apenas as mulheres por ser alto e bonito, mas os homens também o admiravam, pois gostavam de líderes fortes e elegantes. E seus homens sabiam que ele não se intimidaria em qualquer circunstância.

Protegerei sua vida com a minha. Ela sentiu uma pontada no coração.

Será que ele conhecia o poder de sedução daquelas palavras?

Provavelmente sim. Eric tinha o poder de fazer todos gostarem dele e só agora Rowena descobria a razão. O menininho abandonado nunca soube seu lugar. Ele havia se esforçado tanto para retribuir a caridade que recebeu de lady Barbara que aquilo tinha se tornado um hábito. Àquela altura, ele já devia saber que não precisava provar mais nada, mas, mesmo assim, continuava a querer agradar.

O pai dela, um homem difícil de se impressionar, respeitava Eric. A mãe o adorava, tanto quanto ela. Rowena chegou a retrain a mão ao se dar conta que o amava. Sim, ela amava Eric de Monfort, por mais impossível que pudesse parecer depois de tão poucos dias de convivência.

Na verdade, não tinham sido apenas alguns dias. Eles se conheciam desde pequenos. Ela o observou a distância durante anos. Eric queria ser amado, embora não soubesse se poderia retribuir esse sentimento.

– O que houve, Rowena?

– Nada... – Ela o amava. Jesus, ela estava apaixonada por um homem que podia encantar até os pássaros nas árvores. Será que ele tinha coração? Ah, como ela gostaria de saber. Será que um dia seria a dona daquele coração rebelde?

O menininho desamparado tinha se tornado um homem sensível, alguém que aprendera a esconder os sentimentos desde pequeno para ser aceito num castelo que não era seu lar verdadeiro. Rowena procurou enxergá-lo através dos olhos. Sim, era certo que ele tinha sentimentos, embora muito bem escondidos por trás de seu jeito galanteador. Os olhos dele escureceram, ele a fitava com a confiança e a sensualidade de alguém que sabia que não seria recusado.

Aquele era seu marido.

– Por que você parou? – indagou ele, os olhos verdes semicerrados, balançando a cabeça e pedindo por mais carinho. – Eu estava gostando...

Sem dúvida, Eric era o mais sensual dos homens. Bem, ela então usaria isso a seu favor para prendê-lo. Ela estava determinada a conquistar o amor dele. Então, segurou o cabelo dele com mais força e o beijou brevemente, enquanto tentava soltar o cinto dele. Eric chegou a fechar os olhos, mas não por muito tempo.

– Rowena?

Ela sorriu, inclinando a cabeça para o lado, ainda tentando soltar o cinto.

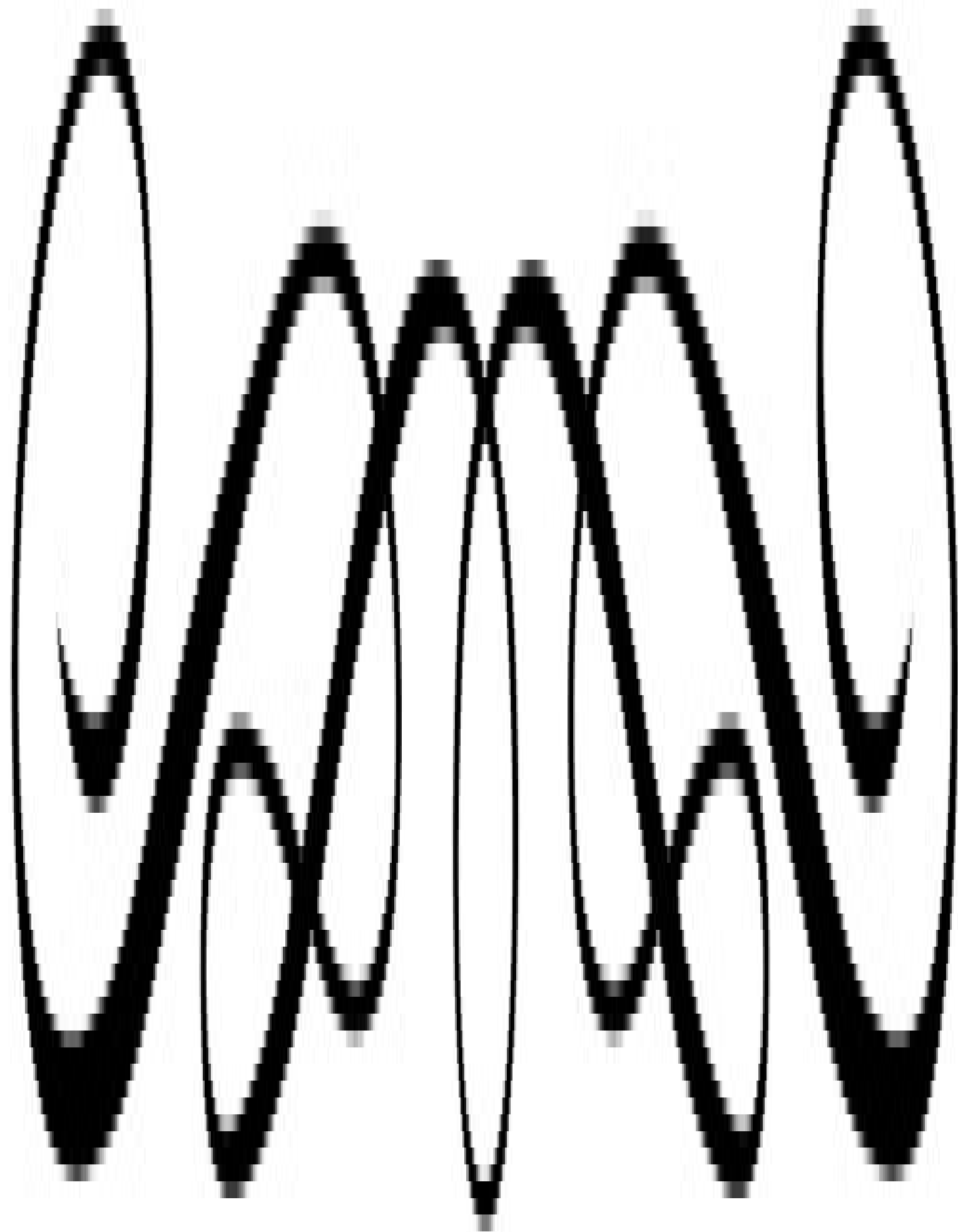
– Você é meu marido, Eric.

– Humm... – Ele retorceu a boca, mas terminou esboçando um sorriso.

Ele não titubeou em segurar um dos seios dela com a mão em concha.

– Você fez com que os criados trouxessem uma cama aqui para cima. O mínimo que podemos fazer é aproveitá-la.

Capítulo 9



NO SILÊNCIO que se seguiu depois de terem feito amor, os dois continuaram deitados um nos braços dos outros. Rowena abriu um sorriso e ganhou um beijo no ombro.

– Qual o motivo do sorriso?

Rowena apertou o abraço e beijou-o no rosto levemente áspero por causa da barba, mas muito másculo. Ela havia ficado feliz em descobrir que a sensualidade de Eric não se restringia apenas à cama. Ele costumava continuar carinhoso depois de terem feito amor. Naquele momento, por exemplo, ele acariciava as costas dela com a ponta dos dedos de uma das mãos, enquanto a outra brincava com o cabelo. Talvez Eric de Monfort não a amasse, mas certamente tinha muita afeição por ela. Pelo menos, era um bom companheiro.

– Gosto de ficar com você assim – ela murmurou.

– Eu também gosto. – Ele suspirou e continuou a acariciá-la. – Mas não posso demorar muito. Seu pai está me esperando na sala das armas. – E depois de uma careta, ele a soltou. – Preciso ir.

Rowena virou de lado e, com a cabeça apoiada no braço dobrado, ficou observando-o se vestir. Os raios de sol entravam pela janela e incidiam nas costas largas, destacando os músculos e sombreando os veios entre eles. Eric era dono de coxas perfeitas, tais qual a curvatura pronunciada das nádegas. Depois de vestir a calça, a túnica e o cinturão com a espada, ele se virou e, favorecendo-se da iluminação sobre sua silhueta, exibiu o físico másculo, ombros largos e quadris estreitos.

– Nós nos encontraremos no salão na hora do jantar – disse ele. – Não se esqueça de que os guardas têm ordens para acompanhar você onde for.

– Fique tranquilo, Eric, não esquecerei.

– Ótimo. – Ele se curvou para beijar a mão dela. – Mandarei Berthe subir para atender você.

ROWENA ESTAVA sentada num banquinho de três pernas, fazendo caretas enquanto Berthe desembaraçava seu cabelo. Desde a hora que chegara ao quarto, a criada não parava de tagarelar e andar de um lado a outro, até se aquietar ali.

– Santo Deus, o que esse homem fez com seu cabelo? Está cheio de nós. Será que ele não sabe o tempo que leva para desembaraçar tudo?

Rowena disfarçou o sorriso, imaginando o que Berthe diria se soubesse que Eric a achava mais bonita com o cabelo desarrumado.

Berthe puxou o cabelo de Rowena e continuou a tagarelar:

– Seu cabelo era lindo antes de Eric de Monfort começar a mexer. Ele não tem ideia de como tratar uma dama. Os homens são todos iguais, só se interessam em levar a mulher para a cama.

Rowena deu de ombros. Jamais confessaria que Eric gostava de ficar deitado apenas acariciando as mechas de seu cabelo. Aquele era um momento muito íntimo para compartilhar. Ao fixar o olhar na chama tremeluzente de uma vela sobre a prateleira, ela lembrou que já tinha ouvido fofocas sobre como os homens se apressavam para ter o prazer carnal do casamento, por isso era tão raro um marido que gostava de ficar ao lado da esposa unicamente para lhe fazer companhia.

Eric havia confessado que gostava tanto das preliminares quanto o ato do amor em si. A julgar pelo tempo que ele ficava apenas acariciando-a sem exigir nada mais, devia ser um forte sinal de que os laços entre eles se estreitavam.

Ela sorriu para si mesma. Fazer amor com Eric era simplesmente um deleite e ele parecia se satisfazer tanto quanto ela, fato que poderia ajudá-la a conquistar o coração do marido.

Berthe suspirou alto, trazendo Rowena de volta de seus devaneios.

– Fico feliz que você ainda tem cabelo. Se você tivesse se tornado uma freira, teria de cortá-lo bem curto. Seria uma pena. Você está feliz com sir Eric?

A pergunta foi inesperada, principalmente vinda de uma criada, que se mostrava bem impertinente. Rowena pegou o espelho e afastou um pouco para ver o rosto de Berthe.

– Como?

– Concordo que sir Eric seja um charme, mas presumo que ele não é exatamente o seu tipo.

– O que quer dizer com isso?

– Ora, ninguém sabe nada da família dele. Sir Eric não é um nobre e pode até ser filho de um lavrador. – Berthe segurou uma mecha do cabelo de Rowena para poder desfazer um nó grande.

– Sei que ele se tornou um cavaleiro dono de terras, mas ele não é como conde Gawain, certo?

Rowena girou o corpo tão rápido que o pente ficou preso em seu cabelo. Ela tirou o objeto, respirou fundo e ergueu o queixo.

– Chega, Berthe! Você está sendo muito atrevida.

– Milady? – Berthe arregalou os olhos.

– O lorde Faramus escolheu sir Eric para meu marido. Você não está em posição de questionar a escolha de seu senhor.

– Sinto muito, milady. – Berthe abaixou a cabeça.

– Você deve sentir mesmo. Sir Eric é meu marido e estou muito feliz.

– Sim, milady – Berthe disse e ergueu os olhos. – Não quis desrespeitá-la, milady. Não há uma pessoa sequer em Jutigny que não goste de sir Eric ou o respeite. É que...

– Berthe, você devia ficar feliz porque meu pai julga os homens pelo caráter e não pelo berço

que nasceram. O fato de o parentesco de sir Eric ser desconhecido é totalmente irrelevante. O trabalho dele como cavaleiro sempre foi exemplar.

– Sim, milady. – Berthe mordiscou o lábio. – Sinto muito se a ofendi. Espero que não me coloque para trabalhar na lavanderia por isso.

– Não seja ridícula, claro que não.

Berthe respirou aliviada e sorriu.

– Obrigada. Peço desculpas novamente. Eu não sabia o que estava acontecendo entre vocês.

Rowena tinha aprendido com os pais a ser justa. Seu pai orgulhava-se em dizer que ela devia julgar um homem pelos seus atos, e não pelas roupas que vestia. Apesar de chocada com os comentários de Berthe, uma preocupação lhe ocorreu.

Será que as outras pessoas em Jutigny tinham as mesmas dúvidas sobre Eric por ele ser de origem humilde? Se fosse assim, ele estaria sofrendo com o preconceito havia anos. Será que ele esperava isso de todos? Um homem acostumado a ser tratado com menos respeito por causa da sua falta de linhagem hereditária não poderia se achar merecedor do amor. Rowena sentiu um nó no peito.

Na realidade, ela nunca tinha ouvido nenhum comentário sobre a família de Eric. Se bem que quando a mãe dela o acolheu, ele já tinha idade suficiente para se lembrar de alguma coisa. Mas ele nunca tinha comentado sobre seus pais verdadeiros. Quem seriam? Será que ele tinha mantido segredo por medo de ser julgado, ou de perder tudo o que havia conquistado?

Será que ele considera minha família capaz de uma atrocidade dessas? Será que ele pensa isso de mim?

Ao perceber que Berthe a encarava, aguardando instruções, ela apontou para o armário branco e azul.

– Acho que minhas roupas antigas estão ali.

– *Aye*, milady, ninguém tocou nelas desde sua ida para o convento.

– Senti saudades.

– Não me surpreende. – Como se estivesse aliviada, Berthe se dirigiu ao armário. – Será bom vê-la em roupas melhores do que essas que as irmãs lhe deram.

– Veja se encontra aquele vestido cor-de-rosa mais justo com brocados e barra de pelos. Vou usar com o cinto prateado e a tiara combinando.

– O véu cor de creme também, milady?

– Sim, por favor.

O vestido cor-de-rosa era o favorito de Rowena e ela estava curiosa com a reação de Eric ao vê-la bem-vestida. Nos últimos dias, ele só a tinha visto com vestidos muito simples. Rowena nunca fora muito vaidosa, mas queria ver o que Eric acharia ao vê-la com algo mais sofisticado. O vestido rosa tinha bordados nos pulsos e nas laterais. Ela pensou em como seria excitante ver Eric lutando para despi-la.

Enquanto a ajudava a se vestir, Berthe a observava com o canto de olho, como se pudesse ler seus pensamentos. Rowena sentiu o rosto corar.

A NOITE já havia chegado, sombreando o pátio, quando a sineta, usada para anunciar a próxima refeição soou, chamando Eric e o lorde Faramus, que estavam perto dos portões.

Conforme eles atravessavam o pátio, vários cavaleiros voltavam de seus postos. Lorde Faramus gritava ordens a todos, enquanto se dirigiam à fonte para se lavar.

– Limpe os sapatos, Pierre.

– *Aye*, sir.

– Tire toda a sujeira.

– É para já, sir.

Uma criada saiu do armazém trazendo uma cesta de ovos e fez uma reverência ao lorde Faramus.

– Boa noite, milorde.

– Boa noite, Mary.

Mary olhou de soslaio para Eric e corou.

– Que bom vê-lo de novo, sir Eric.

Eric meneou a cabeça, preocupado.

– É bom revê-la também, Mary.

Assim que Mary correu na direção da cozinha, lorde Faramus olhou desconfiado para Eric.

– Mary é uma moça bonita.

– É sim – Eric disse, olhando para as costas da moça.

– Vale a pena um flerte?

Eric estava tão compenetrado em seus pensamentos que não percebeu de imediato que lorde Faramus o observava atentamente.

– *Mon seigneur*, Mary é bonita, mas só isso. Não pense que a vejo de outra forma – disse ele, retesando o corpo.

Lorde Faramus ergueu uma das sobrancelhas.

– Você deve saber que Mary tinha uma *tendre* por você há alguns anos.

– Isso é passado. Posso garantir que foi algo inocente.

Lorde Faramus gargalhou, deixando Eric sem jeito.

– Inocente? Você foi visto com Mary na campina às margens do rio na primavera anterior à sua partida de Jutigny.

– Nem sempre as coisas são o que parecem, milorde.

Eric se lembrava da tarde em que se sentara com Mary à beira do rio para conversar. Não foi muito agradável saber que eles tinham sido vistos e que lorde Faramus havia sido informado. Em todo caso, não havia muito para se ver. A amizade de Eric e Mary tinha sido uma relação de carinho apenas, o máximo que haviam feito tinha sido trocar alguns beijos. Mary nunca exigiu nada, ele a respeitava por isso.

– O que quer dizer?

– A pessoa que nos viu perto do rio interpretou errado. Mary não é uma libertina. E mesmo que não fosse, posso garantir que sua filha nunca terá dúvidas sobre minha fidelidade.

– Fico feliz em ouvir isto, De Monfort. Muito contente... – Lorde Faramus bateu de leve no ombro de Eric. – Não me culpe por questioná-lo. Um pai precisa ter certeza de que escolheu o homem certo para a filha.

– Milorde tem a minha palavra que farei o impossível para nunca desapontar o senhor ou lady

Rowena.

Quando os dois se aproximaram da escadaria, Eric se deu conta de que a amizade dele com Mary devia ter sido igual a de Rowena com Mathieu, amor de jovens, inocente mas sujeito a más interpretações.

– *Mon Dieu*, eu estava cego – disse ele em voz alta.

– Como? – Lorde Faramus olhou para trás.

Os pensamentos estavam em polvorosa na mente de Eric, tão sérios que o assustaram. Foi difícil ordená-los. Rowena e Mathieu. Rowena havia jurado que ninguém sabia da ligação dela com De Lyon. Ela havia dito que tinha sido uma amizade inocente e ele acreditou, mesmo porque ela havia se casado virgem. O namoro de Rowena com o escudeiro havia sido muito parecido com o que Eric teve com Mary, algo inocente e desprovido de paixão.

Mas Mathieu de Lyon estava morto.

E se alguém os tivesse visto juntos? Será que a morte de Mathieu não tinha sido um mero acidente?

Eric parou à porta do salão.

– *Mon seigneur* – disse ele em voz baixa, não querendo ser ouvido por aqueles que chegavam para o jantar. – Eu soube que após minha partida o senhor empregou um escudeiro chamado Mathieu.

Lorde Faramus não respondeu de imediato e andou até uma mesa onde havia toalhas e uma bacia para que lavassem as mãos.

– A morte dele foi uma tragédia sangrenta – comentou o lorde Faramus ao mergulhar as mãos na água.

– O que aconteceu, milorde?

– O garoto morreu numa briga de rua em Provins. – Lorde Faramus meneou a cabeça e pegou uma toalha seca.

– Ah...

– De Lyon estava no lugar errado e na hora errada. Assim como todos aqui, ele tinha ordens para não sair sozinho depois do toque de recolher. Mas desobedeceu, justamente quando houve a briga. O corpo dele foi encontrado numa rua lateral na cidade.

– Milorde sabe o motivo da briga?

– O mais provável é que tenha sido causada por um bando de bêbados. Aconteceu no mercado da Cidade Baixa, perto da The Sun.

– The Sun?

– Sim, trata-se da taverna perto de St. Ayoul. – Lorde Faramus deixou a toalha num canto e se afastou para Eric lavar as mãos também. – O capitão do conde Henry investigou o acidente, mas não descobriu nada.

– Ninguém foi levado a julgamento?

– Infelizmente não. Foi uma pena. O garoto não tinha físico para ser um cavaleiro, mas seria um bom arqueiro.

Uma criada se aproximou dos dois, trazendo uma bandeja com vinho. Lorde Faramus se serviu de um cálice.

– Mathieu de Lyon escolheu o dia errado para sair depois do toque de recolher.

Eric ficou olhando pensativo para o sogro. Talvez lorde Faramus tivesse certo e a morte de

Mathieu tivesse sido apenas uma questão de ele estar na hora e no lugar errados. Mas o sexto sentido de Eric apontava para outra direção.

Mathieu de Lyon podia ter sido assassinado. Por mais incrível que pudesse parecer, ele podia ter sido morto por estar se encontrando com Rowena e ter sido visto por alguém que temia que eles se tornassem amantes, o que levaria a uma aliança entre as famílias de Lyon e de Sainte-Colombe.

Rowena parecia convencida de que ninguém testemunhara seu namorico com Mathieu, mas estava errada. Alguém sabia sobre seus encontros furtivos e estava determinado a impedir que os dois continuassem se encontrando. Se Rowena tivesse casado com Mathieu, podia ter gerado herdeiros. E quem perderia com isso?

Sir Armand de Velay.

Será que de Velay tinha planejado a morte de De Lyon? Se fosse verdade, ele era inteligente como o diabo. Ciente de que quase ninguém sabia do caso entre Mathieu e Rowena, De Velay devia ter previsto que a morte do rapaz não seria investigada. Quem a relacionaria com Rowena? Sendo assim, o suposto acidente fatal de Mathieu jamais seria relacionado à segurança de Rowena.

Por muita sorte, o noivado dela com conde Gawain foi bem curto. Uma bênção ela ter decidido entrar para o convento. Eric chegou a estremecer ao pensar no que poderia ter acontecido se ela não estivesse protegida.

Sir Armand era o suspeito mais óbvio, por isso, era difícil acreditar que a piedade dele era legendária. Mas era possível. Alguém em Jutigny podia estar trocando mensagens com ele. Eric soltou a toalha sobre a mesa. Ele precisava investigar mais e com toda a discrição. Se sir Armand fosse realmente o culpado, seria difícil provar.

Eric também se serviu de um cálice de vinho e seguiu para a mesa no alto do palanque. Como marido de Rowena e futuro senhor das terras de Sainte-Colombe, ele havia ganhado o direito de se sentar à direita do lorde Faramus. Mas ele ainda estava pensando nas dúvidas que queria tirar com o sogro e nas perguntas que queria fazer a Rowena.

O salão estava ficando cheio rapidamente. Eram cavaleiros, soldados, damas, criadas, crianças, o sacerdote do castelo, todos se apressando para garantir lugar nas mesas laterais. Os criados andavam para lá e para cá, trazendo travessas e mais travessas para servir a todos.

Eric suspirou. Com tanta gente por perto, ele não poderia falar com Rowena sem que alguém ouvisse. As perguntas teriam de esperar.

A porta que vinha da torre sul foi aberta pelo comandante de armas, um dos que Eric havia escolhido para proteger Rowena. Ele fez uma mesura e Rowena surgiu, seguida pela criada e por um segundo soldado.

Eric se esqueceu de tudo o que estava pensando. Rowena estava com um vestido rosa-escuro que evidenciava suas curvas e que na certa faria inveja a todas as mulheres da cristandade. *Bom sang*, ele era o homem mais sortudo de todos.

O véu de seda creme estava preso por uma tiara de prata que reluzia conforme ela caminhava e esvoaçava as suas costas. O tecido era tão fino que mal cobria o cabelo dela, penteado numa trança lateral entremeada de fitas da mesma cor do vestido. A cintura fina de Rowena estava adornada por um cinto prateado, combinando com a tiara. Quando os olhares se cruzaram, Rowena abriu um sorriso tímido e encantador. Eric precisou respirar fundo para se recompor.

Ele havia se casado com a moça mais bonita de todas. Como se tivesse sob um encanto, ele caminhou até ela e só se deu conta de que estava bem próximo quando pegou a mão miúda e a pousou sobre seu braço dobrado.

– Fico feliz que tenha se lembrado de sair acompanhada pelos guardas.

Rowena o brindou com mais um sorriso e o coração dele deu um salto.

– Sua beleza faz sombra ao sol – ele murmurou ao passarem por sir Breon a caminho da mesa principal.

Conforme Eric temia, não houve chance de conversar discretamente com lorde Faramus durante a refeição. A sopa foi servida e sir Macaire chamou a atenção do lorde, reportando algo sobre uma disputa de fronteiras com um mercador local. Quando o prato principal – porco assado – foi servido, lady Barbara atraiu a atenção do marido e os dois tiveram uma discussão acalorada sobre uma petição que ela havia recebido do convento onde Rowena estivera. Eric estava cortando uma pera assada, regada a vinho e mel, quando desistiu de falar com lorde Faramus naquela noite. Tentaria na manhã seguinte. Não que estivesse preocupado, porque estava se divertindo com Rowena.

Um pajem colocou mais vinho no cálice que eles estavam dividindo e Eric passou a ela. Não era uma tarefa muito fácil manter o olhar afastado dos lábios dela. O sorriso tímido era por demais sedutor. E aquele vestido... Deus do céu, o decote era tão pronunciado que tornava possível admirar os seios subindo e descendo conforme ela respirava.

– Você gostaria de um biscoito de mel? – ofereceu ele.

– Não obrigada. – O véu parecia dançar ao redor do rosto delicado conforme ela balançava a cabeça.

Eric teve a impressão de que os olhos dela reluziam à luz da vela e pareciam mais azuis do que de costume. Era como se o olhar dela o enfeitiçasse a ponto de não o deixar se distrair.

– Confesso que estou exausta – disse ela, cobrindo o bocejo com a mão. – A vida no convento era bem mais monótona, deve ser por isso que me cansei tanto nos últimos dias.

Rowena não parecia nem um pouco cansada. Eric podia jurar que aquele bocejo era falso. A maneira marota como ela mordiscava o lábio inferior denunciava que ela estava se esforçando para não rir. Sem contar que ela estava inclinada para a frente de um jeito tentador demais. Ele teve vontade de beijá-la ali mesmo. Sim, beijá-la à mesa do salão nobre dos pais dela, com todos os cavaleiros presentes.

– Rowena... – Ele a chamou com a voz rouca.

Rowena era inocente quando eles haviam se casado, mas agora ela sabia muito bem o que fazia. O brilho dos olhos dela denunciava suas intenções. E ela estava conseguindo deixá-lo louco de paixão. Continuando com todo o charme, ela bocejou de novo e apoiou a cabeça no ombro dele. Quem visse, identificaria um gesto de carinho e confiança, mas Eric sabia que não era só isso. A maneira com que ela mexia o tronco, e por extensão, os seios sob o decote, não deixava dúvidas que ela queria seduzi-lo.

Ela me deseja. Seria impossível resistir a ela e bastava olhar para aqueles seios para que ele tivesse vontade de gemer. Quando os olhares se cruzaram, ela ergueu levemente a sobrancelha e abriu aquele irresistível sorriso tímido.

Chegou a hora da rendição. Ele havia pedido a Berthe que acendesse o braseiro do quarto e esperava que ela não tivesse esquecido.

– Você está cansada, querida?

Eric afastou o prato com as peras para o lado, enlaçou a cintura fina da esposa e fingiu um suspiro impaciente.

– Milorde, com sua permissão, Rowena e eu gostaríamos de nos retirar – ele anunciou ao lorde Faramus.

O BRASEIRO mal dava conta de iluminar o quarto inteiro.

Ótimo.

Eric pegou uma vela, acendeu-a nas brasas e colocou-a em um candeeiro.

– Venha cá, minha bruxinha.

– Bruxinha? – As saias de Rowena farfalharam quando ela chegou mais perto de Eric. – Não faz nem uma semana que estamos casados e você já está me chamando de bruxa?

– Mas você é mesmo uma bruxinha adorável e encantadora. O seu comportamento à mesa lá embaixo...

Em vez de terminar a frase, Eric sorriu e meneou a cabeça.

– Eu o deixei chocado – disse ela, colocando a mão no peito dele.

Eric cobriu a mão dela com a dele.

– Só Deus sabe o que sua mãe pensou.

– Minha mãe acha que estamos apaixonados. Ela desculpa quase tudo por causa do amor.

– Amor? – Eric ficou paralisado. – Não é possível.

– Eu sei que não – disse ela com displicência. – Você tem de desculpar minha mãe, ela ouve demais os trovadores.

Eric franziu a testa, afastou as mãos dela de seu tórax e deu um passo atrás a fim de observá-la melhor.

– O que está fazendo, Eric?

– Estou pensando em como tirar esse vestido – disse ele, virando-a de costas, sem encontrar os laços que prendiam a roupa. – Isto parece uma peça só. Como diabos se desabotoa?

Ele a ouviu rir baixinho antes de responder:

– O vestido está preso pela cintura e pelas laterais.

Sem dizer mais nada, ela tirou o cinto, abriu as laterais do vestido. Depois soltou o véu e colocou a tiara sobre uma prateleira perto do candeeiro. Eric a puxou pelo pulso, encostando-se à parede, puxou-a para mais perto. Os laços e o punho do vestido estavam bem apertados. E, na pressa de livrá-la logo do vestido, os dedos hábeis ficaram mais pesados.

– Esse vestido deve ter escandalizado as freiras.

Os olhos de Rowena reluziram com a luz da vela.

– Eu não o levei para o convento.

– Não me surpreende.

Quando Eric conseguiu livrá-la de uma das mangas e descer até a cintura uma parte do vestido, a fragrância de verão invadiu o quarto.

– Mas elas não se preocupariam muito se soubessem da provação que é tirá-la desse vestido – disse ele, ocupando-se da outra manga.

Rowena riu.

– Não foi fácil vesti-lo também. Berthe precisou me ajudar.

Depois que ele conseguiu tirar a segunda manga, passou a desamarrar os laços laterais.

– Rowena?

– Humm?

– Preciso fazer algumas perguntas sobre Mathieu de Lyon.

– Sim?

– Tem certeza de que ninguém sabia de vocês?

– Tenho quase certeza, por quê? – perguntou ela, tocando a mão dele. – Você ouviu falar alguma coisa?

– Não, só estou pensando que...

– Diga – exigiu ela, apertando a mão dele.

– Acho que ainda é cedo para dizer alguma coisa. – Eric não podia dizer a ela que suspeitava que De Lyon tivesse sido assassinado. Ele já a havia colocado sob vigilância e não tinha intenção de assustá-la mais. Abaixando a cabeça, ele a beijou na testa. – Fique tranquila, se eu descobrir alguma coisa eu conto. – Ele conseguiu desatar o último laço e suspirou. – Graças a Deus. Mais alguns minutos e eu consigo libertá-la desse vestido.

Dito isso, ele se abaixou e levantou o vestido pela barra e passou pela cabeça dela.

ROWENA ACORDOU com os primeiros raios de sol invadindo o quarto pela janela. Ela estava tremendo de frio, pois as brasas tinham se apagado e Eric estava enrolado no cobertor inteiro. Ela puxou uma ponta do cobertor e se aconchegou a ele. Eric era o melhor aquecedor que ela podia encontrar. Sentindo-a se encostar, ele murmurou alguma coisa, abriu os olhos e sorriu.

– Não acredito que já amanheceu.

Nenhum dos dois tinha tido tempo de dormir muito durante a noite.

– Mas ainda é cedo. Eu estava com frio. O senhor é um ladrão de cobertas.

– Um ladrão de cobertas? – Os olhos dele brilharam de desejo. – Conheço outras maneiras de esquentar você, se me permitir.

Depois de se amarem mais uma vez, Eric se levantou e seguiu até a bacia e a jarra de água para se lavar. Ele estava nu e totalmente à vontade. Rowena continuou na cama, observando-o e admirando aquele corpo tão bem estruturado, embora soubesse que a beleza dele não era apenas física. Ela era uma mulher de muita sorte. Se Eric não tivesse concordado com a proposta do lorde... ela deu de ombros.

– Eric, obrigada por se casar comigo.

Eric colocou a toalha sobre a mesa lateral e sorriu.

– Pode estar certa de que não foi nenhum sofrimento. Eu é que devia agradecer. – Ele se sentou na cama e tomou a mão dela para beijá-la. – Foi uma felicidade me casar com você. Gosto da sua companhia.

– Eu penso o mesmo. Gosto de estar com você, mas vou avisando que espero mais do que isso desse casamento – disse ela com toda a sinceridade.

– Você está falando sobre filhos? Eu também quero tê-los.

Rowena imaginou duas crianças, um menino e uma menina, com os olhos incríveis de Eric. Era uma imagem bonita, mas seu coração se contraiu e ela admitiu: – Não estou falando de filhos. Acho que você deve saber que pretendo usar essa nossa sintonia na cama para prendê-lo.

Eric não entendeu muito bem o que ela quis dizer.

– Rowena, já estou preso a você pelo casamento – ele falou, vestindo a calça. – O que mais você espera?

– E o amor?

– Amor? Você quer amor? – indagou ele, parando de se vestir.

– Quero, sim.

Eric deu uma tossidela e terminou de fechar a calça. Rowena ficou esperando uma resposta, mas o rosto dele estava impassível: parecia não saber o que dizer.

– Eu já disse que você não pode me amar – disse ele, depois de tossir uma segunda vez, num tom de voz firme e descomprometido.

Será que ele a estava impedindo de amá-lo?

– Por que não?

– Ora, Rowena, porque não pode – disse ele, virando-se de costas, deixando-a a contemplar os músculos bem-definidos.

Alguma coisa no comportamento dele comprovava que Eric ainda não estava pronto para pensar em amor. Era cedo demais para insistir naquilo, ela teria de arrumar outra forma de abordar o assunto. Ela suspirou.

Eric vestia a camisa, quando ela percebeu uma nova chance e se levantou enrolada no

cobertor.

– Eric, tenho uma coisa para você. – As dobradiças do armário rangeram quando ela abriu a porta. – Terminei isto ontem pouco antes de o sino tocar para a refeição da noite. Se não gostar, não precisa usar.

Rowena entregou a camisa de baixo e sentiu o coração se contrair com a expressão do rosto dele. Parecia que ele nunca havia visto uma peça daquela antes.

– Você começou a costurar em Monfort, não foi?

– *Aye*.

– Uma camisa de baixo para mim... – disse ele com voz rouca.

Eric deslizou os dedos pelo tecido da blusa, demorando-se mais nos pontos mínimos ao redor da gola, e tensionou o queixo.

Ele não tinha gostado. Estava silencioso demais, caso contrário, já teria dito alguma coisa.

– Não precisa usar, Eric. Trata-se apenas de uma camisa de baixo.

Rowena ficou paralisada. Era a primeira vez que o via daquele jeito. Talvez ela o tivesse surpreendido. Ele parecia tão vulnerável. Apesar de toda a apreensão, ela percebeu que ele também havia gostado tanto quanto estava confuso. Eric ganhara um presente, mas não tinha a menor ideia de como responder.

Não, impossível. Não devia ser a primeira vez que ele ganhava um presente. Lady Barbara havia lhe dado roupas quando ele chegou a Jutigny, e continuou a vesti-lo enquanto ele crescia. Entretanto, tudo devia vir do mesmo armazém que servia aos outros criados. Pensando no passado, ela se lembrou que ele só usava a roupa padrão de todos. Ele só se vestiu diferente quando começou a ganhar por ser um cavaleiro, quando teve o suficiente para pagar um alfaiate. Diferente, mas não sofisticado. Eric continuava a se vestir com túnicas simples como outro qualquer. Contudo, ela já havia descoberto que Eric de Monfort não era tão simples quanto os outros imaginavam.

Eric continuava a observar a camisa, examinando as iniciais que ela havia bordado... “E” e “R” entrelaçados com fios de seda azuis e vermelhos.

– Este bordado está ótimo. Belo trabalho. Obrigada, Rowena, nunca tive uma peça tão refinada.

Ao deslizar o dedo sobre o “R” bordado em azul, ele mordiscou o lábio. Depois escorregou o dedo sobre o “E” em vermelho.

– Gostei da forma como você bordou nossas iniciais.

– Ora, você é meu marido. – Ela encolheu os ombros. – Imaginei o desenho e achei que ficaria bonito entrelaçar as letras.

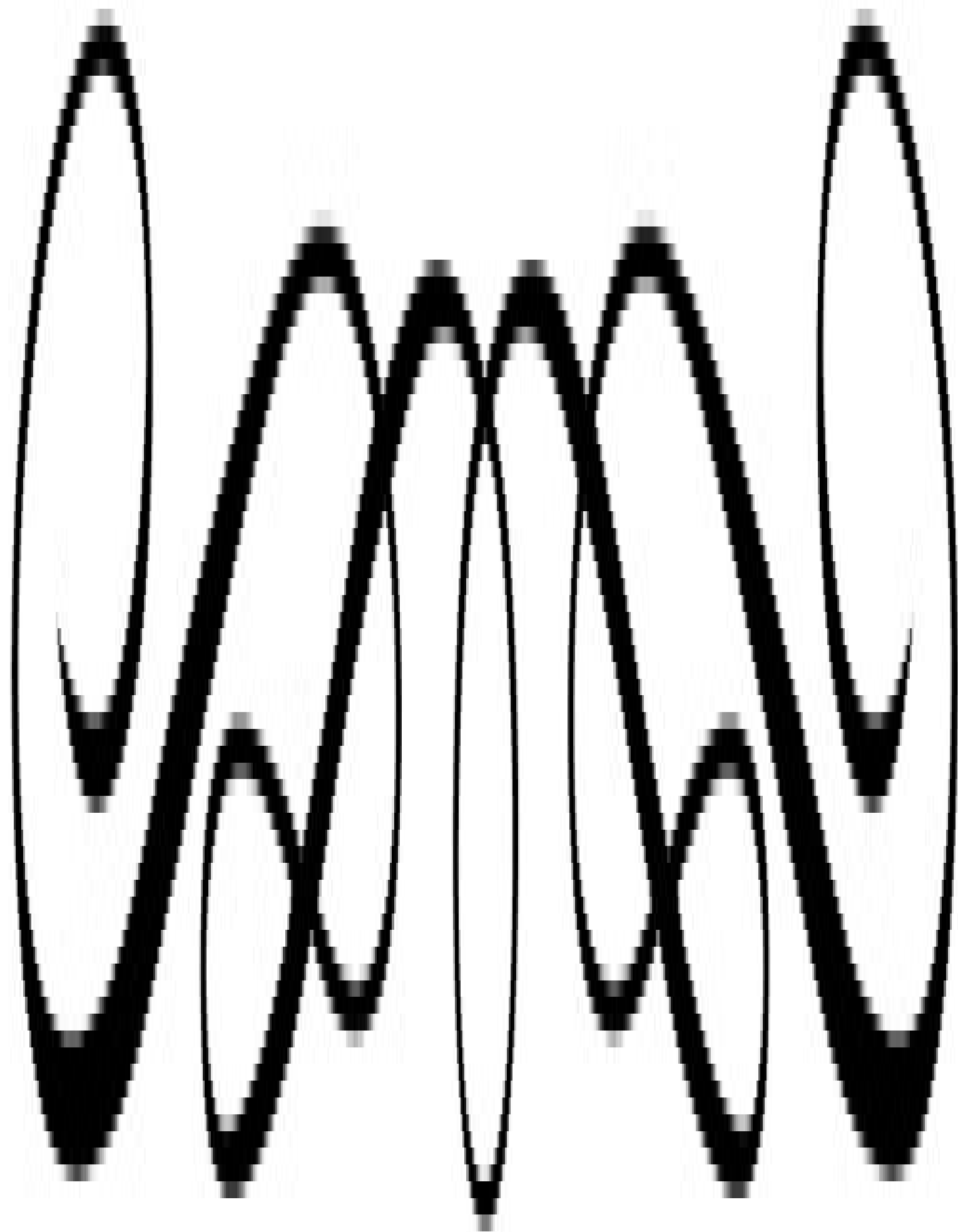
Eric a fitou com aqueles incríveis olhos azuis, mas com uma expressão inexpressiva. Em seguida, ele colocou o cinto, prendeu a espada e saiu do quarto batendo a porta.

Rowena se sentou na beirada da cama ainda com o cobertor enrolado no corpo e fechou os olhos. Ela havia presenteado Eric, talvez fosse a primeira vez na vida dele que recebia tal mimo, e, no entanto, ele havia ficado furioso sem dizer o motivo. Obviamente ele devia estar feliz por fazer parte da família. Ela sabia que o presente havia tocado o coração dele. Então, qual a causa da reação inesperada? Ele não sabia como agir.

Ela abriu os olhos e fixou-os na porta fechada. Não dava mais para ouvir os passos dele, que provavelmente já estava no pátio com Alard. Pelo menos ele havia levado a camisa. Será que

pretendia vesti-la? Ela não fazia ideia, mas concluiu que ganhar o coração dele não seria tão fácil quanto imaginava. Ela teria de ser bem cautelosa e dar um passo de cada vez.

Capítulo 10



ERIC SAIU para o pátio com a capa esvoaçando e batendo nas botas. Tinha uma missão em mente. Na verdade, *duas* missões. O escudeiro o aguardava perto dos portões.

Os cavalos já estavam selados e amarrados num anel de ferro, preso à parede. Alard estava perto dos animais com os olhos fechando de sono, mas quando viu Eric, endireitou o corpo e tirou as rédeas do alazão.

Eric vestiu as luvas e pegou as rédeas.

– Obrigado.

Os dois já estavam montados, quando Alard perguntou:

– Para aonde vamos, sir?

– Provins. Vamos ao mercado de tecidos.

– De novo? – perguntou o rapaz, arregalando os olhos.

– Fiz uma promessa e preciso cumpri-la – Eric respondeu, pensando num certo tecido de seda azul.

Comprar o tecido seria sua primeira missão. Rowena tinha gostado quando estiveram na feira, e agora que estavam casados, ele queria comprar o tecido para ela fazer um vestido. Na verdade, ele não esperava comprar aquele corte tão cedo.

As selas de couro rangeram quando os cavalos começaram a andar. O dia estava nublado, com nuvens cinzas. O vento vinha do Norte, sinal de que choveria mais tarde. Distraído, Eric passou a mão sobre o tórax. Ele vestia a camisa com que Rowena o havia presenteado por baixo da túnica e do jaquetão de couro. Assim que saiu do quarto, ele entrou no cômodo ao lado e terminou de se vestir. Tinha sentido um nó na garganta. Na hora ele se incomodou por se sentir emocionado por tão pouco. Sua esposa havia feito uma camisa para ele, e daí? Não era nada incomum. As mulheres costumavam costurar para os maridos. Mesmo assim, o presente o havia comovido. O tecido de linho que ela havia tirado do um baú em Monfort era macio, assim como os pespontos. Perfeitos. Ele nunca teve algo tão fino assim. As peças que estava acostumado a usar geralmente não tinham a bainha feita, os pontos grossos e o tecido roçava demais na pele.

Mas era estranho vestir alguma coisa que Rowena havia feito. Ele tinha gostado, apesar de ter ficado emocionado. Será que ela estava pensando nele enquanto fazia aqueles pespontos tão miúdos? Antes de presentear-lo, ela havia dito alguma coisa sobre o amor, apesar de já ter sido avisada para não esperar nada dele. Será que ela estava pensando em amor enquanto costurava? Ele jamais a amaria. Na verdade, não amaria ninguém.

Depois de deixar o Castelo Jutigny e entrar na estrada para Provins, Eric fez uma careta. Sua reação ao presente tinha deixado muito a desejar. Rowena devia estar pensando que havia se casado com o mais grosseiro dos homens e provavelmente achou que ele não gostou da camisa, o que não era verdade.

Eric ainda estava tentando pensar no que diria a Rowena, quando se lembrou do bordado delicado em vermelho e azul. Não era simplesmente um desenho bonito, e sim as letras dos nomes deles entrelaçadas. O bordado o tinha deixado chocado.

O que havia feito para merecê-la? Lady Rowena de Sainte-Colombe havia sido coagida a se casar. Ela estava de luto por Mathieu de Lyon quando entrou para o convento. E foi forçada a se casar com Eric, mas agia como se tivesse casado com o homem que escolheu. Eric não era da mesma estirpe que ela. Ele havia se tornado um cavaleiro, era verdade, mas jamais deixaria de

ser alguém sem uma família, alguém da mesma classe social de Rowena.

Mon Dieu, ela não sabia absolutamente nada da família dele.

Eric focou o olhar nas orelhas do alazão e se lembrou do carinho com que Rowena o fitou enquanto ele passava o dedo sobre o bordado como se tivesse entendido que as iniciais entrelaçadas simbolizassem a união dos dois.

Na realidade, não fazia sentido que ela o tivesse aceitado tão completamente. Aquilo o deixava confuso, mesmo que ele procurasse se convencer a não pensar no assunto. Não devia ter muita importância. O principal era saber que ele estava encantado com a esposa e, mesmo que jamais pudesse amá-la, sempre teria muita afeição por ela. Naquele instante, ele decidiu que faria o possível para que ela nunca se arrependesse de ter se casado, a começar pelo corte de seda azul.

Lorde Faramus havia dito que Mathieu de Lyon morreu perto de uma taverna, The Sun. Investigar o lugar era a segunda missão de Eric naquele dia. Embora ele não conhecesse o lugar, tentaria descobrir alguma coisa fazendo perguntas. Alguém devia lembrar o que havia acontecido naquela noite.

– Alard?

– Sim, sir.

– Você já esteve num lugar chamado The Sun? Fica próxima ao mercado na Cidade Baixa, perto de St. Ayoul.

– Sei onde fica, mas nunca entrei.

– *Dommage*. Que pena.

Alard olhava para o amo com curiosidade.

– Sei que não é um lugar muito bom. Um dos escudeiros de Jutigny foi atacado numa viela ali perto. Ele foi encontrado morto no dia seguinte.

– Eu ouvi falar.

Eric não iria dizer a ninguém, mesmo a Alard, que a morte daquele mesmo escudeiro o intrigava, razão pela qual estavam indo até a The Sun. Rowena havia amado aquele escudeiro. *Bon sang*, por estar de luto por ele, ela havia recusado se casar com conde Gawain de Meaux.

Eric não ficava muito confortável com a ideia de que Rowena amara outro homem. Contudo, o pior era a suspeita de que a morte do escudeiro pudesse estar relacionada com o relacionamento de Eric e Rowena. A desconfiança de que alguém tinha assassinado De Lyon por causa do namoro com Rowena era cada vez maior. Eric temia que ela não estivesse em segurança nem no castelo do pai.

Era imperativo que Eric descobrisse como e por que Mathieu de Lyon tinha morrido.

Havia, porém, a suspeita de que a morte do rapaz não estivesse relacionada à Rowena. Mas, infelizmente, Eric tinha certeza do contrário e não descansaria enquanto não obtivesse respostas.

E se estivesse errado? E se acabasse descobrindo que a morte de Mathieu tinha sido mesmo um acidente como lorde Faramus achava? Se fosse assim, não haveria mal algum em investigar. O mínimo que poderia acontecer era que o assassino de Mathieu fosse encontrado e levado a julgamento. Talvez isso ajudasse Rowena. Eric não gostava de pensar que os sentimentos dela pelo rapaz ainda eram muito fortes.

Se Eric fizesse justiça por De Lyon e o assassino fosse a julgamento, talvez ela ficasse mais tranquila. Qualquer que fosse a causa da morte de Mathieu, o rapaz merecia que a justiça fosse

feita. E para o bem de Rowena, o mínimo que Eric podia fazer era tentar descobrir quem era o assassino.

NÃO DEMOROU muito para que Eric e Alard chegassem ao mercado de Provins.

– Quanto o senhor quer de tecido? – perguntou o mercador, puxando a tesoura presa ao cinto por um cordão.

– Oh, Deus, não sei quanto exatamente, mas o suficiente para se fazer um vestido.

Com toda a reverência, o mercador desenrolou o tecido, que ficou parecendo um rio azul sobre a mesa.

– Imagino que o vestido seja para a dama que o acompanhou noutro dia, pequena e loura, não é?

– Sim, ela é minha esposa. Não economize, não quero que falte tecido.

– Muito bem, sir.

A tesoura deslizou pelo tecido. Quando o mercador terminou de cortar, olhou para Eric com os olhos brilhando:

– Milorde gostaria de levar fitas combinando para adornar o cabelo de milady? – indagou ele, mostrando uma bandeja com fitas de todas as cores do arco-íris.

Eric olhou para a bandeja sem saber o que comprar. Se não tinha experiência com tecidos, menos ainda com fitas. Lembrando-se de que Rowena sempre enfeitava o cabelo com fitas do mesmo tecido da roupa, decidiu que levar algumas diferentes não seria uma má ideia.

– Vou levar algumas azuis e as creme com fios prateados. E aquela preta e dourada. – Eric viu uma fita cor-de-rosa e lembrou que ela gostava da cor. – E a cor-de-rosa também.

– Muito bem, sir.

O mercador embrulhou a seda e as fitas numa folha de papel e entregou a Eric, que pagou com

moedas.

Alard estava esperando Eric a poucos metros dali. O mercado tinha enchido e eles precisaram desviar das pessoas para poder passar. De repente, Eric viu por cima das cabeças das pessoas uma placa com um sol amarelo brilhante.

Ele colocou o embrulho no alforje, preso na lateral do cavalo, e tomou a direção da taverna. Alard o seguiu. Eles estavam quase chegando, quando Eric viu um cavalo castanho sob uma cobertura que devia servir de estábulo da taverna, e sentiu um arrepio na nuca.

– Alard?

– Sim, sir.

Eric saiu do meio da multidão, afastando-se um pouco da taverna. Seria coincidência demais, mesmo assim ele olhou de novo para o cavalo para se certificar.

– Você conhece aquele animal?

– O castanho? Ele pertence a sir Breon.

Eric pensou um pouco. Não devia estranhar que sir Breon tivesse escolhido se refrescar na The Sun. No entanto, talvez não fosse coincidência ele estar ali. Enquanto Eric decidia o que fazer, uma porta lateral da taverna se abriu e sir Breon apareceu.

No mesmo instante, Eric se escondeu atrás do cavalo e rezou para que Alard fizesse o mesmo. Por sorte, Alard era inteligente e sir Breon não viu nenhum dos dois. Na verdade, ele estava prestando atenção em outra pessoa, um homem moreno de rosto e nariz finos como uma lâmina. Eric não se lembrava de tê-lo visto antes.

– Obrigado, Breon, não vou esquecer disto – disse o estranho.

Sir Breon respondeu alguma coisa, mas Eric não conseguiu ouvir.

O estranho deu um tapa de leve no ombro de sir Breon e estalou os dedos para um cavaleiro.

– Traga nossos cavalos, garoto.

– Imediatamente, sir.

Os homens montaram e, assim que partiram na direção da montanha, Eric saiu de trás do cavalo, prendeu o animal e pegou uma moeda no bolso, dirigindo-se para o cavaleiro.

– Essa moeda será sua se me disser quem eram aqueles homens que foram para a Cidade Alta.

Claro que Eric sabia o nome de sir Breon, mas queria se certificar que ele não usava um nome falso quando frequentava a The Sun.

Os olhos do garoto reluziram ao olhar para a moeda.

– É fácil, sir. O homem do cavalo castanho é de Provins e se chama sir Breon.

– E o outro?

– Sargento Gildas, sir.

– O sargento faz parte da guarda de Provins?

– Acho que não, sir.

Um dos castelos do conde Henry de Champagne ficava na Cidade Alta. Talvez o sargento trabalhasse para ele.

– Será que ele trabalha para o conde Henry?

– Acho que não. – O garoto desviou o olhar da moeda para Eric. – Acho que ele não é daqui. Interessante. Eric deu um passo à frente.

– Mas você tem certeza de que o nome do sargento é Gildas?

– Foi o que ouvi. Lamento não ter mais informações. – De repente o rosto do menino se iluminou. – Talvez uma das moças da taverna possa ajudá-lo, sir.

– Muito obrigado, você ajudou bastante.

A moeda de prata rodopiou no ar.

– Obrigado, sir.

– Venha, Alard. – Eric se dirigiu para a porta lateral da taverna. – Uma cerveja seria uma boa ideia, não?

Alard concordou e passou as rédeas dos cavalos para o cavaleiro.

Talvez por se localizar perto do mercado, a taverna, apesar da má fama, estava cheia, os bancos surrados tomados. Eric viu uma pequena mesa sob uma viga preta de fumaça. Depois de se sentarem, ele pediu uma cerveja.

Ao lado deles havia um mercador que tomava uma sopa acinzentada, como se fosse sua primeira refeição em mais de um mês. Pelo cheiro tratava-se de um caldo de carne de carneiro e cevada, mas mal se via um pedaço de carne na tigela. O mercador estava molhado de suor e o cheiro dele incomodou Eric. *Mon Dieu*, aquele homem fedia mais do que a sopa.

Por sorte, a atendente chegou com a cerveja, distraíndo-o. Ela era jovem e tinha olhos e cabelo castanhos. Pelo ar inocente, ficou claro que ela trabalhava há pouco tempo ali.

– Acho que vi o Sargento Gildas saindo. Era ele mesmo? – perguntou Eric com um sorriso.

– *Aye*, sir.

– *Domage*. Que pena. Eu queria falar com ele. Você sabe onde eu poderia encontrá-lo? Ele mora por aqui?

– Não que eu saiba, sir. Mas ele é um cliente regular, por isso deve vir sempre a Provins.

– Ah, é? – Eric sorriu, encorajando-a a continuar falando.

– Eu já o vi várias vezes. Ele e sir Breon são bons amigos. – A moça olhou para a caneca de cerveja de Eric. – Da última que estive aqui, o Sargento Gildas veio com outro homem. Acho que era outro cavaleiro como sir Breon. O sargento o tratou com muita deferência.

Eric prendeu a respiração por um instante.

– Imagino que não saiba o nome do outro cavaleiro, não é?

A moça balançou a cabeça negativamente.

– Lamento, sir, mas não me lembro.

Outro cliente levantou o braço, exigindo atenção.

– Venha cá, mocinha.

Antes de sair, ela olhou para Eric e acrescentou:

– Se eu lembrar, volto para lhe dizer o nome dele.

– Muito obrigado.

Mais tarde, quando Eric e Alard dirigiam-se à porta de saída, a garçonete os alcançou.

– Sir, descobri o nome do cavaleiro que veio se encontrar com o Sargento Gildas e sir Breon. Ele se chama sir Armand.

Eric sentiu um frio correr pela espinha.

– Sir Armand de Velay?

– Isso mesmo. – Ela apontou para outra garçonete. – Marguerite trabalha aqui há mais tempo que eu. Ela sabia de quem se tratava.

– Abençoada seja. – Eric colocou uma *pourboire* na mão dela. – Aqui está, dívida a moeda

com Marguerite.

– Obrigada, sir. – A moça se curvou numa vênia.

ERIC ESPOREOU o cavalo até os portões de Provins e pegou a estrada para Jutigny com o coração na boca e um escudeiro tão cheio de perguntas quanto ele.

– Sir Armand de Velay é parente de lorde Faramus, não é? – Alard perguntou.

– Ele é um primo distante do lorde. – Eric imaginava que sir Armand não se relacionava muito bem com a família. – Mas eles não são próximos. Durante todos os anos em que vivi em Jutigny, mal o vi por lá.

– Como será que ele conhece sir Breon?

Eric olhou feio para o escudeiro. Aquela era a principal dúvida que ele tinha também. Se bem que Armand podia ter se encontrado com sir Breon em qualquer lugar, talvez até em um torneio em Paris. E quem poderia afirmar que sir Armand não tinha visitado Jutigny depois de Eric ter ganhado as terras e deixado de prestar serviços ao lorde? Não seria tão fora do comum. Rowena era a herdeira do lorde, mas, se ela morresse sem deixar filhos, sir Armand herdaria o condado de Sainte-Colombe.

Eric estava tão ansioso que esporeou o cavalo para trotar. Por que raios sir Breon se encontrava frequentemente com o sargento de sir Armand? Não podia ser boa coisa. Quando acordara naquela manhã, Eric teve intenções de ir direto falar com o lorde Faramus para saber um pouco mais do caráter de sir Armand. Seria ele o tipo de homem que mataria alguém para alcançar suas ambições?

Deus, como tinha sido tolo. A camisa que ganhara de presente de Rowena o havia distraído. Bem, trataria de falar com o lorde assim que chegasse.

Eric cerrou os punhos. Com a guarda que havia montado para vigiar Rowena, era certo que

ela estava em segurança. Mesmo assim, ele sentiu a boca seca e o coração disparar. Precisava voltar a Jutigny para ver Rowena o quanto antes.

– Alard, o que você sabe sobre sir Armand?

– Não muito, mas dizem que a vida dele é uma eterna penitência e ele vive em peregrinações. Ele é temente a Deus, magnânimo e piedoso.

A informação não acrescentou nada ao que Eric já sabia. Ele instigou o cavalo a galopar, ansioso que estava para chegar logo a Jutigny, pois só relaxaria quando visse por si mesmo que Rowena estava bem.

Eric concluiu que estava se iludindo ao pensar que um cavaleiro superior como sir Armand não cometeria um crime. Doce ilusão. Ele havia se descuidado. E não parava de pensar na morte de Mathieu de Lyon tão perto da The Sun, a taverna frequentada pelo sargento de sir Armand, alguém que costumava se encontrar com sir Breon. Talvez o Sargento Gildas fosse um dos cavaleiros que havia seguido Eric e Rowena durante a viagem de St. Mary até Monfort. Talvez ele fosse o arqueiro.

Eles cavalgaram através dos campos de Champagne. As suspeitas de Eric se multiplicavam. Por que diabos sir Breon havia se encontrado com o sargento de sir Armand? Será que eles falavam sobre Rowena? Será que sir Breon havia causado o acidente com a rocha quando eles atravessavam a ponte levadiça? Ele sabia que Rowena estava para chegar.

Eric não duvidava mais que sir Breon tinha participação naquela trama. Será que havia perdido a honra? Como um dos cavaleiros mais antigos do lorde Faramus, ele havia feito um juramento de proteger os fracos e obedecer à lei. Ele devia proteger os interesses de seu amo, o que incluía Rowena.

Eric e sir Breon nunca tinha se dado bem. Sir Breon só se importava com dinheiro. Mesmo não o tendo na mais alta consideração, Eric nunca imaginou que o outro pudesse tentar assassinar Rowena. Ele deve ter sido muito bem pago para participar daquela perfídia. E quem poderia imaginar que um homem tão piedoso quanto sir Armand sujaria as mãos com algo tão cruel?

– Droga, não há provas – Eric murmurou por entre os dentes cerrados.

Mesmo com a falta de evidências, era evidente que sir Armand queria que Rowena morresse. Ele não tinha dúvidas que sir Breon era informante de sir Armand e devia estar recebendo bem por isso.

Eles passaram por um carvalhal, enquanto Eric procurava ignorar os olhares curiosos de Alard. Não seria fácil persuadir lorde Faramus que seu cavaleiro de longa data tinha de deixar o castelo. Na verdade, Eric não ouvira nada que incriminasse sir Breon, apenas o sargento de sir Armand. Além do mais, a reputação de sir Armand não corroboraria com a história de Eric. Talvez uma pessoa religiosa como sir Armand tivesse pensado em deixar o serviço sujo para outros. *Aye*, fazia sentido. Trabalhando com sir Breon, como a mão e a luva, De Velay estava confiando em alguém que não venerava a Deus, mas o dinheiro.

Não, sir Breon tinha de deixar Jutigny.

ERIC ENTROU no salão nobre de Jutigny. Não viu Rowena, mas o pai estava bebendo uma caneca de cerveja com sir Macaire. Os dois estavam rindo.

Convencendo-se que eles não estariam tão felizes se alguma coisa tivesse acontecido com Rowena, Eric se aproximou.

– *Mon seigneur*, sabe onde posso encontrar Rowena?

– Ela saiu para ir até o convento.

Eric não gostou da notícia, mas procurou não demonstrar. Ele queria se certificar com os próprios olhos que ela estava bem.

– Espero que ela tenha saído com escolta.

– Claro que sim. Não sei o que disse ao Sargento Yder, De Monfort, mas ele insistiu que Rowena saísse acompanhada por quatro cavaleiros e dois cavaleiros.

– Fico feliz em saber. – Eric meneou a cabeça para sir Macaire e encarou o pai de Rowena. – Milorde, preciso conversar com o senhor com urgência.

Lorde Faramus assumiu um ar preocupado e apontou para a porta lateral.

– Vamos à capela?

– Sim, por favor.

Eric entrou na capela, fechou a porta e foi se sentar ao lado de lorde Faramus no banco acolchoado encostado na parede. Ele contou tudo o que havia visto e ouvido na The Sun, mencionando sir Breon, Sargento Gildas e sir Armand.

Lorde Faramus franziu o cenho.

Eric falou também das suas suspeitas sobre a morte de Mathieu de Lyon, tomando cuidado para não mencionar o namoro de Rowena com o rapaz, limitando-se apenas a dizer que os dois tinham muito carinho um pelo outro e que talvez fosse esse o motivo de Mathieu ter sido assassinado.

Pela primeira vez, lorde Faramus ficou sem palavras, parecendo bem confuso. Ele ficou meneando a cabeça e puxando os fios do bigode como se não acreditasse no que acabara de ouvir.

– Em resumo, milorde, acredito que sir Breon está na lista de pagamentos de seu primo. Além do mais, acho que ele sabe quem matou De Lyon.

– Sir Breon é meu cavaleiro há anos.

Eric se preparou para uma bela contenda.

– O senhor acha que interpretei errado os fatos?

Lorde Faramus blasfemou e de repente arqueou os ombros. Parecia que ele havia envelhecido anos em apenas um minuto.

– Infelizmente não. Apesar de ser inacreditável que um débil mental como meu primo, um monge praticamente, tenha armado para tentar matar Rowena.

– Não devemos arriscar, milorde. Sir Breon tem de deixar o castelo. Caso contrário, Rowena e eu iremos embora.

– Deus, isso não. – O conde passou a mão no rosto e fixou o olhar numa escultura de madeira de Nossa Senhora e o filho. – Precisamos tomar cuidado com o que falarmos.

– Concordo. Duvido que sir Breon confessará alguma coisa se não o confrontarmos com uma prova confiável. Precisamos de provas do que aconteceu com De Lyon e seria melhor se sir Breon não soubesse que estamos procurando o responsável pela morte do garoto. Depois que as

tivermos em mãos, podemos acusar seu primo como o mentor dos incidentes em Monfort e aqui na ponte levadiça.

O nobre voltou a mexer na ponta do bigode e esboçou um sorriso.

– De Monfort, acabo de receber a notícia de que um dos meus guardiões de um dos castelos menores... acho que é sir Gareth, isso mesmo, sir Gareth Dubois, está muito doente. Faz tempo que sir Breon quer ser promovido a guardião e ficará honrado em substituir sir Gareth. Por favor, chame um escriba. Preciso mandar uma mensagem a sir Gareth.

– Um escriba? – Eric ergueu uma das sobancelhas. – Será que é prudente?

Lorde Faramus arregalou os olhos e piscou em seguida.

– Nossa Senhora, você tem razão. Precisamos ser discretos. Esqueça o escriba e providencie tinta e um pergaminho. Eu dito e você escreve, sua letra é melhor do que a minha. Precisamos mandar a mensagem imediatamente para que esteja a caminho antes de sir Breon partir.

– Muito bem, milorde.

– Você achará pergaminho no baú atrás do palanque. Minhas juntas estão muito doloridas hoje, por isso, gostaria que você fosse buscá-lo. Assim que a mensagem for despachada a Dubois, daremos a sir Breon as novas ordens.

ROWENA ESTAVA cansada de tanta vigilância durante o dia. Quando cruzou a ponte levadiça montando Lily e chegou ao pátio do castelo, estava a ponto de gritar.

Se o dia começou mal, quando desceu para tomar café seguida por um bando de guardas, só fez piorar com o passar das horas. Quando partiu para o convento a fim de visitar a noviça Amélie, um batalhão se reuniu ao seu redor. A pobre Lily mal conseguia se movimentar. Rowena não conseguiu nem trotar, menos ainda galopar. Mesmo depois de estar sã e salva atrás das muralhas de Jutigny, ela não podia simplesmente passar as rédeas de Lily a um cavaleiro...

não, tinha de esperar que toda a escolta desmontasse primeiro. O Sargento Yder insistiu em atravessar o pátio com ela, escoltando-a pessoalmente até dentro do castelo.

Rowena encontrou com sir Macaire sentado confortavelmente num dos bancos da mesa sobre o palanque.

– Com licença – Rowena chamou a atenção dele –, meu marido está por aqui?

Os guardas a deixavam em paz em companhia de Eric.

– *Aye*, milady, ele está conversando com seu pai.

Rowena meneou a cabeça.

– Muito bem, vou encontrá-los.

Sir Macaire meneou a cabeça preocupado e deu uma tossidela para limpar a garganta.

– Sinto muito, lady Rowena, mas sir Eric me disse que era uma conversa particular e que não queria ser perturbado.

– Bem, mas isso não se aplica a mim, não? – indagou Rowena, franzindo o cenho.

– Infelizmente, sim. Ninguém pode interrompê-los.

– Está bem – ela respondeu por entre os dentes cerrados, morrendo de curiosidade.

O que haveria de tão secreto para Eric não querer que ela entrasse na capela? Se o assunto fosse o que havia acontecido na ponte levadiça, então ela seria a maior interessada em participar. Ela tinha o direito de saber e Eric não devia mantê-la fora da conversa.

Bufando de raiva, ela concluiu que Eric tinha se tornado igual ao pai. Ao se casar com Eric, ela esperava ter deixado todo aquele paternalismo para trás. Lorde Faramus sempre a mantivera longe de negociações importantes. Ela só soube que se casaria com conde Gawain quando foi apresentada a ele, já como noiva. Lorde Faramus só a consultou depois que a tinta já estava seca no contrato de casamento.

Eric, pensei que você fosse diferente. Será que ela não o havia julgado direito? Rowena se lembrava do menino que ele tinha sido e achava que o adulto seria igual. Aparentemente tinha se enganado. Será que o prestígio subia à cabeça dos homens? Será que eles acreditavam que por comandar seus pelotões de soldados, podiam fazer o mesmo com as mulheres?

Rowena mordeu a língua, não seria bom se sir Macaire notasse o quanto ela havia ficado desapontada. Sem muita alternativa, ela seguiu na direção da escadaria da torre sul. O Sargento Yder a seguia como se fosse uma sombra. Quando Eric se dignasse a aparecer, ela deixaria bem claro que não admitiria ficar no escuro. Pensando nisso, ela se lembrou da voz rouca que ele costumava usar para seduzi-la. Numa das vezes, ele havia dito o quanto ela era adorável. Pois sim, ela mostraria como podia ser adorável. Da próxima vez que o visse, trataria de informá-lo que ele precisaria merecer para ter uma esposa adorável.

Eric precisava parar de protegê-la como se ela dependesse dele para tudo. Com isso, ela obviamente estava errada ao imaginar que poderia influenciá-lo na prática como fazia na cama. As táticas deviam mudar com a situação. E como seria melhor se estivessem a sós para aquele tipo de conversa, ela decidiu que o encontraria em seus termos.

– Sargento, vou me recolher aos meus aposentos. Caso sir Eric pergunte por mim, diga onde estou, por favor – pediu ela antes de subir as escadas.

– Claro, *madame*.

– E se por acaso ele continuar conversando em particular com meu pai até a hora do jantar, peça a Berthe para levar uma bandeja de comida para mim.

– Sim, milady.

– Obrigada. – Ela hesitou um pouco antes de fazer o próximo pedido: – Se eu lhe der minha palavra que não sairei da torre, você e seus guardas poderiam ficar em seus postos no quarto inferior?

– Se for este seu desejo, milady.

Rowena subiu as escadas acompanhada por seus guardiões, mas conforme o Sargento Yder havia prometido, eles pararam de segui-la ao alcançarem o primeiro andar da torre. Ela continuou subindo até o quarto. As janelas estavam abertas e dali podia se ver o céu carregado de nuvens cinzas.

Santa Maria, ela odiava ficar confinada assim. Eric não devia conhecê-la muito bem para achar que ela aguentaria ficar ali por muito tempo. Mas o pior de tudo tinha sido ele não permitir que ela participasse da conversa com o pai.

Uma pomba passou pela janela, provavelmente havia um poleiro no alto da torre. Rowena sentiu a cabeça zunir como se fosse um sino. Ela massageou a testa e tirou os grampos que prendiam o véu. Precisava sair dali, mas era prisioneira no castelo do próprio pai.

Rowena deixou o véu sobre a cama. Outro pombo passou pela janela, sombreando rapidamente o quarto, voando em liberdade para o alto da torre. Liberdade. Ela olhou para a estreita faixa do céu, visível pela janela. No passado, ela gostava muito de ir até o observatório no alto da torre.

Será que havia guardas lá em cima?

Sem pensar duas vezes, ela levantou a trava da porta e saiu do quarto. Depois de subir o último lance de escadas da torre, chegou à porta que dava para as ameias. Ela tirou o parafuso pesado de ferro da porta e saiu. A porta fechou-se sozinha, assustando os pombos do pedestal. Foi um alívio notar que não havia guardas por ali.

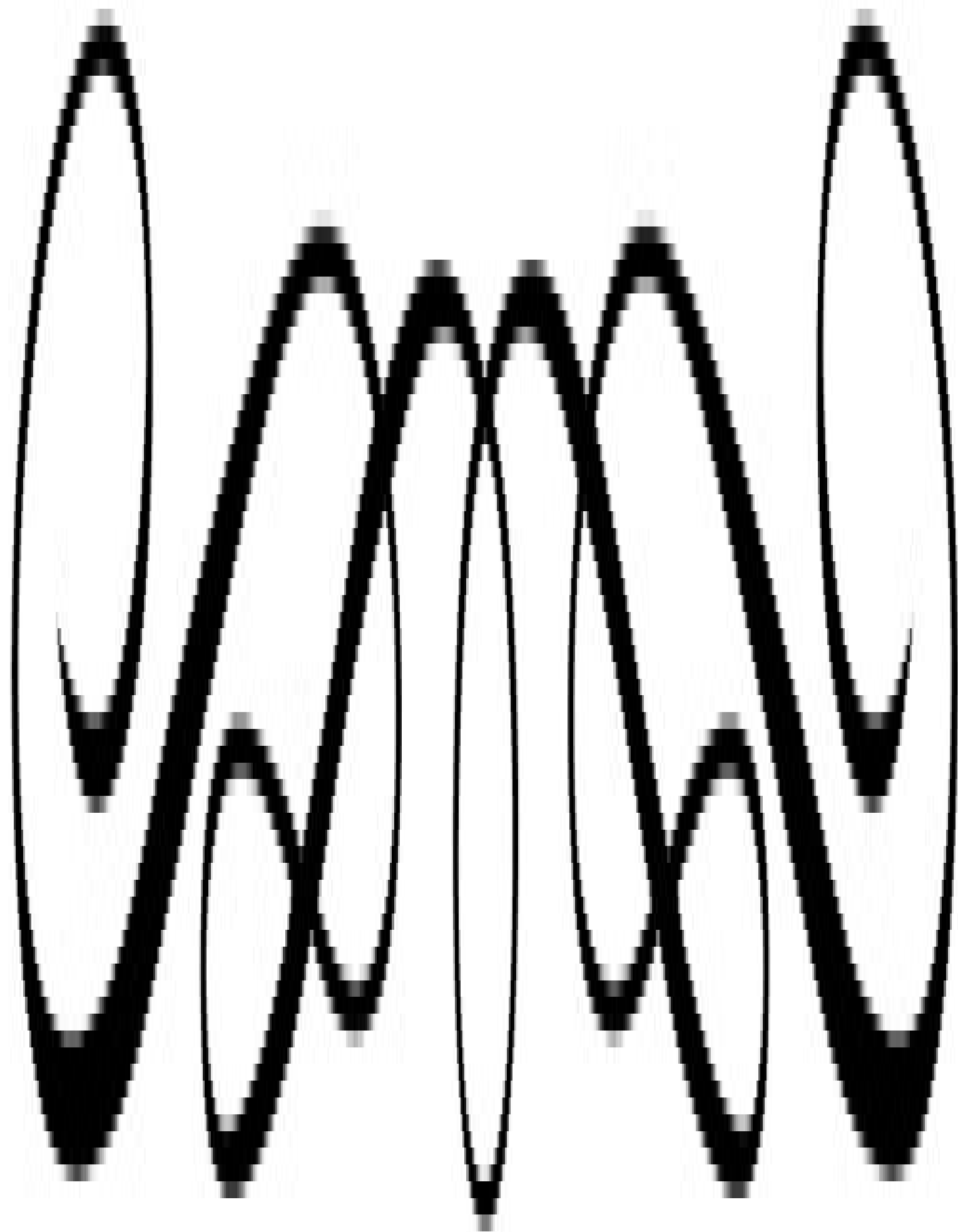
O vento era mais fresco ali em cima. O chão estava todo pontilhado, manchado pelas fortes chuvas. No céu, as nuvens se moviam para o Sul, e os pombos voltaram para os poleiros. Rowena se debruçou no vão de uma das ameias e olhou para baixo. Viu o pai perto dos estábulos conversando com sir Breon. O escudeiro de sir Breon também estava ali perto, carregando o alforje, preso ao cavalo castanho. Ela estava muito longe para identificar a expressão dos rostos deles, mas viu quando sir Breon bateu de leve nas costas de seu pai como se estivesse se despedindo.

Sir Breon estava indo embora? O escudeiro entrou no estábulo, voltou com outro cavalo e começou a carregá-lo com mais bagagem. A julgar pela quantidade, eles iriam passar um bom tempo fora.

Que estranho. Ninguém tinha dito a ela que sir Breon estava de partida.

A porta rangeu e ela quase morreu de susto.

Capítulo 11



— ERIC! VOCÊ me assustou!

Eric estava com os punhos cerrados nas laterais do corpo e o rosto contraído, mas, depois de observá-la de cima a baixo, ele relaxou.

— Desculpe-me, fiquei preocupado quando não a vi no quarto. — O canto da boca dele se ergueu num sorriso sedutor.

Rowena precisou retesar o corpo para resistir.

— Pensei que você tivesse fugido de mim.

Ela estreitou os olhos.

— Como se fosse possível. Eric, não aguento mais ser seguida aonde quer que eu vá.

Num piscar de olhos, ele a puxou para mais perto e beijou-a na ponta do nariz.

— Não gosto disso, Eric. Sinto-me como se fosse uma ladra.

— É para sua segurança.

— Ah, mas já tive o suficiente. Além do mais, quero saber...

O relinchar dos cavalos no pátio a interrompeu. Sir Breon e seu escudeiro dirigiam-se para a ponte levadiça.

— Sir Breon está indo embora? — indagou ela, segurando o braço de Eric.

Os olhos de Eric estavam velados.

— Acredito que sim. Sir Gareth Dubois precisa da ajuda dele.

— Oh?

— Dubois está doente.

— E sir Breon vai ficar no lugar dele?

— Por um tempo, sim.

Pensativa, Rowena continuou observando os cavalos atravessarem a ponte e saírem trotando pela estrada até se esconderem atrás da muralha do castelo.

— Nunca achei que sir Breon tivesse a paciência necessária para ser um guardião. Você está me escondendo alguma coisa.

— Imagine. — Eric cobriu a mão dela com a dele. — Dubois está doente e sir Breon partiu para ajudá-lo.

Eric procurou não deixar transparecer nada.

— Não sou mais criança. Você descobriu alguma coisa sobre sir Breon e fez com que meu pai o mandasse embora.

Eric não disse nada. Parecia que ele estava protegido por um escudo invisível para que ninguém adivinhasse seus pensamentos.

Rowena recuou um passo, forçando-o a soltá-la.

— Concordei em me casar porque sempre gostei de você. Mas saiba que não quero meu marido escondendo coisas de mim. Além de tudo, você está colocando minha autoridade em jogo de propósito.

— Como assim? — indagou ele, franzindo o cenho.

— Você deixou ordens para que eu não interrompesse sua reunião com meu pai. Sei que você descobriu alguma coisa sobre sir Breon. Conte-me o que foi.

— Rowena, você terá de confiar em mim.

Eric estendeu o braço, mas ela ficou apenas olhando para a mão dele.

– Eu confiei em você, Eric – disse ela com a voz falha. – Acreditei que você fosse diferente e que podíamos ser um casal diferente.

Os olhos de Rowena se turvaram de lágrimas, mas ela piscou para escondê-las, não querendo demonstrar fraqueza. Ela queria que ele fosse diferente.

Uma rajada de vento levantou o cabelo de Eric.

– Rowena, nós teremos um casamento de verdade.

– É mesmo? Primeiro você se recusou a me amar, depois me cercou de guardas. Em seguida, não permitiu que eu participasse de uma conversa com meu pai. E agora está escondendo alguma coisa de mim. O que virá depois, hein?

Eric a segurou pelo pulso e colou o corpo ao dela. Rowena virou para o lado para não o encarar, mas ouviu-o suspirar profundamente.

– Está bem, Rowena. Eu não queria preocupar você, mas hoje soube de algo que me leva a crer que sir Breon pode estar envolvido no acidente com a rocha. Não há provas, então, enquanto eu não descobrir mais, não há nada para se fazer. Seu pai concorda que há motivo para se preocupar e por isso mandou sir Breon para outro lugar.

– Sir Breon sabe das suas suspeitas?

– Não. – Eric afastou uma mecha que lhe cobriu um dos olhos. – Seu pai acredita que sua segurança será maior se sir Breon não souber das nossas suspeitas. O importante é que, com a ausência dele, posso continuar a investigar em Provins sem precisar me esconder. – Ele esboçou um sorriso antes de prosseguir: – Você ficará contente em saber que, por isso, sua guarda diminuirá. Daqui em diante, se você sair de Jutigny será acompanhada pelo Sargento Yder, um guarda e um cavaliço.

Rowena encostou a cabeça no peito de Eric e suspirou.

– Obrigada. Confesso que esses cães de guarda estavam me deixando louca.

Ele ergueu o rosto dela com a ponta no dedo, beijou-a nos lábios brevemente e sorriu.

– Eu nunca teria imaginado. Venha, tenho uma coisa para você.

De volta ao quarto, Rowena passou a mão sobre a seda azul aberta aos pés da cama. Era um tecido suntuoso, lindo, digno de uma rainha.

– É lindo, Eric, obrigada. – Os olhares se cruzaram. – É muito tecido, deve ter custado uma fortuna.

– Eu queria agradecer a camisa. – Ele deu de ombros. – Nós nos casamos com pressa, não tive tempo de cortejá-la como deveria.

– Sou sua esposa, Eric, você não precisa mais me lisonjear.

Ele a fitou no fundo dos olhos.

– Eu havia prometido esse tecido a você depois que nos casássemos. Foi um prazer comprá-lo. – Ele estreitou a distância entre eles e colocou a palma da mão no rosto dela. – Foi um prazer tão grande quanto cortejar você.

Quando ele a abraçou, Rowena se esqueceu de tudo, deixando-se perder naquele imenso carinho.

OS DIAS se passaram sem grandes mudanças. Rowena e Eric desvendavam cada vez mais o prazer de estarem juntos na cama, mas isso não os tornou mais próximos. Rowena já havia começado a perder as esperanças. De vez em quando se surpreendia pensando que talvez Eric estivesse certo ao dizer que não tinha coração para doar. Além do tempo que passavam juntos na cama, ela o via cada vez menos. Firme no propósito de continuar a investigar, ele ia a Provins quase todos os dias.

Numa tarde no princípio do verão, Eric chegou com uma mensagem de Monfort. Ao subirem as escadas da torre em direção ao quarto, ele se virou para trás e disse:

- Sir Guy mandou dizer que Helvise teve um menino.
- O bebê está bem?
- Aparentemente sim.
- Qual o nome dele?
- James.

Eric segurou a porta do quarto para Rowena entrar. Tão logo a fechou, ocupou-se em tirar o véu da cabeça dela. O desejo só aumentava com o passar do tempo. Rowena reconhecia que, assim como ele, ansiava pelo momento de ficarem a sós. Ela espalmou as mãos no tórax dele e ficou observando-o tirar seu cinto. Logo os lábios se uniram num beijo apaixonado, o sangue correria apressado pelas veias, aquecendo os corpos, e por algumas horas ela se esqueceria do precipício que havia entre eles.

- Que alegria... um bebê saudável – ela murmurou.

Será que um filho não os aproximaria? Se ela o presenteasse com um filho, será que ganharia o amor dele em troca?

Rowena havia levado a sério a preocupação de Eric sobre sir Breon. Aceitou não ir a lugar algum sozinha, mas sempre acompanhada por um guarda. Contudo, conforme as semanas foram se passando sem que nada acontecesse, ela começou a acreditar que não corria mais perigo.

A partida de sir Breon de Jutigny parecia ter sido a decisão mais acertada. O verão começou e terminou sem nenhum acidente. Os dias passavam voando.

Durante a noite, Eric a aquecia na cama, proporcionando a ela prazeres inomináveis. Nunca mais eles falaram sobre amor.

Durante o dia, Rowena ajudava a mãe com o inventário de suprimentos. À tarde costumava ir ao solário para costurar e remendar uma pilha de roupas. A vida era igual em qualquer castelo.

Quando saía para cavalgar, ela ouvia as cotovias chilreando enquanto sobrevoavam os campos e vinhedos; observava as borboletas voejando ao redor dos cardos cor de violeta. E então, quase sem que ela se desse conta, os cardos já tinham soltado sua penugem, cobrindo a trilha como um tapete. Já era o mês de setembro. A vegetação estava seca e alaranjada. E, ainda assim, não houve nenhum acidente.

As andorinhas começavam a voar para o Sul para o inverno, quando Rowena se sentiu à vontade o suficiente para não precisar mais de escolta. Ela só não havia falado com Eric antes para não contrariá-lo. Seria muito bom se pudesse considerar o excesso de cuidado como um sinal de profunda afeição, mas, na prática, o mais provável era que ele estivesse protegendo seus interesses. Não seria bom perdê-la antes que ela tivesse um herdeiro para proteger as terras que havia ganhado no condado de lorde Faramus. Caso ela não conseguisse, sir Armand ficaria muito aliviado.

Entretanto, o verão já havia terminado e Rowena ainda não estava grávida. E não tinha sido por falta de tentativas. Quando estavam juntos, Eric era o marido mais atencioso que qualquer mulher gostaria de ter. Não passava uma noite sem que se amassem loucamente. As paredes do quarto ecoavam os gemidos e suspiros. Eric era carinhoso, atencioso e aparentemente tinha uma grande afeição por ela. Apesar de tudo, Rowena tinha plena consciência de que não estava nem próximo de conquistar o coração tão bem guardado dele.

NUMA CERTA manhã, Rowena acordou tremendo de frio. Como de costume, Eric havia levantado antes, deixando-a sozinha. A cama estava gelada. Ela, então, enrolou-se no cobertor e esperou que Berthe chegasse.

– Bom dia, milady. Quer que eu trance seu cabelo?

– Por favor. – Rowena colocou um xale sobre os ombros e se sentou num banquinho. Sua respiração chegava a formar uma pequena nuvem de ar condensado. – Berthe, você saberia me dizer se sir Eric foi a Provins essa manhã?

– Acredito que sim, milady.

– De novo? – Rowena contraiu o rosto, enquanto admirava uma flor pintada na borda da parede. Ela mesma a havia pintado, mas já estava descascando. Teria de refazê-la.

Enquanto Eric permanecia inflexível quanto às saídas dela da torre, Rowena decidira aproveitar o tempo em que ficaria ali. Havia tinta, pincéis, pigmentos e alguns trapos espalhados em cima da cômoda. Ela estava ansiosa para voltar a trabalhar. O trabalho não era tão fácil quanto ela imaginava, mas, apesar das dificuldades, ela havia se divertido com a pintura. Se fosse rápida, provavelmente terminaria toda a sanca até a volta de Eric naquela noite.

Por que ele precisava passar tanto tempo em Provins? Ela já havia perguntado centenas de

vezes e só obtivera respostas vagas: tratava-se de investigações feitas para lorde Faramus.

Talvez Berthe tivesse ouvido Alard comentando alguma coisa. Virando a cabeça para trás, ela encarou a criada.

– Você por acaso sabe para onde sir Eric vai em Provins? Ouviu alguma coisa?

Berthe olhou desconfiada para um lado e para outro.

– Eu soube que ele passa a maior parte do tempo em uma das tavernas da cidade, milady.

– Qual delas?

– The Sun.

– Você sabe onde fica exatamente?

– Na Cidade Baixa de Provins, no quarteirão diante de St. Ayoul.

– Sei...

Berthe terminou a trança; Rowena se levantou e pegou um dos pincéis.

– Milady não vai descer para tomar o desjejum?

– Desço logo. Quero terminar uma coisa. – Rowena mergulhou o pincel numa latinha de pigmento vermelho e desenhou as pétalas de uma flor. Com um olhar crítico, tentou fazer outra flor antes de largar o pincel. – Assim está melhor – disse sorrindo. – Berthe?

– Sim, milady.

– Vou terminar este lado do friso e depois vou a Provins.

Berthe olhou desconfiada.

– Milady pretende ir à taverna?

– Por que não? É só uma taverna, não?

– Não é um lugar adequado para uma dama. – Berthe fez uma careta. – Estou certa de que sir Eric não aprovará sua presença ali.

Rowena sentiu um friozinho na barriga. Até então, ela nunca havia questionado as repetidas visitas de Eric a Provins. A reação de Berthe a fez pensar melhor.

– Não é um... não se trata de um prostíbulo, não é?

– Que eu saiba, não. Mas ouvi dizer que o lugar é conhecido por ser muito simples e sujo. Milady não devia nem pensar em ir até lá. – Berthe tocou o braço de Rowena de leve. – Eu não deveria ter dito nada. Sir Eric não vai gostar se souber. Por favor, milady, não diga a ele que fui que falei sobre The Sun.

– Não se preocupe, Berthe, não direi uma só palavra.

Rowena atravessou o quarto na direção da mesa onde estava uma bacia e um jarro de água para lavar as mãos.

– Enquanto eu estiver tomando meu desjejum, você poderia dizer ao Sargento Yder que pretendo ir à cidade e preciso da escolta habitual? – Ao perceber a preocupação no rosto de Berthe, ela ergueu o queixo. – Vou apenas passar na frente da taverna.

– Espero que não faça mais do que isso, milady.

DEZEMBRO CHEGOU num repente trazendo ventos e chuva. Rowena estava prestes a arrancar o cabelo, pois suas tentativas em conquistar o amor de Eric tinham sido inúteis.

As investigações sobre The Sun não resultaram em nada, a não ser a descoberta de que Eric havia se tornado um de seus clientes mais assíduos. Berthe tinha razão quando disse ser a taverna um tanto indecente, mas podia ser pior se fosse um bordel. Rowena também soube que Eric havia passado horas na casa da guarda no Castelo de Provins, a portas fechadas, com o capitão do conde Henry.

Eric tinha adquirido o hábito de desviar de todas as perguntas dela ao chegar no quarto à noite. Hábito este que ela pretendia eliminar, pois era certo que ele estava escondendo alguma coisa. Por sorte, Eric não era tão fechado quanto o pai dela. Rowena sabia que, se o pressionasse, conseguiria uma resposta. Não que fosse uma tarefa muito fácil.

Naquela noite, ela afofou os travesseiros e se encostou à cabeceira da cama com os braços cruzados enquanto Eric se despia.

– Você visitou a guarda do castelo hoje?

– *Aye* – respondeu ele com um daqueles sorrisos irresistíveis ao pendurar a capa num gancho de parede.

– Você conversou com o capitão do conde Henry?

– Humm – murmurou ele, enquanto colocava mais carvão no braseiro. – Está gelado lá fora. Eu não me surpreenderia se começasse a nevar. – Ele esfregou as mãos acima das brasas.

– Eric, o que exatamente você faz o dia inteiro?

– Eu já disse, Rowena. Estou trabalhando para proteger seus interesses.

– Isso significa passar dias naquela taverna?

A bem da verdade, Eric estava obcecado com o que quer que estivesse empenhado. Rowena imaginou que, se mudasse a rotina, quebraria aquele círculo vicioso.

– Eu gostaria de voltar a Monfort.

– Acho que não será possível – respondeu ele, unindo as sobrancelhas.

– Podíamos visitar Helvise e o pequeno James. Aposto que sir Guy tem assuntos a tratar com você.

Eric tirou a camisa e deu de ombros.

– Guy tem me mandado notícias sempre. Está tudo bem em Monfort.

– Eric...

– Desculpe, meu amor, mas temos de ficar aqui por mais um tempo.

O coração de Rowena deu um salto. Eric a havia chamado de amor.

Distraído e sem perceber o estado dela, Eric levantou a coberta e se deitou. Em seguida, puxou-a para mais perto e enrolou um dos cachos do cabelo dela no dedo.

Rowena sentiu um nó na garganta. Parecia que ele não tinha percebido o que havia dito. Era a primeira vez que ele a chamava de amor. Procurando não criar muitas expectativas, ela percebeu que ele estava se abrindo e ficou quieta.

– Minha amada, meu trabalho em Provins não é fácil. Seu pai conta comigo para provar que seu primo está envolvido numa trama para tirar sua herança. Não podemos simplesmente acusá-lo. Perderíamos toda a credibilidade se não tivermos provas. Sir Armand é inteligente. Ele pode ter desconfiado da saída de sir Breon de Jutigny, por mais que tivéssemos sido cuidadosos. Imagino que ele esteja pronto para agir, e todo o cuidado é pouco. Esse trabalho requer

paciência e perseverança. Consegui fazer amizades na taverna, algo que não se consegue do dia para a noite. É preciso tempo para gerar confiança. – Eric afastou o cabelo dela dos ombros e beijou sua pele macia. – Tenho certeza de que uma hora, ou outra, sir Armand irá mostrar suas garras.

– Quando isso acontecer, podemos ir a Monfort?

– Se essa for a sua vontade... – Eric passou o dedo pela boca bem delineada de Rowena, prestes a beijá-la. – Enquanto isso, meu amor, precisamos ficar juntos. Mas se você quiser mesmo ir a Monfort, o Sargento Yder gostará de escoltá-la.

Mais uma vez ele a tinha chamado de amor. Finalmente, depois de tantos meses, as esperanças dela começavam a se concretizar. Ela entremeou os dedos no cabelo dele e, feliz como nunca, inclinou a cabeça para ser beijada.

O TEMPO estava cada vez mais frio. Ao mesmo tempo, a cozinha do Castelo Jutigny estava em polvorosa com os preparativos para a festa de Natal que se aproximava. Várias aves foram depenadas para terem a carne defumada. Mercadores levaram especiarias caras, como canela, noz-moscada e alho, que foram guardadas em armários trancados. Alguns escudeiros saíram pela mata para buscar maços de heras a fim de pendurá-los no salão nobre. Apostas foram feitas sobre qual pajem traria o maior ramo de azevinho ou o que estivesse mais repleto de frutinhas vermelhas. Porém, as plantas só seriam colhidas perto da véspera de Natal. O cheiro de vinho quente perfumava o ar de todo o castelo.

O inverno havia chegado trazendo muito frio. As trilhas estavam cobertas de vegetação congelada. Havia uma fina camada de gelo sobre as poças, que se quebravam quando pisadas. Todos estavam com os narizes e dedos vermelhos, e até azulados. De longe viam-se as pequenas nuvens de ar condensado da respiração dos guardas nas ameias.

Estava tão frio que, certa manhã, ao por a cabeça para fora do cobertor, Rowena pensou duas vezes se queria sair para cavalgar. A sensação era de que sua pele toda estava franzida de frio. Eric, naturalmente, não estava. Seu lado na cama revelava um vazio, e não se via sua capa pendurada no gancho de parede. Ela suspirou. Ele só podia estar em Provins de novo. Bem, não poderia culpá-lo pela persistência, mas seria muito bom acordar com ele ao lado de vez em quando. Ao olhar para o gancho vazio, ela se levantou sorrindo, seguindo até o armário para pegar a costura, sabendo exatamente como passaria a manhã sem sair no frio.

Rowena tinha decidido costurar uma capa para dar a Eric como presente de Natal. A costura já estava quase toda feita, faltava o acabamento. Se ela mantivesse o ritmo e não saísse para cavalgar, terminaria naquela tarde. Com os dedos trêmulos, estendeu o tecido sobre a cama. A capa era de lã inglesa verde-escura para combinar com os olhos dele e o forro de pele. Tinha dado muito trabalho para prender o forro. Os dedos dela estavam todos marcados da agulha.

Era bom que ele gostasse, pensou ela, enquanto procurava no fundo do baú um broche de prata que havia comprado numa das vezes em que fora à cidade. Era um artefato de prata retorcido que se dividia em dois. O fecho tinha um desenho celta, que ela já havia visto na Bíblia de sua mãe. Quando estavam aprendendo a ler, Eric e ela haviam se encantado com o livro, mais fascinados pelas ilustrações do que pelas palavras. Será que ele se lembraria?

Assim que terminasse de fazer a barra da capa, ela prenderia o broche. A peça ficou pronta perto do meio-dia, já com o fecho no lugar. Ela guardou o presente no armário e desceu para oferecer ajuda à mãe no armazém.

Assim que a sineta tilintou, anunciando o jantar, o salão rapidamente se encheu. Ainda não havia sinal de Eric. Geralmente ela não se preocupava, pois ele sabia se cuidar. Entretanto, Rowena andava com uma sensação inquietante nos últimos dias. Talvez fosse por causa da proximidade do Natal.

Véspera de Natal. Eric.

Sem qualquer motivo aparente, Rowena olhou para uma das criadas. Alguém lhe dissera que Mary havia sido muito próxima a Eric no passado. Ela franziu o cenho ao se lembrar da fama de galanteador do marido. Mas, ao menos por enquanto, ele não havia deixado o menor sinal de que estivesse sendo infiel.

Logo chegaria a noite de Natal. E aquele mau pressentimento continuava a aborrecê-la. Definitivamente, havia alguma coisa errada.

Rowena continuou esperando por Eric até que os criados terminaram de tirar a mesa. Como ele não chegava, ela foi falar com a criada.

– Você tem um minuto, Mary?

Mary dobrou os joelhos numa reverência.

– Sim, *madame*.

Sem graça, Rowena puxou a moça para um canto. A atitude podia parecer estranha. Rowena não queria que Mary se sentisse ofendida, mas esperava que ela compreendesse sua preocupação.

– Mary, sei que você conhecia bem meu marido antes de nos casarmos – Rowena disse em voz baixa. – Isso foi antes de ele ganhar as propriedades.

– Éramos bons amigos, milady. – Mary estava corada até o pescoço.

Rowena meneou a cabeça e procurou manter a expressão do rosto neutra.

– Mary, eu tenho uma vaga lembrança de um ano em que Eric desapareceu durante a época de Natal. Eu era muito pequena e não recordo os detalhes. Você sabe o que aconteceu?

– Não, milady. Mas todos sabiam que Eric... desculpe, milady... sir Eric costumava sumir perto do Natal. – Mary inclinou a cabeça na direção da porta. – Principalmente se estivesse nevando.

– Ah, então ele não sumiu apenas uma vez.

– Não, milady. – Mary estreitou a distância entre elas. – Eu cheguei a pensar que ele estivesse lembrando do passado. Fazia muito frio quando lady Barbara o acolheu.

– Muito obrigada, Mary. – Rowena segurou as mãos da moça e as apertou. – Eu pensei a mesma coisa. Você me ajudou bastante.

Mary começou a se afastar, mas lembrou-se de alguma coisa e retornou.

– Lady Rowena? – Agora ela estava vermelha até a raiz do cabelo. – Sir Eric e eu... nós éramos apenas amigos. É verdade, milady, nunca fomos amantes.

– Obrigada, Mary. – Rowena sorriu, percebendo pelos olhos de Mary que ela estava sendo sincera. – Muito obrigada, mesmo.

Rowena continuou parada no mesmo lugar, observando os criados limparem as mesas e pensando no fato de Eric se ausentar perto do Natal. Apreensiva, ela olhou na direção da porta. Estava nevando tanto quanto na noite em que ele fora encontrado. Eric devia lembrar disso também. Será que ele ficava triste, lamentando a perda dos pais?

Eric era um homem confiante e cheio de vida. Era difícil imaginá-lo lutando com o passado, embora fosse compreensível que aquela época do ano o remetia à família perdida. Rowena sentiu o coração apertar e desviou a atenção para um casal de cachorrinhos entrelaçados diante do fogo. Os dois haviam sido encontrados juntos e eram inseparáveis. Um estava com a cabeça deitada sobre a barriga do outro, nem um pouco preocupado se eram aceitos pelos outros cães ou não.

Num estalo, Rowena concluiu que Eric não esperava ser amado. Durante a juventude, os pais dela o haviam tratado com muita deferência, já que Eric não era filho deles. Eles haviam sido obrigados a não o tratar nem pior, nem melhor do que os meninos nobres que costumavam alojar. Algumas vezes, por causa do parentesco desconhecido, lorde Faramus tinha sido mais enérgico com Eric, como se ele precisasse provar a habilidade com as armas.

Eric queria ser amado. Era por isso que provocava os outros e flertava com as moças, além de ser o motivo principal pelo qual se esforçara tanto para ser um cavaleiro. Ele se esforçava para que os outros o aceitassem e gostassem dele, mas, até então, não acreditava ser um fato consumado. E nem poderia.

O passado havia deixado marcas profundas em Eric, que não haviam sido curadas pela aceitação de lady Barbara, ou quando ele se tornou um cavaleiro e nem com o casamento. Eric tinha cicatrizes invisíveis tão bem escondidas que nem ele próprio sabia que ainda estavam doendo.

A porta do salão foi aberta e uma corrente de vento gelada adentrou o recinto. Um sentinela entrou coberto de neve dos pés à cabeça. Eric devia estar lá fora em algum lugar, sofrendo sozinho as mesmas dores do menino abandonado que havia sido.

Rowena subiu correndo as escadarias da torre. Precisava encontrá-lo. Apesar da confiança aparente dele, ela queria falar o quanto ele era importante em sua vida. Se ele entendesse isso,

talvez abrisse o coração para amá-la. Mesmo sem saber se daria certo, ela estava decidida a, pelo menos, tentar.

Ainda segurando as saias para andar mais depressa, ela passou pelo quarto da guarda e se inclinou para dentro.

– Alain, por favor, encontre o Sargento Yder.

– Sim, milady.

– Peça a ele para selar Lily.

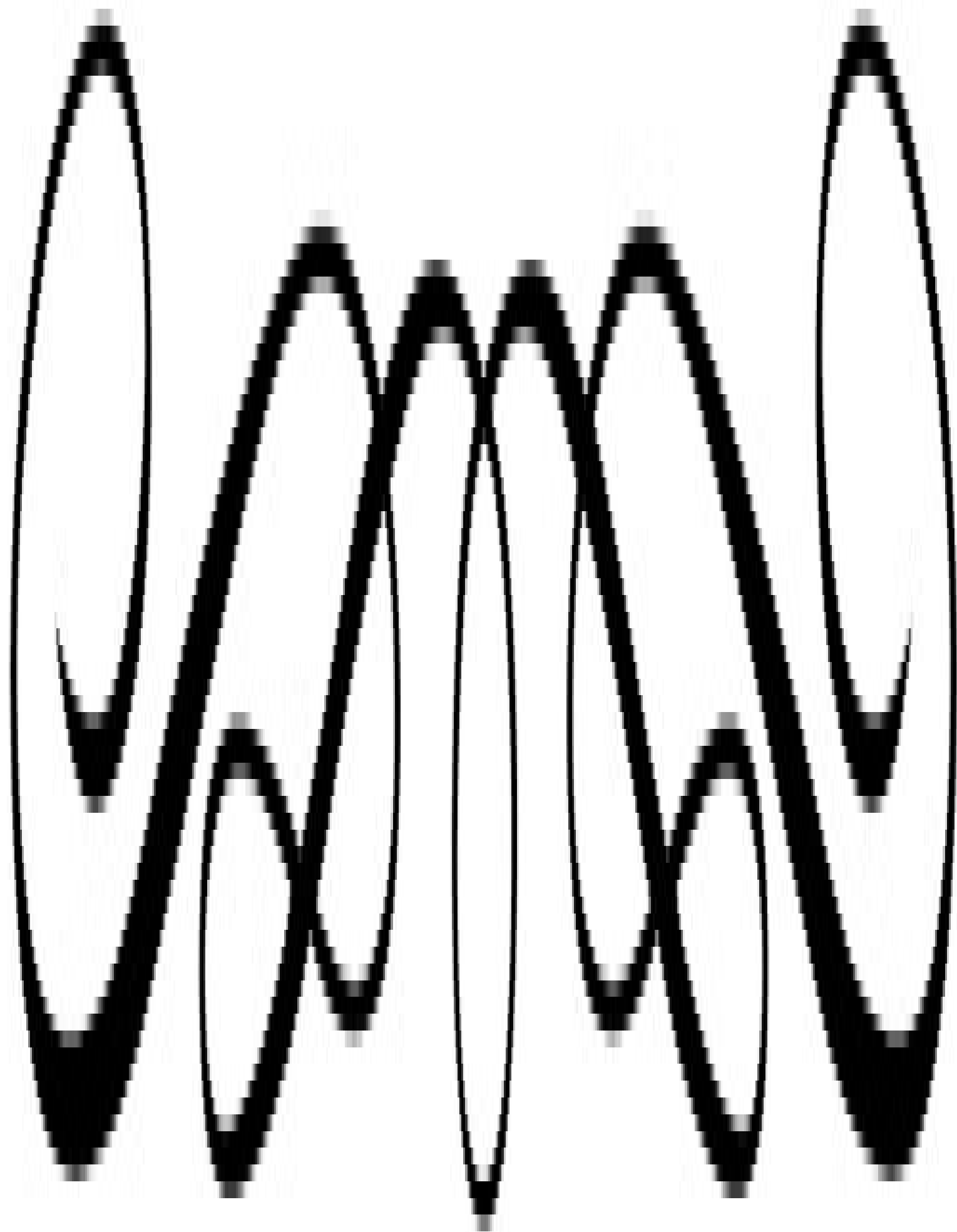
Alain a encarou boquiaberto.

– Milady pretende sair a essa hora? Está anoitecendo e nevando.

– Encontre o Sargento Yder – disse ela, mais categórica.

Dali ela subiu até o quarto para pegar a capa, as botas e a capa que havia feito para Eric. Talvez ele precisasse se agasalhar melhor naquela noite.

Capítulo 12



ERIC ACENOU para Marguerite e olhou na direção de Alard. O rapaz estava esticado sobre um banco não muito longe com a cabeça para trás, roncando. Ele devia estar entediado até a alma. Natural, pensou Eric.

Durante toda a semana houve comentários que o sargento de De Velay tinha sido visto na cidade. Eric e Alard passaram o tempo todo na The Sun na esperança de encontrar o oficial, ou talvez obter mais informações. Mas, infelizmente, nada conseguiram. Eric queria muito dizer a Rowena que os assassinos de Mathieu de Lyon tinham sido capturados e levados à justiça. No entanto, parecia que as coisas permaneceriam inalteradas por mais algum tempo.

Eric havia escrito para Gareth Dubois perguntando se ele sabia se sir Breon e sir Armand estavam se comunicando. Sir Gareth jurou que não sabia de nada. Bem, ele podia estar sendo enganado, mas Eric não. Para ele, era óbvio que alguma coisa de errado estava acontecendo. Sem que Dubois soubesse, Eric mandou alguns homens se passarem por pajens na propriedade de Gareth a fim de descobrirem algo novo. Mas também não deu muito certo porque eles souberam de apenas algumas fofocas.

Eles souberam que Armand de Velay estava em Paris, visitando um santuário construído para abrigar fragmentos da Vera Cruz. Não era de se estranhar, dada a suposta fé de De Velay, mas Eric tinha certeza que a peregrinação escondia algo bem mais sinistro. De Velay não desistiria de Sainte-Colombe tão facilmente.

Eric suspirou contrariado, enquanto, em uma mesa distante, um grupo se divertia um pouco além da conta ao celebrar o Natal antecipadamente.

Era frustrante não chegar a lugar algum depois de tanto esforço. A busca incessante havia resultado apenas em horas desgastantes naquele banco sujo da taverna, enquanto os aldeões comemoravam cada vez mais animados a chegada das Festas. Na realidade, Eric e Alard tinham passado tanto tempo ali que já faziam parte da mobília da casa. Mas Eric já tinha esgotado a paciência. Tomaria um último drinque e voltaria a Jutigny.

– Pois não, sir? – Marguerite perguntou.

– Por favor, traga mais uma caneca de vinho quente.

Os homens da mesa ao lado riram mais alto e Marguerite olhou para Alard, que dormia sem se perturbar com o barulho na inocência da juventude.

– E para o seu escudeiro, sir?

– Ah, sim. O vinho vai ajudá-lo a acordar para irmos embora. Ainda está nevando?

– *Aye*, sir. Temos uma verdadeira nevasca.

Ótimo.

Quando Marguerite se afastou para providenciar o vinho, Eric olhou para Alard e voltou a pensar. Ele tinha certeza de que Mathieu de Lyon havia sido assassinado por ordem de Armand de Velay, principalmente agora que tinha provas. *Mon Dieu* ele esperava já ter resolvido aquele mistério.

A insegurança e a *preocupação* com Rowena estavam deixando-o louco. Será que eles passariam o resto da vida com medo de De Velay atacar a qualquer momento? Eric queria e precisava saber que ela estava em segurança.

Se não fosse por Rowena e pelas horas que passavam na cama, o humor de Eric estaria muito pior. Ele se sentia mais próximo dela do que jamais estivera com outra mulher, o que também

gerava algumas dificuldades. Na verdade, ele se culpava pela maneira como tinham se casado. Por outro lado, Rowena parecia feliz. Então, por que raios ele estava tão inquieto?

Rowena precisara da ajuda dele e, com a bênção de lorde Faramus, ele a tinha ajudado. Ao mesmo tempo que ela trazia uma imensa alegria para a vida dele, trazia também preocupações. Aí estavam a maldição e o estresse. Ele não tinha noção de que o casamento vinha acompanhado de tanta apreensão.

Assim como lady Barbara, Rowena era doce e delicada. Ele torceu os lábios. Mas tinha muita personalidade também, e às vezes podia ser uma megera, assim como o pai. Eric gostava do jeito dela, sempre havia gostado, mas nunca pensou que um dia se casariam.

A porta da taverna se abriu. Dois homens entraram com o capuz coberto de neve e seguiram direto para o balcão, passando pela mesa de Eric.

– Está tão frio que congela até os olhos – disse um deles, tirando a neve dos cílios.

O outro grunhiu algo incompreensível.

E ele tinha razão, o frio entrava por todas as frestas da taverna. Enquanto olhava os homens se servirem, a mente de Eric divagou, levando-o de volta para a véspera de Natal quando atravessaram uma nevasca até os portões de Jutigny. Instintivamente, ele fechou as mãos em punhos. Que raiva, será que aquela lembrança tinha de voltar *todo* ano? Por que era tão difícil esquecer?

– Chame a atenção dos guardas, Eric – a mãe dele ordenara, apontando na direção das tochas nas laterais dos portões. – Eles o levarão para dentro do castelo.

– Estou com frio, mamãe. Quero ir para casa.

A mãe dele se abaixou para abraçá-lo forte e o empurrou na direção da ponte levadiça.

– Os guardas vão ajudar você. Chame lady Barbara.

Assim dizendo, ela deu as costas e foi embora sem olhar para trás.

Naquela noite, Eric sentiu que o frio lhe congelava os ossos. As lágrimas congelaram assim que começaram a correr pelo rosto dele.

– Mamãe? *Mama!*

Uma sombra o toldou e Eric voltou para o presente. Marguerite tinha trazido a caneca de vinho. Ele observou a fumaça do líquido fumegante espiralar na direção de seu rosto.

– Muito obrigado, Marguerite.

A voz estava tão rouca que nem ele reconheceu. Talvez estivesse mais sedento do que imaginava. Ele segurou a caneca e inalou o rico perfume de especiarias típicas do Natal. Canela. Alho. Folha de louro. Sentiu o estômago se contrair. Santa Maria, como odiava o Natal.

Mais uma ovação vinda da mesa mais distante.

– Vamos, rapaz, beba isso. Estamos de partida – disse Eric, cutucando Alard.

Depois tomou um gole grande de vinho. Seria inútil continuar ali, pois dificilmente descobriria mais alguma coisa. Metade da cidade estava imersa numa nuvem de cerveja e vinho aromático.

A porta se abriu novamente e mais uma vez o ambiente foi invadido pelo frio e pela neve. As chamas das velas se inclinaram na direção do vento. Eric estava com a atenção toda voltada para a caneca, mas ouviu as reclamações dos outros:

– Santo Deus, que ventania!

– Pelo amor de Deus, feche a porta!

Eric ouviu alguém se desculpar com a voz suave e a batida da porta. As chamas das velas da mesa dele se inclinaram quando uma pessoa parou e colocou a mão no ombro dele.

– Você está bem, Eric?

Rowena? Aqui? Ele se levantou rápido. Surpreendeu Rowena tirando as luvas; sua capa estava coberta de neve, e o rosto pálido de frio.

– Jesus, Rowena, o que houve?

– Nada.

Ela abriu um sorriso encantador e desabotoou a capa, permitindo que ele a tirasse de seus ombros. Eric a dobrou e a colocou sobre o banco.

– Fico feliz de ter encontrado você aqui. Seria um martírio procurar pela cidade inteira.

Com o canto dos olhos, Eric notou a presença do Sargento Yder e alguns dos guardas de Jutigny sentando-se em uma mesa próxima da lareira. Eric meneou a cabeça cumprimentando-os e ficou aliviado por ela ter trazido a escolta.

– Alguma coisa deve ter acontecido em Jutigny. Como está o lorde Faramus?

– Meu pai está bem. Eu estava preocupada com você.

Eric piscou sem entender.

– Você estava preocupada comigo? – repetiu ele. Ninguém nunca se preocupara com ele.

– Eu estava com saudades também – ela continuou, abrindo outro sorriso. – Lá fora está gelado e eu não queria que você passasse frio, principalmente tão perto do Natal.

Eric continuou encarando-a.

– Eu já estava indo para casa. Podemos voltar juntos. – Ele apontou para a caneca sobre a mesa. – Precisamos ir logo, antes que a tempestade de neve piore. Você quer um pouco de vinho quente antes? Ajuda a esquentar.

– Eu adoraria, obrigada. Eu já havia passado por aqui algumas vezes e tinha muita curiosidade em entrar.

– Verdade?

Rowena respondeu que sim com a cabeça e se sentou. Eric chegou-se para perto dela e sinalizou a Marguerite que pegasse a capa da esposa e a colocasse perto do fogo. Depois, pediu outra caneca de vinho e respirou fundo, encarando Rowena.

– Você podia ter pego um resfriado mortal nesse frio, não deveria ter vindo. Seu pai não gostará de saber que você está aqui.

– *Aye*. Berthe me disse a mesma coisa. Mas, como vim acompanhada pelo Sargento Yder, achei que você não se importaria. – Ela apoiou a cabeça no ombro dele como costumava fazer e suspirou. – O Natal está chegando e eu não queria que você ficasse sozinho. Sei o quanto você fica deprimido nessa época do ano.

Eric chegou a abrir a boca para dizer que ela estava sonhando e que devia tomar mais cuidado consigo mesma, mas percebeu a tempo que ela estava certa. De fato, ele estava melancólico demais. Não era nada que ele próprio não poderia resolver, mas era difícil lutar contra o passado.

Não era a primeira vez que a melancolia invadia seu coração, ele já devia até ter se acostumado e afastado os pensamentos, como costumava fazer. Mas piorava bastante na época do Natal, principalmente em dias de nevasca como aquele.

– Não estou chateado.

- Mentiroso – disse ela, forçando o rosto no braço dele e entrelaçando os dedos com os dele.
- Está nevando e estamos na época das Festas. Diga-me que isso não abala você.

A tiara que ela usava reluzia com a luz da vela, chamando a atenção dele. Ao olhar para baixo, ele percebeu que a tiara estava torta, talvez por conta de quando ela havia tirado a capa. Quando ele a ajeitou, o olhar dela encontrou-se com o dele.

- Eu não tinha ideia de que você sabia sobre o que o Natal significa para mim. Você ainda não tinha nascido quando sua mãe me adotou.

– Faz quantos anos que somos amigos, Eric? É claro que eu sabia.

Marguerite colocou mais uma caneca de vinho sobre a mesa, e Rowena a agradeceu. Eric a observou tomar um gole. Ele gostava de olhar para ela e admirar os traços daquele rosto que se tornara tão querido; os dedos longilíneos da mão elegante, que agora segurava a caneca. A linha do nariz e das sobrancelhas pareciam ter sido pintadas por um artista, que teve o cuidado de usar o tom de vermelho exato para o rosto dela; sem mencionar o desenho perfeito daqueles lábios fartos. Ele esboçou um sorriso. Na verdade, aquela boca o levava à loucura. Bastava olhar de relance para aqueles lábios para ser dominado pelo desejo de beijá-la com sofreguidão. Rowena inteira era pura luxúria. A paixão que ele tinha por ela duraria para sempre. Ela havia conseguido tocar o coração dele, levando-o a sentir o que nunca sentira por nenhuma outra mulher. Jamais tinha se preocupado tanto com outra pessoa. No entanto, a preocupação dela com ele naquela noite o tinha surpreendido também.

Deus do céu, parecia impossível. Fazia tempo que ele sabia que ela era uma mulher caridosa, mesmo assim, o fato de ela ter saído naquele frio para procurá-lo tinha sido tocante. Ora, mas ele não devia estar tão surpreso. Era comum que um marido e uma mulher se preocupassem um com o outro. Mesmo porque havia também a questão dos interesses mútuos.

De repente, Eric sentiu uma sensação estranha, como se seu passado lhe enviasse uma pessoa da qual ele sequer se lembrava do rosto. Santo Deus, devia ter alguma coisa a mais naquele vinho. Fazia anos que ele não pensava no pai, Simon. Agora parecia vê-lo com toda nitidez.

Infelizmente, Eric só conseguia lembrar do pai quando ele estava em seu leito de morte. Simon havia levantado a mão, mostrando que o braço musculoso de outrora havia se transformado num palito. A doença havia lhe transfigurado tanto o rosto e deixado os olhos tão fundos que ele se tornou quase irreconhecível. Só a voz não havia mudado.

- Ouça, Eric – Simon havia sussurrado. – Ouça bem...

Eric segurou a mão dele com firmeza.

- Meu filho, daqui a pouco vou partir e não voltarei mais. Quero lhe fazer um pedido. Um só. Você me atenderá?

Eric era tão pequeno que mal entendia o que o pai estava lhe pedindo, mas mesmo assim assentiu com um sinal de cabeça. O pai tentou sorrir e Eric soube que o gesto lhe custara suas últimas reservas.

- Depois que eu partir, cuide de sua mãe. Ame-a e cuide dela. Entendeu?

– Sim, papai.

Agora, Eric olhava para a esposa adorável ao sentir o coração diminuto. Simon tinha amado a esposa incondicionalmente sem nenhum interesse.

- Eu falhei com meu pai – disse ele, depois de um longo suspiro.

Rowena o fitou com seus grandes olhos azuis.

– Em que sentido?

Eric desviou o olhar. Ele lutava com as palavras certas para contar a Rowena o que nunca havia dito a ninguém.

– Meu pai estava muito doente. Antes de morrer ele me pediu para cuidar da minha mãe. Foi o único pedido que ele me fez e eu não cumpri.

Por baixo da mesa, Rowena colocou a mão sobre a coxa dele.

– Quantos anos você tinha quando ele morreu?

– Acho que 3 anos, não tenho certeza. – Ele passou a mão na testa. – Às vezes minha memória me prega peças.

Ela o encarou por alguns minutos em silêncio. Eric sentiu a mão dela subindo e descendo pela perna dele, mas não era um gesto sensual, mas sim de apoio. Infelizmente o efeito foi o oposto. Os olhos dele lacrimejaram, e por um breve momento ele se viu no mesmo desespero de quando a mãe o deixou no portão do castelo. Tanto na época, quanto naquele instante, parecia que alguém o havia apunhalado no coração.

– Eric, uma criança de 3 anos não pode ser responsável pelo bem-estar da mãe. Devia ser o contrário.

– Engraçado, foi exatamente isso o que sua mãe disse quando me levou para dentro do castelo.

Os olhos de Rowena reluziram e ela mordiscou o lábio inferior. Eric percebeu que ela havia entendido o que estava subentendido em suas palavras. Eric amava a mãe e, dentro do possível para uma criança daquela idade, havia feito o máximo por ela, mas, mesmo assim, foi abandonado.

– Minha mãe me contou que você parecia ter por volta de 6 anos quando chegou a Jutigny. Seu pai já devia ter morrido há algum tempo.

– *Aye*.

– Eric, se você se lembra da conversa com seu pai, deve se lembrar também do que aconteceu depois da morte dele.

Ele olhou para ela com o coração aos pedaços. Estava tudo muito confuso, dolorosamente confuso.

– Odeio o Natal.

– Se não quiser, não precisa me contar nada. – Rowena sorriu com carinho. – Mas acho que você se sentiria melhor se falasse sobre o assunto.

Eric tomou mais um gole de vinho para desfazer o nó na garganta.

– Prefiro falar com você mais do que com qualquer outra pessoa, mas este não é o melhor lugar.

– Mais tarde então?

– Talvez. – Eric pegou a mão dela e a beijou. – Se eu falar com alguém, será com você, meu amor.

Ela se apoiou nele e murmurou algo inaudível, mas, pelo brilho daqueles olhos azuis, foi suficiente que ele entendesse que havia dito alguma coisa que a havia tocado o coração.

Ele apertou a mão dela, mas ela puxou-a num repente.

– O que foi?

– Nada, mas meus dedos estão muito doloridos. Acho que andei costurando demais.

Eric pegou a mão dela de novo e virou a palma para cima. As pontas dos dedos pareciam estar em carne viva.

– Você não usou dedal?

– Usei, mas mesmo assim...

– Você estava costurando uma cota de malha?

Ela sorriu e disfarçou.

– Eu estava fazendo um presente para o meu marido.

Com todo o carinho, ele passou o dedão sobre um a um dos dedos dela.

– Seus dedos não ficaram assim por causa de uma camisa.

– De fato, não. Foi um desafio para mim. Você gostaria de ver?

Eric arqueou as sobrancelhas.

– Você trouxe até aqui?

– Sim, eu tinha pensado em dar apenas no Natal, mas, com esse tempo, achei que você precisaria antes.

Rowena fez um sinal para o Sargento Yder. Ela já devia ter combinado tudo, pois ele se levantou no mesmo instante e andou até a mesa deles, trazendo um pacote que colocou nas mãos dela, retirando-se depois de fazer uma reverência a Eric.

– Aqui está. – Rowena estendeu o pacote para ele.

Era bem pesado, um papel verde-escuro amarrado com uma fita prateada. Consciente de que ela aguardava ansiosamente pela reação dele, Eric manteve o sorriso no rosto e desamarrou a fita, revelando a capa com forro de pele e um broche de prata como fecho.

Ele desenrolou a capa e ficou admirando a peça, feita de uma grossa lã inglesa. A pele do forro era suave como a seda. Nunca mais ele passaria frio. Pela segunda vez naquele dia, ficou perplexo.

– *Mon Dieu*, Rowena, é uma capa digna de um príncipe. – Ele tossiu para clarear a garganta.

– Você deve ter levado horas para fazer isto.

– Na verdade foram semanas. É bom você usar bastante, duvido que farei outra.

– Deve ter sido um martírio costurar esta pele. – Eric a beijou demoradamente no rosto. – *Merci mille fois*.... muito obrigado milhões de vezes. Nunca tive algo tão fino assim.

– Espero que tenha gostado – disse ela com os olhos reluzentes.

– Gostei muito.

Quando os cantos da boca dela se levantaram num sorriso tentador, Eric não se importou por estarem num lugar público e a beijou na boca com paixão. O perfume das especiarias do vinho, e da dor do Natal, foram substituídos pela fragrância do verão. Rowena. Só podia ser Rowena. Os dois continuaram a se beijar, perdidos num universo só deles, quando foram interrompidos pelo riso de Alard. Os guardas de Jutigny se divertiam. E um homem da outra mesa roncou e fez um gesto obsceno com a mão.

– Lá em cima tem um colchão.

As moças abafaram os risinhos.

Eric suspirou. As emoções podiam ser controladas, mas os desejos, certamente, não. O desejo chegava a doer. De novo e sempre. Segurando-a por trás do pescoço, ele inclinou a cabeça e congelou. Pensou em dizer as palavras que estavam na ponta da língua. Palavras que jamais sonhara em dizer para uma mulher. Palavras que não podiam significar a verdade. *Eu te*

amo. Ele contraiu os lábios para não falar nada. Não, ele não a amava. E nem podia. Tinha muito carinho por ela e adorava cada centímetro daquele corpo curvilíneo. Não havia espaço para o amor na vida dele. O amor não passava de uma armadilha, uma vez preso ali nunca mais poderia sair. Ele jamais amaria alguém.

Eric já havia sido testemunha de que o amor se transformava em ódio. Santa Maria, ele sabia por experiência própria. Os pais dele tinham ensinado que o amor era o mais cruel dos mestres. Os pais morriam. As mães corriam quando tinham a chance de ter uma vida melhor. O amor decepciona. Eric jamais amaria alguém, especialmente Rowena. Ele gostava demais dela para amá-la.

– Eric? – Ela o olhava com carinho.

Depois de um beijo rápido no rosto corado dela, ele endireitou o corpo e deu um sorriso de lado.

– Devemos ir embora logo. Você corre o sério risco de eu despenteá-la se continuar me olhando assim. Por mais que eu queira continuar, não acho que essa taverna seja o lugar mais adequado para o que tenho em mente.

A NOITE estava escura e muito fria. Rowena sentiu a neve batendo no seu rosto assim que passou pela porta e respirou fundo para enfrentar o vento gelado.

Eric vestia a capa nova, e o broche reluziu quando ele montou no cavalo. Rowena ficou feliz em vê-lo vestido com a capa. Ele parecia de fato um príncipe.

– Eu não gostaria que você enfrentasse esse frio até Jutigny, meu amor. Você vai congelar – disse ele.

A escolta de Rowena já estava a postos um pouco atrás. A luz da taverna atravessava as janelas através das pequenas aberturas da madeira, deixando faixas amarelas na neve.

– Talvez seja melhor pernoitarmos na taverna.

– Não quero que minha esposa durma na The Sun. Só há um quarto comum e não tem camas apropriadas. Além de percevejos, mosquitos e só Deus sabe mais o quê. – Eric esporeou o cavalo. – Quero ficar longe desse lugar e não voltar mais.

– Oh?

– Minhas investigações não resultaram em nada. Além do mais, eu queria ser discreto, mas sua chegada com metade da guarda de Jutigny pôs tudo a perder. Vou seguir outra pista.

Rowena ficou de queixo caído com a revelação.

– Oh, Eric, sinto muito, eu não imaginei que... – Ela colocou as luvas. – Eu precisava saber se você estava bem.

– Não foi o melhor momento, mas obrigado por se preocupar. Tenho outras ideias para continuar a investigação. – Ele estendeu a mão e acariciou a dela. – Tire a taverna da sua cabeça. O palácio do conde Henry está próximo, podemos pedir abrigo lá. O guardião do palácio me deve um favor e ficará feliz em nos receber.

Rowena concordou com um sinal de cabeça e se escondeu debaixo do capuz.

– Está muito frio mesmo.

Da praça do mercado até o palácio do conde Henry, a distância era pequena, mas pareceu levar horas para chegarem até lá. As patas dos cavalos afundavam até as juntas na neve. O vento rodopiava ao redor dos animais e a neve não dava nem um minuto de trégua.

Quando finalmente chegaram aos portões do palácio, Rowena já estava convencida de que ficar em Provins tinha sido a melhor decisão. As hastes dos tocheiros que ladeavam os portões estavam cobertas de gelo, formando pequenas esculturas pontiagudas. A estradinha que antecedia o portão parecia um mar branco. A paisagem inteira estava congelada. Até para respirar era difícil, tanto que Rowena sentiu os pulmões doloridos. Não que ela estivesse arrependida de ter ido, ao contrário, aquela noite seria muito importante para os dois. Embora ele não tivesse admitido a tristeza, Rowena havia visto o estado lastimável em que ele estava quando o encontrou. Era evidente que ele duelava com lembranças do passado. Conforme ela havia suspeitado, ele se lembrava de muito mais coisas do que jamais admitira. E ela estava determinada a convencê-lo a se abrir.

Eles pararam diante do portão, aguardando que os guardas os recebessem. Rowena prometeu a si mesma que até a manhã seguinte faria com que a infância de Eric deixasse de assombrá-lo.

– Rowena? – Eric a chamou, tocando-a no braço.

– *Aye*?

– Lady Barbara ficará preocupada por você não ter voltado para casa. O tempo está tão ruim que estou na dúvida se devo enviar um mensageiro até Jutigny.

– Eu não disse nada a minha mãe. Ela acha que estou no quarto. Não acho que seja necessário mandar alguém avisá-la. Berthe sabe onde estou, claro, mas também sabe que o Sargento Yder está comigo. Se minha mãe falar com Berthe, ela saberá que estou com você.

Não demorou muito para que sir Perceval de Logres, o guardião do palácio do conde Henry, recebesse Rowena e Eric e se apressasse a acompanhá-los até o esplendoroso e aquecido salão nobre. Pouco tempo depois, eles foram conduzidos até um quarto iluminado por candelabros de vela, no final de uma longa galeria próxima ao salão. A luz tremeluzente das velas revelou um cômodo menor do que o que eles compartilhavam na torre em Jutigny. Entretanto, a lareira

estava acesa. Rowena pegou mais dois pedaços de madeira e colocou sobre as brasas, instigando o fogo. Enquanto isso, Eric tratou de baixar a trava da porta.

Apesar de pequeno, o quarto era muito bem-arrumado. Havia pássaros pintados nos tijolos de terracota que ladeavam a lareira e as paredes tinham molduras de madeira encerada.

Eric estudava a cama com uma ligeira ruga na testa. A cama era pequena para um homem do tamanho dele, mas os travesseiros cobertos por tecidos felpudos eram bem convidativos. Rowena se aproximou e o enlaçou pela cintura.

– Está frio demais – disse ela com um sorriso. – Sou uma mulher de sorte por ter alguém como você para me aquecer.

Eric beijou-a na testa antes de começarem a se despir. As capas foram colocadas sobre a cama para aquecê-la um pouco mais. Os dois se deitaram e se aconchegaram um nos braços do outro. Rowena esperou para se aquietarem e emoldurou o rosto dele com as mãos.

– Bem...

– O que foi?

– Você não quer me contar o que houve depois que seu pai morreu?

Eric virou o rosto e encarou as brasas na lareira. Rowena suspirou.

– Eric, eu me sentiria honrada se você confiasse em mim a esse ponto. – Ela passou a mão no cabelo dele e manteve a voz calma. Por mais que ansiasse ser digna da confiança dele, não iria forçá-lo a falar. – Mas posso esperar, se você não estiver pronto.

Ele a abraçou com mais força.

– Não, está tudo bem. Está na hora de você saber da verdade. – Ele torceu a boca antes de prosseguir: – Pelo menos até onde eu me lembro. Depois que meu pai morreu, minha mãe...

Alguém bateu forte à porta, interrompendo Eric.

– De Monfort, abra a porta! *De Monfort!*

Eric tirou a coberta e, blasfemando, vestiu a capa.

– Calma, já estou indo. – Ele levantou a trava e abriu a porta.

Sir Perceval estava ali com uma lanterna na mão.

– Lamento incomodá-lo, sir Eric, milady... achei que deveria saber que dois mensageiros vindos de Paris para Jutigny, também decidiram interromper a viagem por causa do mau tempo e pedir abrigo aqui.

Assustada com o tom sério da voz de sir Perceval, Rowena se sentou, segurando o cobertor abaixo do queixo.

– Mensageiros de Paris? O que houve, sir?

Sir Percival entrou no quarto, mas não sem antes olhar para um lado e para o outro do corredor de maneira furtiva e fechar a porta.

– Os mensageiros trazem uma mensagem do rei.

– Já é tarde da noite, De Logres, não podemos esperar? – indagou Eric, seguindo até a cama.

– Diga aos mensageiros que lady Rowena e eu os acompanharemos até Jutigny pela manhã.

Sir Perceval fez uma careta e clareou a garganta.

– Não é só isso, De Monfort, é melhor você se preparar.

– Diga. – Eric cruzou os braços sobre o tórax e aguardou a explicação.

– Os mensageiros vão convocar lorde Faramus para comparecer à corte em Paris. Eles trazem também uma ordem de prisão.

– Uma ordem de prisão? – Rowena perguntou, apavorada.

Sir Perceval trocou o peso do corpo de uma perna para outra, visivelmente desconfortável.

– Para seu marido, madame. O Rei Louis ordena que sir Eric de Monfort responda pelo rapto da afilhada dele, lady Rowena. O rei acredita que lady Rowena deve se tornar uma freira no Convento de St. Mary. De Monfort, você é acusado de forçar lady Rowena a se casar.

Rowena sentiu um arrepio correr por sua espinha.

– Meu pai prometeu que escreveria para o rei explicando tudo. – Ela olhou para Eric. – Bem, eu supliquei para que o rei concordasse com minha ordenação no convento.

– Lembro disso.

– Eu sabia que o rei ficaria comovido com meu pedido – disse Rowena, a cabeça começando a latejar. – Meu pai prometeu que resolveria isso.

– Ao que parece, ele esqueceu – comentou Eric com uma careta, e se virou para sir Percival:

– Boa noite, De Logres. Obrigado pelas notícias.

Sir Perceval arqueou as sobrancelhas.

– Você vai voltar para a cama?

– Bem, não se preocupe, não vou fugir – disse Eric num tom sério. – Você disse aos mensageiros do rei que estou aqui?

– Ainda não, achei melhor avisar você antes – disse sir Perceval, abrindo a porta.

– Obrigado pela consideração. Mas acho melhor dizer a eles que vou passar a noite aqui.

– O que pretende fazer?

– Amanhã seguirei com eles até Jutigny com minha senhora. Depois que os mensageiros conversarem com lorde Faramus, podemos partir de lá.

– Muito bem, De Monfort, você tem certeza?

– Tenho, sim.

Sir Perceval meneou a cabeça e Eric baixou a trava da porta depois que ele saiu.

Rowena o acompanhou com olhar. Como ele conseguia ficar tão calmo? As chamas da lareira refletiram no rosto de Eric quando ele tomou a mão de Rowena.

– Ouça, meu amor, não sei por que lorde Faramus demorou a escrever para o rei, mas parece que alguém esteve muito ocupado em Paris.

– Sir Armand.

– Isso mesmo. Rowena, é importante que faça exatamente o que eu disser, pode ser que eu fique em Paris por um tempo.

Rowena estranhou a ordem.

– Vou com você.

– Não, meu amor, você não vai.

– Sou sua esposa! Meu lugar é a seu lado.

– Dessa vez não. – Eric foi enfático.

Mas o que estava acontecendo? Ele estava prestes a abrir o coração e de repente havia se transformado num tirano.

– Você parece meu pai.

– Rowena, ouça... – Ele a encarou nos olhos.

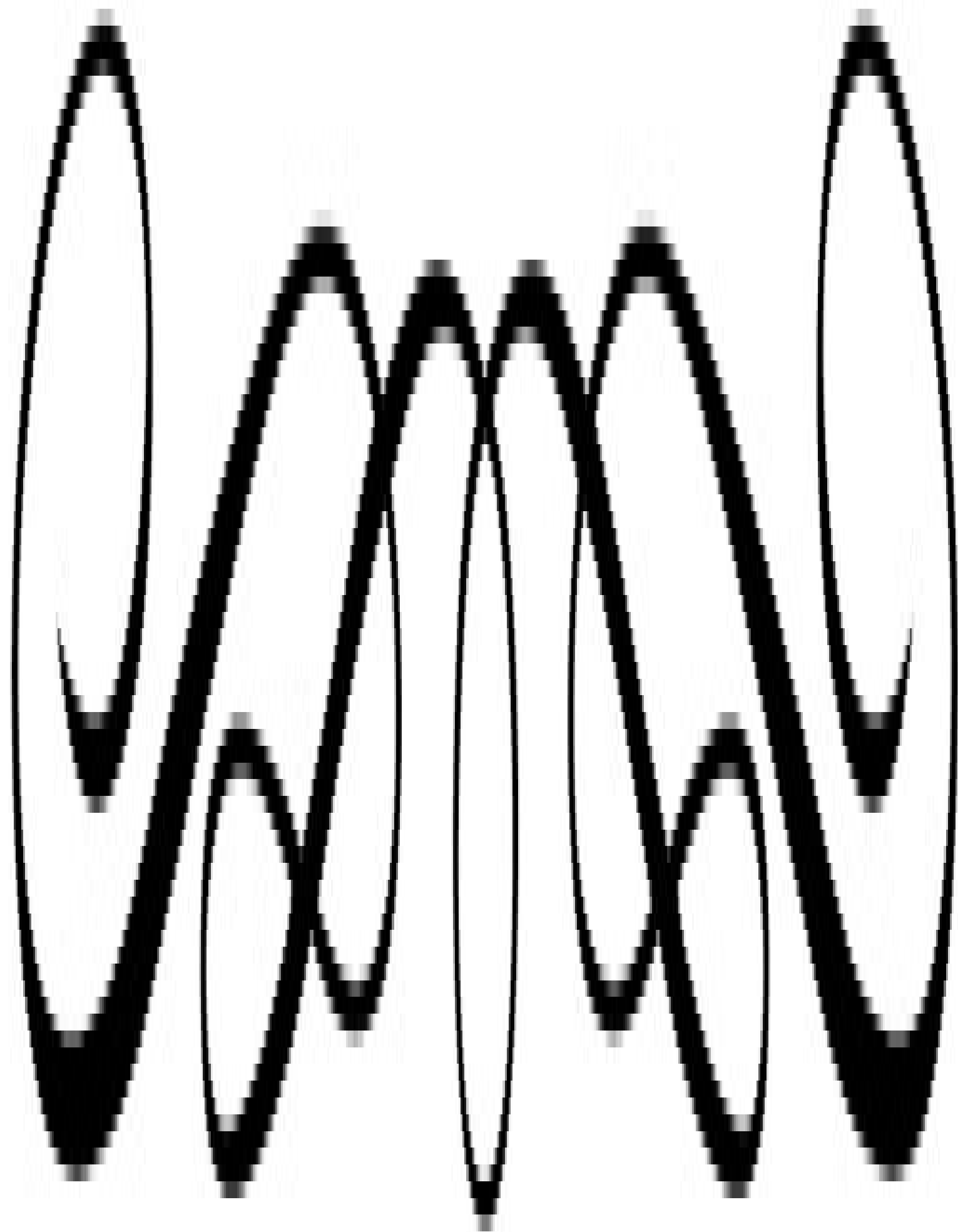
– Rowena, ouça? Não quero ouvir mais nada! – exclamou ela, fechando as mãos em punhos. – Vou a Paris e ponto final.

– Rowena. Meu amor. – Eric a abraçou e encostou a testa na dela. – Você não pode ir comigo. Preciso ir à corte e ouvir as acusações. Enquanto eu estiver fora quero... quero dizer, *preciso* saber que você estará em segurança. Não quero que você esteja perto de Armand de Velay. Ele está em Paris, também. Você ficará em Jutigny com lady Barbara. Rowena, quero que me prometa que não sairá dos limites do castelo.

– Não vou prometer nada!

– Vai sim. Só ficarei tranquilo se você ficar dentro do castelo do seu pai sob a proteção do Sargento Yder e dos outros cavaleiros. Com sorte, o rei entenderá nossa situação e voltarei a Jutigny antes que você sinta minha falta.

Capítulo 13



AS COMEMORAÇÕES do Natal não foram desculpa para atrasar a partida de Eric e lorde Faramus para Paris. Ninguém podia protelar uma ordem do rei. Especialmente porque o rei não conhecia sir Eric de Monfort e exigia provas de sua integridade e honra. Sendo assim, os dois partiram na manhã seguinte.

Não havia muita gente na missa de Natal na capela do Castelo Jutigny. O clima não era dos melhores. Pequenas colunas de fumaça de incenso espiralavam na direção do teto da capela, enquanto os cânticos ecoavam pelos corredores. Depois da missa, seguiram todos para tomar o desjejum. Rowena e lady Barbara se demoraram mais um pouco no lugar.

Rowena estava sem fome, mal dormira desde a partida de Eric. Sem contar que estava com os nervos à flor da pele e com muitas saudades. Além de se preocupar muito, ela não pensava em outra coisa senão em quando o veria de novo.

– Mamãe, eu me lembro bem que papai tinha prometido que escreveria para o rei para informar sobre o meu casamento. Por que ele não escreveu?

Lady Barbara suspirou.

– Ele estava esperando.

– Esperando o quê?

Lady Barbara olhou pesarosa para o piso da igreja.

– Por que o atraso? – indagou Rowena, torcendo as mãos juntas. – Ele devia ter previsto o quanto o rei ficaria contrariado.

– As terras que seu pai ganhou do rei não são significativas, minha querida. As propriedades maiores estão em Sainte-Colombe.

– Bem, é óbvio que o rei considera nossas terras francesas importantes, caso contrário, não teria enviado as convocações. Pelo amor de Deus, mãe, Eric está preso!

Lady Barbara meneou a cabeça.

– Tenho certeza de que não ficará assim por muito tempo. Rowena, você deve ter ouvido seu pai jurar que atestaria o bom caráter de Eric.

Rowena consentiu com um sinal de cabeça. Lady Barbara cobriu a mão da filha com a dela.

– Procure não se aborrecer tanto, minha querida. Seu pai convencerá o rei que Eric é o melhor administrador das terras da família, e o rei o aceitará. Ele precisa de pessoas confiáveis.

– Teria sido melhor se papai tivesse mandado avisar o rei assim que nos casamos. O monarca é religioso e deve achar que eu estava servindo a Deus durante todo esse tempo.

– Seu pai achou que o rei aceitaria melhor quando tivesse certeza de que a hereditariedade estava garantida. Ele estava esperando você engravidar. – Lady Barbara fitou Rowena nos olhos. – Querida, não escolhemos Eric apenas por ser um homem honrado, mas também por causa de sua reputação. Achemos que era a pessoa certa para conquistar você.

– Isso quer dizer que ele foi escolhido pelo charme?

Lady Barbara a fitou preocupada.

– Nós o escolhemos única e exclusivamente por suas habilidades. Ele é um homem de muita honra. – Lady Barbara suavizou a expressão do rosto. – Mas admito que lembramos do quanto você gostava dele quando eram crianças. Seu pai e eu sabíamos que Eric seria a pessoa mais adequada para tirá-la do convento. Sabíamos também que ele seria o único homem que a

convenceria a deitar-se no leito matrimonial. É verdade que ele tem carisma, como você mesma costuma dizer. Pensamos e gostaríamos muito que você engravidasse logo. Entenda, querida, seu pai achou que o pedido ao rei podia ser reforçado com a perspectiva de um herdeiro.

– Isso é porque Eric não tem família?

Lady Barbara encolheu os ombros como se não pudesse evitar.

– Rowena, seu pai, eu e você sabemos das qualidades admiráveis de Eric. – Ela sorriu. – Ele cresceu aqui. Mas você deve saber que o mundo não o verá com os mesmos olhos que nós.

– Mamãe, Eric não precisa disso para provar nada – disse Rowena por entre os dentes cerrados. – Ele é o cavaleiro mais honrado que conheço.

– Eu sei disso. Calma, Rowena, seu pai conseguirá garantir isso ao rei. Seu casamento não será anulado.

– Anulado? – O coração de Rowena deu um salto e pensamentos ruins logo invadiram sua mente. O que sua mãe estava dizendo? Eric havia ido a Paris para pedir a anulação do casamento? Por que ninguém a informara? – O rei está pensando em anular nosso casamento? Ele não pode fazer uma coisa dessas!

– Infelizmente, ele pode. – Lady Barbara comprimiu os lábios antes de continuar: – Nenhum vassalo do rei pode se casar sem a permissão dele. Mas acredito que seu caso é diferente. Seu pai vai apoiar o pedido de Eric e provar o bom caráter dele. O que não será difícil, você sabe. Não precisa se preocupar.

Rowena se levantou sem acreditar no que estava ouvindo. O rei estava pensando em anular o casamento.

– Não preciso? Tenho muitas razões para me preocupar. Vou fazer as malas, mamãe. Parto para Paris assim que amanhecer.

– Eric pediu para você ficar aqui.

– Amor e obediência nem sempre caminham juntos. Meu lugar é ao lado dele – disse Rowena de queixo erguido.

– Será? Seu pai concordou com Eric que nós duas devemos ficar aqui. Lembre-se de que eles só pensam no seu bem. De um jeito ou de outro, tenho certeza de que Eric e seu pai chegarão antes da Noite de Reis com o assunto resolvido.

Rowena olhou para o altar com o canto dos olhos, sentindo-se culpada. Lady Barbara sem querer tinha lhe dado uma ideia. E que Deus a perdoasse por mentir em Sua casa.

Rowena colocou a mão sobre o ventre e encarou a mãe.

– Mamãe, preciso lhe dizer algo. Não contei a ninguém ainda por ser cedo demais para se ter certeza, mas acredito que estou grávida.

– Rowena, você não brincaria com algo tão sério, não é?

– *Mamãe!*

– Sinto muito, filha, mas não acredito – disse lady Barbara estreitando o olhar.

Rowena curvou os ombros. Ela nunca fora uma boa mentirosa e sua mãe a conhecia melhor do que ninguém. E, se não havia conseguido convencer a mãe, que dirá o rei.

– Rowena, não acredito que esteja pensando em mentir para o rei; justamente você que jurou para o mundo que queria ser uma freira!

– Mas valerá a pena, pois evitará que o rei peça a anulação do meu casamento.

– Quando você desconfiou que estava esperando uma criança?

– Bem, posso dizer que abortei.
– Isso é loucura, filha.
– Mamãe, não posso e não vou perder Eric.
– Você o ama, não é? – Lady Barbara sorriu e pegou a mão da filha.
– Claro que amo, estou apaixonada há meses, talvez anos. – Rowena fez uma pausa e emendou: – O que mudou foi a forma de amar.

Os olhos de lady Barbara reluziram de alegria.

– Eu sabia que Eric era perfeito para você.
– Mãe, mesmo que não aprove, vou a Paris.
– Muito bem. – Lady Barbara se levantou e alisou a saia do vestido. – Se você insiste em desobedecer às ordens do seu marido, então vou acompanhá-la.

Rowena arqueou as sobrancelhas, confusa.

– E quanto às ordens do seu marido? Papai não pediu para você ficar aqui?
– Vou lhe contar um segredo, minha querida. Concordo com você que o amor e a obediência não andam de mãos dadas.

Nem em um milhão de anos Rowena achou que fosse ouvir uma coisa daquelas da mãe.

– Mas você sempre concorda com o papai.
– É mesmo? – Lady Barbara abriu um sorriso matreiro. – Talvez seja essa a impressão que passo. Não importa, vamos viajar para Paris. Quero que me prometa uma coisa, Rowena. Não quero que tente enganar o rei, concorda?

– Sim, mamãe.

Lady Barbara ergueu a barra da saia e se virou para a porta.

– Venha, filha, acho que empacotaremos nossa bagagem mais rápido se tomarmos café antes.

Rowena ouviu os passos de alguém se aproximando da capela.

– Posso lhe falar, lady Rowena? – perguntou o Sargento Yder.

– Claro, sargento.

– Duas moças da cidade chegaram ao portão com um recado para sir Eric. Quando eu disse que ele havia ido a Paris com lorde Faramus, elas insistiram em falar com a senhora. Elas não dirão nada a mim, milady.

– Por favor, traga-as até aqui.

– Imediatamente, milady.

Lady Barbara e Rowena se sentaram num dos bancos da capela. Minutos depois, o sargento voltou trazendo duas mulheres amedrontadas. As duas pararam com os braços entrelaçados à porta da capela.

– Entrem, por favor – Rowena se levantou para convidá-las.

Ela reconheceu uma delas da The Sun. A outra era bem mais nova, uns 12 anos, talvez. As duas eram bem parecidas, podiam ser mãe e filha. A menina parecia ser bem simples, pois seus olhos viajavam maravilhados pela capela, desde a toalha bordada do altar, passando pela cruz de ouro, até os castiçais de latão.

– Lady Rowena.... lady Barbara. – A moça mais velha dobrou os joelhos numa vênica.

– Como posso ajudá-las?

– Viemos porque soubemos que sir Eric foi chamado em Paris.

– Nossa, como as notícias correm rápido – murmurou lady Barbara.

– É verdade, milady. Meu nome é Marguerite e trabalho numa taverna na Cidade Baixa de Provins.

– Acho que nos vimos lá há alguns dias – Rowena comentou.

– Sim, milady. Seu marido tem visitado a taverna regularmente e eu notei que há menos confusão quando ele está por perto. Todos gostam dele.

– Fico feliz em saber.

– Milady, sabemos que seu marido tem ido à taverna por causa do que aconteceu com aquele escudeiro de Jutigny. Sabemos que ele quer fazer justiça pelo rapaz. Espero que não julgue minha visita imprópria. Gosto de seu marido e o respeito. Quando eu soube que ele foi convocado para comparecer à presença do rei, decidi não manter mais segredo. Conheço uma testemunha do assassinato daquele rapaz.

O coração de Rowena disparou e foi difícil manter a calma. Uma testemunha? Será que o envolvimento de seu primo no assassinato de Mathieu seria confirmado? Ela olhou para a menina.

– Milady, essa é minha filha, Cécile – Marguerite apresentou, enlaçando a filha pela cintura.

Rowena deu um passo à frente.

– Ela viu o que aconteceu naquela noite?

– *Aye*. Desculpe-nos por não termos dito nada antes. Cécile é diferente das outras meninas, eu estava tentando protegê-la. Não sei se ela suportaria ficar frente a frente com os responsáveis.

– Obrigada, Marguerite – disse Rowena com a voz firme e se dirigiu para a menina, sorrindo: – Cécile, eu gostaria muito de conversar com você, podemos?

Marguerite deu um cutucão na filha.

– Cécile, essa é a dama de que falei, lady Rowena. Você vai conversar com ela?

– Sim, *mama*.

Rowena acompanhou as duas até um dos bancos perto da parede.

– Por favor, sentem-se.

PARIS. A ponte que atravessava a Île de France, a *petit pont*, reluzia com os cristais de gelo de todos os tamanhos e formatos quando lady Barbara, lady Rowena e comitiva a atravessaram. Os cavalos escorregavam sobre a fina camada de gelo e os mercadores que os conduziam blasfemavam, deslizando também. Montes de neve e gelo delineavam as margens do Sena. O vento era tão forte que formava marolas nas águas do rio que se assemelhavam a pequenos carneiros.

– Devemos pedir acomodações no palácio? – perguntou lady Barbara, olhando aflita para as águas turbulentas que passavam sob a ponte.

Rowena puxou o capuz para se proteger melhor e flexionou os dedos várias vezes para esquentá-los.

– Não sei, estou relutante em pedir ao rei que nos receba sem termos avisado da nossa chegada. O Sargento Yder irá encontrar um lugar para ficarmos.

Do lado Leste da ilha, a Catedral de Notre-Dame se agigantava sobre as outras. Os intrincados detalhes em pedra das paredes do monumento estavam praticamente todo escondidos pela neve. Do lado Oeste, as paredes do Palais de la Cité se avolumavam às margens do rio.

A ÎLE de France era estreita, mas mesmo assim, o sol já se punha quando finalmente o Sargento Yder conseguiu acomodá-las no quarteirão dos mercadores perto do palácio. Rowena mal tivera tempo de se refrescar da viagem e vestir seu novo vestido de seda azul, quando o sargento bateu à sua porta.

– Pode entrar, sargento.

– Milady, o administrador do palácio me disse que o rei está na Ecclesiastical City, localizada atrás da Catedral de Notre-Dame. Hoje é Dia dos Santos Inocentes. Sir Eric e lorde Faramus vão se encontrar com o rei depois da missa.

– Vamos, sargento – ordenou Rowena, pegando a capa do gancho.

LADY ROWENA de Sainte-Colombe e sua mãe, lady Barbara, chegaram ao término da missa na Ecclesiastical City. Naquela parte da Île de France, as estradas principais estavam esbranquiçadas por uma espessa camada de neve. Elas foram direcionadas para a lateral da catedral até uma fortificação de pedra, vigiada pelo monge mais encorpado que Rowena já tinha visto. Pela cicatriz profunda que cortava o rosto dele, Rowena concluiu que aquele monge devia ter sido um mercenário antes de se enclausurar. A respiração dele condensava o ar, formando uma pequena nuvem diante de si.

– Com licença, irmão. – Rowena dobrou os joelhos numa breve reverência. – Essa é a condessa Barbara de Sainte-Colombe e eu sou filha dela, lady Rowena.

– Como posso ajudá-las?

– Acredito que meu pai, lorde Faramus de Sainte-Colombe, está com o meu padrinho, o rei. Meu marido, sir Eric de Monfort, deve estar com eles. Peço desculpas pela hora, mas gostaríamos de nos encontrar com eles.

O monge cruzou os braços sobre o peito, e Rowena teve a impressão de que ele não gostava de ser importunado por uma mulher.

– Não fui avisado por Sua Graça de sua chegada, milady.

– Irmão, sei que nossa chegada é inesperada e peço desculpas por isso, mas é muito importante nos encontrarmos com o rei.

– O Rei Louis é seu padrinho?

– É sim – Rowena respondeu, juntando as mãos como se fosse uma fiel devota. De certa forma, era mesmo, pois rezava para que aquele frei não descobrisse que ela havia se casado com Eric para fugir do convento. – Irmão, acredito ter o direito de participar dessa conferência.

Eles estão falando sobre o meu casamento. Por favor, mostre-nos o caminho.

A CÂMERA de conferências não era grande. O rei estava sentado numa grande cadeira dourada acolchoada com um tecido vermelho, como se presidisse um julgamento. Rowena olhou ao redor, reconhecendo o pai, vários clérigos, alguns cavaleiros, e infelizmente seu primo, sir Armand. Ela praguejou baixinho, sabendo que, com a presença do primo ali, não seria nada fácil conseguir chegar até o rei.

Não foi difícil localizar Eric entre os presentes. Ele arregalou os olhos quando a viu entrar, mas a expressão de seu rosto se suavizou ao abaixar a cabeça ligeiramente para cumprimentá-la.

– Milady...

Rowena esboçou um sorriso apenas, sabendo que não podia ser mais enfática na presença do rei. A breve alegria em vê-lo foi substituída pela raiva. Quem devia estar sendo julgado não era Eric, mas sim, sir Armand. Ele devia responder por todas suas ações, mas, pelo que havia percebido até então, Rowena concluiu que teria de convencer o rei sobre a culpa do primo. Rezando para ter forças, ela focou a atenção em Eric, imaginando o que já teria acontecido antes de sua chegada.

Eric estava parado sob um estreito arco ogival, desarmado. Nenhum dos demais cavaleiros portava armas, afinal, estavam num ambiente sagrado. Ninguém tinha sido preso. Ainda.

Rowena seguiu andando até postar-se diante do rei e dobrar os joelhos de cabeça baixa numa vênica.

– Vossa Graça, imploro seu perdão pela invasão, mas eu tinha de vir.

– Lady Rowena – o rei falou como se estivesse questionando aquela que fazia uma reverência à sua frente.

Não era um bom sinal, e Rowena nem ousou a levantar a cabeça. Ainda não. Ela fixou o olhar

nas botas de couro vermelho do rei e nos pés da cadeira, em forma de patas, rezando para que ele não fosse tão severo.

O anel de rubi brilhou no dedo da mão branca que tocou no ombro dela.

– Pode se levantar, lady Rowena.

– Obrigada, Vossa Graça.

O rei arqueou as sobrancelhas ao notar o vestido dela.

– Devo dizer que você me surpreendeu. Pensei que na próxima vez em que nos encontraríamos você estaria de hábito, e agora a vejo como uma dama casada.

– Vossa Graça, eu...

O rei a interrompeu ao levantar a mão e dizer:

– Milady, na última correspondência que recebi, você foi bem eloquente na vontade de se tornar uma freira. Eu sabia que seu pai não tinha gostado, ele esperava um casamento, mas você foi bem firme para explicar sua vocação. *Madame*, tanto seu pai quanto aquele que se diz seu marido alegam que você está feliz no casamento. Você fez uma troça com seu rei.

A expressão “aquele que se diz seu marido” soou como uma sentença de morte para Rowena.

– Vossa Graça, não foi essa minha intenção. Só me resta pedir desculpas... – disse ela, voltando o olhar para as botas vermelhas.

Ela ouviu passos e notou outro par de botas na sua linha de visão, além da barra de uma capa verde com forro de pele.

– Vossa Graça – Eric falou num tom de voz baixo e calmo –, imploro sua compreensão. A culpa não é de lady Rowena. Ela está feliz agora...

– Estou sim – ela enfatizou. – Muito feliz.

Eric segurou firme na mão dela.

– Se me permite continuar, Rowena. Vossa Graça, eu a raptei. A culpa é minha por ela não ter se tornado uma noviça e não ter consagrado seus votos.

Outro som de passos e Rowena viu um terceiro par de botas. Seu pai.

– Vossa Graça, conforme já explicamos, Eric era um dos meus cavaleiros antes de ganhar a propriedade em Monfort. Ele raptou Rowena atendendo a um pedido meu. A culpa é toda minha.

– Não é não, meu marido – disse lady Barbara ainda parada ao umbral da porta do recinto. – Você deve se lembrar que escolher Eric como marido da nossa filha foi uma decisão conjunta nossa.

– Quieta, mulher – lorde Faramus a repreendeu.

– Não vou me calar. – As saias de lady Barbara varreram os ladrilhos do piso até ela se aproximar e se abaixar numa vênia diante do rei. – Vossa Graça, sou tão culpada quanto meu marido ou sir Eric.

Alguns dos presentes bateram palmas. Sir Armand, que estava junto com um grupo de cavaleiros e clérigos diante de uma grande cruz de madeira, torceu a boca e, com toda sua arrogância, fez uma reverência ao rei e tomou a palavra:

– Vossa Graça, essa demonstração de solidariedade familiar, apesar de tocante, não passa de um jogo de interesses. Isso não os exime da culpa de ter arranjado um casamento sem o seu consentimento. Na minha opinião, o melhor a ser feito é confiscar toda a propriedade francesa das posses deles.

O rei ouviu, tamborilando os dedos no braço da cadeira e se pronunciou:

– Sir Armand, até onde eu sei, você não é membro do meu conselho.

– Não, Vossa Graça.

Parte da arrogância de sir Armand caiu por terra. Pelo jeito com que ele se portava, ficou claro para Rowena que as suspeitas de Eric sobre o envolvimento dele na morte de Mathieu e nos incidentes em Monfort e em Jutigny não tinham sido levantadas.

– E mesmo assim você presume que devo ouvir um conselho seu? – perguntou o rei, sem parar de tamborilar os dedos sobre o braço da cadeira.

– Não, Vossa Graça, de jeito nenhum. Não estou presumindo nada. – Sir Armand forçou um sorriso de lado e se virou para baixar a cabeça em reverência à cruz da parede. – No entanto, sinto-me na obrigação de lembrar que se as terras do lorde Faramus forem administradas por alguém leal, alguém que tenha os interesses da França em primeiro lugar, será possível a oferta de uma contribuição substancial para o término das obras da Catedral de Notre-Dame.

O rei olhou para sir Armand, depois desviou o olhar para o lorde Faramus, Rowena e Eric.

O silêncio que se seguiu foi bem eloquente. Rowena ouviu o pai grunhir baixinho. Santo Deus, ela também queria resmungar. Sir Armand era muito astuto e conhecia bem o rei.

Era de conhecimento público que a devoção do rei às obras religiosas chegava a ser uma fraqueza. Quando conde Gawain negociou o rompimento do noivado com Rowena, ele fez uma doação generosa para o monastério favorito do rei. Atualmente, o projeto real mais querido era o término das obras da Catedral de Notre-Dame, que ficava bem no coração de seu reinado.

Rowena apertou a mão de Eric com mais força, já havia esperado demais. O Rei Louis tinha de saber quem era o verdadeiro sir Armand.

– Vossa Graça, posso tomar a palavra por um minuto? Preciso contar algo para o meu marido.

– Pode falar.

A plateia ficou em silêncio, observando-a, inclusive sir Armand. O coração de Rowena disparou. Ela precisava dizer a Eric que a testemunha, que ele vinha procurando havia tanto tempo, tinha se apresentado. Mas como conseguiria falar com o olhar de sir Armand cravado em suas costas?

– Vossa Graça, eu gostaria de falar em particular com o meu marido – disse ela, sentindo o rosto corar.

O rei contraiu os lábios numa linha.

– Sinto muito, milady, mas já estou ficando sem paciência. Quero tomar uma decisão sobre esse casamento sem mais delongas. Vamos ouvir o que tem a dizer e depois eu resolvo.

– Nesse caso, Vossa Graça, gostaria de sugerir que convoque sua guarda.

– Milady? – O rei piscou, surpreso.

Rowena apertou a mão de Eric novamente para ganhar mais forças.

– Vossa Graça, não direi mais enquanto a guarda real não estiver presente. O que tenho a dizer tem outras implicações além do meu casamento.

Depois de titubear, o Rei Louis estalou os dedos e meneou a cabeça para um dos cavaleiros, que saiu imediatamente da câmara. Sir Armand parecia estar bem preocupado.

Não demorou muito para que se ouvisse o som de soldados marchando. O pelotão postou-se do lado de fora da sala e o cavaleiro enviado para convocá-lo reapareceu.

– Os guardas estão a postos, Vossa Majestade.

O rei fitou a afilhada e voltou a tamborilar os dedos no braço da cadeira.

– Continue, por favor.

Rowena respirou fundo para ganhar forças e disse:

– Vossa Graça, vim a Paris com dois objetivos em mente, o mais pessoal era lutar pelo meu casamento. O segundo também está relacionado ao meu casamento e suplico que seja paciente comigo. Preciso fazer justiça. – Ela soltou a mão de Eric e uniu-a com a outra num gesto de súplica. – Vossa Graça me ouvirá? Tenho sua permissão para começar?

– Por favor, continue.

– Confesso que fiquei muito surpresa quando sir Eric me tirou do convento. Mas saiba que sir Eric não me forçou a acompanhá-lo. – Uma ruga profunda se formou entre as sobrancelhas do rei, mas Rowena não se abalou e continuou: – Não me recusei a ir com ele em parte porque eu sabia que sir Eric jamais me machucaria. Se Vossa Graça se lembra, ele foi criado em Jutigny e eu já o conhecia bem. Além disso, eu percebi que me consagrar como uma freira seria um grande erro. Eu pretendia me ordenar porque tinha descoberto que não poderia me casar com conde Gawain. Eu precisava de tempo para resolver como me reconciliaria com minha família. Eles precisavam me perdoar por ter escrito a Vossa Graça rogando para ser uma freira. Eu também estava preocupada que Vossa Graça, meu padrinho, estaria desapontado comigo. Decidi entrar para o convento porque achei que minha relutância em me casar com conde Gawain significava que eu tinha sido convocada. Mas os dias que passei em St. Mary me provaram o contrário. Quando sir Eric apareceu...

– Milady, um homem de honra não rapta ninguém – o rei a interrompeu, sério.

Rowena deu um passo à frente.

– Mas as razões que o levaram a fazer isso eram nobres.

– Por favor, explique-se. Lorde Faramus disse o mesmo e estou interessado na sua versão dos fatos.

– Na verdade, sir Eric me tirou do convento a pedido do meu pai. Ele queria me salvar... de um casamento que eu não suportaria nem em mil anos. Sir Eric cometeu um crime com razões nobres. Ele não me forçou a nada. Ao contrário, ele me deixou à vontade para decidir o que fazer. Sir Eric me deu a chance de escolher, Vossa Graça, por isso eu o acompanhei.

– Resumindo, você confiou nele – concluiu o rei, alternando o olhar entre ela e Eric.

– Eu confiaria minha vida a sir Eric. – Rowena olhou para o marido e sorriu. – Vossa Graça, ele é o cavaleiro mais honrado de todos.

– Mas ele vem de uma família desconhecida – observou o rei, apoiando o rosto na mão fechada e encarando-a nos olhos. – O pai dele pode ter sido um assassino.

– Ter ancestrais nobres não é garantia de um comportamento honrado. – Rowena procurou não olhar para sir Armand. – Vossa Graça, conheço Eric desde criança e sempre gostei dele. Nesse curto espaço de tempo em que estamos casados, aprendi a amá-lo. Tenho orgulho de ser esposa dele e não pretendo me casar com ninguém mais.

Rowena caiu de joelhos diante do rei antes de prosseguir:

– Suplico seu perdão por termos casado sem o seu consentimento. Rogo que permita que continuemos casados e não anule nossa união.

Olhando de relance para cima, Rowena viu o rei coçar o queixo. Ele estava pensativo, mas ela poderia jurar que vira um esboço de sorriso nos lábios dele.

– Qual é o outro motivo de nos honrar com sua presença aqui, milady? – O rei se inclinou

para a frente e gesticulou para que ela se levantasse. – Milady falou em justiça e em reparar um erro.

Rowena estava com a garganta seca e podia sentir o olhar fulminante de sir Armand queimando suas costas. Rezando para que os guardas estivessem prontos para agir, ela olhou para Eric.

– Preciso lhe dizer que ontem a pessoa que o senhor procurava em Provins se apresentou.

– A testemunha?

– *Aye*.

– Você o trouxe a Paris? – Eric indagou, fitando-a com seus grandes olhos verdes.

Rowena meneou a cabeça e percebeu com o canto dos olhos que sir Armand estava atento a tudo.

– A testemunha é uma moça. Lamento, mas não pude trazê-la. Ela... ela não tem saúde suficiente para viajar. – Ela também não suportaria ser uma testemunha, Rowena pensou, mas não podia revelar esse detalhe para não destruir o caso.

Sir Armand se aproximou e Rowena teve a impressão de sentir a respiração quente dele balançar seu véu. Ela sabia que o cavaleiro seria implacável com Cécile se descobrisse ser ela a testemunha. Mas ela certamente não mencionaria nomes.

Eric a fitou; Rowena tinha mais a dizer, mas temia a presença de sir Armand.

– Lady Rowena, pare de rodeios – exigiu o rei, já perdendo a paciência. – Fale diretamente. Quem é essa testemunha? O que ela viu?

– Rowena, acho melhor eu continuar. Perdoe-me, meu amor, mas terei de trair sua confiança – disse Eric a ela e virou-se para o rei: – Vossa Graça, pouco antes do noivado de lady Rowena com o conde Gawain, um dos escudeiros de Jutigny, Mathieu de Lyon, foi assassinado nas ruas de Provins. Na época, acreditou-se que a morte dele tinha sido um acidente como consequência de uma briga do lado de fora de uma taverna. Desde que reencontrei lady Rowena...

– Você quer dizer, no dia em que a raptou, evitando que ela seguisse seu verdadeiro chamado – sir Armand o interrompeu. Ele estava pálido, os lábios esbranquiçados, abrindo e fechando as mãos em punhos incessantemente. Parecia que ele estava pronto para estrangular Eric. – Essa foi a pior blasfêmia de todas.

– Não seja ridículo, sir Armand. – Eric balançou a cabeça e prosseguiu. – Vossa Graça, pouco depois de lady Rowena deixar o convento e voltar a Jutigny, descobri que a morte do escudeiro não foi um acidente. Lady Rowena e Mathieu eram amigos próximos. Aconteceram alguns acidentes que me levaram a crer que a vida de lady Rowena estava em perigo.

– Lady Rowena foi atacada? – indagou o rei, arregalando os olhos.

Eric explicou sobre a flecha perdida e os homens que ameaçaram atacar Monfort.

– Quem teria razões para matar minha prima? – Sir Armand perguntou, bufando de raiva.

– Alguém que temia perder a herança caso ela se casasse e tivesse um filho – Eric respondeu calmamente. – Vossa Graça, depois desses incidentes, lady Rowena e eu nos casamos e voltamos para Jutigny. Assim que chegamos, houve outro acidente na ponte levadiça do castelo que quase matou lady Rowena e eu. Foi quando comecei a ficar muito preocupado.

– Você é que é ridículo – disse sir Armand com um riso debochado. – Essa história de que a vida de lady Rowena corre perigo é uma invenção com o intuito de justificar sua defesa. – Ele meneou a cabeça para o rei. – Vossa Graça não deve acreditar em nenhuma palavra que sir Eric

está dizendo. Ele só está interessado nas terras que lady Rowena traz em seu dote.

Eric deixou-se cair de joelhos, sobre a capa empoçada no chão.

– Vossa Graça, juro que se meu casamento for retificado, serei o homem mais feliz do mundo. Lady Rowena é muito querida para mim.

– Você a ama? – exigiu o rei.

– Amo com todo o meu coração.

Os olhos de Rowena se encheram de lágrimas. Eric parecia sincero e ela desejava muito acreditar no que acabara de ouvir. Mas, infelizmente, estava ciente de que ele devia ter percebido a simpatia do rei por ela e disse o que Sua Graça gostaria de ouvir. A verdade era que Eric estava lutando pelas terras do pai dela. E devia estar ansioso para se tornar o administrador de Sainte-Colombe.

Eric colocou a mão no coração.

– O casamento com sua afilhada me rendeu tudo o que eu almejava na vida, ou seja, uma linda esposa e uma família que amo.

– Levante, De Monfort. – O rei fez uma pausa, julgando os testemunhos. – Eu soube que você fez melhorias na sua propriedade desde que a ganhou.

– Como, Vossa Graça? – indagou Eric, perplexo.

– Eu investiguei antes dessa audiência. – O rei sorriu. – É importante avaliar um homem antes de julgá-lo. Administradores competentes valem seu peso em ouro. Mas eu gostaria de saber mais sobre o assassinato desse escudeiro de Jutigny e qual a ligação dele com minha afilhada.

– Vossa Majestade, tenho fortes suspeitas de que o rapaz foi morto justamente por causa da amizade com lady Rowena.

– Nunca ouvi tamanha fantasia na minha vida – sir Armand protestou. – Imagine se um escudeiro seria morto por ser amigo de lady Rowena.

– O rapaz pode ser morto por ter sido um noivo potencial para ela.

– Vossa Graça não deve acreditar em nada disso. Sir Eric está mentindo. Ele é um velhaco de uma figa, um mentiroso que ludibriou o conde e a condessa de Sainte-Colombe fazendo-se passar por um homem de honra. Majestade, Eric de Monfort é um João-Ninguém. Um nada. – Sir Armand cuspiu no chão ao terminar de falar e fechou as mãos em punhos. Em seguida, fulminou Rowena com um olhar de ódio. Ela imaginou que se não estivesse ao lado de Eric e na presença do rei, ele a teria socado até matá-la.

– Diga-nos, milady – Sir Armand a desafiou –, o que a sua suposta testemunha diz ter visto?

– A testemunha viu o senhor – respondeu Rowena, entrelaçando os dedos nos de Eric.

Sir Armand ficou lívido.

– Como ousa? Sua testemunha não passa de uma mentirosa amaldiçoada.

– Não, meu primo, ela não é nada disso. O senhor esteve em Provins na noite em que Mathieu de Lyon foi morto e foi visto no beco ao lado da The Sun. Minha testemunha atestou que não foi o senhor que puxou a adaga, mas apontou para um rapaz de cabelo castanho e encaracolado, chamado Mathieu de Lyon, e ordenou que outro homem cometesse o assassinato. O senhor ordenou que ele fosse morto.

Sir Armand deu alguns passos até lady Rowena e Eric se colocou entre os dois.

– Não chegue mais perto, De Velay.

– Qual é o nome de sua testemunha? Qual é o nome dessa meretriz da The Sun?

– Cuidado com o que diz, De Velay – Eric o ameaçou.
– Quem é ela?
– Não revelarei o nome – Rowena disse de cabeça erguida.
– Essa mulher não existe – sir Armand brandiu os punhos e se virou para encarar o rei. – Vossa Graça, essa testemunha é um engodo tão grande quanto a história desse suposto assassinato em Provins. Isso é uma rede de intrigas. Lady Rowena não pode nos dizer o nome dessa mulher simplesmente porque ela não existe.

O rei coçou o queixo e sinalizou para um de seus guardas. Logo em seguida, os cavaleiros que estavam do lado de fora entraram e formaram uma parede humana.

– Não tenho certeza de nada – disse o rei, suspirando. – Eu esperava resolver esse assunto ainda hoje, mas preciso fazer novas investigações. Sir Eric, quero sua palavra de que permanecerá em Paris até termos conversado com essa testemunha.

– Vossa Majestade tem a minha palavra – afirmou Eric, assentindo com a cabeça.

– Sir Eric, por tudo que ouvi, não me resta opção a não ser mantê-lo sob vigilância. Providenciarei um apartamento no Palais de la Cité para você e lady Rowena.

– Obrigado, Vossa Graça.

– O senhor também não deve sair de Paris – o rei ordenou a sir Armand.

– Serei vigiado também?

– Naturalmente. Não quero arriscar a vida da minha afilhada.

– Posso ficar em minha casa? – indagou sir Armand, franzindo o cenho.

– Se quiser... mas quero a sua palavra de que não sairá da cidade.

– Claro que não. – Sir Armand curvou-se numa reverência.

Rowena já estava nervosa, mas ficou mais aflita com a possibilidade de convocarem Cécile à presença do rei. Se ela já ficaria apavorada com a imposição de ir a Paris, certamente não resistiria à audiência. Podia ser um desastre.

Rowena viu quando o rei chamou seu pai.

– Lorde Faramus, você será responsável pela vinda dessa testemunha de lady Rowena de Provins até Paris. Traga-a o mais rápido possível ao palácio e me informe assim que ela chegar.

Rowena fechou os olhos. Cécile não podia ir a Paris! Ela ficaria completamente desorientada e o rei não mediria esforços para fazê-la falar, mas não adiantaria nada. Aquilo podia ser o começo de um pesadelo que não terminaria jamais.

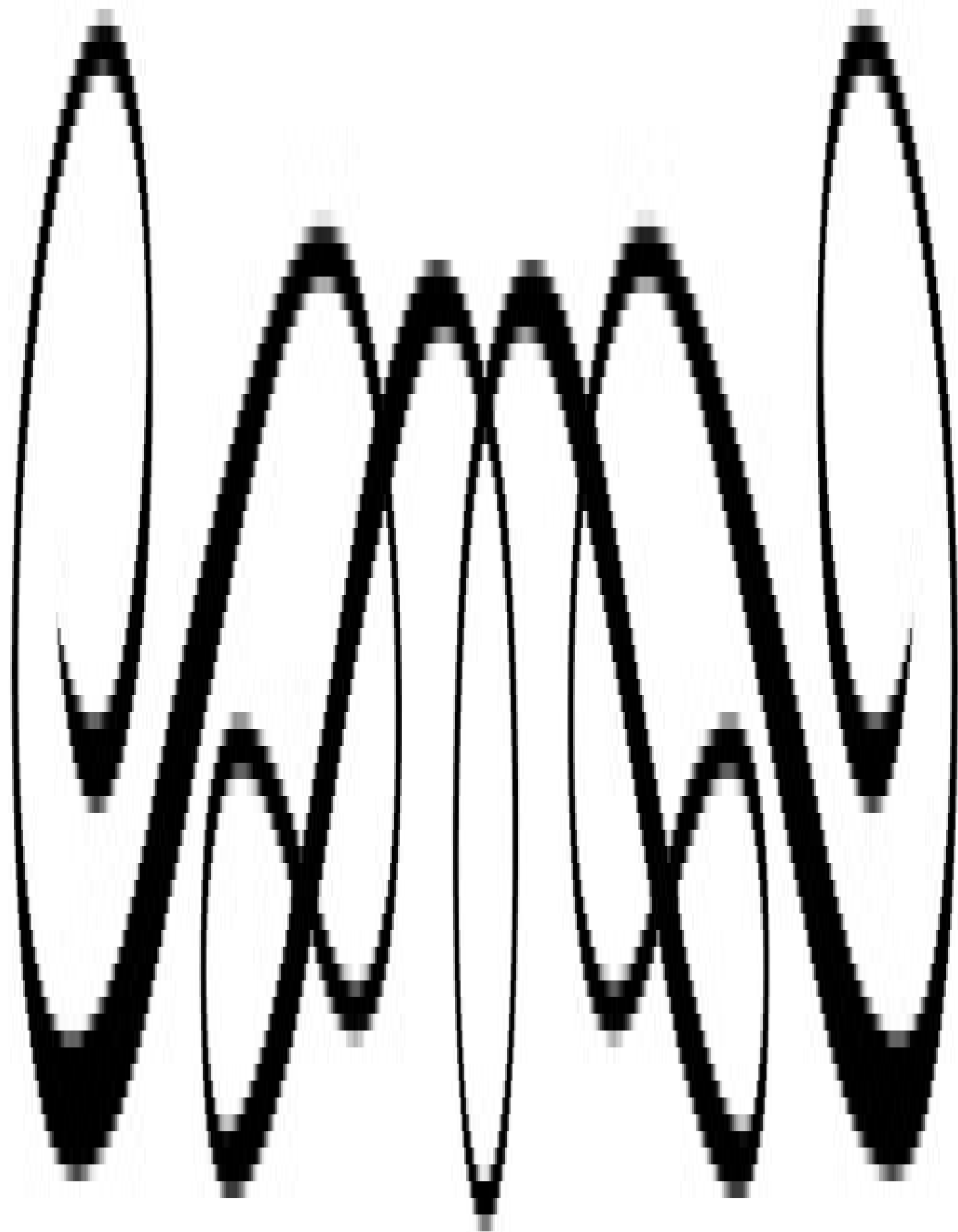
Ao abrir os olhos de novo, viu que Eric também se preparava para sair depois do rei. Exausta e tonta de tanta preocupação, ela passou a mão sobre o braço curvado dele.

– Venha, querida, a viagem foi longa e você precisa descansar.

Eles saíram do salão escoltados por quatro cavaleiros e seguiram pelos corredores gelados e escuros da Ecclesiastical City. Assim que atravessaram os portões para seguir na direção da praça dos mercadores, os cavaleiros sacaram as espadas e os conduziram pela fraca luz até o Palais de la Cité e para o quarto que o rei havia prometido.

– Cécile – Rowena murmurou. – Que Deus nos ajude.

Capítulo 14



ERIC DEIXOU escapar um assobio quando entraram em seus aposentos no Palais de la Cité. Uma pequena antessala levava diretamente a um suntuoso dormitório. Espessas toras de lenha queimavam na lareira. Três janelas altas e estreitas deixavam entrar a claridade cálida do final de tarde, que incidia sobre uma cama larga e bem-arrumada. As janelas eram envidraçadas e emolduradas por pesadas cortinas bordadas, para proteger o aposento da friagem externa. As paredes eram decoradas com tapeçarias, e como se tudo isso ainda não bastasse, havia uma pilha de mantas e peles sobre um baú no pé da cama.

– Santo Deus, que lugar... não passaremos frio!

Eric jogou a capa sobre a cama e sentou-se para experimentar o colchão. Devia ser todo preenchido com penas, porque era firme e macio ao mesmo tempo. Gostaria de se deitar naquele instante com Rowena nos braços, mas a expressão apreensiva dela o fez afastar o pensamento. Será que ela estava tão preocupada quanto ele com a possibilidade de o casamento deles não ser homologado? Por outro lado, como não havia muito que eles pudessem fazer a respeito, era melhor aproveitar a noite. Pelo menos não haviam sido colocados em quartos separados, o que não deixava de ser positivo.

Ele estendeu a mão.

– Ficar nestes aposentos compensa o aborrecimento de termos vigilância constante. Eu teria protestado se sir Armand não tivesse recebido o mesmo tratamento. Você trouxe Berthe?

Rowena balançou a cabeça e se aproximou, a barra do vestido azul se arrastando sobre o piso forrado de sisal.

– Saímos um tanto apressados. Mamãe e eu viemos sozinhas, separadas de nossas acompanhantes.

– Muito bem, isso facilita as coisas. – Eric apoiou as mãos nos quadris dela e acomodou-a entre suas pernas. – Alard pode dormir na antessala com os guardas do rei. Ficaremos seguros aqui.

Segurando o véu dela, ele a forçou a se inclinar em sua direção. Seus olhos estavam fixos na boca de Rowena.

– Eu sei que disse para você ficar em Jutigny, mas já que veio, poderia me dar um beijo. Precisa pedir desculpas por sua desobediência.

Ela arqueou uma sobrancelha.

– Ah, sei... – Ela apoiou as mãos nos ombros largos. – Você não me engana mais. Já descobri que não é o tirano que finge ser.

Diminuindo a distância entre eles, Rowena beijou-o de um jeito encantador. Com um murmúrio de prazer, sem entender por que um simples toque daquela menina magrinha e miúda inflamava todos os seus sentidos, Eric deixou-se cair para trás, esperando que ela caísse junto com ele na cama.

Rowena resistiu, e ele puxou com mais força o véu, sorrindo de maneira sugestiva.

– Venha cá, meu amor, eu senti sua falta.

Os braceletes de prata tilintaram quando ela se libertou com uma risada.

– Eric, não ficamos separados nem um dia inteiro. E o Sargento Yder logo vai chegar, trazendo minhas coisas.

– Ele pode deixar na antessala. – Ao ver Rowena recuar, ele levou uma das mãos ao peito, na

altura do coração. – Um dia sem você parece uma eternidade!!

– Eric, não precisa fingir. Não há necessidade de me cortejar, já estamos casados.

Em um segundo ele se levantou e a envolveu com os braços.

– Rowena, eu não estou fingindo. Um dia sem você é um dia perdido. – Ele encostou a testa à dela, ligeiramente desconcertado ao dar-se conta da sinceridade do que dizia. – É verdade, meu amor. Eu gosto muito de você. Gosto imensamente!

– Imensamente? – Os olhos azuis de Rowena estavam atentos, cautelosos. – Você foi sincero com o rei?

– Como assim?

– Não se lembra mais? – A voz dela soou inexpressiva. – Você disse a ele que me amava.

– *Mon Dieu*, Rowena, eu não sei! Eu diria qualquer coisa para ficar com você.

Ela o fitou com expressão de incerteza, e ele a abraçou com mais força.

– Rowena, eu não quero perder você, *não posso* perder você! Você é minha.

Ela continuou a fitá-lo em silêncio, e embora não se movesse, Eric sentiu sua relutância.

– Não é uma questão de posse, Eric.

O fogo crepitou e Rowena olhou para as chamas.

– Eu acho que você disse a verdade ao rei. Você me ama. Vou me agarrar a isso e rezar para que aceite. – Ela gesticulou com impaciência. – Mas isso tem de esperar, eu realmente preciso falar com você sobre a testemunha.

– Vamos nos deitar, meu amor, podemos conversar na cama.

Ela balançou a cabeça.

– É cedo demais para nos recolhermos. De qualquer modo, este assunto é importante. Eric, nossa testemunha não pode depor. Ela não tem condições. Temos de impedir que meu pai vá buscá-la.

– Ela não tem condições? – O estômago de Eric se contraiu. – Espere lá, Rowena, seu pai *tem* de buscá-la. Precisamos dela para reforçar nosso caso contra sir Armand.

Ela olhou para ele, séria.

– Para salvar nosso casamento.

Eric segurou os braços dela com força, até que percebeu que os estava apertando demais e a soltou.

– Para manter você em segurança. – Ele virou-se e passou a mão pelo cabelo. – Não vou passar o resto da vida assombrado pelo medo de que cada dia pode ser o último porque aquele homem está tentando matá-la. Não vou permitir que nossas vidas sejam arruinadas, Rowena. A menos que possamos provar que ele estava envolvido na morte de Mathieu, não nos livraremos dele.

– Eric, por favor, escute. Cécile... esse é o nome da moça... não tem condições de testemunhar.

– Por que não?

– Se você a conhecesse, entenderia o que estou dizendo. Eu duvido que ela consiga responder direito a uma única pergunta, se for interrogada. O depoimento dela seria questionado, ela ficaria apavorada, seria muito improdutivo. É possível que você a conheça, ela trabalha na The Sun.

Eric esfregou a testa.

– Você disse que ela se chama Cécile?

– Sim.

– O nome não me diz nada.

– Ela tem o rosto redondo e o cabelo encaracolado, volumoso. Mas é aparvalhada, coitadinha. A mãe se chama Marguerite.

A expressão de Eric se iluminou quando ele se lembrou da moça. Recordava-se de ver Marguerite falando com uma jovem que correspondia àquela descrição. Mas nunca tinha falado com ela.

Ele fez uma careta.

– Ah, eu sei quem é. Sim, entendo o que você quer dizer. Eu a vi na cozinha e no estábulo, ela nunca entra na taverna propriamente dita.

– Ela é muito tímida.

– Sim. Que Deus nos ajude, precisamos de uma testemunha que tenha credibilidade. Cécile atrapalharia mais do que ajudaria. – Ele esfregou o rosto. – É uma pena que você a tenha mencionado. O rei está esperando um depoimento lúcido e sólido, só de olhar para aquela menina ele saberia que o testemunho dela não seria válido. Por Deus, Rowena, o que você estava pensando quando indicou essa moça como testemunha?

Os olhos azuis brilharam como safiras.

– Que escolha eu tinha? Eu também não quero que ela seja convocada a vir a Paris. Deve se lembrar que eu pedi para falar com você a sós. Queria que compreendesse o problema de Cécile *antes* de mencionar o nome dela para o rei.

Eric segurou a mão de Rowena.

– Desculpe-me, eu sei que a culpa não foi sua. É só que... maldição, nós precisamos de alguém confiável, que nos ajude a revelar a verdade sobre seu primo, Rowena.

Ela assentiu.

– O que acha que Cécile vai fazer quando se confrontar com meu pai?

Eric sorriu.

– Sair correndo?

– Não tem graça. – Rowena segurou-o pela manga. – Precisamos impedir que meu pai vá para Provins. Onde está Alard?

Ele gesticulou com a cabeça na direção da porta.

– Na antessala, com os guardas do rei.

– Precisamos mandá-lo ao encontro de meu pai. Cécile não pode vir à corte.

Com um breve aceno de cabeça e o coração pesado, pois estava desesperado para tirar sir Armand do cenário, Eric foi falar com seu escudeiro. Alard teria de ir atrás de lorde Faramus e dizer a ele que seria inútil levar Cécile a Paris. Por mais que lamentasse, ele concordava com Rowena, a menina não seria uma boa testemunha.

O rei ficaria indignado quando descobrisse. Que Deus os ajudasse, sem uma testemunha, como eles iriam provar que sir Armand era um verme manipulador e assassino?

MAIS TARDE naquela noite, Eric estava deitado na cama com Rowena nos braços, contemplando os derradeiros reflexos que o fogo em extinção lançava sobre as tapeçarias e o cortinado da cama.

O cabelo de Rowena brilhava como ouro. Pensativo, Eric pegou um cacho e o retorceu entre os dedos; era macio como seda. Ela se aconchegou mais a ele e beijou-o no ombro. Os seios tocavam suavemente seu peito, e uma das pernas estava entrelaçada com a sua. Uma crescente pressão na virilha indicou a Eric que ele estava disposto a fazer amor outra vez, mas controlou-se para não demonstrar isso a Rowena. Ela era tão delicada, certamente não aguentaria. Além do mais, ele não queria que ela o julgasse um brutamontes.

Eric não conseguia entender. Eles tinham se amado duas vezes naquela noite, e seu desejo estava longe de ser saciado.

Seria assim para sempre? Quando se casou, ele prometeu fidelidade, e estava disposto a honrar tal objetivo, mesmo prevendo que não seria fácil. No entanto, constatou justamente o contrário. Desde a união com Rowena, a ideia de levar outra mulher para a cama era simplesmente inconcebível. Impossível. Fora de questão.

Uma chama fulgurou quando um pedaço de lenha se partiu, e o reflexo dourado incidiu na pele de Rowena.

– Eu te amo, Eric – murmurou ela, tão baixinho que ele mal ouviu.

O coração dele se apertou, e por um breve momento de covardia ele refletiu que poderia fingir que não havia ouvido. Não estava pronto para aquilo e duvidava que algum dia estivesse. Por outro lado, não queria magoá-la. Cautelosamente, segurou o rosto dela com a mão e falou com delicadeza na voz:

– Rowena, você sabe que eu a adoro. Principalmente quando você está despenteada.

Rowena ergueu a cabeça.

– Você me adora? – Ela o fitou com os olhos muito abertos, mas não parecia muito contente. – Você me ama, Eric, conforme disse ao rei. Acontece que você se recusa a aceitar isso.

– Amar? Não tenho capacidade para amar, doçura.

Rowena franziu a testa.

– Por que não?

– O amor traz sofrimento. Dor. É inevitável. Prefiro a adoração. – Trazendo-a para mais perto, ele inclinou a cabeça e a beijou. Ela o abraçou, deixou escapar um gemido irresistível e entreabriu os lábios numa resposta tão apaixonada que Eric começou a pressioná-la contra os travesseiros antes de se lembrar de sua resolução de dar tempo a ela para se recuperar antes de repetir o ato de amor. Recuando, ele clareou a garganta. – Vamos contar com este calor que existe entre nós, isso basta. Não precisamos de amor.

A ruga na testa de Rowena reapareceu, mais acentuada dessa vez. A expressão dela estava séria, quase sisuda.

– Você está pensando em sua mãe, Eric. Eu sei que ela amava você.

Ele forçou uma risada.

– Ela *dizia* que me amava. Era mentira. Ela me deixou. Abandonou-me.

– Eric, a vida ficou difícil para ela depois que seu pai morreu.

– Sim.

– Talvez ela não tivesse escolhido.

Eric se afastou e deitou-se de costas, fitando o teto.

– Eu estava com fome e com frio, e ela me abandonou. Seu próprio filho.

– Havia comida na sua casa?

– Bem pouca.

– Eric, eu gostaria de saber como você chegou em Jutigny. Conte para mim, o que aconteceu?

Eric ficou em silêncio por alguns momentos. As sombras tremularam, o fogo estalou. Se havia alguém a quem ele podia contar, essa pessoa era Rowena.

Ele engoliu em seco.

– Depois que meu pai morreu, minha mãe continuou trabalhando.

– Vocês moravam em Provins?

– Sim, na Cidade Baixa. Até onde eu sei, a casa ainda existe.

Rowena se aconchegou a ele, apoiando a cabeça em seu braço.

– Deve ser uma sensação estranha... você costuma ir lá?

– Eu fui algumas vezes, depois que me tornei escudeiro. Mas há anos que não apareço por lá.

– Conte mais. Seus pais eram mercadores?

– Não. – Eric hesitou.

Ele achava que poderia contar a Rowena sobre sua mãe; até então, jamais havia contado a alguém como seus pais ganhavam a vida. Ainda criança, ele aprendeu que a maioria dos cavaleiros desprezavam as pessoas que trabalhavam em suas propriedades. Desprezavam até os mercadores, alguns dos quais tinham tesouros quase tão valiosos quanto os do rei. Em suma, os nobres desprezavam qualquer um que não possuísse terras.

O pai de Eric era padeiro e não possuía nem uma jarda de terra. Preparando-se para a reação de Rowena, e ao mesmo tempo dizendo a si mesmo que, já que ele não a amava a reação dela não faria diferença alguma, ele respirou fundo e falou:

– Meu pai era padeiro.

– Padeiro? – Ela arqueou as sobrancelhas, surpresa.

Até onde ele pôde perceber, a reação dela demonstrava apenas isso... surpresa. Não parecia chocada, nem revoltada, felizmente. Também não havia desprezo nem zombaria em sua expressão, e Eric forçou-se a continuar, fitando-a nos olhos. Queria observar qualquer mudança possível no rosto dela, por mais sutil que fosse.

– Eu me lembro do forno chamuscado, dos carvões em brasa... todas as manhãs, quando sinto cheiro do pão sendo assado, tenho recordações do meu pai.

– Eu imagino. Você se lembra de como ele era?

Eric sorriu. Era tão do feitio de Rowena perguntar aquilo!

– Tenho uma vaga lembrança, apenas. Depois que me pai morreu, o dinheiro ficou escasso. Minha mãe tentou levar adiante o negócio sem ele, mas não conseguiu. Ela não tinha jeito para isso.

Rowena se apoiou num cotovelo e traçou um círculo no peito de Eric com a ponta do dedo.

– Você tem alguma ideia do que aconteceu com sua mãe?

– Eu sei exatamente o que houve com ela.

Eric segurou a mão dela e se pôs a estudá-la. Branca e macia, a mão típica de uma dama. Havia apenas uma leve calosidade, resultante das cavalgadas, e algumas marcas de agulha por causa da confecção de sua capa. E só. Não havia pele encardida, nem nódoas, nem unhas

quebradas. Durante toda a sua vida, Eric havia enfrentado o desafio de sua origem questionável. Ainda podia ouvir os insultos do chefe dos cavaleiros em Jutigny. *Rato de sarjeta*. Havia aturado preconceito e chacotas como aquelas que sir Armand lhe atirou quando se apresentou ao rei. *Velhaco de uma figa*. *Mentiroso*. *João-Ninguém*. Sem dúvida aconteceria outra vez. Mas em nenhum momento ele tinha sofrido nas mãos de Rowena ou da família dela.

Verdade que no campo de treinamento de lorde Faramus, algumas pragas haviam sido proferidas em sua direção, mas as pessoas que realmente eram importantes para ele nunca o haviam ofendido por causa de sua origem desconhecida.

– Certo dia um cavaleiro sem-terra passou pela panificadora. Para ganhar algum dinheiro extra, minha mãe estava enrolando novelos para uma amiga. Estava tão envolvida com a tarefa que se distraiu e deixou queimar uma fornada de pão. O cavaleiro a alertou para a fumaça que estava saindo do forno. E pronto. Foi isso. Os dois se apaixonaram. Eu já lhe disse que minha mãe era excepcionalmente bonita?

– Não, mas eu posso imaginar – respondeu Rowena com ternura. Eric olhou para ela com ar de interrogação e ela acrescentou: – Ela era sua mãe...

Eric sorriu de leve e prosseguiu. Já que tinha começado, que fosse até o fim.

– Três semanas depois, o tal cavaleiro pediu a minha mãe para ir embora com ele. Mas ele não queria que eu fosse.

Rowena prendeu a respiração.

– Que horror...

Eric sentiu um nó na garganta, e por um momento angustiante, não conseguiu falar. Desviando o olhar de Rowena, ele olhou para o teto e engoliu em seco.

– Foi o que pensei também. Por mais estranho que possa parecer, mais tarde eu entendi a razão dele. Você sabe como é a vida para um cavaleiro sem-terra. Não há segurança nenhuma. Ele vive na esperança de ser incumbido de uma tarefa e de encontrar alguém honesto para ser seu senhor. Não havia lugar na vida dele para o filho de outro homem. Ele não era rico o suficiente para sustentar minha mãe e eu. – Eric deu de ombros. – Minha mãe fez a escolha dela. Disse para mim que me amava e convenceu o cavaleiro a nos levar até Jutigny. O resto você já sabe.

– Bem, finalmente entendi por que é tão importante ser proprietário de terras para você. – Rowena apoiou o rosto no peito dele e o abraçou. – Se Deus quiser, um dia você terá mais propriedades do que o rei da França.

Eric franziu o cenho e ergueu o queixo dela com o polegar.

– Rowena? Você precisa saber que é mais importante para mim do que a propriedade.

– Ainda bem, assim espero! – disse ela. Afastando-se, ela empurrou as cobertas e estendeu o braço para pegar o vestido. – Com licença um instante, preciso encontrar o reservado.

O reservado ficava no corredor, e para chegar lá Rowena teria de atravessar o aposento onde Alard e seus guardas dormiam. Eric a viu colocar a capa sobre os ombros.

– É melhor eu acompanhar você.

Ela deu uma risadinha trêmula.

– Não precisa. Sir Armand está na casa dele com sua própria guarda, e eu confio nos homens do rei.

Ela soltou o trinco e saiu do quarto.

O CORREDOR estava iluminado por algumas velas acesas em suportes nas paredes. Estava frio em comparação com o calor do quarto, e ela sentiu os pelos dos braços se arrepiarem. Para se proteger melhor, ela se enrolou na capa e seguiu o caminho pouco iluminado.

Uma lágrima rolou por seu rosto. Apertando os olhos, ela a enxugou. Tinha dito a Eric que o amava, mas ele não retribuiu a declaração na mesma medida. Confessar a ele seu sentimento tinha sido um salto no escuro. Já fazia algum tempo que ela descobrira que o amava, mas relutava em dizer a ele com medo que a declaração de amor fosse considerada como um fardo.

Naquela noite, ela mudou de ideia, achando que declarar seu amor talvez fosse exatamente o que Eric precisava, mas a reação dele de retrair-se a havia deixado desapontada. No entanto, não era nenhuma surpresa. Eric vivia à sombra do abandono da mãe. Recebera pouco amor na vida, e mesmo este pouco ele questionava. Ela precisava fazê-lo deixar o passado para trás; precisava fazê-lo ver que, embora tivesse ficado perdido naquela longínqua noite de Natal, ele também havia sido encontrado.

Eric precisava de amor incondicional. Tinha de estar com alguém a seu lado nos bons e nos maus momentos. Era imperativo saber que ela não o decepcionaria e que seu amor não tinha prazo de validade. Ela simplesmente continuaria a reafirmar isso para ele, até convencê-lo. E rezaria para que algum dia ele fosse capaz de corresponder a esse sentimento.

Cada gesto de Eric demonstrava que ele tinha afeição por ela. E se afeição fosse tudo o que ele era capaz de dar...? Bem, que assim fosse, então. Ela aceitaria qualquer coisa que ele pudesse oferecer. Eric era um bom marido, tratava-a com carinho e consideração. Tinha apreço por ela.

Seus lábios se retorceram. Era mais do que ela esperaria de um homem tão forte. Seu pai nunca foi perfeito nesse aspecto. A insistência dele em um compromisso com conde Gawain, quando ela não estava pronta para isso, a levou ao convento; e quando ela era criança, o pai tentou pôr um fim na amizade dela com Eric. Lorde Faramus era quase um tirano.

Mas Eric, não. Ele era forte, não um tirano.

Ir a Paris já tinha valido a pena. Rowena descobriu que Eric realmente queria que ela fosse sua esposa. Descobriu que ele a valorizava mais do que suas terras. Devia ser, pois ele disse ao rei, e a todos os demais na câmara de conferências, que a amava. Isto partindo de um homem que proclamava não acreditar no amor. Isto partindo do homem que havia afirmado dar a ela adoração, mas nunca amor. A declaração dele perante o conselho havia sido mais do que uma simples estratégia, era pura verdade. Cabia a ela agora fazê-lo compreender isso. Eric a amava, apenas não se tinha dado conta ainda.

Rowena enxugou outra lágrima, determinada a não deixar que ele percebesse sua tristeza. Ela estava fazendo progresso. Ele não havia repudiado sua recente confissão de amor imediatamente; semanas antes, era o que teria feito.

Ela se manteria esperançosa e venceria.

Quando Rowena voltava pelo corredor, uma sombra se moveu rapidamente na penumbra, do umbral de uma porta. Ela prendeu a respiração, mas era apenas um gato correndo na direção da escada. Quando ela passou pela porta, olhou para o lado e quase tropeçou.

Havia um homem de pé ali, tão imóvel que, se ela não tivesse olhado naquela direção, provavelmente não o teria visto.

O homem se moveu e um calafrio percorreu Rowena de cima a baixo. Era sir Breon.

Uma fileira de dentes reluziu no escuro, e ela divisou o brilho prateado de uma lâmina.

– Boa noite, *milady*.

Num gesto instintivo, Rowena jogou sua capa em cima de sir Breon e correu.

ERIC OUVIU um baque surdo e levantou a cabeça do travesseiro. O som se repetiu, imediatamente seguido por um grito abafado. Parecia uma mulher.

Seu coração deu um salto. Pegando a espada, ele correu para a porta de ligação com a antessala. A outra porta, que dava para o corredor, estava aberta. Viu os guardas reunidos em volta de alguém na soleira.

– *Eric!*

Vagamente, Eric deu-se conta de que estava nu em pelo. Mas não importava. Ele abriu caminho por entre os guardas e abraçou Rowena.

– Rowena, Rowena! – exclamou com voz abafada enquanto beijava o cabelo dela. Ela tremia dos pés à cabeça e estava sem a capa.

– Sir Breon – ela murmurou, trêmula, e apontou para o corredor. – Ali.

– O que aconteceu? – A mente de Eric estava agitada. Rowena correu sério risco de morte. Nem no palácio do rei ela estava em segurança. Ele deveria tê-la acompanhado.

– Ele tinha um punhal, achei que fosse me matar. Joguei minha capa em cima dele e corri.

– Menina corajosa! – Eric a segurou com firmeza e a fitou. – Nós vamos encontrá-lo. Guarda?

– Senhor?

– Presumo que os portões do palácio sejam fechados à noite?

– Sim, senhor.

– Ótimo, ele não irá muito longe. Apenas por garantia, avise os vigias externos, sim?

– Sim, senhor.

Eric olhou para o escudeiro.

– Alard, acompanhe *milady* de volta para o quarto. Fique com ela. Tranque a porta. Lady Rowena não deve sair do quarto até eu voltar. Entendido?

– Sim, senhor.

Eric sorriu de leve.

– Antes de trancar a porta, jogue algumas roupas para mim.

O sorriso de Alard foi mais largo.

– Agora mesmo, senhor.

Eric afastou-se de Rowena com certa relutância e gesticulou na direção do quarto.

Ela deu um passo e hesitou, a expressão tensa.

– Eric, tome cuidado, sim?

– Claro. Não se preocupe, haverá guardas aqui na antessala o tempo inteiro. Sir Breon não chegará até você.

Rowena segurou a mão dele e inclinou-se para a frente.

– É com você que estou preocupada, seu tolo – sussurrou.

A CAPA de Rowena estava caída no chão do corredor. Eric e os guardas do rei vasculharam os outros cômodos, fazendo o menor ruído possível, não obstante, damas e cavalheiros acordaram irritados. Apesar de tudo, foi uma busca infrutífera, ninguém tinha visto sir Breon. Eles esquadriharam um salão onde grandes guirlandas de hera e azevinho formavam um pano de fundo para as cores dos cavaleiros do rei. Acordaram criados e soldados. Ali também ninguém tinha visto sir Breon, embora se tratasse de um caminho obrigatório para sair.

Rowena se preocupa comigo.

Eles acenderam algumas tochas e foram para fora em silêncio. O pátio reluzia com a geada, a

luz das estrelas e a neve compactada. Havia pegadas formando trilhas entrecruzadas no chão, mas estavam tão raspadas e deformadas que Eric não conseguiu decifrar nada por elas. Eles procuraram nos estábulos, onde Eric recrutou um cavaleiro com dois cães de caça para ajudar nas buscas. Vasculharam toda a área de serviços, a cozinha externa, o celeiro e a capela. Nada.

Eric foi para a guarita.

Rowena se preocupa comigo do mesmo modo que eu me preocupo com ela. Senhor do Céu, seu coração quase tinha parado quando a ouvira gritar!

Ele foi ao encontro de um vigia.

– Viu alguma coisa?

– Não, senhor, nada.

– Onde ele se meteu...?

Eric olhou ao redor das muralhas. Eram da altura de pelo menos três homens e bem visíveis, formando uma linha escura contra o céu estrelado. Aqui e ali uma tocha tremulava na noite. Sentinelas percorriam toda a extensão da passarela, suas silhuetas e lanças delineadas contra o firmamento, seus elmos cintilando à luz das tochas.

Um dos cães rosnou, tensionando a correia da coleira. Ele olhava para cima, na direção da passarela. Um dos sentinelas não tinha elmo. Nem lança.

– Ali! – Eric apontou. – Coloque um homem no pé de cada escada.

– Sim, senhor.

Eric disparou na direção dos degraus.

– Não vai demorar agora... – Eric focou a vista em sir Breon, o único homem na passarela que não usava elmo, e aproximou-se devagar. Desembainhou a espada e parou num ponto da estrutura de madeira que bloqueava a passagem de sir Breon para a escada mais próxima. – Guardas! – gritou. – Aqui!

Os sentinelas correram com a velocidade de raios. Sir Breon olhou aflito para a esquerda e para a direita, e por um momento Eric achou que ele ia se atirar por cima do muro do palácio.

– É alto demais para pular – disse, encurtando a distância entre eles.

O som de passos ressoou na passarela. O brilho das espadas reluziu e sir Breon viu-se cercado. Atirou o punhal para o lado e um guarda abaixou-se para recolhê-lo. Estava quase fácil demais, mas ainda não havia terminado.

– Onde estão seu escudeiro e sua espada, de Provins? – exigiu Eric, franzindo a testa enquanto reparava nas roupas de sir Breon, que estava vestido como um mercador.

O coração de Eric martelava contra suas costelas, enquanto ele tentava combater um impulso não muito cavalheiresco. Ao jogar seu punhal, sir Breon definitivamente se rendia, e tudo em que Eric conseguia pensar era que queria esmagá-lo. Aquele homem quis matar Rowena.

A mão que segurava a espada vacilou. O rosto de sir Breon se contorceu.

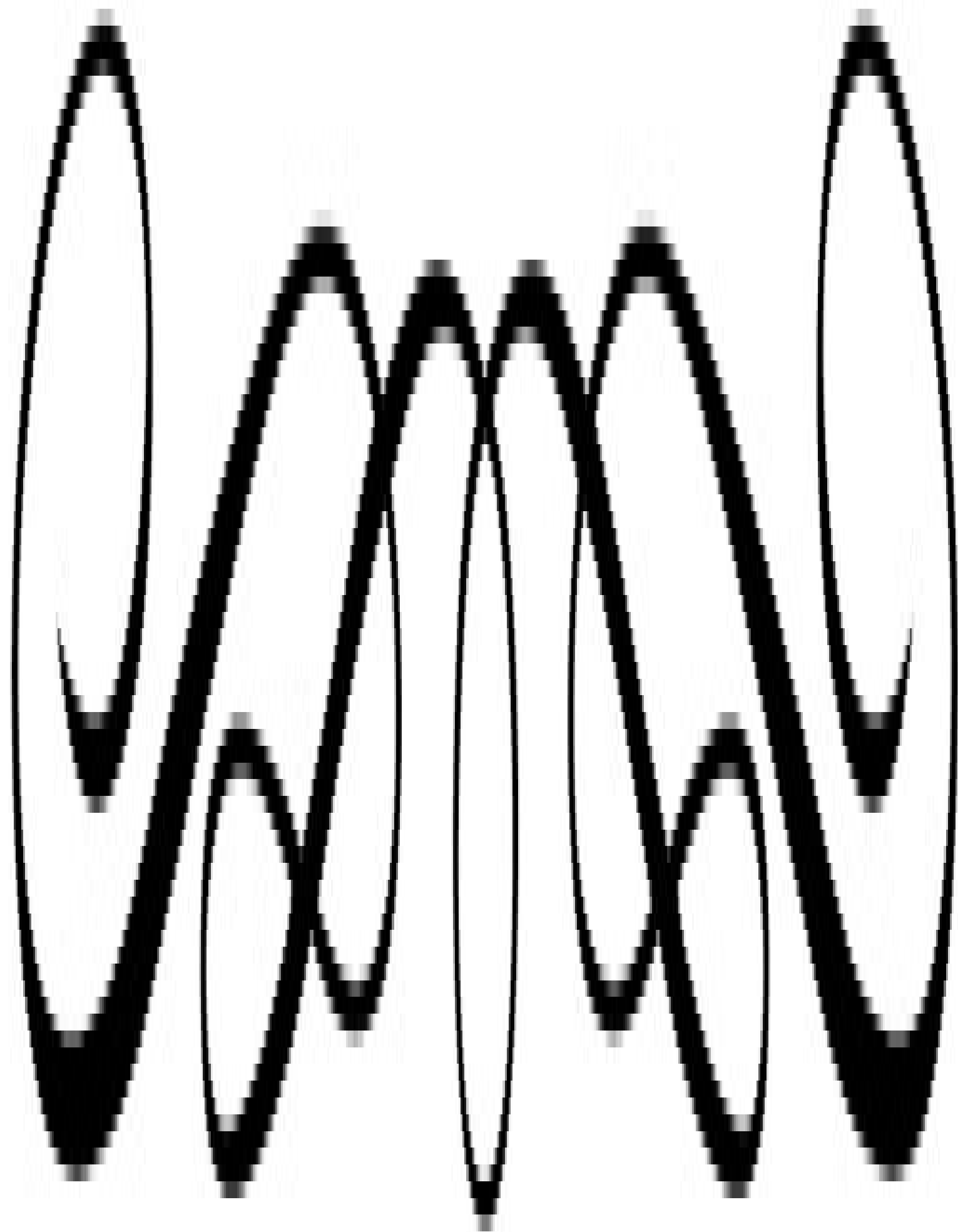
– Nos aposentos. Achei que não permitiriam a entrada de um mercador de vinhos se ele viesse acompanhado de um escudeiro e armado até os dentes.

Eric apertou com força o cabo da espada para se conter e não terminar logo com a vida de sir Breon. De repente pensou que aquele era o homem que havia brandido o punhal contra De Lyon. Segundo Rowena, Cécile não o tinha mencionado como o atacante, embora isso não o descartasse como suspeito, já que a menina raramente entrava na taverna. Ela não necessariamente saberia o nome dele.

Um passo de cada vez, disse Eric para si mesmo. A segurança de Rowena era sua prioridade. Era preciso provar que sir Breon tinha agido a mando de sir Armand. Ele tinha de fazer sir Breon confessar, de preferência, diante de testemunhas. Testemunhas *confiáveis*. Tinha de encontrar uma maneira de induzi-lo a admitir sua culpa na morte de De Lyon.

– Você terá de ser interrogado. – Ele olhou por sobre o pátio escuro em direção à torre do palácio. – Faremos isso na casa da guarda.

Capítulo 15



SIR BREON parou com os pés ligeiramente afastados, perto de uma mesa repleta de taças com restos de vinho e migalhas de pão espalhadas. Com as mãos atrás das costas, ele lançou a Eric um olhar fulminante.

– Você não me pega, seu camponesinho sebento – investiu. – Eu não encostei um dedo nela. Ela está mentindo se disser o contrário.

Determinado a ignorar os insultos, Eric flexionou os dedos.

Não vou bater nele.

A sorte estava do seu lado; havia dois cavaleiros na casa de guarda quando Eric trouxe sir Breon... sir Kay de Tirel e sir Guivret Fitz Alan estavam jogando dados. Eric olhou na direção deles e ficou satisfeito ao não ver escárnio na expressão de nenhum dos dois, apenas uma atenção aguçada. Ele nunca os tinha encontrado antes. Felizmente, eles já tinham ouvido falar dele e sabiam de sua convocação para a corte. Sabiam o que estava em jogo ali e, graças ao bom Deus, tinham a reputação de ser homens honrados. Saberiam a verdade quando a ouvissem; seriam as testemunhas ideais.

Eric estava convencido de que sir Breon era o assassino de Mathieu de Lyon e estava determinado a fazê-lo confessar. Diria a ele que haviam testemunhado a morte do garoto e a partir daí o induziria a falar. Sir Breon não precisava saber que a testemunha deles não era confiável. De qualquer modo, se conseguisse arrancar uma confissão, a testemunha nem precisaria ser convocada.

– Lady Rowena não disse que você tentou matá-la – começou, em tom de voz gentil. – Disse apenas que você estava perambulando no corredor do palácio... sem convite, pressuponho. O que estava fazendo?

Sir Breon olhou de cara feia para um cabideiro de escudos.

– Matando a curiosidade. Eu nunca tinha entrado lá.

Sir Kay mudou de posição, pegou os dados da mesa e ficou passando-os de uma mão para a outra.

– Não é aconselhável chegar sem ser convidado, sir. O rei terá de ser informado.

Sir Breon deu de ombros.

– Não se trata exatamente de um crime, não é? Eu não fiz nada.

– Isso nós vamos ver – retrucou Eric. – Depois que você explicar ao rei por que estava rondando os aposentos da afilhada dele disfarçado de mercador, é bem provável que ele faça outras perguntas.

– Outras perguntas?

Eric cruzou os braços.

– Sim. Como, por exemplo, quanto sir Armand lhe pagou para matar De Lyon.

O olhar de sir Breon passou pelos rostos dos cavaleiros que o observavam e ele balançou lentamente a cabeça.

– De Monfort, você é insano. Um camponês insano cuja promoção à cavalaria é um insulto para todos nós.

Eric fez um gesto negativo.

– Não sou eu quem insulta a cavalaria, de Provins, é você. Um homem que aceita moedas para matar um escudeiro inocente... você é infame.

Os lábios de sir Breon se retorceram.

– Seu casamento com o bichinho de estimação do lorde Faramus virou sua cabeça. Você não tem como provar nada.

Eric preparou-se para aumentar um pouco a verdade. Não tinha certeza se Cécile conseguiria identificar sir Breon como o assassino; certamente ela não saberia o nome dele, mas era possível que o reconhecesse. Ele enfrentou duramente o olhar do outro.

– Antes que você se afunde ainda mais na lama, há algo que precisa ter em mente. Nós temos uma testemunha. Você foi visto do lado de fora da The Sun na noite em que De Lyon morreu.

Sir Breon deu uma gargalhada e olhou para sir Kay.

– Que droga, não vê que esse homem está mentindo? Não há testemunha nenhuma. – Ele forçou as amarras. – Solte-me, De Tirel, pelo amor de Deus... será que não podemos discutir isso de uma maneira civilizada?

– Nossa testemunha está pronta para declarar que viu você naquela noite – Eric pressionou. – Ela também viu De Velay. Mais que isso, ela ouviu De Velay ordenar que você matasse aquele escudeiro. Ela está muito ciente e lúcida de tudo. Ela o viu matar o rapaz.

– Ela? Ela quem? Uma rameira da taverna? Você acredita mais na palavra de uma messalina de taverna do que na de um cavaleiro?

Eric arqueou uma sobrancelha e deu início ao blefe.

– Ela é muito convincente, sir. Chega de subterfúgios, você sabe que ela está dizendo a verdade. Você e sir Armand foram vistos do lado de fora da The Sun, e sir Armand estava lhe dando ordens para executar o garoto. Pelo amor de Deus, de Provins, você foi *visto*. – Ele fez uma pausa. – Encare isso, você é nosso prisioneiro e será levado à presença do rei. Será melhor para você se disser a verdade. Pense nisso. E faça-se esta pergunta... você está preparado para as consequências se mentir para o rei?

Sir Breon empalideceu e moveu o maxilar, claramente constrangido. O único som audível era o estalido dos dados conforme sir Kay os rolava entre as palmas das mãos.

Eric permaneceu impassível, embora mal conseguisse respirar. Tinha certeza de que sir Breon estava a ponto de se render.

Sir Breon fungou.

– Ele será mais leniente?

Eric deixou que o silêncio se prolongasse por alguns segundos antes de responder.

– É possível. Ele decerto ficaria imensamente aliviado. – Eric julgou por bem não acrescentar que uma confissão dessa espécie significaria que, no mínimo, sir Breon perderia o título de cavaleiro. – O rei quer que esta questão seja esclarecida o quanto antes, e uma confissão completa e sincera da sua parte aceleraria as coisas. Admita que sir Armand lhe deu ordens para matar De Lyon. Como eu disse, o rei ficará satisfeito em saber o que há por trás dessa história.

Sir Breon olhou para o bico de sua bota e, seguindo a direção de seu olhar, Eric viu algumas marcas no couro do calçado. Marcas que denunciavam a posição em que normalmente ficavam as tiras das esporas. Ele não estava usando esporas naquela noite, evidentemente as havia removido antes de entrar no palácio. E depois daquilo, seria improvável que voltasse a usar.

Sir Breon ergueu os olhos e seus ombros se curvaram.

– De Monfort, parece que a vitória é sua. Já que existe uma testemunha, concordo com sua

sugestão.

Eric inalou o ar lentamente.

– Confessa que sir Armand ordenou a morte do rapaz?

– Sim... maldição...

– E que ele o encarregou de executá-la?

– Sim. Sir Armand pagou bem. – Retorcendo o rosto, sir Breon cuspiu no chão, perto dos pés de Eric. – Você deveria entender, não faz muito tempo era um cavaleiro sem-terra.

Eric virou-se para sir Kay e sir Guivret.

– Ouviram a confissão dele, senhores?

– Sim – disse sir Guivret. – Confirmaremos seu depoimento perante o rei.

– Obrigado. – Eric foi até a porta. – Sargento!

– Senhor?

– Sir Breon precisa ser trancafiado a sete chaves até que o rei esteja pronto para vê-lo. – Ele pensou por um momento. – Não estou familiarizado com a cidade de Paris, e o nome do lugar foge à minha memória, mas parece-me que há uma fortaleza logo depois da *grand pont*.

– É o Grand Châtelet, sir.

– É isso mesmo, leve-o para lá.

O sargento fez continência.

– Sim, senhor.

– Ah... e... sargento?

– Sim, senhor?

– Depois que fizer isso, creio que todos no palácio dormirão melhor se você acordar sir Armand e o levar para lá, também. Em segurança, bem entendido.

– Entendido, senhor.

NO APOSENTO de hóspedes, Rowena e Eric estavam sentados na beirada da cama, olhando para o fogo, cada qual com uma taça de vinho quente na mão.

Rowena estava boquiaberta.

– Ele confessou? Você conseguiu fazer sir Breon confessar?

– Sim.

– E ele está preso no Grand Châtelet junto com sir Armand? Como foi que você conseguiu essa proeza?

Eric olhou para sua taça e fez uma careta.

– Eu o enganei. Disse que tínhamos uma testemunha, fiz ele acreditar que o depoimento dela era inquestionável e que o nome dele havia sido mencionado. Depois, sugeri que ele considerasse como Sua Graça reagiria quando ouvisse o que ele tinha a dizer.

– Você ressaltou as desvantagens de ser pego mentindo para o rei?

– Exatamente. – Eric tomou um gole de vinho e arqueou as sobrancelhas. – Hum... está bom!

Ela sorriu.

– Obrigada. Fui eu mesma que preparei. Mande Alard pegar temperos na cozinha.

As sobrancelhas dele se arquearam ainda mais.

– Você fez o quê?

– Preparei o vinho...

– *Bon sang*, Rowena! Alard deveria ficar de guarda para você, não vasculhando a cozinha à procura de temperos!

Ela pousou uma das mãos em sua perna.

– Eric, metade da guarda do rei estava na antessala, eu estava bem segura. Além do mais, eu precisava ocupar a mente com alguma coisa enquanto você estava fora. Achou que eu conseguiria dormir, por acaso?

– Você me desobedeceu, *madame*.

Rowena murmurou alguma coisa inaudível e olhou para ele de soslaio.

– Ah, é? Eric, preciso avisá-lo, se o Rei Louis homologar nosso casamento, não vou obedecê-lo.

– Se o rei homologar? Rowena, com a confissão de Breon não há mais dúvida!

Rowena encostou a cabeça no ombro dele.

– Graças a Deus. Eric, perder você teria me deixado devastada... eu te amo tanto!

Os olhos verdes a fitaram. Sua declaração não o irritara, ao contrário, havia um anseio ali presente que ela reconhecia. Eric queria acreditar nela. Ele a amava, ela tinha certeza disso.

Com cuidado, ele colocou a taça de vinho sobre a arca e afagou o cabelo dela.

– Sem ressentimentos por causa de De Lyon?

– Claro que eu lamento que ele tenha sido morto. – Rowena enlaçou a cintura de Eric, abraçando-o. – Mathieu era apenas um menino. Eu o amava com o amor de uma menina, e sou muito grata a você por ter feito justiça a ele. Mas você é meu marido. O amor que sinto por você é mais forte do que eu sentia por Mathieu. Eu amo você como meu amigo de infância. Você é meu melhor e mais querido amigo, você é meu coração. É um homem, não um menino, e admito que isso me deixou um pouco relutante a princípio. – Ela sorriu. – Mathieu era muito mais dócil do que você jamais será.

Os olhos de Eric brilharam.

- Mais fácil de controlar, é?
- Assim eu acreditava. Eu ainda estava triste porque a decisão do meu pai me forçou a ir para o convento, não queria ficar à mercê de outro tirano que ignoraria meus desejos.
- Seu pai sabia que você não nasceu para ser freira, ele tinha razão quanto a isso.
- Às vezes meu pai é impaciente demais. Se ele tivesse me dado tempo, eu não teria me refugiado num convento, para começar.

Eric deslizou a ponta do dedo pelo nariz dela.

- De minha parte, estou contente que você tenha ido. De outro modo, lorde Faramus não teria me pedido para tirar você de lá.

– Graças a Deus que você me tirou. Imagine só, se você não tivesse me libertado, eu poderia agora estar casada com o homem que assassinou Mathieu.

Eric segurou o queixo dela.

- Rowena, sir Breon poderia ter matado você.
- Eu tenho minhas dúvidas, acredito que o fascínio pelos acres de terra da família seria maior do que qualquer suborno que sir Armand pudesse oferecer.
- Bem, de qualquer modo, não é preciso mais se preocupar com isso.
- Espero que o rei seja rápido no julgamento.

Eric passou o braço pela cintura dela.

- Eu também.

Distraída, Rowena deslizou a sola do pé pela panturrilha de Eric.

- Fazer sir Breon confessar diante daqueles cavaleiros foi uma façanha. Sem falar nos rumores que Alard arrancou dos guardas do rei...

- Que rumores?

– Alard descobriu que os arrendatários de sir Armand apresentaram uma petição ao rei, meses atrás. Eles acusam sir Armand de devastar suas propriedades em benefício da Igreja. A administração das terras está sendo questionada.

Os olhos de Eric se arredondaram.

- Isso é ruim?

– Aparentemente é muito sério. Sir Armand não se contentou com o dízimo normal, está debulhando a terra, acabando com tudo. Os celeiros estão vazios, os camponeses, passando fome. A propriedade se transformou num imenso terreno baldio, sem serventia para ninguém. Como você sabe, o rei é um homem religioso, e durante algum tempo as doações de sir Armand à Igreja devem tê-lo deixado cego para sua verdadeira natureza. Mas nenhum monarca quer ver os camponeses passando fome. Nenhum soberano quer ver terra produtiva abandonada. Mesmo que sir Armand não tivesse nada a ver com a morte de Mathieu, ele ignorou suas responsabilidades como senhorio. O rei não aprovará isso de forma alguma. Meu padrinho precisa confiar nos proprietários de terras, e ele não pode confiar em sir Armand.

- Ele confia em lorde Faramus.

Rowena moveu a taça em pequenos círculos para misturar o vinho e olhou para Eric.

– É verdade, eles sempre tiveram afinidade. E como o rei confia no julgamento de meu pai, isso também vai contar a nosso favor. Ele não terá dúvida de que pode confiar em você também, e de que um dia você será um administrador digno de nossas propriedades na França.

- Ontem, na Notre-Dame, seu pai foi eloquente a meu favor.

– Eu acredito. Afinal, foi ele quem treinou você. – Rowena o fitou e viu uma ligeira sombra nos olhos verdes. – O que foi, Eric?

Ele passou a mão pelo cabelo.

– Não consigo esquecer que você foi induzida a se casar comigo.

Rowena inclinou-se e colocou sua taça sobre a arca também, ao lado da de Eric, e segurou a mão dele. Os dedos de ambos se entrelaçaram e ela sentiu o coração se aquecer.

– Você não está atormentado com isso, por favor...

– Não foi uma atitude louvável tirar você do convento.

– Foi, sim! Eric, seja qual for a sua opinião sobre isso, você me salvou de um destino abominável. Eu teria sido muito infeliz no convento, e mais ainda com sir Breon.

Eric calou-a com um dedo em sua boca e meneou a cabeça.

– Foi errado raptar você.

Ela beijou o dedo dele e viu os olhos de Eric escurecerem.

– Eu gostei.

Um leve sorriso tremulou nos cantos dos lábios dele.

– Você resistiu um pouco, no começo.

– Mas isso foi antes de eu reconhecer você. Eric, eu estava morrendo naquele convento! Você era exatamente o que eu precisava. Você é... sempre foi... o homem mais honrado que eu conheço. Todos os dias, desde que nos casamos, eu sou grata por você ter concordado em fazer parte da minha vida. Estou feliz que tenha me raptado.

Ele piscou e seu olhar desceu para a boca de Rowena. Fitou-a com uma intensidade que indicava estar prestes a beijá-la. Rowena queria aquele beijo, mas primeiro havia um assunto que eles precisavam resolver, e ela sabia que aquele era o momento certo. Aquela conversa de ter uma atitude questionável com a melhor das intenções era a oportunidade ideal pela qual ela esperava.

Eric não acreditava no amor, achava que só trazia sofrimento. Ela precisava fazê-lo entender que a mãe o tinha amado. E então viria seu maior desafio... fazê-lo ver que amor e sofrimento não necessariamente andavam de mãos dadas. Se Eric tivesse crescido num lar ele saberia de tudo isso, mas ele foi privado das venturas e desventuras de uma vida em família. Não teve a experiência de conviver com um pai tirano ao qual, apesar de tudo, não tinha como não amar, mesmo quando esse pai o colocava num convento onde seria impossível se sentir em casa.

Eric só pôde contar com sua simpatia para prosseguir em frente. Ela também era como um escudo, que ele usava para se defender. Mas ela estava prestes a desarmá-lo. Pelo menos, assim esperava. Queria que ele soubesse que não precisava recorrer a charme e simpatia no que dizia respeito a ela. Queria que ele confiasse em seu amor.

Ela se aproximou e ele colocou a mão na parte de trás de sua cabeça. Em algum lugar do palácio, uma porta bateu.

– Eric, não seja tão severo consigo mesmo. Você me tirou do convento com a melhor das intenções. As pessoas fazem coisas que não são exatamente certas, mas com boas intenções, todos os dias. Foi mais ou menos o que você fez também ao induzir sir Breon a acreditar que nossa testemunha era confiável para que ele confessasse. Eu também já fiz esse tipo de coisa.

– Você?

– Eu disse ao rei que queria me tornar freira, quando na verdade eu estava apenas me

iludindo.

Ele sorriu e despenteou o cabelo dela com os dedos.

– Pare, Eric, você precisa pensar sobre isso, é importante!

– Preciso pensar sobre o quê?

– Sobre as pessoas às vezes serem forçadas a fazer coisas horríveis com a melhor das intenções. – Ela respirou fundo. – Pessoas como sua mãe.

A expressão dele se anuviou.

– Minha mãe?

– Sim, Eric, sua mãe. Antes de ela levar você para Jutigny, sua família morava em Provins, não morava?

– Você sabe que sim.

– Já que você era tão novinho quando sua mãe partiu, é improvável que tivesse noção da reputação de minha mãe na cidade.

Uma ruga se formou na testa de Eric quando ele olhou para o fogo por sobre o ombro de Rowena.

– Você está se referindo à paixão de lady Barbara por obras de caridade?

Rowena assentiu.

– Desde que meus pais se casaram, minha mãe faz de tudo para ajudar as pessoas. Ela se assegura de que sejam entregues mantimentos à Ordem Hospitalar de Provins, para quem precisar. Ela visita os enfermos.

– Lady Barbara tem um coração de ouro – murmurou Eric.

– Não pense que você foi a única criança que ela acolheu. Duas das cozinheiras de Sainte-Colombe foram resgatadas de uma vida nas ruas. Mas você foi o único que se tornou cavaleiro. Estou tentando lhe mostrar que, quando sua mãe o deixou no nosso portão, ela não o estava abandonando. Ela o deixou num lugar onde ela sabia que você ficaria em segurança. Eu tenho certeza de que ela achou que estava fazendo o melhor por você. Tenho certeza de que ela o amava.

Eric contemplou o fogo, rígido e sem expressão no rosto.

– Ela estava fazendo o melhor... – Ele esfregou o rosto com as mãos. – Por Deus, Rowena, eu tinha 6 anos! Era pleno inverno... eu estava com frio e com fome.

Rowena queria abraçá-lo e ficar nos braços dele para sempre. Queria dizer a ele que o amava com todo o seu coração, mas sabia que não adiantaria. Não naquele momento. Então, contentou-se em aconchegar-se a ele e ficar observando o fogo também.

– Sua mãe o amava. – Disfarçadamente, ela olhou para Eric. Ele estava muito sério, tão diferente do homem alegre e descontraído com quem havia se casado que mal o reconhecia. Será que ela havia ido longe demais?

Ele esfregou a nuca e suspirou.

– Pode ser.

– Eric, não fique pensando que sua mãe o abandonou. Ela o levou para o único lugar em Provins onde sabia que você ficaria bem e em segurança. Ela sabia como seria a sua vida com um cavaleiro itinerante que o rejeitou e que não tinha condições de sustentá-lo. Ela queria mais que isso para você. Tenho certeza de que ela ainda o ama.

– Onde quer que ela esteja. Pode até já estar morta.

– Como se chama o tal cavaleiro? Talvez possamos encontrá-la.

Eric ergueu a cabeça e fitou-a com o olhar perdido.

– Não adianta, Rowena, eu pensei nisso quando conquistei Monfort. Pensei que se minha mãe e o cavaleiro dela estivessem em dificuldades, eles poderiam ir morar lá comigo. – Ele fez uma careta. – Não consigo me lembrar do nome dele. Sinto dizer que provavelmente nunca saberei que fim eles levaram.

– Ah, Eric, eu lamento muito...

O fogo estava quase se extinguindo, e Rowena levantou-se para colocar um pouco mais de lenha antes de voltar e parar de pé diante de Eric. Ele a segurou pelos quadris e puxou-a para perto.

– Obrigado, meu amor.

– Obrigado por quê? – Ela pousou as mãos nos ombros largos.

– Por me ajudar a enxergar de outra maneira o que minha mãe fez. Infelizmente eu nunca tinha pensado a respeito do assunto sob o ponto de vista dela.

Rowena beijou a testa dele.

– Não é de admirar, você era muito pequeno, ficou traumatizado. É natural. Mas pense que você poderia ter se perdido naquela noite, e não foi isso que aconteceu... sua mãe o deixou onde sabia que você seria encontrado e acolhido.

– É verdade. – Eric se levantou, espreguiçou-se e bocejou. – Rowena, meu amor, já está tarde e o dia foi longo. Está na hora de dormir.

Ele se despiu, jogou as roupas em cima de um baú e estremeceu.

– Virgem Santa, que frio! – Ele afastou as cobertas. – Rápido, Rowena, vamos nos aquecer juntos.

Ela sorriu.

– Vamos, sim!

Livrando-se do vestido, ela juntou-se a Eric na cama e deitou-se encostada a ele. O colchão rangeu quando ele se esticou para apagar a vela. Seu peito se inflou com outro bocejo. Ele estava deveras cansado.

Rowena beijou o peito dele.

– Eric, eu te amo.

– E eu a você – disse ele baixinho.

O coração dela deu um salto. Sem saber como, ela conseguiu ficar imóvel. Chegou até mesmo a simular um bocejo.

– Hum?

Eric afagou o cabelo dela.

– Você ouviu, meu bem. – Sua voz não disfarçava um sorriso. – Eu a amo. Eu a amo e sempre amarei.

Com o coração acelerado, pois não esperava aquela declaração até que ele assimilasse a conversa que haviam tido, Rowena levantou a cabeça. Podia divisar vagamente as feições de Eric na penumbra, iluminadas apenas pela luz fraca do fogo baixo... o cabelo escuro, o maxilar forte, o rosto marcante. Ele estava sorrindo, e os belos olhos verdes a fitavam com tanta doçura, com tanto calor, que ela sentiu vontade de chorar.

A mão grande e forte deslizou pela cintura dela e parou no quadril. Ele a puxou para mais

perto.

– Que tal se, antes de dormirmos, eu despenteasse mais o seu cabelo?



HISTÓRIAS

NOIVA SEM PASSADO
TERRI BRISBIN

– Bem-vinda ao mundo dos vivos – disse ele com um leve sorriso ao se agachar diante do colchão. Será que ela sabia o que havia passado nas semanas anteriores e como estivera às portas da morte? – Você precisa de alguma coisa?

Ela piscou várias vezes seguidas e moveu a cabeça de um lado para o outro, observando onde estava. O cômodo não era grande por isso a inspeção não durou muito tempo. Logo ela voltou a focar os olhos nele. Aqueles olhos verdes estavam turvados de dúvidas e dor.

– Você quer um pouco de água? O caldo estava muito salgado?

Sem esperar pela resposta, William se levantou, encheu um copo de água e voltou para pousá-lo sobre os lábios dela. Ela tentou se mexer para se posicionar melhor mas acabou gemendo de dor.

– Encoste nos travesseiros, não se mexa muito. Acho que estou apressando-a demais.

William puxou um banquinho para o lado dela e se sentou. Ela fechou os olhos e ele ficou sem saber se ela ainda estava acordada ou tinha voltado a ficar inconsciente.

Passaram-se alguns minutos e ela olhou para ele de novo com a respiração difícil. Todo o conforto da inconsciência havia passado.

– Quem...? – ela se esforçou para perguntar.

– Ah... – Ele meneou a cabeça, mostrando que tinha ouvido. – Meu nome é... Royce.

Será que algum dia ele conseguiria falar o nome sem gaguejar? Aquele era seu nome do meio ao qual estava acostumado, mas a vontade de dizer seu nome verdadeiro não havia passado mesmo depois de três anos sem pronunciá-lo.

Ela fechou os olhos de novo. Ele achou melhor esperar já que parecia que ela estava com muita dor. Quando ela olhou para ele novamente demonstrou o quanto estava agoniada.

– Você está na minha choupana perto do vilarejo de Silloth-on-Solway Firth. Faz três semanas que está aqui. Eu a encontrei, digo, meu cão a encontrou na mata não muito longe daqui – disse ele, supondo que era isso que ela queria saber.

Os olhos dela se turvaram e ele aguardou. Devia ser um esforço tremendo ficar acordada e não gritar pelo desespero que devia estar sentindo. William também já havia se machucado bastante durante batalhas e em torneios e desenvolvera uma boa tolerância para a dor, mas talvez aquela mulher nunca tivesse passado por um sofrimento daqueles.

– Você quer descansar? – ele perguntou, decidindo que saciaria sua curiosidade quando ela estivesse mais forte.

Meneando a cabeça e com muito esforço ela tentou dizer não. Depois de engolir, ela tentou de novo:

– Eu... ferida.

A voz dela estava rouca por ter ficado tanto tempo sem falar e também porque devia estar com a garganta ferida. Ela se agarrou ao lençol com a mão esquerda enquanto tentava falar.

William a examinou como se estivesse vendo os machucados e as cicatrizes pela primeira vez. Seria melhor não dizer as condições em que ela estava por enquanto para não assustá-la.

– Você está com alguns cortes no rosto e algumas costelas quebradas. O pior ferimento foi na sua perna, mas Wenda disse que a colocou no lugar e que logo você vai se recuperar.

Ela ficou mais pálida do que já estava e ele achou que não devia mais contar os detalhes.

– Acho que estou cansando você. Descanse e depois conversamos de novo. Presumo que queria me fazer algumas perguntas e eu também quero saber mais a seu respeito.

William se inclinou para a frente para ajeitar melhor as cobertas e se surpreendeu quando ela segurou seu braço com uma força que o impressionou. Ele não puxou o braço e esperou um pouco. Ela movimentava os lábios como se não soubesse quais palavras escolher. Até que finalmente perguntou:

– Quem... sou... eu?

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

T673d

Townend, Carol

A desonra de Lady Rowena [recurso eletrônico] / Carol Townend; tradução Silvia Moreira. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Harlequin, 2016.

recurso digital

Tradução de: Lady rowena's ruin

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-398-2113-6 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Moreira, Silvia. II. Título.

15-28574

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

PUBLICADO MEDIANTE ACORDO COM HARLEQUIN BOOKS S.A.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: LADY ROWENA'S RUIN
Copyright © 2015 by Carol Townend
Originalmente publicado em 2015 por Harlequin Historicals

Arte-final de capa:
Isabelle Paiva

Produção do arquivo ePub: Ranna Studio

Editora HR Ltda.
Rua Nova Jerusalém, 345
Bonsucesso, Rio de Janeiro, RJ – 21042-235

Contato:
virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

[Capa](#)

[Texto de capa](#)

[Teaser](#)

[Querida leitora](#)

[Rosto](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Próximos lançamentos](#)

[Créditos](#)